

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS

A lucidez imperfeita  
Ensaio sobre Freud como escritor

**ANDRÉ MEDINA CARONE**

**São Carlos**

- Fevereiro de 2008 -

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**A lucidez imperfeita  
Ensaio sobre Freud como Escritor**

**ANDRÉ MEDINA CARONE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

**ORIENTADOR:**

**PROF. DR. PAULO ROBERTO LICHT DOS SANTOS**

**São Carlos**

- Fevereiro de 2008 -

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

C293li

Carone, André Medina.

A lucidez imperfeita : ensaio sobre Freud como escritor /  
André Medina Carone. -- São Carlos : UFSCar, 2008.  
157 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos,  
2008.

1. Psicanálise freudiana. 2. Psicanálise e filosofia. 3.  
Freud, Sigmund, 1856-1939. 4. Estilo literário. 5. Tradução.  
6. Tradução. I. Título.

CDD: 150.1952 (20<sup>a</sup>)

ANDRÉ MEDINA CARONE

A LUCIDEZ IMPERFEITA. ENSAIO SOBRE FREUD COMO ESCRITOR

Tese apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Aprovado em 17 de março de 2008

BANCA EXAMINADORA

Presidente   
(Dr. Paulo Roberto Licht dos Santos)

1º Examinador   
(Dr. Jorge Mattos Brito de Almeida – USP/São Paulo)

2º Examinador   
(Dr. Fábio Akcelrud Durão – UNICAMP)

3º Examinador   
(Dr. Cláudio Oliveira da Silva – UFF)

4º Examinador   
(Dra. Inês Rosa Bianca Loureiro – PUC-SP)

## **Agradecimentos**

À FAPESP, que financiou integralmente a pesquisa durante quatro anos.

Paulo César de Souza cedeu uma série de traduções inéditas de artigos e ensaios de Freud feitas por ele, além de uma ampla bibliografia que reuniu em viagens ao Canadá, França e Alemanha. Seu livro *As palavras de Freud* serviu-me como limite e inspiração para este trabalho, que procura elaborar questões apenas esboçadas ali e explora caminhos abertos por ele.

Bento Prado Júnior aceitou orientar esta pesquisa e acompanhou-me até o ano passado. Nosso mestre ausente, de quem não deixarei de ser aluno, deixa uma lição de talento e honestidade intelectual que vive entre todos os que o acompanharam. Agradeço a amizade e o carinho do Bento, de sua esposa Lúcia e de seus filhos desde minha chegada a São Carlos até hoje.

Paulo Licht cedeu à minha insistência e por fim aceitou orientar-me no último ano, enriquecendo o trabalho com suas correções de português e alemão e com o ouvido de um interlocutor imparcial e profundamente atento, que esclareceu as intenções deste trabalho para o seu próprio autor.

Durante um mês realizei pesquisas sobre Freud em Londres, onde contei com o apoio de Keith Davies e Ivan Ward durante a semana em que permaneci no Freud Museum. Informações valiosas sobre a tradução das obras de Freud não teriam sido obtidas sem a generosidade e a disposição de Hugh Haughton, Joyce Crick, Nicola Luckhurst e Adam Phillips.

Agradeço aos professores e aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar pelo constante incentivo e pelo espírito de liberdade que, espero, terá chegado a estas páginas.

Devo lembrar ainda de pessoas que localizaram textos ou contribuíram para a publicação e apresentação de trechos deste trabalho em eventos e revistas acadêmicas: José Luis Avelino, Saulo de Freitas Araújo, Cecília Orsini, Leda Barone, Jassanan Dias Pastore, Luiz Carlos Menezes, Cleusa Rios Passos, Cláudio Oliveira, Alessandro e Léa Silveira Sales.

Dedico este trabalho à Mônica e ao João, que estiveram perto mesmo quando eu não estive; e deixo uma lembrança especial para a Luísa e (tão perto, tão longe) para o Manoel.

## NOTAS E ABREVIATURAS

Para as citações das obras de Freud utilizamos a edição alemã de suas Obras Reunidas - *Gesammelte Werke*. Chronologisch geordnet in 18 Bänden, Frankfurt am Main, 1999 -, indicada pela sigla GW, sempre seguidas do número do volume em algarismos romanos e do número da página em algarismos arábicos. Nos casos em que o título do trabalho mencionado não aparece no corpo do texto, ele foi acrescentado entre colchetes logo após a citação. O texto original alemão é sempre citado nas notas de rodapé e todas as traduções são de minha responsabilidade, exceto nos casos indicados.

Somente no caso dos *Estudos sobre a histeria* não acompanhamos a edição alemã das obras e demos preferência à edição de bolso da Fischer - *Studien über Hysterie*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1996. Mit einer Einleitung von Stavros Mentzos, indicada no rodapé pela sigla EstH - por ser a única que incorpora os dois capítulos escritos por Josef Bruer e as variantes da primeira edição de 1895.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	1
<b>I. UMA PROSA ENCOBRIDORA?</b> .....	11
O ESTILO PELO AVESSO.....	11
A SUSPEITA.....	16
UMA FORMA ABERTA.....	19
<b>II. AS CAMADAS DA MEMÓRIA</b> .....	25
ORIGEM E RETORNO.....	25
LIGAÇÃO E CORTE.....	31
A "COMUNICAÇÃO PRELIMINAR".....	34
APROXIMAÇÕES.....	39
RESTOS, TRAÇOS, REMINISCÊNCIAS.....	42
LUCY.....	47
CATARINA.....	52
MEDICINA COMO METÁFORA, LITERATURA COMO MODELO.....	65
OS NOMES DA TRANSFERÊNCIA.....	68
O EU INVERTIDO.....	72
<b>III. O TEMPO PRESENTE</b> .....	76
DUAS VOZES.....	76
O SONHO POR ESCRITO.....	79
IMAGEM E PALAVRA.....	84
O TEMPO PRESENTE.....	87
UM CONTRA-EXEMPLO.....	90
OS ESPAÇOS VAZIOS.....	93
<b>IV. A FRONTEIRA DA INTERPRETAÇÃO</b> O.....	
TEXTO.....	97
PRIMEIRA LEITURA.....	98
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.....	100
SONHO E TEORIA DO SONHO.....	104
ENCERRAMENTO.....	107
<b>V. FREUD, O PÚBLICO E O LEITOR</b> <b>(CONCLUSÃO)</b> .....	110
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	122
<b>APÊNDICE: TRADUZINDO UM CAPÍTULO DOS <i>ESTUDOS SOBRE A HISTERIA</i>.</b> <b>TRADUZINDO UM CAPÍTULO DOS <i>ESTUDOS SOBRE HISTERIA</i></b> .....	127
APRESENTAÇÃO.....	127
TRADUÇÃO.....	134
CARTA À TRADUTORA INGLESA DOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA.....	153
NOTAS DE FIM.....	157

## PREFÁCIO

A descrição de um estilo parece ficar à margem do essencial. Seu alvo é o modo de expressão de certa idéia e não o conteúdo. Ela estaria destinada a tocar em questões sem jamais entrar nelas, acompanhando à distância, por uma via secundária, o cerne das coisas. Este desvio passa a ser mais grave se o autor de quem falamos apresenta-se como "um investigador da natureza, e não um poeta"<sup>1</sup>. O risco consistiria neste caso em sobrevalorizar traços aparentes da escrita, que não podem ser assimilados a um modelo coerente de explicação. Se cedemos espaço aos elementos singulares da escrita como ritmo, variações de perspectiva ou vocabulário, eliminamos a possibilidade de compreender uma investigação de modo rigoroso. E são justamente os elementos singulares que emergem do contato com a vida íntima do texto. Aproximar-se do estilo implicaria o risco de uma traição ao conteúdo das idéias no momento em que elas estão mais próximas, pois tentamos buscar nos detalhes que excedem ao esquema geral da teoria uma explicação para a própria teoria.

As premissas desse impasse aparente fazem crer que um estudo a respeito de Freud como escritor exige a suspensão do juízo sobre a verdade da psicanálise em troca do contato com um material singular e irreduzível a uma ordem de razões, conduzindo-nos a uma confusão entre arte e ciência em que teses e argumentos são estetizadas como se devessem agradar e não serem compreendidos. Mas toda a série de oposições que faz parecer natural a divisão entre a coisa verdadeira e seu modo de expressão - traços aparentes contra traços determinantes, excedente contra essência, subjetivo contra objetivo - prende-se mais ao que deve ser a prosa de criadores teóricos do que à prosa que eles de fato realizam. Com esta separação, tomada como algo evidente em si mesmo, deixa-se de ver que o ponto de chegada em um estudo sobre o estilo não é menos suspeito do que o ponto de partida que o condena ao pressupor em silêncio que podemos atingir conteúdos sem antes nos remetermos à linguagem que os transmitem, como se eles estivessem dados num campo de pura transparência e não se construíssem dentro da linguagem. Tudo transcorre como se a atividade que fabrica os arranjos e distinções conceituais fosse efeito indesejado e obstáculo à transparência do conceito. O gesto de desconfiança contra as imprecisões da linguagem, com o qual se quer reduzir a análise do estilo a "mera literatura", presume essa transparência quando deveria antes procurar demonstrá-la; e a ausência desta pergunta cria a série de oposições que esvazia a questão do estilo - como se a

---

<sup>1</sup> GW, II/III, p. VIII [A interpretação dos sonhos]



linguagem não fosse também ela um conteúdo - antes mesmo que se tenha encontrado os termos que tornam viável a resposta.

Este trabalho procura investigar três livros de Sigmund Freud - *Estudos sobre a histeria*, *A interpretação dos sonhos* e *Conferências introdutórias à psicanálise* - à luz do impasse que foi descrito. Apesar de possuírem estruturas, propósitos e objetos distintos, são fontes ricas para ilustrar a continuidade e a interação entre matéria e modo de exposição e situar a questão do estilo em termos diferentes. Sonho e histeria são, nos dois primeiros casos, objetos de estudo que incidem sobre a forma e modelam a investigação que buscam apreendê-los. Nas *Conferências* o percurso se inverte, com a forma da exposição (a apresentação para uma platéia) modelando a matéria abordada: na relação de Freud com seu público entram em jogo os conteúdos elementares da psicanálise, e o objeto de investigação incide sobre a forma. Em nenhum destes casos se pode compreender o material apenas como objeto que se aparta da reflexão a seu respeito ou separar a função teórica do valor da composição. Nosso esforço talvez possa ser definido como uma generalização da suspeita clínica levantada por Freud em uma de suas últimas *Conferências introdutórias*. Ele confessa aos ouvintes que

no próprio material muitas vezes existe algo pelo qual se é comandado e desviado das suas primeiras intenções. Mesmo uma tarefa tão banal como ordenar um material bem conhecido não se submete inteiramente ao arbítrio do autor. Ela caminha como lhe convém e só depois se pode indagar por que as coisas tomaram este aspecto e não um outro<sup>2</sup>.

Tentaremos traçar os caminhos que reconduzem da ordenação do material ao próprio material nestes três textos.

O caso de Freud é igualmente instrutivo por obrigar-nos a reconhecer uma série de choques e gradações entre os pares de opostos em vez de apontar caminhos diretos para anular a contradição. Para compreender ou recusar sua psicologia não é necessário recorrer à estética, e nunca faltaram leitores simpáticos ou relutantes à psicanálise que admirassem nele o estilo refinado e preciso. Ele maneja conceitos e noções gerais herdados da psicologia e da filosofia (como "repressão", "associação", "inconsciente", ou "representação") ao mesmo tempo que dilata o significado dessas palavras quando as insere em novos quadros de compreensão,

---

2 GW, XI, 393 [Conferências introdutórias à psicanálise]. "Im Stoff selbst ist oft etwas, wodurch man kommandiert und von seinen ersten Absichten abgelenkt wird. Selbst eine so unscheinbare Leistung wie die Anordnung eines wohlbekannten Materials unterwirft sich nicht ganz der Willkür des Autors; sie gerät, wie sie will, und man kann sich nur nachträglich befragen, warum sie so und nicht anders ausgefallen ist".

apropriando-as em um único golpe como referências da novidade do seu pensamento e da continuidade de uma tradição. Ele não precisa transgredir regras formais para forjar um estilo no qual pode determinar suas próprias regras. Sua linguagem se torna precisa à medida que cria seus próprios instrumentos de precisão, e sua atitude científica se traduz muito mais no poder para a criação e transformação de modelos do que na estrita obediência a princípios gerais que determinam, a partir do exterior, o objeto a ser investigado. Perspectivas opostas se combinam neste pensador tão afeito a dualismos: suas idéias reiteram o antigo enquanto compõem uma nova realidade, aliam-se à literatura ao passo que constituem uma ciência, veiculadas por um estilo discreto que chama a atenção por parecer ausente.

Nasce com a psicanálise uma linguagem especial para a apreensão de seus objetos. Estilo, linguagem e sintaxe servem à apresentação de um conteúdo e de um modo de reflexão novos. Neste sentido, Freud alinha-se a outros autores da primeira metade do século XX - como Bergson e Wittgenstein, Husserl, Heidegger ou mesmo o psicanalista Jacques Lacan - para quem a construção teórica deve abrigar o reflexo da própria matéria a ser apreendida, ou pela nitidez ou pelo estranhamento da linguagem<sup>3</sup>. Mas a escrita de Freud não se fixa no terreno da abstração. Sua intenção teórica está cortada pela linguagem quase inaudível dos eventos aos quais se quer atribuir um sentido: sonhos, esquecimentos, trocas de palavras, associações sem nexos aparente assumem a forma tangível de um relato ao qual outros fragmentos de memórias, imagens e palavras são somados para construir narrativas que revelam, por aproximações inusitadas, aquilo que cada pessoa ignorava a respeito de si mesmo. Ele cria formas precisas para sonhos e histórias clínicas que apresenta de modo aparentemente despreocupado, como se quisesse apenas registrá-los, enquanto fabrica suas distinções em meio às indeterminações da linguagem comum. A posição indeterminada de seu vocabulário técnico já nos diz algo sobre

---

3 Sobre a questão do estilo na filosofia e também na psicanálise, remeto o leitor ao ensaio de Antonia Soulez "O nó no quadro ou o estilo de/em Lacan" (Em Safatle, V. [org.] *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*, São Paulo, Edunesp, 2003, pp. 255-276). Soulez aponta para o interesse pela análise estilística a partir de outros autores, entre os quais menciona H. Meschonnic (*Le langage Heidegger*, Paris, PUF, 1990), Erik Porge (*Jacques Lacan, um psicanalista*, Brasília, Edunb, 2006) além de seu próprio estudo sobre o estilo de Wittgenstein (*Comment écrivent les philosophes?* Paris, Kimé, 2002). Seu ensaio é também valioso por situar o estilo de Lacan em contraponto ao estilo de filósofos como Kant, Husserl e Wittgenstein - uma tarefa que preferi não assumir aqui com relação a Freud. Lembro apenas, como referências complementares, textos dos quais me servi durante a redação deste trabalho em que o problema do estilo é abordado a partir de outros pensadores: "O trabalho da forma no pensamento de Jacques Lacan: notas sobre a relação entre estilo, sintoma e subjetividade", de Vladimir Safatle (em *Sofia: Revista de Filosofia*, Vitória, v. VIII, n. 9 e 10, 2004); "Sobre o estilo do 'Manifesto'", de Umberto Eco (em *Sobre a literatura*, Rio de Janeiro, Record, 2003, pp.29-33), "Karl Marx: poeta da mercadoria e ditador do proletariado", de Edmund Wilson (em *Rumo à Estação Finlândia*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, pp. 275-311), "Skoteinos oder wie zu lesen sei" [Skoteinos ou como se deve ler], de T. W. Adorno (em *Drei Studien zu Hegel*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch, 1971, pp.84-133) e "Hegel Poeta", de Haroldo de Campos (em *O arco-íris branco. Ensaios de literatura e cultura*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1997, pp. 61-74).

sua concepção de ciência. Ao lançar seus conceitos em um registro intermediário (nunca se sabe ao certo se uma palavra deve ser tomada no sentido técnico, derivado ou metafórico), ele conquista a liberdade para transitar por entre os fenômenos e, mais ainda, para deslocar-se com a psicanálise por domínios como literatura, antropologia, medicina ou psicologia. Mesmo quando alcançam o limite da obscuridade, suas especulações tentam delimitar o que não se vê com clareza. A linguagem da teoria preserva a opacidade da vida psicológica e permanece solidária aos fenômenos que ordena, articula e traduz. Ela pode por isso remeter-se à vida psicológica simultaneamente como fonte e alvo de explicação. O conceito compõe a forma dos fenômenos sob a condição de ser composto por eles, numa interação contínua com aquilo que não é conceito. A contrapartida desta opacidade, que afeta a determinação do conceito, é a criação de um nexos entre descrição e reflexão que antecede às definições.

Os elementos da questão nunca passaram despercebidos. Apresentações gerais das idéias de Freud registram desde sempre a riqueza de sua prosa na mesma proporção em que se recusam a analisá-la, como se os traços da escrita estivessem remetidos a uma realidade exterior ao texto. Ainda que notado com frequência, o estilo freudiano raramente recebeu tratamento. Teme-se aqui o risco da arbitrariedade, e a linguagem se converte então em ameaça à psicanálise. Em nenhum outro terreno esse paradoxo emergiu mais claramente do que no debate a respeito da tradução de sua obra para línguas estrangeiras, sob o argumento de que se deve sacrificar a elegância do estilo em nome do rigor conceitual, ainda que seja necessário buscar nomes ou expressões incomuns em que a nitidez dos conceitos ficaria a salvo das variações e dos equívocos da linguagem comum<sup>4</sup>. A sobreposição das noções de estilo e elegância denuncia

---

4 Trata-se de uma idéia bastante difundida na história da psicanálise. Tomo como base o recente comentário de Renato Mezan a propósito de traduções para o português: "[As] opções gramaticais e estilísticas... devem ter por bússola a clareza e a precisão, sacrificando (se for indispensável) aspectos que, nesta empreitada, podem ser tidos por secundários - talvez, em certos momentos, a elegância ou a riqueza associativa de alguma passagem" ("Uma nova tradução de Freud para o português: algumas considerações", em Fischer, E., Glenk, E., Meireles, S. [orgs.]. *Blickwechsel. Band 3*, [Troca de olhares, vol. 3], São Paulo, Edusp, 2005, p. 436). Outros comentários similares podem ser lembrados, como a censura que o tradutor argentino Jose Luis Etcheverry dirige ao tradutor espanhol Ballesteros: "há o acordo geral quanto ao fato de que a versão de Lopez-Ballesteros se tornou insuficiente. É um trabalho bom, muito ágil, feito com grande conhecimento da língua alemã... Talvez o segredo da versão de López-Ballesteros resida nisso: *sobra-lhe encanto, mas lhe falta rigor*. É o que exige hoje o apogeu dos estudos psicológicos nos países de fala castelhana". (Etcheverry, J. E. *Sobre la versión castellana*, em Freud, S. *Obras Completas*, vol. XXV, Buenos Aires, Amorrortu, p. 1. Os destaques são meus.).

A origem da distinção se encontra, ao que parece, na defesa, por Ernest Jones, do emprego de termos de origem latina e grega para a tradução inglesa sob o argumento de que "não há outra forma de assegurar termos livres de inúmeras conotações e associações acessórias inevitáveis em uma língua falada" (Jones, E. Prefácio ao "Glossary for the use of translators of psychoanalytical works", *apud* Ornston Jr., D.G., *Traduzindo Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1999, p. 137). O mesmo raciocínio é formulado na apresentação da tradução francesa coordenada por Jean Laplanche. "A relação de Freud com a língua corrente não poderia, com efeito, ser invocada em favor de um achatamento da tradução.... O uso, como o próprio nome indica, degrada e amortece as ressonâncias das palavras, 'puxa para baixo' metáforas e metonímias: é a *catacrese* dos autores antigos". (Bourguignon, A., *Traduzir Freud*, São Paulo, Martins

a falsidade no antagonismo que opõe o sentido da construção teórica ao não-sentido de uma linguagem comum deslegitimada por antecipação. Apresenta-se o rigor como se ele existisse para além das palavras e desconsidera-se que aos contornos incertos de uma argumentação caberia ao menos a função secundária de demarcar, pela via negativa, o território do conceito. Busca-se, sob o pretexto da cientificidade, a exatidão aparente. A leitura estética da obra de Freud já foi suficientemente repreendida como ingenuidade subjetiva, mas pouco se fala sobre a ingenuidade epistemológica que não quer reconhecer a ciência quando ela não comparece em trajes científicos. A autonomia dos princípios se afirma às custas da matéria a ser investigada, e o estilo de Freud é reduzido a adereço teórico no momento mais decisivo. Reforça-se a distinção entre objetivo e subjetivo em vez de se recusar a identidade entre ciência e conhecimento organizado<sup>5</sup> que quer tornar o estilo irrelevante. Em nome do rigor objetivo, transforma-se a vida psíquica em matéria-prima sem congruência - pois o material só é admitido sob a condição de cindir-se da ordem teórica. Mas a mescla entre objetivo e subjetivo é também uma parte da estratégia de Freud para descobrir determinações na narrativa e nas circunstâncias de vida que aparentemente não possuem sentido algum: há nelas um rigor não declarado, solidário à idéia de que os atos psíquicos são determinados e passíveis de interpretação.

Essa relutância nos faz perguntar se um autor não está mais próximo da verdade quando escreve mal - ou ainda, se ao eliminar o prazer da leitura não conhecemos a objetividade em estado pleno. Partindo desta premissa, deveríamos concluir que ao tornar um texto mais interessante nós o tornamos necessariamente mais falso. Uma trilha oposta era aberta em 1930 por Walter Muschg, o primeiro crítico a estudar a prosa freudiana, na abertura do ensaio "Freud como escritor":

Não fiquei encantado porque ele escreve bem, mas porque coloca sua pena a serviço de uma meta elevada, alcançada de forma grandiosa - porque seu padrão literário está evidentemente condicionado por seu objeto. Ele exprime a rara unidade entre conteúdo e forma que sentimos como algo espontâneo, o caráter de necessidade da produção literária cuja ausência se faz sentir em outros domínios. Se, para suas teorias, admito a censura pela impropriedade, a situação é outra no tocante à expressão que as veicula. E aqui arrisco um juízo que não se refere ao poder, mas à autenticidade: é possível, ou mesmo indispensável, que um objeto seja reconhecido também por sua forma, e que nossa sensibilidade legitime ou coloque sob suspeita a forma de sua expressão. Um estilo que prova ser "bom" após este exame apenas pertence à verdade. Sempre ri ao ver raposas da academia, maus escritores, tentando provar a irrelevância de um Bachofen, sem revelar empatia pelo poder de sua linguagem, quando a conexão verdadeira - a verdade nem sempre coincide com a correção - já é evidente no estilo<sup>6</sup>.

---

Fontes, 1992, p. 7).

5 Os termos da distinção pertencem a Adorno. Ver *Notas de literatura I*, São Paulo, Editora 34/Duas Cidades, p. 22.

6 Muschg, Walter. *Die Zerstörung der deutschen Literatur* [A destruição da literatura alemã], Berna, Francke Verlag, 1950, p. 304. "Nicht dass er gut schreibt, hat meine Bewunderung geweckt, sondern dass er die Feder im Dienst eines erstrebten und zuletzt grossartig erreichten Ziels gebraucht, ja dass offenbar sein schriftstellerisches Niveau durch seine

A visão original de Muschg se faz notar pela aproximação entre objeto e padrão literário, com a qual ele já procurava reunir os fios que toda uma tradição de leitura tentaria dispersar mais adiante. Ele toma a sensibilidade como critério positivo para discernir a verdade inscrita na forma, realizando o oposto de uma estetização do discurso: a descoberta teórica, sedimentada no estilo, atravessa os elementos literários da obra. Por tornar evidentes as conexões verdadeiras, eles antes realizam as idéias do que as obscurecem. O reconhecimento do estilo desmancha assim a identidade entre verdade e correção: a suspensão da regra pode denunciar as limitações de um estilo que é apenas correto e por isso não questiona a própria idéia de correção. A descoberta do verdadeiro exige torções da linguagem que, mesmo parecendo incorretas, revelam o inusitado. A sentença de Muschg - "a verdade nem sempre coincide com a correção" - parece ecoar a passagem em que Freud quase se desculpa diante dos leitores dos *Estudos sobre a histeria* por ter redigido histórias clínicas "que podem ser lidas como novelas" e parecem "esquivar-se da marca austera da ciência". Mas neste instante em que rompe com os padrões de uma apresentação científica ele atribui o desvio "mais à natureza do objeto do que à minha inclinação"<sup>7</sup>, com o qual busca paradoxalmente a identidade profunda de sua ciência. Sevindo-nos dos termos de Muschg, diríamos que neste caso a passagem pela literatura contorna a correção para alcançar a verdade. Essa mesma oposição parece estar em jogo também na censura feita por Freud à pretensa objetividade dos relatos clínicos tradicionais:

"...deve-se ter em mente que protocolos exatos, num caso clínico, ajudam menos do que se poderia esperar. A rigor, ostentam a pseudo-exatidão de que a 'moderna' psiquiatria nos oferece exemplos notórios. Geralmente são cansativas para o leitor, e não conseguem substituir para ele a presença na análise... Este não parece ser o caminho para remediar a falta de evidência que se enxerga nos relatos psicanalíticos"<sup>8</sup>.

---

Sache bedingt ist. Er verkörpert die seltene, spontan zu fühlende Einheit von Gehalt und Form, die so vielerorts vermisste Notwendigkeit der schriftstellerischen Produktion. Wenn ich mir gegenüber seinen Theorien den Vorwurf der Unzuständigkeit gefallen lasse, so verhält sich dies anders im Hinblick auf den Ausdruck, durch den sie sich bieten. Hier masse ich mir ein Urteil an, nicht nur über das Können, sondern über seine Echtheit. Es ist möglich, ja erforderlich, dass eine Sache auch an ihrer Form erkannt wird und dass man ein Organ dafür besitzt, ob sie sich durch ihre Ausdrucksweise rechtfertigt oder verdächtigt. Ein Stil, der sich unter dieser Probe als 'gut' erweist, ist nur der Wahrheit eigen. Ich habe es stets komisch gefunden, wenn schlechter schreibende Schulfüchse die Wertlosigkeit eines Bachofen nachzuweisen suchten, ohne ein Gefühl für seine Wortgewalt zu verraten, wo doch das wahre Verhältnis - Wahrheit ist nicht immer identisch mit Richtigkeit - schon im Stilistischen evident ist".

7 *Estudos sobre a histeria*, p. 180. Esta passagem será analisada mais adiante, no capítulo "Camadas da memória" (na seção "Medicina como metáfora, literatura como modelo").

8 GW, VIII, 379. [Recomendações ao médico que pratica a psicanálise]. Tradução de Paulo César de Souza, em *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 32 (58/59), 1999, p.430. "Man muss doch im Auge behalten, dass genaue Protokolle in einer analytischen Krankengeschichte weniger leisten, als man von ihnen erwarten sollte. Sie gehören, streng genommen, jener Scheinexaktheit an, für welche uns die 'moderne' Psychiatrie manche auffällige Beispiele zur Verfügung stellt. Sie sind in der Regel ermüdend für den Leser und bringen es doch nicht dazu, ihm die Anwesenheit bei der Analyse zu ersetzen... Dies scheint nicht der Weg, um den Mangel an Evidenz abzuhefen, der an den psychoanalytischen Darstellungen gefunden wird".

Se destacamos a continuidade entre a visão do crítico e a atitude do autor, não deixaremos também de apontar uma contradição na proposta de Muschg. Se o "bom" estilo pertence à verdade, como censurar impropriedades nas teorias de Freud? Se a forma nos revela o objeto, ela não poderia ser apreciada sem a consideração do seu conteúdo. É bem verdade que Muschg ensaia em várias ocasiões uma aproximação entre este estilo e a terapia psicanalítica, como por exemplo ao relacionar as constantes referências à figura do leitor com a situação da análise. Mas aqui é necessário reconhecer que a contradição reside mais na natureza do autor do que na inclinação dos intérpretes: é o próprio texto de Freud que parece resistir a uma abordagem da forma que tentasse restituir a separação entre coisas e palavras. Se ele nos lança ao terreno da literatura e a converte em objeto de investigação é porque, mesmo sendo solidário ao artista, não quer ocupar sua posição.

Uma perspectiva diferente da adotada por Muschg iria formar-se depois em *A prosa de Sigmund Freud* (1968), de Walter Schönau. Partindo de uma demarcação rígida entre prosa científica (*Wissenschaftsprosa*) e prosa artística (*Kunstprosa*<sup>9</sup>), Schönau guarda uma certa distância em face da avaliação de Muschg e ressalta que a obra escrita não representava um fim em si mesmo para Freud. Ela era apenas um dos canais para a transmissão da psicanálise, ao lado de discussões orais, comunicações privadas ou cartas<sup>10</sup>. A tarefa de Schönau consiste em localizar e discutir elementos literários do texto, como epígrafes, citações, analogias ou metáforas sem atribuir-lhes uma função determinada. As implicações da presença destes elementos na obra, bem como sua recorrente infiltração na teoria, são assinaladas pelo crítico: "O antagonismo severo entre arte e ciência se aplica à realidade, mas não à obra de Freud<sup>11</sup>". Mas a admissão não o impede de atribuir um valor apenas secundário aos aspectos que ele pretende destacar:

Estou ciente de que a concentração sobre o aspecto estético-literário carrega consigo o risco da

---

9 "A prosa científica não constitui um mundo para si: ela comunica conhecimentos, é racional e apela à *ratio*. Esta [a prosa científica] se prende a uma finalidade e obedece às leis da informação unívoca, aquela [a artística] não está presa a uma finalidade e encontra-se apenas sob as leis da arte. A linguagem da ciência é capaz e está autorizada a dirigir-se à sensibilidade do leitor para o belo, mas somente na medida em que isso não se faça às custas da *ratio*". ["Die Wissenschaftsprosa konstituiert nicht eine Welt für sich, sondern teilt Erkenntnisse mit, sie ist rational und appelliert an die Ratio. Diese ist zweckgebunden und gehorcht den Gesetzen der eindeutigen Information, jene ist zweckfrei und steht nur unter dem Gesetz der Kunst. Die Sprache der Wissenschaft kann und darf zwar auch das Schönheitsgefühl des Lesers ansprechen, aber nur soweit dies nicht auf Kosten der Ratio geschieht"]. Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa. Literarische Elemente seines Stils*, Stuttgart, J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1968, p. 20

10 Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 13.

11 Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 11

distorção. Por isso ressalto que o elemento literário compõe um aspecto parcial no conjunto do estilo individual de Freud. Trata-se aqui - e isso vale para a prosa intelectual em geral - de um fenômeno secundário e marginal que focalizamos para fins de análise, sem negar que o aspecto literário desempenha um papel subordinado na estrutura geral<sup>12</sup>.

Os termos do dilema são expostos com clareza, ainda que Schönau não queira reuni-los - pois seria o caso de perguntar-se aqui se Freud e a psicanálise não teriam subvertido a partilha que ele toma como certa. Schönau abandona a pista que havia lançado ao referir-se à oposição entre arte e ciência para acatar uma definição de prosa científica recusada pelo objeto que analisa. Schönau acredita que define o território do estilo ao separar o aspecto literário do aspecto teórico, quando na verdade está negando à escrita de Freud a possibilidade de remeter-se a um conteúdo real. Não surpreende que ele deixe esta escolha discretamente de lado nos momentos mais inspirados de seu estudo. Podemos retomar aqui a avaliação de Paulo César de Souza, o primeiro autor brasileiro a tratar destes dois leitores de língua alemã: "Se a perspectiva mais ampla de Schönau é questionável, podemos dizer que seus méritos se concentram na análise minuciosa de alguns aspectos da linguagem de Freud, pela primeira vez realizada por um germanista... o seu forte reside na decifração de epígrafes e citações, na discussão de metáforas e símiles em geral, e no que isso revela sobre o autor Freud<sup>13</sup>".

Em sua diversidade, os dois leitores se valem de estilos que pouco têm em comum. As páginas de Muschg sobre Freud tendem a ser sugestivas e sinuosas e não escondem o arrebatamento diante da força que habita em seu objeto de análise. Ele cita longas passagens dos textos de Freud, às quais acrescenta sua própria voz, para depois devolver-nos a novas citações, como se quisesse dividir o espanto com seus leitores. Perspectivas diferentes são adotadas para descrever a relação entre Freud e a palavra escrita, e Muschg também cria seus próprios símiles para retratar um estilo que, até então, nunca havia sido caracterizado - seguindo, quem sabe, o exemplo do próprio Freud ("Ele não é um amante deslumbrado da linguagem, vive com ela um casamento em que as sensações não são tudo"; "ele ainda não se decidiu a saltar com firmeza a cerca entre conceito e imagem<sup>14</sup>"). O palco para o estudo de

---

12 Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 8. "Ich bin mir bewusst, dass die Konzentration auf das Literarisch-Ästhetische die Gefahr der Verzerrung in sich birgt. Deshalb betone ich, dass das literarische Element einen Teilaspekt im Gesamtgefüge des Freudschen Individualstils darstellt. Es handelt sich dabei - und das gilt für die intellektuelle Prosa überhaupt - um eine Rand- und Begleiterscheinung, die wir zum Zweck der Analyse in den Mittelpunkt rücken, ohne zu leugnen, dass das Literarische nur eine untergeordnete Rolle in der Gesamtstruktur spielt".

13 Souza, Paulo César de. *As palavras de Freud. O vocabulário freudiano e suas traduções*, São Paulo, Editora Ática, 1999, p. 35.

14 Muschg, Walter. *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, pp. 317 e 327. "Er ist kein kokettierender Liebhaber der Sprache, er lebt in der Ehe mit ihr, wo die Sinnlichkeit nicht alles ist"; "Er kann sich noch nicht entschliessen, über den Zaun zwischen Begriff und Bild zu springen". Uma outra ilustração da prosa de Muschg: "O anseio pelo que foi

Schönau é menos instável. Os tópicos são divididos e ordenados e sua visão equilibrada não autoriza interferências entre as vozes de autor e crítico. Ele aborda o texto de Freud a uma distância segura, comanda com generosidade citações sem permitir que elas determinem os rumos de sua crítica. Os lugares de sujeito e objeto não se confundem numa montagem que visa, precisamente, apacar uma sensibilidade compreendida como risco.

Estas duas correntes opostas de auscultação e sobrevôo estão integradas no trabalho do psicanalista e crítico literário Patrick Mahony, de quem se pode dizer que se entrega a um esforço repetido para demonstrar, a partir de materiais e contextos os mais diferentes, que "a posição retórica de Freud e sua expressão verbal estão profundamente implicadas em sua própria maneira de compreender a psicanálise<sup>15</sup>". Mahony adota explicitamente o partido de Muschg contra as censuras de Walter Schönau, com quem divide o interesse pela recorrência de tópicos lingüísticos, pelas influências de estilo e pelo aspecto exclusivamente literário da prosa freudiana. Deve-se a ele o alargamento e a reparação do debate sobre o estilo de Freud que teve início com seu *Freud como escritor* (1982) e seu breve estudo *Sobre a definição do discurso de Freud* (1987), passando pela releitura dos casos clínicos de Dora, Homem dos Ratos e Homem dos Lobos<sup>16</sup>, em que o interesse pela linguagem de Freud se soma a outras ambições: suas pesquisas nos arquivos históricos em que buscou informações sobre a vida dos pacientes, levaram-no a uma investigação de caráter psicanalítico, histórico e teórico. Nesses trabalhos ele tenta integrar o estudo da prosa à clínica e à teoria psicanalítica, bem como ao cenário histórico em que viveram Freud e seus pacientes, ampliando assim o contexto inicial da investigação. A partir de uma nova posição, ele faz ressurgir na leitura de Freud o dilema que já se manifestava na contribuição dos antecessores: ou o leitor aceita a separação entre arte e ciência para depois descobrir suas lacunas, ou então afirma o valor literário da obra para descobrir, ao final, que

---

soterrado, o amor pelos lugares em que ele aparece resgatado à luz do dia, e o apreço pelos pesquisadores que se entregaram à paixão de resgatar e descobrir, dizem-nos algo sobre o próprio Freud. Também ele desce à fronteira do inconcebível, com a lanterna da experiência nas mãos. É difícil crer na segurança com que ele se move pela escuridão de seu subsolo e, pela fresta da metáfora, ilumina o inominado com uma centelha do mundo cotidiano. Nessas profundezas remotas ele oferece a todos um lampejo de cor e forma que propicia o entendimento sem anular o espanto". ["Die Sehnsucht nach dem Verschütteten, die Liebe zu den Orten, wo es an Tageslicht gefördert liegt, und die Verehrung für die Forscher, die sich der Leidenschaft des Grabens und Findens verschrieben haben, sagt über Freud selber aus. Auch er steigt ins nahezu Unfassbare hinab, mit der Lampe der Erfahrung in den Händen. Es ist oft kaum zu glauben, wie sicher er in der Finsternis seiner Gewölbe hantiert und das Namenlose durch die Scheibe des Gleichnisses mit einem Schein aus der vertrauten Tagwelt anleuchtet. In dieser entlegenen Tiefe der Seele gibt er allem einen Schimmer von Farbe und Gestalt, der das Begreifen ermöglicht, ohne den Schauer zu verscheuchen"]. Muschg, Walter. *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, p. 333

15 Mahony, Patrick. *Freud e o homem dos ratos*. São Paulo, Escuta, 1991, p.15 [Tradução de Maria da Penha Cataldi e Elisabeth Saporiti].

16 Mahony, Patrick. *Freud's Dora. A psychoanalytic, historical and textual study*. New Haven and London, Yale University Press, 1996; *Gritos do Homem dos Lobos*, Rio de Janeiro, Imago, 1992(Além do estudo sobre o Homem dos Ratos mencionado acima).



não se tratava propriamente de literatura. Longe de buscar alguma solução, nosso trabalho tenta mostrar o quanto se ganha não evitando o impasse. Só podemos abordar o escritor Freud *através* de alguma outra investigação, e no entanto o poder indireto de sua escrita, sua capacidade de conceder forma a uma ciência desde o seu nascimento, é a razão mais forte para que nos ocupemos dela. Por situar-se aquém das indagações centrais, a escrita nos dá acesso a todas; e mesmo sem atacá-las diretamente, pode reformular nossas perguntas a partir de termos só descobertos quando se aceita que a construção de um pensamento depende de uma luta com as palavras.

## I. UMA PROSA ENCOBRIDORA ?

### O ESTILO PELO AVESSO

"Note-se o estilo simples e claro; não é, a bem dizer, um estilo. Sem artifícios nem frases de efeito, ele diz o que quer dizer: assim fala alguém que conhece o assunto<sup>17</sup>". A definição, bastante correta, do estilo de Freud foi dada pelo escritor Alfred Döblin na década de vinte, em termos que viriam depois a resumir a opinião mais comum a respeito de seu talento literário. Há nisso alguma dose de razão, pois é difícil escapar à precisão dos termos. É realmente um estilo simples e claro, pela maneira como evita contorcionismos ou formas gramaticais dissonantes, e pela opção por um vocabulário corrente e fortemente sugestivo, muito distante da excentricidade dos jargões. A julgar por Döblin, ele diz o que deve ser dito – nem mais nem menos – e assim atinge seu objetivo pelo caminho mais curto: a linguagem remete o leitor ao assunto e não a ela mesma, remove do caminho qualquer sombra de mal-entendido. Tudo isso parece adequado, ao menos na medida em que os leitores de Freud puderem reconhecer nele um autor empenhado em se fazer compreender a despeito das dificuldades que enfrenta. Mas essa plena realização das idéias em formas tão simples deveria despertar mais a suspeita do que a admiração. Concisão, simplicidade e retidão diante dos fatos não poderiam sozinhas ultrapassar o plano das evidências mais comuns, nem acrescentar informações que não fossem conhecidas de alguma outra maneira. O desencontro entre as ambições da psicanálise e essa economia de recursos, que não seria o melhor meio para revelar conteúdos latentes ou ocultos para a consciência, deveria ser visível. O método de Freud orienta-se para eventos pouco evidentes, destina-se “a decifrar, a partir de sinais menosprezados ou imperceptíveis, do refugio – *“refuse”* – da observação, aquilo que é secreto ou oculto<sup>18</sup>”. A opção por anunciar verdades incômodas numa forma convencional oferece a medida do risco que Freud se dispõe a assumir. É como se o seu estilo, tal como costuma ser identificado por tantos leitores, tornasse todas as relações transparentes por um lance de mágica. Mas de que clareza se fala? E que razões nos fazem aceitá-la, sem maior exame, como virtude e não como defeito? É preciso admitir que a definição apresenta um problema em vez de resolvê-lo, pois deve existir algum motivo para que esse estilo nos surpreenda.

<sup>17</sup> Döblin, Alfred. *Zum siebzigsten Geburtstag Sigmund Freuds. Almanach für das Jahr*, Wien, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927. *Apud* Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 258. “Man beachte den einfachen klaren Stil; es ist gar kein Stil; er sagt ungekünstelt und phrasenlos, was er meint; so spricht einer, der etwas weiss”.

<sup>18</sup> GW X 185 [O Moisés de Michelangelo]. “...aus gering geschätzten oder nicht beachteten Zügen, aus dem Abhub – dem “refuse” – der Beobachtung, Geheimes und Verborgenes zu erraten”.

Não quero com isso desmentir a impressão mais comum dos leitores. Além de honesta, ela é acertada na medida em que a adesão do leitor está nos planos de Freud. Mesmo sabendo que não pode apresentar um problema em termos simples, ele redobra os esforços para se explicar e tenta contar, nos momentos críticos, ao menos com a sua simpatia. "Receio que também neste ponto a crença do leitor me abandone<sup>19</sup>", ele diz quando reconstrói, a partir de indícios mínimos e um tanto duvidosos, a cena sexual que um paciente teria presenciado antes dos dois anos de idade. Em um contexto muito diferente ele lamenta não ter a mesma sorte dos poetas "que extraem sem esforço as percepções rumo às quais temos que abrir caminho em meio a uma insegurança penosa e um tatear incessante<sup>20</sup>". E num dos momentos mais especulativos de sua teoria do sonho ele se resigna diante da impossibilidade de uma descrição satisfatória dos processos psíquicos: "Reproduzir a simultaneidade de uma conexão tão intrincada através da sucessão da descrição, sem tomar partido ao fazer cada uma das afirmações, fica além de minhas forças<sup>21</sup>". Estas pequenas confissões servem para mostrar que a clareza é preservada como modelo mesmo quando parece fora do alcance. Descrevendo o que há de obscuro na matéria que aborda, ele a torna mais nítida para o leitor e para si próprio, e neste sentido confirma a definição proposta por Döblin. Mas o elogio da prosa de Freud, tomado em si mesmo, continua sendo uma constatação que não conduz à pergunta pelo sentido das qualidades presentes nela. Para superar este limite não é necessário rejeitar como falsa a percepção que Döblin sintetiza com propriedade, menos ainda negar virtudes que são amplamente reconhecidas: basta situar a questão de outra maneira. O escritor alemão deixa duas pistas para a resposta que procuramos. Em primeiro lugar, ele apenas percebe a presença do estilo, mas não se arrisca a explicar ao que ele teria vindo. Se me for permitida uma analogia clínica (Döblin, a exemplo de Freud, também era médico), ele faz um diagnóstico sem receitar uma terapia. Dentro deste limite estreito que descreve o produto sem explicar seu processo, duas afirmações entram em choque – e aqui está o segundo ponto. "Note-se o estilo", ele diz, para destacar ainda na mesma frase que este "não é, a bem dizer, um estilo", querendo com isso afastar a imagem de uma forma pessoal, idiossincrática; a noção de estilo próprio convém mais à literatura do que à ciência, e o estilo de Freud é definido aqui, estranhamente (e, acredito, com

---

19 GW XII 63. [Da história de uma neurose infantil]. "Ich fürchte, es wird auch die Stelle sein, an der der Glaube der Leser mich verlassen wird". [Tradução de Paulo César de Souza].

20 GW XIV 493. [O mal-estar na civilização]. "...die tiefsten Einsichten doch eigentlich mühelos heraufzuholen, zu denen wir anderen uns durch qualvolle Unsicherheit und rastloses Taten den Weg zu bahnen haben".

21 GW II/III 593. [A interpretação dos sonhos]. "Die Gleichzeitigkeit eines so komplizierten Zusammenhanges durch ein Nacheinander in der Beschreibung wiederzugeben und dabei bei jeder Aufstellung voraussetzungslos zu erscheinen, will meinen Kräften zu schwer werden".

enorme felicidade), como sendo ambas as coisas.

Mais do que definir este estilo, Döblin põe em relevo a contradição que nos permite situar o seu valor: assemelha-se ao estilo do homem que, não querendo fazer-se notar, chama a atenção por ser tão discreto. Sob a superfície da expressão clara, Freud compõe um disfarce sutil para as coisas mais complexas, ditas de modo aparentemente despreocupado como se brotassem sem esforço. A articulação aparentemente espontânea das idéias retrata uma simplicidade artificial, que dispensa as formas mais visíveis e ostensivas dos artificios gramaticais. Ele não utiliza frases de efeito ou torções sintáticas porque os efeitos embutidos nessa expressão facilmente assimilável devem permanecer secretos. Para resumir, o estilo simples e claro traduz a *intenção* de um autor que nos faz pensar que as coisas são claras quando elas de fato não o são. Ao admirá-lo nós confirmamos o efeito que ele causa sobre o leitor, mas não explicamos como este efeito se produz. Um dos sinais da grandeza de Freud reside no fato de ser elogiado pelo estilo simples e claro e despertar tanta incerteza a respeito do que pretendeu afirmar. O poder desta forma pode ser medido por sua capacidade para não atrair suspeitas: Freud convida o leitor a desmontar fachadas com a mesma habilidade que as cria, de modo que não podemos compreender inteiramente sua clareza antes que comecemos a suspeitar dela. Esse jogo entre superfície e profundidade pode tornar-se visível se preservarmos diante da escrita de Freud o mesmo ceticismo que se costuma adotar, quase instintivamente, no contato com o estilo elíptico, quase inapreensível e avesso à compreensão linear dos textos de Jacques Lacan, cujos termos parecem pedir ao leitor que sejam decifrados. Mas essa estratégia de estranhamento quer, na verdade, impedir a elisão de seu próprio objeto: a estranheza da forma corresponde, na psicanálise lacaniana, a uma estranheza da própria coisa. O risco inerente a essa escolha é a repulsa do leitor que, desnorteado por um discurso que trabalha no limiar do incompreensível, decide ao fim que não há nada para se compreender, sem notar que ali entra em jogo a própria noção de compreensão. Freud segue o rumo oposto e lança seus enigmas sob uma superfície mais plana e convincente: acompanhando o exemplo que parte de certos escritores, em vez de chocar-se contra o leitor ele "faz de tudo para amenizar seu caminho através do que é, na verdade, um campo minado<sup>22</sup>". O risco, neste caso, reside mais na compreensão fácil do que na incompreensão. O disfarce neutro da linguagem convida o leitor a buscar significados por trás daquilo que se diz, lançando-o dentro do trabalho da própria psicanálise. A proximidade que Freud mantém com o leitor, aliada à paciência de sua exposição,

---

22 Gledson, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 23. [Tradução de Fernando Py].

nem sempre nos deixa notar sua habilidade para variar a perspectiva sem mudar necessariamente de assunto, enquanto ele apresenta idéias incompletas e resultados parciais. O conhecimento fica em suspenso, não se firma por inteiro, mas é reforçado adiante por uma outra perspectiva que reafirma as incertezas do início. Por isso é necessário buscar as motivações encobertas por essa expressão aparentemente natural, não para desmascarar o autor e sim para descobrir como ele trabalha.

Esta condição ambígua do estilo nos leva à pergunta inevitável pela linguagem da teoria, onde todo autor deve (ao menos por princípio) formular idéias livres de contradição. Também aqui Freud não ajuda muito, e raramente fala sobre o modo como seus conceitos adquirem forma. "Na psicanálise", lemos numa passagem muito citada, "gostamos de ficar em contato com o modo popular de pensar e preferimos tornar seus conceitos cientificamente úteis<sup>23</sup>". Essa declaração, que nos informa somente a respeito do tom geral do vocabulário na psicanálise, assinala a presença de um jogo de forças entre linguagem comum e vocabulário teórico. A transição de um a outro depende, é claro, de um trabalho sobre o "modo popular de pensar" que deve resultar em conceitos. Não se trata de uma adesão ingênua à fala cotidiana, figurada aqui como o ponto de partida para o trabalho do conceito e não como o seu resultado direto. A defesa da linguagem comum em nome dela mesma faz tão pouco sentido quanto a sua rejeição declarada, pois o laço permanente de Freud com este "modo popular de pensar" encobre uma escrita laboriosa, constantemente engajada em sua própria transformação. Se estivesse preso ao "modo popular de pensar", ele seria um porta-voz das incongruências do *sensu comum* como tantos outros<sup>24</sup>. Ao lado da premissa segundo a qual a autonomia teórica exige o afastamento da linguagem comum, criou-se o mote para a separação entre o homem de letras e o cientista, e a legitimidade da psicanálise passou então a depender de um combate às imprecisões conceituais. Com esta leitura, perdeu-se de vista o fato de a escrita movediça de Freud ter recusado uma separação ostensiva entre o plano do conceito e o plano da experiência. O valor de sua expressão aberta, sua disposição para aceitar sem medo os significados que a fala cotidiana têm

---

23 GW XIV 222

<sup>24</sup> Este é o dado que escapa ao horizonte da apresentação de Daniel Lagache ao *Vocabulário de Psicanálise*, de J. Laplanche e J-B. Pontalis: "A aversão contra a psicanálise exprime-se às vezes em sarcasmos dirigidos à sua linguagem. É claro que os psicanalistas não desejam o uso abusivo ou intempestivo de palavras técnicas para disfarçar a confusão do pensamento. Mas, como os ofícios e as ciências, também a psicanálise necessita de palavras próprias. Método de investigação e de tratamento, teoria do funcionamento normal e patológico do aparelho psíquico, como se poderia ter formulado a novidade das suas descobertas e das suas concepções sem recorrer a termos novos? Além do mais, pode-se dizer que qualquer descoberta científica não se forma moldando-se ao *sensu comum*, mas para além ou contra ele; o escândalo da psicanálise não é tanto o lugar que concedeu à sexualidade... *a linguagem comum não tem palavras para designar estruturas e movimentos psíquicos que não existem aos olhos do sensu comum; foi preciso, pois, inventar palavras* cujo número... varia com o rigor da leitura dos textos e com os critérios do tecnicismo dos termos" [Os destaques são meus]. (Laplanche e Pontalis, 1994, *Vocabulário de Psicanálise*, p. V).

a oferecer, reside no movimento que impõe aos termos comuns para torná-los “cientificamente úteis ao invés de rejeitá-los”, sem o qual os conceitos psicanalíticos seriam palavras em meio a palavras e não instrumentos para descrever e compreender processos psicológicos. As palavras de Freud remetem a uma realidade que elas mesmas, tomadas isoladamente, não são capazes de determinar. A pura determinação dos termos técnicos (se é que isso de fato existe em Freud) não é mais clara do que o fluxo que eles integram. Essa postura diante da linguagem não assinala um desprezo pelo pensamento conceitual: os conceitos são criados de modo a permitir a reflexão e a alteração constante de seus valores e significados. O despojamento da escrita, traço preservado até nas distinções mais abstratas, representa uma estratégia para construir novos sentidos a partir dos que existiam e remodelar o equilíbrio, sempre provisório, entre teoria e experiência.

É preciso notar como ele maneja sua prosa teórica na intenção de ilustrar uma mesma idéia a partir de perspectivas que se sobrepõem para formar uma visão aproximada do todo: ele lança mão, sobretudo nas exposições mais especulativas, de uma série de imagens parciais - exemplos clínicos, metáforas ou suposições provisórias adotadas com certa desconfiança - que tentam restituir um objeto que não pode ser apreendido por uma via direta. A escrita arqueológica de Freud expõe gradualmente os significados ocultos sob a superfície do texto. A intenção de descobrir elementos disfarçados ou latentes o faz criar uma *prosa encobridora* que disfarça seu significado ao mesmo tempo que o revela - e o ponto extremo deste processo é a metapsicologia, uma ciência construída exclusivamente a partir do conhecimento dos derivados e nunca a partir de seu próprio território. O método freudiano de investigação está próximo da arqueologia, como ele próprio reconhece<sup>25</sup>. Mas a arqueologia está gravada também na forma de sua exposição: ele obriga o leitor a conviver com sentidos incompletos, toma um fragmento como ponto de partida para a apreensão do conjunto, fala constantemente das dificuldades que envolvem esse processo de reconstrução. Ao definir seu estilo como simples e claro não dizemos toda a verdade, mas abrimos caminho para enxergar suas implicações. Mais do que constatar a sua presença é necessário refazer, a partir do texto, a transição da superfície para a profundidade, que realiza a dinâmica de seu pensamento. A prosa de Freud recusa o

---

25 Notadamente na analogia entre a cidade de Roma e a vida psíquica apresentada em *O mal-estar na civilização* e, em termos mais sintéticos, na descrição de seu método terapêutico em *Estudos sobre a histeria*: "... cheguei a um procedimento que depois promovi a método e empreguei deliberadamente: retirar, camada por camada, o material psíquico patogênico, algo que gostamos de comparar com a técnica de escavar uma cidade soterrada" (GW I 201). [So gelangte ich... zu einem Verfahren, das ich später zu einer Methode erhob und zielbewusst einleitete, zu einem Verfahren der schichtweisen Ausräumung des pathogenen Materials, welches wir gerne mit der Technik der Ausgrabung einer verschütteten Stadt zu vergleichen pflegten].

estranhamento pela linguagem e comunica as idéias em termos apropriados para fazer emergir o estranho em meio ao familiar. A exposição neutra cria, em silêncio, uma expressão para o objeto que se aparta dela. Pode-se dizer que a forma bem comportada, que diz muito mais do que parece dizer, é tão encobridora quanto a amenidade das recordações infantis que "escondem por trás de sua inocência aparente uma profusão insuspeita de significados"<sup>26</sup>.

#### A SUSPEITA

Se a clareza é o elemento mais destacado, a desconfiança que a acompanha não merece atenção menor. Ela se dirige sobretudo às conexões aparentes que o tratamento analítico pretende desmanchar: à opinião dos médicos segundo os quais as histéricas "inventam" seus sintomas, ao nosso desinteresse pelos sonhos absurdos ou sem nexos, instintivamente rebaixados porque não enxergamos na sua superfície um grau mínimo de coerência; à troca de nomes ou palavras, esquecimentos sem grande importância que explicamos, sem refletir muito, pelo cansaço ou desatenção. Todas essas situações encobrem uma conexão profunda que escapa à consciência e deve ser resgatada pela terapia. Até aqui as suspeitas não ultrapassam o limite da atividade clínica. Mas elas também atuam na construção das noções fundamentais, que são enredadas com frequência por uma linguagem de distanciamento em que o autor se afasta do texto para observar a si mesmo e suas idéias, deixando ao leitor a tarefa de escolher entre quem escreve ou quem desconfia do que aparece escrito. Enquanto argumenta, Freud acompanha a ação dos argumentos como se quisesse testá-los sem assumir responsabilidade por eles. As formulações podem em muitos casos ser divididas entre a posição do autor diante de uma afirmação e o conteúdo desta afirmação: "*Notamos, ao avançar com esta idéia, que deparamos não apenas com o problema da hipocondria, mas também com outras neuroses atuais, a neurastenia e a neurose de angústia. Por isso queremos nos deter neste ponto*"<sup>27</sup>; "*Nossa curiosidade evidentemente irá perguntar* porque a retenção da libido no Eu deve ser sentida como desprazerosa"<sup>28</sup>: ou: "*Se fosse permitida uma suposição como essa, teria sido satisfeita a exigência de um exemplo - mesmo que deslocado - para o instinto de morte*"<sup>29</sup>. Encontraremos

26 GW I 538. [Sobre lembranças encobridoras]. "...dass sich hinter ihrer scheinbaren Harmlosigkeit eine ungeahnte Fülle von Bedeutung zu verbergen pflegt".

27 GW X 150. "**Wir merken, wenn wir diesen Gedanken fortsetzen, stossen wir auf** das Problem nicht nur der Hypochondrie, sondern auch der anderen Aktualneurosen, der Neurasthenie und der Angstneurose. **Wir wollen darum an dieser Stelle haltmachen;...**" [Introdução ao narcisismo. São meus os destaques nestas três citações].

28 GW X 151. "**Natürlich wird unsere Wissbegierde hier die Frage aufwerfen,** warum eine solche Libidostauung im Ich als unlustvoll empfunden werden muss..." [Introdução ao narcisismo]

29 GW XIII 58. "**Wenn es erlaubt ist, eine solche Annahme zu machen, so wäre die Forderung erfüllt,** ein Beispiel

por toda parte (mas sobretudo na chamada metapsicologia) a reserva que o autor sustenta diante de sua expressão. Essa pensamento à distância lhe garante a liberdade para avançar ou recuar diante das idéias conforme a necessidade e abre muitos caminhos: se nos atermos à letra do texto de Freud, seu modo indireto de argumentação faria uma reprodução fiel do conteúdo chegar ao limite da incompreensão. As definições escapam pelos dedos do leitor a despeito da linguagem acessível. Ilse Grubrich-Simits, responsável pelas edições alemãs da obra, observa que "qualquer pessoa que tenha tentado elaborar um índice temático de um trabalho de Freud sabe como é difícil resumir o essencial em termos isolados. Sua essência evapora quando tentamos extraí-la do fluxo dinâmico da frase em alemão<sup>30</sup>". Somos tentados a afirmar que ela teria tocado no mesmo impasse descrito, numa perspectiva muito afastada, pelo psicanalista Serge Leclair durante o *Seminário* de Lacan. Chamado para resenhar a *Introdução ao narcisismo*, ele logo adverte: "É um texto impossível de resumir. Será preciso citá-lo quase integralmente<sup>31</sup>".

São impressões que coincidem na admiração pela multiplicidade encapsulada sob a forma do texto que todos podem ler. Mas aqui não atua somente a natureza esquiiva do conhecimento psicológico, pois a indeterminação está sendo produzida em escala semelhante pelo investigador que tenta criar garantias em meio às suas incertezas. A suspeita contra si mesmo vale como método: a instabilidade, que de início poderia ser vista como o sinal de uma elaboração rudimentar, na verdade está seguindo a instabilidade presente no objeto a ser configurado pela investigação teórica. O uso constante das formas condicionais e do conjuntivo, os anúncios de movimento e parada da argumentação, as gradações a partir de verbos modais revelam em seu conjunto que a estratégia sinuosa de argumentação configura a norma e não o desvio. A novidade do pensamento e o desejo de arriscar uma idéia são contrabalançadas pelo resto de desconfiança que ele demonstra. A síntese destes elementos converte a frase num compromisso entre forças opostas que coexistem sem anular uma a outra. É mais comum que Freud se veja "inclinado a aceitar uma idéia" em vez de simplesmente comunicá-la. Expressões que traduzem o conflito entre afirmação e resistência irão surgir em várias situações: há momentos em que ele reconhece ser necessário "arriscar uma conjectura<sup>32</sup>", e outros nos quais

---

eines - allerdings verschobenen - Todestriebes aufzuzeigen"

30 *Apud* Orston, D. "Aprimorando o Freud de Strachey", em *Traduzindo Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1999, p. 26 [Tradução de Cristina Serra]

31 Lacan, Jacques. *O seminário. Livro I*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p.152 [Tradução de Betty Milan].

32 GW V 79 [Três ensaios para uma teoria da sexualidade]. Auch über den Mechanismus inner solcher Sublimierung kann man **eine Vermutung wagen**.



"nós somos forçados à suposição<sup>33</sup>"; existem ainda as situações em que nos deparamos com uma suposição "da qual não temos como escapar<sup>34</sup>" ou "precisamos atestar<sup>35</sup>" algo. Freud por vezes revela, em primeira pessoa, que "um conhecimento se impôs para mim<sup>36</sup>". No plano psicológico, essa postura deixa transparecer o seu compromisso com a investigação mesmo quando ela o conduz a um terreno pouco familiar; no plano da linguagem, mostra que suas formulações teóricas estão articuladas em termos dinâmicos e cruzadas pelo conflito.

Mas as suspeitas de Freud não se voltam apenas contra si mesmo. Elas também miram outros estudiosos e o passado da psicologia. Do mesmo modo que desconfia de suas próprias interpretações, modelos e suposições, ele acompanha à distância o que disseram seus antecessores e mestres, segue com paciência os argumentos e censura-os muitas vezes por suas limitações, como se observa principalmente no capítulo inicial de *A interpretação dos sonhos*. Não é raro que ele comece um trabalho por uma exposição negativa, que sintetiza a visão oposta daquela que irá apresentar em seguida. Um conjunto de opositores, ou um único adversário, é eleito como uma espécie de modelo invertido. Em vez de enfileirar citações que não lhe interessam, ele dramatiza seu argumento a partir da opinião dos adversários, questiona-os a partir da perspectiva que deseja impor sobre eles, e seu texto desloca todos estes autores em conjunto, destacando ocasionalmente uma ou outra contribuição. A partir das contradições, lacunas ou omissões de oponentes com quem só raramente está em completo desacordo, ele inicia a construção de um impasse e articula uma nova teoria que lança luz sobre o assunto. Quando chega o momento de apresentar sua própria explicação, ele confronta os outros autores com um destino que suas teorias desconheciam, liberta-se inteiramente de suas concepções e as expõe como uma aparência enganosa. Com isso, ele encerra um movimento que era prenunciado pelo início da exposição. Este trabalho de desmontagem está presente no livro sobre o sonhos, em *Totem e tabu* e nas histórias clínicas, mas aparecia com nitidez no ensaio de juventude a respeito das afasias, onde a explicação dos distúrbios de linguagem a partir das localizações cerebrais ocupava o lugar do inimigo a ser vencido por uma explicação original. A

---

33 GW V 71. [Três ensaios para uma teoria da sexualidade]. Somit werden wir durch die ausserordentliche Verbreitung der Perversionen **zu der Annahme gedrängt**,...

34 GW V 68. [Três ensaios para uma teoria da sexualidade]. Eine weitere vorläufige Annahme in der Trieblehre, **welcher wir uns nicht entziehen können**, besagt, dass von den Körperorganen Erregungen von zweierlei Art geliefert werden, die in Differenzen chemischer Natur begründet sind.

35 GW V 135. [Três ensaios para uma teoria da sexualidade]. **Wir haben dann als eine der überraschendsten Ermittlungen feststellen müssen**, dass dieser Frühblüte des infantilen Sexuallebens auch eine Objektwahl mit ell den reichen seelischen Leistungen zeitigt...

36 GW I 254/Studien 273. [Três ensaios para uma teoria da sexualidade]. **Es drängte sich mir zunächst die Erkenntnis auf, dass**, insofern man von einer Verursachung sprechen könne..., die Ätiologie in *sexuellen* Momenten zu suchen sei.

técnica da suspeita restringia-se ali aos opositores. Com o passar do tempo, o recurso se generaliza e converte-se em ferramenta para compreender a si mesmo, ao outro e ao objeto a ser analisado. "A psicanálise é, com razão, plena de desconfiança"<sup>37</sup>, ele escreve anos mais tarde, em *A interpretação dos sonhos*. A desconfiança tem lugar na criação de sua teoria e não visa apenas a prática da psicanálise, onde seu lugar parece certo. Mas é na clínica que este trabalho com sinais imperceptíveis alcança a expressão mais completa. "Quem tem olhos para ver e ouvidos para escutar se convence de que os mortais não conseguem esconder segredos. Quem cala os lábios fala pela ponta dos dedos: a traição pressiona por todos os poros"<sup>38</sup>. Nesta passagem de um trabalho sobre a histeria a suspeita transpõe o terreno da linguagem e alcança os sentidos, enredando-se nos mecanismos psicológicos que ela se destinava a explicar. A descrição se vale aqui das mesmas armas da conversão histérica quando desloca a expressão verbal para este corpo em que os dedos começam a falar e a pressão psíquica alcança a superfície da pele. A figuração não é um desvio que o arrasta para fora da psicologia: ela conduz diretamente ao cerne de suas questões.

#### UMA FORMA ABERTA

Os leitores podem comprovar que Freud sustenta um estilo volúvel com confiança. As inconstâncias são acompanhadas por um comando seguro. É certo que ele busca variações, mas quer sempre definir o seu lugar, exige delas que estejam remetidas umas às outras e tenta, à medida que lhes cede espaço, compor um nexos comum a todas. A entrega incondicional à matéria e a luta para dominá-la instauram uma tensão latente que determina o andamento de seu texto<sup>39</sup>. Isso pode ser notado a partir de três níveis principais. Por servir-se de um vocabulário enraizado na linguagem corrente, mesmo depois de ter formulado uma definição estrita para um termo ele pode apoiar-se nos significados mais comuns da palavra ou modificar suas determinações de acordo com as exigências do contexto ("...definições são convenções e podem ser alteradas"<sup>40</sup>). Este seria o plano mais elementar, onde ainda podemos abordar isoladamente

37 GW II/III 521/Tr., 303. "Die Psychoanalyse ist mit Recht misstrauisch".

38 GW V 240 [Fragmento de análise de uma histeria]. "Wer Augen hat zu sehen und Ohren zu hören, überzeugt sich, dass die Sterblichen kein Geheimnis verbergen können. Wessen Lippen schweigen, der schwätzt mit den Fingerspitzen: aus allen Poren dringt ihm der Verrat".

39 Ver mais adiante a análise da história de "Catarina" no capítulo "As camadas da memória".

40 GW VI 184. [A piada e suas relações com o inconsciente]. "Aber Definitionen sind konventionell und lassen sich abändern". Poderíamos citar dois exemplos: as sucessivas teorias freudianas da angústia [*Angst*], onde as novas elaborações não contradizem necessariamente as teses do passado, mas nem por isso coincidem inteiramente com elas. Essa indeterminação se dá também no plano da linguagem e nos modos como Freud descreve, a partir da linguagem corrente, as manifestações da angústia. E ainda, a observação feita ao final de *Inibição, sintoma e angústia* sobre o emprego do termo "defesa" [*Abwehr*]. Ele revela que, nos primórdios da psicanálise, valia-se da palavra "defesa" para

os termos centrais da psicanálise. No nível seguinte, o das construções gramaticais, percebe-se que a imagem do autor claro e acessível não resiste a um exame mais detido. A frase pode ser retorcida e ramificar-se por subordinações ou coordenações que nos impedem de determinar um centro e encobrem com freqüência uma formulação ainda incompleta. Mas por vezes uma única sentença estabiliza os termos de um conflito que se desdobra em direções opostas; há ainda outras, cortantes e retas, que podem ser lidas como fragmentos e condensam toda a multiplicidade de sentidos que as explicações detalhadas lutam para descrever. Este traço foi observado por Walter Muschg, que descreveu o talento "epigramático"<sup>41</sup> de Freud, e depois por Walter Schönau, que agrupou uma série de frases que podem ser lidas como aforismos<sup>42</sup>. Mas o manejo das variações requer procedimentos especiais. Por exemplo, o uso constante de conjunções como *doch*, *allerdings*, *zwar* ou *aber* enfraquece as ligações causais, quando não as tornam francamente ambíguas<sup>43</sup> – ou apenas indeterminadas, como no caso das orações coordenadas independentes com as quais ele abre simultaneamente duas vias de argumentação<sup>44</sup>. Pode-se dizer que a frase de Freud, sendo *inteligível*, não quer ser *transparente*, pois ela visa a compreensão sem delinear significações completas ("Se não pudermos ver com clareza, ao menos vejamos com precisão as obscuridades"<sup>45</sup>). A ausência de obscuridade não torna necessariamente as coisas mais claras, e ao menos neste sentido seria correto situá-lo na categoria de "autores aparentemente límpidos como Wittgenstein, que sempre quis escrever na linguagem ordinária evitando as tecnicidades especulativas". Ambos os casos comprovam que "nem sempre são as complicações do estilo que dificultam a compreensão de um autor"<sup>46</sup>, como observa Antonia Soulez ao descrever o estilo do filósofo da linguagem.

Mas é sobretudo no arranjo da exposição que essa inconstância aparece. Freud desloca seu raciocínio com segurança, mas se sente livre para acomodar desvios e interrupções, retomadas e avanços. "Voltemos outra vez aos fatos do esquecimento dos sonhos"<sup>47</sup>, ele escreve após ter intercalado uma extensa observação secundária em *A interpretação dos sonhos*. Dois

descrever o mecanismo da repressão, que só viria a tomar forma anos mais tarde.

41 Muschg, Walter. *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, p. 319.

42 Ver a seção "Freud als Aphoristiker" [Freud como aforista] no livro de Schönau. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 128.

43 Ver a este respeito o comentário de Joyce Crick no prefácio à sua tradução de *A interpretação dos sonhos*: "... the logical connectives necessary for such discourse – *daher*, *dennoch*, *also*, *doch* *allerdings*, *zwar*... *aber*, and so on – are comfortably current in everyday speech. Their unobstrusiveness helps to give formal argument a certain ease, apparent in much of Freud's prose". "Note on the translation", em Freud, S. *The interpretation of dreams*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1999, p. xlii.

44 Ver mais adiante a seção dedicada à "Comunicação Preliminar" no capítulo "Camadas da memória".

45 GW XIV 155 [Inibição, sintoma e angústia]. "Wenn wir nicht klar sehen können, wollen wir wenigstens die Unklarheiten scharf sehen".

46 Soulez, Antonia. "O nó no quadro ou O estilo de/em Jacques Lacan", em *Um limite tenso*, p. 257

47 GW II/III 530. "Wir kehren zu den Thatsachen des Traumvergessens zurück".

parágrafos a frente ele anuncia: "Paramos aqui para seguir adiante dentro de algum tempo<sup>48</sup>" -- e passa a enfrentar uma terceira questão. Ele está atento às possibilidades latentes do que está pensando e não vê riscos em entregar-se a uma nova idéia que lhe ocorre. Seu texto prefere incorporar as intercorrências ao seu fluxo em vez de descartá-las. Essa atitude torna-se mais nítida nas situações em que ele anuncia explicitamente a mudança de rumo ("Antes de seguir adiante, devo tocar em duas questões que conduzem ao centro das dificuldades do tema<sup>49</sup>") ou sublinha as limitações do que virá a dizer ("Mas desta vez precisamos antes fazer uma confissão, como advertência para que não se superestimem nossas conclusões<sup>50</sup>"). Existem ainda as antecipações de desenvolvimentos posteriores, nas quais ele joga o futuro de suas explorações para o tempo presente da leitura: "Mais adiante iremos aprender que o enigma da formação do sonho pode ser solucionado pela descoberta de uma fonte de estimulação psíquica que era insuspeita<sup>51</sup>"; "... talvez mais tarde venha a revelar-se um paralelo ainda mais relevante a propósito desta questão<sup>52</sup>". Nestes casos, o desenvolvimento pleno de uma idéia primeiro se insinua para depois consumir-se. As alusões ao futuro anunciam novas idéias que vão sendo gestadas antes de seu reconhecimento pleno, instaurando no texto uma tensão a ser resolvida. Walter Muschg considera a paciência como uma das principais virtudes do estilo de Freud, um autor que "tem tempo para os problemas, para sua contemplação repetida e minuciosa<sup>53</sup>"; mas cada problema deve também aguardar o seu tempo e há situações em que eles só podem ser tangenciados. Podemos identificar a associação livre como a contrapartida psicológica desta mobilidade da forma -- feita a ressalva de que a tanto uma quanto a outra interessam por representarem estratégias para contornar a resistência e permanecem livres na medida em que revelam as determinações numa camada mais profunda.

Nem sempre a volubilidade emerge como uma intercorrência que perturba momentaneamente o eixo de raciocínio. Ela pode infiltrar-se na articulação do texto, em situações que tornam nítido o compromisso de Freud com a mobilidade do pensamento. A exposição livre, porém rigorosa quanto aos seus objetivos, realiza no plano formal aquela

---

48 GW II/III 531. "Wir brechen hier ab, um nach einer Weile fortzusetzen".

49 GW X 141. [Introdução ao narcisismo] "Ehe ich weitergehe, muss ich zwei Fragen berühren, welche mitten in die Schwierigkeiten des Themas leiten".

50 GW X 428 [Luto e melancolia; tradução de Marilene Carone]. "Wir müssen aber diesmal ein Bekenntnis vorausschicken, welches vor Überschätzung des Ergebnisses warnen soll".

51 GW II/III 44. "Wir werden später erfahren, dass das Rätsel der Traumbildung durch die Aufdeckung einer unvermuteten psychischen Reizquelle gelöst werden kann".

52 GW VI 102 [A piada e suas relações com o inconsciente]. "... vielleicht findet sich später hiezu eine noch bedeutsamere Parallele".

53 Muschg. *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, p. 337. "Er hat Zeit für die Probleme, für ihre wiederholte minutiöse Betrachtung".

atenção flutuante que caracteriza um tratamento analítico, onde interrupções e desvios podem tanto nos afastar do essencial quanto colocar-nos em seu caminho, e onde a ordenação clara de idéias e intenções sinaliza ora a busca por explicações, ora um esforço para impedi-las. Comentando as dificuldades do trabalho de interpretação, Freud nota que muitas vezes “o melhor caminho para completar a interpretação de um sonho é deixá-lo e nos dedicarmos ao novo sonho, que abriga o mesmo material em forma talvez mais acessível<sup>54</sup>”. Construções teóricas reeditam os desvios da atividade de interpretação apenas porque ambas estão remetidas a uma fonte comum.

Encontraremos no estilo de Freud esta mesma flexibilidade da interpretação. Jean Hyppolite observa que *A negação* possui "uma estrutura absolutamente extraordinária e, no fundo, extraordinariamente enigmática... Trata-se de uma construção do texto que não quero chamar de dialética, para não abusar da palavra, mas que é extremamente sutil<sup>55</sup>"; e este enigma é sustentado pela linguagem discreta e movediça que não se fixa em ponto algum sem deixar sinais das transições que efetua. "O que torna tão densas essas quatro ou cinco páginas é, como vocês estão vendo, que elas questionam tudo, e que se vai dessas observações concretas, aparentemente insignificantes e tão profundas em sua generalidade, para alguma coisa que traz toda uma filosofia, quer dizer toda uma estrutura do pensamento<sup>56</sup>". Estas transições dependem de uma construção aberta, disposta a incorporar o que lhe parece insignificante ou secundário em vez de dar-lhe as costas. Freud está sempre um passo adiante de seu método, aceita suas regras apenas porque se empenha em determiná-las -- e esta liberdade é defendida de maneira rigorosa, sobretudo no plano formal. No capítulo final dos *Estudos sobre a histeria* ele apresenta logo na abertura "duas dificuldades" a serem resolvidas: a primeira relacionada ao tratamento, a segunda à definição da histeria. "Relatarei mais adiante de que maneira superei a primeira dificuldade e o que aprendi com ela. Primeiro, direi como posicionei-me em minha prática diária ante o segundo problema<sup>57</sup>", ele anuncia; no entanto, em vez de definir formalmente a histeria ele afirma que não é correto aplicá-la como uma categoria clínica fixa apenas "porque alguns traços histéricos se destacam em seu complexo sintomático<sup>58</sup>". Mais à

---

54 GW VIII 354 [O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise; tradução de Paulo César de Souza]. "So wird auch oft der beste Weg, um die Deutung eines Traumes zu vervollständigen, darin bestehen, dass man ihn verlässt, um sich dem neuen Traume zu widmen, der das nämliche Material in vielleicht zugänglicherer Form wieder aufnimmt".

55 Hyppolite, J. "Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud", em Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 893 [Tradução de Vera Ribeiro e André Teles].

56 Hyppolite, J. "Comentário falado...", p. 898

57 EstH, p. 272. "Ich verschiebe es auf später mitzuteilen, wie ich die erstere Schwierigkeit bewältigt und was ich aus ihr gelernt habe. Ich gehe zunächst ein, wie ich in der täglichen Praxis gegen das zweite Problem Stellung nahm".

58 EstH, p.272. "Ich musste mir sagen, dass es nicht angeht, eine Neurose im ganzen zur hysterischen zu stempeln, weil

frente ele confessa que não elaborou uma "teoria das neuroses", mas que ao menos poderá acrescentar, "a título de instrução e esclarecimento, as seguintes observações". A partir deste momento ele passa a enumerar seis comentários independentes sobre o assunto e encerra a sessão sem responder categoricamente à questão que ele mesmo havia formulado. Perto do final da *Introdução ao narcisismo*, ele anuncia que "a importância e opacidade da matéria provavelmente justificam o acréscimo de algumas outras sentenças numa seqüência livre [loserer Anordnung]<sup>59</sup>" – são praticamente os mesmos termos que antecipam uma breve interrupção de curso em *A interpretação dos sonhos*: "Quero acrescentar aqui, numa série livre [loserer Anreihung], algumas observações que fiz a propósito da interpretação de sonhos e que talvez orientem o leitor interessado em acompanhar-me a partir do trabalho com seus próprios sonhos<sup>60</sup>".

Esta série de exemplos nos leva a afirmar que, longe de ser arbitrária, a ordem descontínua quer alargar os limites da racionalidade: ela é, acima de tudo, um exercício que busca determinar novos limites em vez de submeter-se aos existentes. Freud procede – falemos com clareza – “metodicamente sem método<sup>61</sup>”, servindo-se de recursos anti-sistemáticos para construir um sistema. A exploração conseqüente e determinada desta forma livre fica visível na construção do artigo *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* - um trabalho surpreendente pela composição desambaraçada de uma teia de retalhos teóricos que ora se articulam de modo apenas parcial, ora encontram-se em franca contradição. Livre da preocupação de amarrar suas partes, a certa altura Freud anuncia sem mais que decidiu romper seu percurso:

Em favor do interesse geral, excedo o contexto desta comunicação e introduzo uma série de fórmulas que tentam progressivamente encerrar a essência dos sintomas histéricos. Elas não contradizem umas às outras, e antes correspondem em parte a concepções mais completas e apuradas, em parte à aplicação de perspectivas distintas<sup>62</sup>.

Temos aqui uma situação extrema, que certamente não serve como modelo para uma

---

aus ihrem Symptomenkomplex einige hysterische Zeichen hervorleuchten".

59 GW X 167. "Die Wichtigkeit und Unübersichtlichkeit des Gegenstandes möge nun die Anfügung von einigen anderen Sätzen in loserer Anordnung rechtfertigen".

60 GW II/III 527. "In loserer Anreihung will ich hier noch einiges vorbringen, was ich über die Deutung der Träume zu bemerken habe, und was vielleicht den Leser orientieren wird, der mich durch Nacharbeit an seinen eigenen Träumen controliren will".

61 Adorno, T.W. "O ensaio como forma", em *Notas de literatura I*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, p. 30. [Tradução de Jorge de Almeida].

62 GW VIII 195-6. "Dem allgemeinen Interesse zuliebe überschreite ich hier den Zusammenhang dieser Mitteilung und füge eine Reihe von Formeln ein, die sich bemühen, das Wesen der hysterischen Symptome fortschreitend zu erschöpfen. Sie widersprechen einander nicht, sondern entsprechen teils vollständigeren und schärferen Fassungen, teils der Anwendung verschiedener Gesichtspunkte".

avaliação de seus métodos como escritor. Mas ela possui a vantagem de tornar manifesto o traço descontínuo e ousado de suas criações teóricas. Pois a prosa de Freud busca, sem renunciar à sua liberdade, um ponto de equilíbrio entre pares opostos: experiência e teoria, enigma e explicação, natureza e cultura, linguagem comum e terminologia exata.

## II. AS CAMADAS DA MEMÓRIA

Treze anos após a publicação dos *Estudos sobre a histeria*, Sigmund Freud e Josef Breuer escrevem separadamente dois textos para o prefácio à segunda edição do livro. Deixaremos nos guiar por estes comentários em que os dois começam a observar seu trabalho a partir de fora -- a exemplo do que fazemos nós, seus leitores futuros. Comparando os textos, tentaremos dizer o que este livro teria representado para cada um e encontrar indicações sobre como ele pode ser lido.

O prefácio de Sigmund Freud incita o leitor a refazer os passos da trabalho apesar de suas limitações, e acrescenta que não poderia atualizar as posições defendidas "sem destruir por inteiro seu caráter". Ele sustenta o seu valor mesmo depois de aderir a novas concepções que as converteram em um episódio da história.

Mesmo hoje, não as observo como erros, mas como valiosas aproximações iniciais rumo a percepções que só foram conquistadas depois de um esforço contínuo e prolongado. O leitor atento poderá encontrar neste livro as sementes de todos os acréscimos posteriores à teoria da catarse (como o papel dos fatores psicosexuais e do infantilismo, o significado dos sonhos e do simbolismo do inconsciente). E para aqueles interessados na evolução desde a catarse até a psicanálise não tenho conselho melhor a não ser começar pelos *Estudos sobre a histeria*, atravessando assim o mesmo caminho que eu percorri<sup>63</sup>.

É natural que o avanço rumo à criação da psicanálise lhe interesse mais do que um resgate integral das teses sobre a histeria. No momento em que revisita os *Estudos* (estamos no verão de 1908), Freud havia publicado dois trabalhos que consideraria fundamentais: *A interpretação dos sonhos* e *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*. Não por acaso, os dois livros estão profundamente ligados ao seu envolvimento com a histeria. Seu olhar agora se volta para as implicações e para as possibilidades abertas pelo livro de 1895, onde descobre as "sementes" de frutos que surgiram depois.

Ele inicia um ano depois, em 1909, um processo radical de revisão dos livros a respeito do sonho e da vida sexual. Tentará acomodar as novas idéias aos textos das primeiras edições, frutos de sua investigação sobre a histeria convertidos em matriz de outros desenvolvimentos. Os dois textos, que antes eram vistos como o resultado de um percurso, tornam-se a origem a

---

63 EstH, p. 26. "Ich betrachte dieselben auch heute nicht als Irrtümer, sondern als schätzenswerte erste Annäherungen an Einsichten, die sich erst nach länger fortgesetzter Bemühung vollständiger gewinnen liessen. Ein aufmerksamer Leser wird von allen späteren Zutaten zur Lehre von Katharsis (wie: die Rolle der psychosexuellen Momente, des Infantilismus, die Bedeutung der Träume und der Symbolik des Unbewussten) die Keime schon in dem vorliegenden Buche auffinden können. Auch weiss ich für jeden, der sich für die Entwicklung der Katharsis zur Psychoanalyse interessiert, keinen besseren Rat als den, mit den "Studien zur Hysterie" zu beginnen und so den Weg zu gehen, den ich selbst zurückgelegt habe".



ser revista e modificada. Mas há um traço que separa os livros sobre o sonho e a sexualidade do livro sobre a histeria. A cada nova edição de *A interpretação dos sonhos* ou dos *Três ensaios*, os acréscimos serão sobrepostos ao texto original, no mais das vezes sem que o autor explicita a data das novas inserções.

Os *Estudos sobre a histeria* terão, ao menos em termos editoriais, um destino diferente. O texto original receberá poucos acréscimos, no mais das vezes acompanhados pela data de cada alteração no texto original. A teoria do sonho e da sexualidade ainda suporta mudanças, mas a teoria da histeria parece intratável, e Freud então transfere para o leitor a tarefa de atravessar o caminho que conduz da origem ao desenvolvimento pleno da psicanálise. Apesar disso todos os casos são dominados por uma atitude comum: o passado atrai porque avança rumo ao presente, antecipa o caminho do conhecimento que se forma mais tarde. As antigas teorias se uniram às idéias do presente e formaram com ela um espaço contínuo; só será possível encontrar a imagem de um passado modificado pelo presente, e por isso não há como recriá-lo na forma original. O livro vale menos por suas realizações do que pelos desenvolvimentos que se seguiram a ele, e para descobrir como foi possível a psicanálise, ele diz, será preciso ao trabalho sobre a histeria. Os equívocos não afastam o leitor deste conhecimento: pelo contrário, será necessário retornar a eles para entender como do erro se fez o acerto. As idéias, portanto, valem mais pelo percurso que descrevem do que pela adequação ou inadequação a conteúdos reais. Ele pede ao leitor que refaça, por sua conta, a descoberta feita por ele -- o que não equivale a pedir que chegue às mesmas conclusões. Freud toma o leitor como um semelhante, o que pode ser notado em dois momentos deste prefácio: primeiro, ao apontar para a origem de suas idéias; segundo, ao aproximar a descoberta da psicanálise da descoberta que é feita durante a leitura.

Josef Breuer fala de uma outra espécie de passado em seu prefácio. Ao tratar do método e das idéias presentes no livro, ele esclarece: "não me ocupei ativamente com o assunto, não participei de seus relevantes desenvolvimentos e não saberia acrescentar nada de novo ao que foi trazido em 1895<sup>64</sup>". Ele quer o texto reimpresso sem alterações, e afasta a idéia de uma conexão entre suas idéias e posteriores desenvolvimentos da psicanálise. As palavras do passado estão encerradas no passado e ali permanecem. Mas o passado ainda não terminou para o seu parceiro, que nos convida a acompanhar mais o movimento de sua argumentação do que seu resultado; valoriza o retorno à origem, o avanço a partir de pequenas aproximações e a

---

64 EstH, 25. "... ich habe mich seit damals mit dem Gegenstande nicht aktive beschäftigt, habe keinen Anteil an sener bedeutsamen Entwicklung und wüsste dem 1895 Gegebenen nichts Neues hinzuzufügen".

perspectiva do leitor. Tudo isso nos diz algo a respeito de Freud como escritor e de sua teoria da histeria.

#### ORIGEM E RETORNO

Nesta obra fundadora, que deu início a tanta coisa, há mobilidade do começo ao fim. Ela manifesta a força de uma descoberta que rompe os próprios limites e antecipa outras que a ultrapassam. Estamos acostumados a tomar o livro como o ponto de partida da série de transformações que irão marcar o pensamento de Freud, mas nem sempre nos intrigam as alterações que se sucedem nele. O processo incessante de revisão das idéias lançadas no texto de abertura nos faz perceber que presenciamos, mais do que a apresentação de uma nova descoberta, uma luta constante para determinar o alcance e a natureza da descoberta realizada. As mutações de sua linguagem podem ser lidas como sinais do esforço repetido para dominar algo que não se deixa descobrir com facilidade. O dinamismo das palavras cria um equilíbrio incerto em que cada explicação abre espaço para o novo material que a transforma, transportando a instabilidade para além do limite físico do corpo em que o sintoma histérico se desloca e transforma: nós a reencontramos nas modificações do método terapêutico e da teoria, que ditam o andamento do livro como se refletissem a instabilidade e a indeterminação dos próprios sintomas.

O impulso para a transformação certamente contribuiu para o desacordo entre os parceiros que assinam o artigo que abre o volume e depois se afastam do ponto de partida comum. A parceria, em sentido estrito, encerra-se ali. Todos os outros capítulos serão assinados apenas por um ou por outro, com eventuais críticas às escolhas do colaborador. Cada um resgata o texto da "Comunicação Preliminar" à sua maneira, valorizando ora o papel da linguagem e do simbolismo (no caso de Freud), ora a dissociação dos estados de consciência e a carga afetiva das idéias traumáticas (no caso de Breuer). Considerado isoladamente, o desentendimento indicaria apenas que os textos reunidos no volume avançam por dois caminhos separados. Mas a divergência não pode explicar o desencontro de cada autor consigo mesmo, as razões que os levaram a modificar seus pontos de vista com tanta profundidade no correr dos anos. Transformação e instabilidade, longe de serem traços negativos, integram-se à investigação: Breuer e Freud não tentam encobrir as lacunas de um trabalho penoso e inconstante, formado numa experiência em que esquemas e suposições foram abandonados ou então retomados depois de modificações extensas. O longo período de elaboração permitiu aos

autores (sobretudo a Freud) transformar gradualmente suas hipóteses e suspeitas, e permite-nos acompanhar a trajetória do livro a partir de duas posições: lemos nos *Estudos sobre a histeria* a história da superação de idéias desacertadas e incipientes, substituídas ao final por uma teoria organizada que irá formar o chão da psicanálise. Mas existe um caminho oposto, no qual a hesitação das primeiras tentativas lentamente irá ceder lugar ao acabamento pleno das idéias. Por ele assistimos à construção da psicanálise a partir do erro, do desacerto e de aproximações sucessivas que fizeram surgir, passo a passo, a teoria organizada.

A "Comunicação Preliminar" oferece os dois percursos. O interesse por esse artigo compacto e nebuloso, que hesita ao definir o alcance real de suas afirmações, talvez resida na liberdade que concede ao leitor para enxergar ali ora uma face positiva, por apresentar o esboço de idéias que amadurecem, ora uma face negativa, por trabalhar com esquemas tateantes e incompletos. Além de organizar as primeiras teses, o artigo insinua as direções seguidas por cada autor nos capítulos restantes. Encontramos ali o esboço de uma teoria geral, construída a partir de algumas histórias clínicas narradas no livro, e no entanto veremos depois esta base ser modificada nas histórias que dão suporte à "Comunicação Preliminar". O desencontro acontece porque os capítulos não estão ordenados cronologicamente. Apesar da separação nítida que o índice propõe entre capítulos teóricos e histórias clínicas, a teoria tem na verdade uma posição intermediária: ela organiza dados iniciais e abre caminho para a sua própria revisão. No ano em que foi redigida a "Comunicação Preliminar" dois entre os cinco tratamentos narrados (os casos de Anna O. e Emmy) estavam concluídos; outros dois estavam em curso (Lucy e Elisabeth) e um ainda não havia começado. Passado e presente se cruzam na apresentação de uma terapia cujo objetivo é justamente libertar os pacientes do peso de lembranças que interferem no corpo e na psique; e o livro, a exemplo da terapia que descreve, também quer resgatar o passado para avançar. No lugar de uma estrutura linear, o leitor encontra o conhecimento inacabado. Ao passar de um capítulo para outro ele circula no tempo, encontra formulações provisórias e passa a conhecer a história conturbada do nascimento do livro, que será constantemente revisitada pelos dois autores.

O movimento de retomada em meio à mobilidade e ao desencontro garante uma certa unidade aos *Estudos sobre a histeria*. "Avançar" significa aqui refazer o percurso a partir de uma nova perspectiva. Como se acompanhassem o exemplo de suas pacientes que "sofrem sobretudo por reminiscências<sup>65</sup>", Breuer e Freud são atentos à história da investigação que

---

65 EstH, p. 31. "...der hysterische leide grössenteils an Reminiszenzen..."

realizam. Na “Comunicação Preliminar” eles reconhecem que explicar a histeria significa encontrar um ponto de origem na história de cada paciente; e se utilizam as teses do passado para moldar a nova teoria, recuperam ainda a história de Anna O. para investigar outras pacientes. Mesmo afastado dos padrões de uma terapia psicanalítica, o relato oferecido por Breuer preserva uma atitude fundamental presente nas histórias clínicas de Freud: o autor se deixa guiar pelo material e quer *escutar e registrar*; ele está mais empenhado em dar voz à sua paciente do que em classificá-la a partir de categorias demarcadas previamente, e por isso organiza uma narrativa permeável a tudo que o paciente tenha a dizer. Orientado por Breuer, o leitor participa da história do tratamento e testemunha as incongruências e os fatos surpreendentes que a terapia catártica pode revelar. Tentarei indicar mais adiante as diferentes maneiras com que Freud procurou organizar este material clínico, mas posso antecipar que em sua primeira história clínica, o caso de Emmy von N., ele segue o exemplo de Breuer ao não medir esforços para registrar tudo o que ela lhe diz: a história de Emmy, assim como os outros capítulos do livro, carrega a sombra de Anna O. No início da narrativa, Freud conta que decidiu “aplicar a ela o procedimento breueriano de investigação sob hipnose, que eu havia conhecido a partir das comunicações de Breuer sobre a história da cura de sua paciente<sup>66</sup>” – isto é, ele retoma um método terapêutico criado no tratamento de Anna O. Pouco antes de encerrar o livro ele retoma a história da moça com um olhar mais crítico: “Anna O., a paciente de Breuer, revela na aparência um adoecimento puramente histérico. Porém este caso tão fecundo para o conhecimento da histeria não foi tomado por seu autor a partir da perspectiva da neurose sexual e hoje não pode ser avaliado a partir dela<sup>67</sup>”. Mesmo após ter superado oficialmente as teses iniciais da “Comunicação Preliminar”, ele se deixa orientar pela história de Anna O. Descreve, no início, o saber que foi conquistado: ao final, acrescenta a descoberta que só pôde surgir após o seu tratamento.

Sobretudo no início do livro, os autores defendem certas teses que o Anna O. parece ilustrar com sabedoria, como se os sintomas da histeria e as descobertas dos investigadores cruzassem sobre uma mesma linha. A história da paciente invade toda a narrativa e avança sobre a teoria que Breuer começa a esboçar. O resultado dessa dissolução de fronteiras é uma estranha correspondência entre as teses de Breuer e as descrições de Anna O. Não há como

---

66 EstH, p. 67. "... so entschloss ich mich, das Breuersche Verfahren der Ausforschung in der Hypnose bei ihr anzuwenden, das ich aus den Mitteilungen Breuers über die Heilungsgeschichte seiner Patientin kannte".

67 EstH, p. 275, "Anna O., die Kranke Breuers, scheint dem zu widersprechen und eine rein hysterische Erkrankung zu erläutern. Allein dieser Fall, der so fruchtbar für die Erkenntnis der Hysterie geworden ist, wurde von seinem Beobachter gar nicht unter den Gesichtspunkt der Sexualneurose gebracht und ist heute einfach für diesen nicht zu verwerten".

deixar de notar que ela explica, à sua maneira, a diferença entre o “estado hipnóide” e a “consciência normal” quando diz possuir “dois eus, um autêntico e outro ruim, que a obriga a fazer maldades<sup>68</sup>”; quando define a terapia de Breuer como uma “*chimney sweeping*” (“limpeza de chaminé”), ela repercute formulações teóricas em mais de uma direção, ao descobrir na linguagem popular uma expressão que substitui a linguagem científica da “Comunicação Preliminar”, marcada pelas referências à dissolução de “afetos não-abreagidos” ou à “eliminação de somas de excitação”. Para além desta substituição, é notável a maneira como ela recria a expressão teórica a partir de uma língua estrangeira – como se quisesse de fato trazer à tona, em um idioma estrangeiro e *isolado* da realidade em que vive, as idéias que foram *isoladas* da consciência normal. Falando em uma língua estrangeira, ela traduz sua experiência para um outro registro; suas falas estão cifradas e escondem um outro conteúdo que aguarda uma *tradução*.

Encontraremos por todo o livro referências a um trabalho de “tradução”, sendo que a palavra não comparece apenas no sentido clínico – ou seja, a busca por um acontecimento intolerável para a consciência que foi isolado e substituído por um sintoma: a teoria psicológica, o método de tratamento e a observação clínica sofrem modificações que estão conectadas entre si e parecem traduzir umas às outras, como se brotassem de um solo comum. Na abertura do ensaio teórico que escreveu sem a companhia de Breuer, Freud volta os olhos para o passado e afirma:

De minha parte, devo ainda dizer que ateno-me ao conteúdo da “Comunicação Preliminar”; no entanto preciso admitir que, nos anos que se passaram desde então, impuseram-se sobre mim novas perspectivas que resultaram em uma ordenação e em uma concepção do material já conhecido que são ao menos parcialmente diferentes...<sup>69</sup>

Este comentário a respeito da “Comunicação Preliminar” descreve também a lei geral que governa o movimento do livro: a nova teoria retoma a teoria do passado para acrescentar novos materiais que a modificam. Freud concilia dois movimentos opostos e simultâneos ao sustentar as teses da “Comunicação Preliminar” e mesmo assim reconhecer que novas descobertas agiram sobre ela e fizeram surgir uma nova concepção. Noutras palavras, percebemos que a mudança está acompanhada pela recuperação do ponto de vista anterior, que

---

68 EstH, p. 45. "... zwei Ichs habe, ihr wirkliches und ein schlechtes, das sie zu Schlimmem zwingt etc."

69 EstH, 271. Ich darf auch für meinen Teil sagen, dass ich am Inhalte der 'Vorläufigen Mitteilung' festhalten kann; jedoch muss ich eingestehen, dass sich mir in den seither verflossenen Jahren - bei unausgesetzter Beschäftigung mit den dort berührten Problemen - neue Gesichtspunkte aufgedrängt haben, die eine wenigstens zum Teil andersartige Gruppierung und Auffassung des damals bekannten Material an Tatsachen zur Folge hatten".

é lançado em uma nova direção e continua a existir sob este novo registro. Ao mesmo tempo em que relata os resultados de seu trabalho ele o observa criticamente e começa a transformá-lo. Na história de Emmy encontramos uma forma rudimentar desse trabalho de auto-observação – mais precisamente na passagem em que Freud reavalia as convicções que o dominavam no ano em que iniciou seu tratamento: “Naquela época encontrava-me sob o fascínio do livro de Bernheim sobre a sugestão, e esperava desta orientação instrutiva muito mais do que poderia esperar hoje<sup>70</sup>”.

## LIGAÇÃO E CORTE

Os pontos de ruptura nos *Estudos sobre a histeria* são muitas vezes apresentados como o desenvolvimento de uma tese anterior. Se tivéssemos que encontrar uma fórmula geral para descrever a mobilidade dos Estudos sobre a histeria, diríamos que o livro conduz para o primeiro plano os temas que formavam o pano de fundo enquanto desloca para o segundo plano os temas que ocupavam a frente do cenário. Ele é mais marcado pelos deslocamentos de ênfase do que pela ruptura de contorno definido. As mudanças de posição a respeito da terapia, por exemplo, são tão abrangentes que ao reuni-las temos a impressão de um rompimento definitivo que faz desaparecer as idéias antigas. Freud escreve, por exemplo, na primeira metade do livro:

Minha terapia acompanhava o passo desta atividade de recordação e buscava dissolver e eliminar, dia após dia, aquilo que cada dia havia trazido para a superfície, até que o estoque disponível de recordações penosas parecesse esgotado<sup>71</sup>.

Mais adiante esta concepção do tratamento é substituída por uma segunda:

Neste caso, a terapia consistiu na pressão que impôs a união dos grupos psíquicos cindidos com a consciência do Eu. Curiosamente, o resultado não foi proporcional ao trabalho efetuado; somente depois que a última peça foi eliminada, a cura surgiu subitamente<sup>72</sup>.

Pouco antes do final do livro a nova definição começa a ceder lugar a outra, anunciada na seguinte passagem:

---

70 EstH, p. 96. "Ich stand damals völlig unter dem Banne des Bernheimschen Buches über die Suggestion und erwartete mehr von solcher lehrhafter Beeinflussung, als ich heute erwarten würde".

71 EstH, p. 96.

72 EstH, p. 143. "Die Therapie bestand hier in dem Zwange, der die Vereinigung der abgespaltenen psychischen Gruppe mit dem Ichbewusstsein durchsetzte. Der Erfolg ging merkwürdigerweise nicht dem Masse der geleisteten Arbeit parallel; erst als das letzte Stück erledigt war, trat plötzliche Heilung ein".

O não-saber das histéricas era na verdade um não-querer-saber – mais ou menos inconsciente – e a tarefa do terapeuta consistia em superar essa *resistência à associação* por meio do trabalho psíquico<sup>73</sup>.

O que primeiro chama a atenção é a distância entre as definições: seria difícil imaginar um fio que as interligasse. A referência ao “estoque de recordações” mostra que a primeira afirmação era orientada por uma concepção quantitativa. O tratamento irá eliminar lembranças dolorosas e carregadas de afeto para alcançar a cura. A segunda passagem não abandona essa primeira posição, mas avança no rumo contrário ao destacar o papel da pressão durante o tratamento e estabelecer como meta a incorporação de lembranças que foram isoladas da consciência. Aqui já é possível notar uma primeira modificação: entra em cena uma concepção dinâmica, comprometida em descrever o choque entre o espaço da consciência e as lembranças que, por alguma razão, foram empurradas para um outro terreno. Apesar de tudo a eliminação permanece como meta da terapia. Por fim, a terceira passagem arrasta claramente o conflito para a frente quando nega a separação entre estados de consciência, ao contrário do que defendia o texto de abertura: o saber e o não-saber convivem, misturados, na consciência de cada paciente. Não deixa de ser irônico que Freud tente, ao final do livro, restabelecer conexões entre passado e presente para compor o sentido de sua teoria -- como se ele também precisasse, ao seu modo, retornar às palavras da "Comunicação Preliminar" para libertar-se delas.

Entre a recordação clara e o esquecimento parcial (ou entre saber e não saber) existe um fio de continuidade que levará Freud a abandonar a oposição entre estados hipnóides e consciência normal defendida pela “Comunicação Preliminar”; porém o abandono não se dá pela substituição direta do conhecimento antigo pelo novo, e sim pela anexação de novas idéias a teses antigas, sem que o limite entre a novidade e as teses iniciais seja demarcado. Neste terceiro trecho o acento se transfere da lembrança dolorosa, que recebia destaque na primeira passagem, e recai sobre a resistência ao trabalho de recordação. Esta resistência é o fator que impede a descoberta da conexão entre o evento passado e o sintoma do presente. Vemos que a tarefa de recuperar a lembrança dolorosa ou traumática não perdeu sua importância, mas a partir deste ponto o foco se altera e a terapia tentará abrir, por meio do trabalho psíquico, o caminho para que a lembrança apareça.

Acredito que esta comparação breve das avaliações que Freud apresenta a respeito de sua terapia nos deixa perceber o caminho que será seguido. Da perspectiva de traço mais linear,

---

73 EstH, p. 286. "Das Nichtwissen der Hysterischen war also eigentlich ein - mehr oder minder bewusstes - Nichtwissenwollen, und die Aufgabe des Theapeuten bestand darin, diesen *Assoziationswiderstand* durch psychische Arbeit zu überwinden".

focalizada na dissolução de um afeto que não foi convertido em ação, irá emergir uma perspectiva dinâmica e maleável, atenta à incorporação da lembrança isolada e ao conflito entre a recordação dolorosa e a consciência que quer recusá-la. Esta mudança está presente na transição entre terapias que o livro descreve: da terapia da dissolução, formada a partir do método catártico de Breuer, para a terapia da concentração, criada depois que Freud recusa o emprego da hipnose; e da terapia da concentração para uma terapia da associação livre, que começa a ser esboçada no final do livro.

O deslocamento de perspectiva exige um outro passo importante, uma vez que a passagem do fato esquecido para o processo de recordação irá exigir uma nova compreensão do ato de narrar. Não se trata apenas de registrar estes fatos, mas também de contar como eles foram recordados. Veremos logo adiante que, já nos *Estudos sobre a histeria*, a narração clínica combina tempos diferentes: a ordem histórica dos fatos que determinam o sintoma está encoberta pela ordem em que cada paciente recorda estes fatos. O narrador precisa reordenar todas as recordações que emergiram durante o tratamento para construir a ordem histórica ou cronológica, que alinha eventos da história de um paciente desde a recordação mais antiga até a mais recente e permite compreender o surgimento dos sintomas desde sua origem. Ele deve contar a história do tratamento - que não se confunde com um resumo, mesmo que preciso, da história pessoal. Apenas na história do tratamento, da qual este narrador participa ao recompor uma outra história a partir das pistas que encontra, será possível notar que o paciente não apenas recorda como também impõe uma certa resistência às recordações; e como sabemos, esta resistência representa para Freud um sinal de que o tratamento se aproxima de um núcleo ou do “chão das coisas”, como ele dirá ao final de uma de suas narrativas. A ordem histórica ou cronológica é alcançada por uma via indireta, que parte da descrição do tratamento. Seria útil resgatar aqui a distinção feita por Walter Schönau e afirmar ao seu lado que as histórias clínicas de Freud são narrações [*Erzählungen*] e não relatos [*Berichte*]<sup>74</sup>. A articulação entre tempos distintos é um entre os vários elementos que nos impede de reduzir as investigações clínicas de Freud a relatos. Ao menos por enquanto, basta frisar que o conceito de resistência depende de um certo modo de narração que irá amuderecer na passagem de uma narrativa para outra.

Minha intenção será indicar nas próximas páginas por quais caminhos o texto dos *Estudos sobre a histeria* soube criar formas para esta mobilidade. A todo instante podemos notar que as transformações do tratamento, da teoria psicológica e da observação clínica estão

---

74 Schönau, *Sigmund Freuds Prosa*, p.210



ancoradas na mobilidade da prosa de Freud. Podemos recuperar aqui a sentença de um homem da literatura como Walter Muschg: "A linguagem de Freud é capaz de grandes transformações, alcançando desde a conceituação mais sólida até a doce amenidade com que conduz as idéias; no entanto ela encarna um estilo inteiramente intelectual<sup>75</sup>". Reencontramos no trabalho de Freud como escritor o mesmo poder de transformação que o conduz do método catártico e da hipnose para a invenção da psicanálise. Ainda que seu estilo intelectual não abandone a tarefa de explicar, ele não se afasta dos fenômenos transitórios e surpreendentes da histeria. Ao contrário: sua confiança parece crescer o quanto mais ele incorpora o poder transformador da histeria às explicações que encontra para ela. A mobilidade dos sintomas histéricos - "móveis a um tal ponto que refutam de antemão qualquer hipótese de uma lesão material<sup>76</sup>", desrespeitando as fronteiras demarcadas pela anatomia - se entrelaça com a mobilidade da palavra, capaz de devolver uma imagem inconstante, e por isso mesmo mais exata, do seu alvo.

#### A "COMUNICAÇÃO PRELIMINAR"

Feitas estas observações preliminares, seguiremos para a "Comunicação Preliminar". Para acompanhar a série de transformações colocadas em movimento pelo livro, vamos retornar ao ponto de origem - o trecho de abertura - e retomá-lo por inteiro. A "Comunicação Preliminar", a exemplo do primeiro capítulo de *A interpretação dos sonhos*, é vista muitas vezes como um momento negativo da reflexão de Freud ou, pelo menos um momento exterior à sua autêntica reflexão. Vamos começar por ouvir este trecho para ver o que ele vem nos dizer:

Incitados por uma observação acidental, desde alguns anos procuramos nas formas e nos sintomas mais variados de histeria pela causa precipitadora, pelo evento que fez surgir o fenômeno referido pela primeira vez, com freqüência vários anos antes. Na grande maioria dos casos não se consegue restabelecer esse ponto de partida através do exame clínico, mesmo que detalhado; em parte por tratar-se muitas vezes de experiências cuja comunicação traz desconforto aos pacientes, mas sobretudo porque eles realmente não o recordam, e muitas vezes não suspeitam da conexão causal entre o evento precipitador e o fenômeno patológico. Na maior parte das vezes é necessário hipnotizar os pacientes e despertar na hipnose as lembranças da época em que o sintoma apareceu pela primeira vez, e então se consegue expor aquela conexão da maneira mais clara e persuasiva<sup>77</sup>.

---

75 Muschg, *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, p.312

76 GW, Nachtragsband, p. 90.

77 EstH, p. 27. "Angeregt durch eine zufällige Beobachtung forschen wir seit einer Reihe von Jahren bei den verschiedensten Formen und Symptomen der Hysterie nach der Veranlassung, dem Vorgange, welcher das betreffende Phänomen zum ersten Male, oft vor vielen Jahren, hervorgerufen hat. In der grossen Mehrzahl der Fälle gelingt es nicht, durch das einfache, wenn auch noch so eingehende Krankenexamen, diesen Ausgangspunkt darzustellen, teilweise, weil es sich oft um Erlebnisse handelt, deren Besprechung den Kranken unangenehm ist, hauptsächlich aber, weil sie sich wirklich nicht daran erinnern, oft den ursächlichen Zusammenhang des veranlassenden Vorganges und des pathologischen Phänomens nicht ahnen. Meistens ist es nötig, die Kranken zu hypnotisieren und in der Hypnose die

Cabe notar que a noção de origem surge como ponto de atração que organiza os elementos adicionais do texto, incluindo a posição que os autores ocupam dentro da investigação. Toda a atenção se concentra na recuperação de um evento antigo, que foi registrado pela memória e ainda preserva sua força; os anos se passaram e, mesmo esquecido, ele continua presente, atuando como causa secreta de um sintoma. Há uma cadeia que conduz do evento causador ao sintoma manifestado pelo paciente. Esse evento primeiro é tratado como *o ponto de partida, a origem* do sintoma. Entre o ponto de partida e o ponto final foi perdida também uma conexão que a terapia irá reencontrar. Trata-se assim de descobrir na história do paciente uma origem – ou então, encontrar o “evento que fez surgir o fenômeno referido pela primeira vez, com frequência vários anos antes”. O paciente não recorda esse fato passado, mas ele é o causador do sintoma histérico. Para reencontrar a origem os autores se voltam para a história do paciente; mas, curiosamente, nessa primeira frase eles se voltam também para a história do livro. O passar dos anos, que deixa marcas no paciente histérico, não poupa os dois médicos que prontamente revelam o ponto de partida de seu estudo: “Incitados por uma *observação acidental*”, eles procuram “*desde alguns anos*” pelo evento que desencadeou o sintoma do paciente; trata-se de um evento que ocorreu no passado, “com frequência *vários anos antes*”. São dois percursos que conduzem ao passado. Os temas da origem e da memória, presentes na formação do sintoma histérico, farão parte das teorias e das descrições clínicas de Breuer e Freud. Em poucas linhas vemos multiplicar-se os termos que evocam a idéia de origem: “desde alguns anos”, “pela primeira vez”, “vários anos antes”, “ponto de partida”, “primeira vez”. Ao marcar a origem de seu interesse, formado a partir de uma observação casual, os autores criam uma ponte entre os fenômenos da histeria e o estudo da histeria. No texto da “Comunicação Preliminar”, a descoberta dessa origem ficará associada à *luz* e à *explicação*, como vemos ainda nas primeiras páginas do artigo:

Descobrimos... que cada sintoma histérico desaparecia prontamente e sem retorno quando se conseguia *despertar* a lembrança do evento precipitador com *claridade plena*, *suscitando* também o afeto que a acompanhava... O processo psíquico transcorrido na origem deve ser repetido com toda a vivacidade possível, trazido *in statu nascendi* e depois “colocado em palavras”.

Com frequência a conexão *é tão clara* que torna-se inteiramente visível como o evento causador gerou este fenômeno e não qualquer outro. Ele fica então determinado pela *causação de maneira plenamente clara*<sup>78</sup>.

---

Erinnerungen jener Zeit, wo das Symptom zum ersten Male auftrat, wachzurufen; dann gelingt es, jenen Zusammenhang aufs deutlichste und überzeugendste darzulegen”.

78 EstH, p. 30: “Wir fanden... dass die einzelnen hysterischen Symptome sogleich und ohne Wiederkehr verschwanden,

A proximidade entre luz, cura e explicação resistirá até o final do livro e recebe ainda uma marca leve de ironia, como se pode notar neste trecho de um dos casos clínicos de Freud:

Com esta peça final do ataque a claridade havia retornado, os incômodos desapareceram como que por uma mágica - até o ataque seguinte, meio dia depois<sup>79</sup>.

Para fixar a importância da origem a “Comunicação Preliminar” mobiliza um vocabulário da criação que está infiltrado tanto na explicação da histeria quanto na descrição do tratamento. Mesmo insistindo em supor uma origem, um *evento precipitador*, Breuer e Freud na verdade visam antes um *núcleo originário*: o evento traumático descoberto pela terapia passa a ser, depois de uma nova revelação do paciente, o efeito direto de um outro evento mais antigo; ou então, o evento traumático era apenas um trauma parcial que formou ao lado de outras lembranças dolorosas o ponto de partida ou a origem do sintoma. Apesar da série de variações que verificam no tratamento da histeria, os autores tomam a idéia do núcleo originário como ponto de apoio para a investigação -- e, como veremos, para a narração das histórias clínicas. O ritmo truncado do trecho pode ser atribuído ao esforço para descrever o momento da criação do sintoma, que já aparece sob várias formas no primeiro parágrafo: “fez surgir”, “despertar na hipnose”, “apareceu pela primeira vez”, “da maneira mais clara”. O uso de expressões que se aproximam da idéia de origem adquire um peso quase simbólico, que parece traduzir uma separação entre o caos das teorias médicas sobre a histeria e o ponto de luz encontrado pelos autores no momento de sua primeira descoberta.

No entanto é preciso ter cautela ao destacar o peso simbólico desse vocabulário. É possível imaginar que a recorrência de certos verbos, como “despertar” [*erwecken*], “suscitar” [*wachrufen*], “evocar” [*hervorrufen*] ou “desaparecer” [*verschwinden*] estivesse ligada ao emprego constante da hipnose e da sugestão hipnótica pelos dois autores na década de 1880. Na hipnose, os sentimentos mais intensos emergiam com violência e desapareciam logo em seguida; cabia ao hipnotizador “despertar” certas recordações e também “despertar” o paciente do sono hipnótico e trazê-lo novamente para a vigília. Mesmo depois de afastar-se da hipnose,

---

wenn es gelungen war, die Erinnerung an den veranlassenden Vorgang zu voller Helligkeit zu erwecken, damit auch den begleitenden Affekt wachzurufen... der psychische Prozess, der ursprünglich abgelaufen war, muss so lebhaft als möglich wiederholt, in statum nascendi gebracht und dann 'ausgesprochen' werden"; EstH, p. 28: "Oft ist der Zusammenhang so klar, dass es *vollständig ersichtlich* ist, wieso der veranlassende Vorfall eben dieses und kein anderes Phänomen erzeugt hat. Diese ist dann durch die Veranlassung *in völlig klarer Weise* determiniert".

79 EstH, p. 198. Mit diesen letzten Stücken des Anfalles *war die Klarheit wieder da*, die Beschwerden *verschwanden wie durch Zauber* – bis zum nächsten Anfälle, einen halben Tag später.

Freud preserva esse vocabulário. Porém a construção é gradual e dentro dela podemos enxergar espaços que permanecem vazios. É preciso recordar o contexto em que surgiu a “Comunicação Preliminar”, que foi redigida para uma publicação especializada: Breuer e Freud precisavam convencer a sociedade médica vienense de que suas teses a respeito da histeria mereciam crédito – isto é, que elas eram o resultado de uma pesquisa confiável, apesar de sua natureza surpreendente e pouco convencional. Era indispensável indicar que tais teses não se referiam ao estudo de um único caso ou de um grupo limitado de terapias. Como homens de ciência, eles reafirmam a base ampla de suas observações e destacam o caráter limitado e provisório das afirmações: o título do artigo já indica a natureza transitória de suas conclusões.

Ao lado da atenção que concede ao problema da origem, a abertura do artigo manifesta essa preocupação em estabelecer proporções. Em menos de meia página acumulam-se expressões como: “com freqüência”, “na grande maioria das vezes”, “em parte... mas sobretudo”, “muitas vezes” (em duas passagens), “na maior parte das vezes”. São advertências reunidas no princípio de um texto que expõe conclusões apenas parciais. A abertura da “Comunicação Preliminar” provoca realmente uma certa estranheza ao abrir vários caminhos de um só golpe. Seria injusto querer atribuir a Breuer a responsabilidade pela falta de precisão do texto; ela se deve muito mais à cautela dos autores. Para indicar que Freud, a exemplo de Breuer, também investigava a histeria com cautela e hesitação, basta recuperar algumas passagens do verbete “Histeria”, redigido por ele em 1888 para um dicionário médico:

O doente histérico lida com uma sobrecarga de excitação no sistema nervoso que se manifesta *ora como inibição, ora como excitação* e se desloca com grande liberdade pelo sistema nervoso.

As zonas histerógenas *ora são* numerosas, *ora são* esparsas, laterais *ou* bilaterais.

São *frequêntes* as perturbações de acomodação e as inferências incorretas a partir delas. A visão de objetos é *duplicada ou multiplicada* em números maiores. A surdez histérica *raramente* é bilateral, ela pode ser *mais ou menos* completa quando há anestesia do músculo auditivo... Nas perturbações histéricas gustativas e olfativas *em regra* é possível encontrar uma anestesia<sup>80</sup>.

O mesmo gênero de descrição aberta sevirá para o método terapêutico e para a narração do tratamento nos *Estudos sobre a histeria*, seja na “Comunicação Preliminar” ou nos capítulos seguintes:

Uma paciente vivenciou com nitidez alucinatória, *em parte* sob hipnose, *em parte* em ataques espontâneos, todos os acontecimentos de uma psicose histérica transcorrida há dez anos<sup>81</sup>...”.

80 GW, Nachtragsband, 82; 75; 77

81 EstH, p. 33: "Eine Kranke durchlebte teils in der Hypnose, teils in spontanen Anfällen mit halluzinatorischer

No curso da análise eu seguia *ora* suas oscilações espontâneas de humor, *ora* minha apreciação, quando considerava que uma parcela de sua história não havia sido suficientemente esgotada<sup>82</sup>.

Era toda uma série de sensações e idéias que corriam paralelamente, nas quais *ora* a sensação despertava a idéia como a sua explicação, *ora* a idéia criava a sensação através da simbolização, e não raro permanecia indecيدido qual entre os dois havia sido o elemento primário<sup>83</sup>.

Em todas as análises difíceis recorreremos repetidamente, na verdade sem interrupção, a este procedimento (a pressão sobre a testa), que *ora* aponta o caminho a seguir quando se interrompem as conexões que o paciente faz em plena vigília, *ora* chama a atenção para conexões que foram esquecidas<sup>84</sup>.

A hesitação que marca a “Comunicação Preliminar” e outros trabalhos do período revela o zelo do cientista que reconhece o poder de transformação dos fenômenos que examina. Mas indica também que Freud se desloca com grande liberdade ao elaborar suas teses, como se houvesse se apropriado dessa natureza transitória dos sintomas histéricos. O sintoma não tem morada fixa, aparece ou desaparece sem aviso e varia de intensidade: ao seu modo, ele é “hesitante”. Alguém que quisesse acompanhar seu movimento não deixaria de registrar todas as variações e acolhê-las em sua explicação. Como vimos, o artigo de Freud e Breuer ocupa uma posição intermediária na história do livro, elaborando o conhecimento do passado e antecipando as modificações que irão surgir. Mas a transformação de suas teses sobre a histeria depende dessa hesitação que abre dentro do texto o caminho para um novo material. O espaço aberto que existe na afirmação incompleta ou parcial de uma tese irá permitir as modificações teóricas que se sucedem no livro. São afirmações maleáveis que incorporam a possibilidade de sua alteração, deixando de ser pontos de sustentação da teoria para tornar-se pontos sucessivos que descrevem uma trajetória.

Podemos retomar agora as indicações que encontramos nas frases de abertura da “Comunicação Preliminar” a propósito da linguagem e do estilo dos Estudos sobre a histeria. Ali foi possível detectar *a)* um movimento de recuo para o passado, destacado pelas diversas referências a uma “origem” ou a um “ponto de partida”, acompanhado por um movimento

Deutlichkeit alle Ereignisse einer vor 10 Jahren durchgemachten hysterischen Psychose, für welche sie (...) grössteils amnetisch war".

82 EstH, p. 168: "Im Laufe der Analyse folgte ich bald den spontanen Schwankungen ihres Befindens, bald meiner Schätzung, wo ich ein Stück ihrer Leidensgeschichte noch nicht genügend erschöpft meinte".

83 EstH, p. 201. "Es war eine ganze Reihe von parallelaufenden Sensationen und Vorstellungen, in welcher bald die Sensation die Vorstellung als Deutung erweckt, bald die Vorstellung durch Symbolisierung die Sensation geschaffen hatte, und nicht selten musste es zweifelhaft bleiben, welches der beiden Elemente das primäre gewesen war".

84 EstH, p. 288. "In jeder komplizierten Analyse arbeitet man wiederholt, ja eigentlich fortwährend, mit Hilfe dieser Prozedur (des Druckes auf die Stirn) welche bald von dort aus, wo die wachen Zurückführungen des patienten abrechnen, den weiteren Weg über bekannt gebliebene Erinnerungen anzeigt, bald auf Zusammenhänge aufmerksam macht, die in Vergessenheit geraten sind..."

simultâneo dos autores que retomam a origem de sua própria investigação; *b*) a busca pela conexão perdida entre o momento atual e a origem passada (ou, nos termos de Breuer e Freud, entre “o evento precipitador e o fenômeno patológico”); *c*) construção do argumento a partir de uma série de aproximações que denunciam a desconfiança e a hesitação dos autores diante da natureza incerta dos fatos que observam. Por isso eles se limitam estabelecer proporções, marcadas por expressões como “em parte”, “na maioria das vezes” ou “freqüentemente”.

#### APROXIMAÇÕES

Mais do que trabalhar com definições, a linguagem aberta que Freud fabrica para aproximar-se da histeria movimenta-se ao redor de definições; como este conhecimento é aproximado, ele resiste também à sistematização. A forma incerta traz a vantagem de tornar palpável o que há de incerto na própria histeria, mas carrega a evidente desvantagem da indefinição. Essa limitação é compensada em grande parte pela distância crítica que Freud mantém perante os seus próprios argumentos, resgatando a face inacabada do texto para fazer emergir nele o que havia sido esboçado ou insinuado. Ao estabelecer limites para as intenções do artigo, a “Comunicação Preliminar” abre caminho para essa recuperação. Em seu encerramento, Breuer e Freud anunciam que tangenciaram a etiologia da histeria e conseguiram somente “lançar alguma luz sobre as causas das formas adquiridas e sobre o significado do momento acidental<sup>85</sup>”. Com esta restrição eles parecem antecipar que muita coisa ainda está por vir. O alcance limitado da primeira abordagem exige a elaboração de primeiras aproximações que criam o espaço para novas tentativas. Mas as incertezas deixadas na “Comunicação Preliminar” também anunciam o conhecimento a ser construído. Podemos perceber a importância deste comentário final ao lembrar que será precisamente a tese da etiologia sexual da histeria irá marcar o afastamento entre os dois. Da fórmula tão famosa do artigo – “os histéricos sofrem *predominantemente* de reminiscências” – a história da psicanálise acostumou-se a eliminar o advérbio restritivo, apagando a incerteza e a proporção que a frase estabelece entre aquilo que os autores observaram e aquilo que não puderam observar, mas preservam como alvo de sua suspeita.

Diante das incertezas e gradações, o leitor está autorizado a valorizar certos sinais e desconsiderar outros que não despertam seu interesse. Ele pode conceder destaque a um ponto

---

85 EstH, p. 41. "Wir haben die Ätiologie der Hysterie nur gestreift und eigentlich nur die Ursachen der akquirierten Formen, die Bedeutung des akzidentellen Momentes für die Neurose beleuchten können".

duvidoso, tomá-lo como o centro da questão, ou deixar que ele passe despercebido enquanto sua atenção se fixa na face mais visível do texto. São tantos os trajetos possíveis dentro da obra que essa constatação geral torna-se vazia se não toma algum ponto de partida; talvez uma consideração tão genérica sobre as transformações da leitura não tenha muita utilidade, seja para a obra de Freud ou de qualquer outro autor. Mas acredito que ela começa a ser útil para a leitura dos *Estudos sobre a histeria* quando notamos que Freud obedece a este compasso de instabilidade: o novo rumo da teoria não brota do surgimento repentino de uma nova observação, e sim do resgate de idéias anteriores que *adquirem uma nova proporção* - e aqui encontramos a importância real das gradações que ele insere no texto com locuções como "muitas vezes", "provavelmente" ou "com frequência", termos capazes de adicionar uma margem de incerteza a cada afirmação feita. A gradação atua dentro do texto como uma das condições para que o livro avance por cima de sua própria história. A noção de conflito, que era secundária na "Comunicação Preliminar" passa a ser decisiva em "Sobre a psicoterapia da histeria"; o estado hipnóide deixa de ser a condição fundamental do adoecimento histérico e passa a ser visto como um produto secundário em casos de histeria, fobia e neurose obsessiva. Sua presença era antes o traço distintivo da histeria, mas torna-se depois um evento entre outros, que tanto pode surgir como se ausentar.

Recorrendo a uma divisão um pouco artificial, diremos que os capítulos iniciais dos *Estudos sobre a histeria* representam o primeiro momento da investigação, marcado por três convicções fundamentais: a hipótese dos estados hipnóides, o método catártico (ou hipnótico) e a tese do isolamento de idéias e afetos que não foram eliminados no tempo correto, causando uma espécie de sobrecarga psíquica que depois irá produzir o sintoma histérico. Neste quadro inicial a tarefa da terapia consiste em restituir o acesso a idéias e sentimentos que foram aprisionados, criando uma via para a eliminação adequada. Entre a observação clínica e a hipótese teórica há uma correspondência direta: o sintoma histérico, marcado pela intensidade excessiva ou por estranheza em relação aos outros fatos da vida consciente, deriva de uma circulação inadequada da excitação no sistema nervoso, provocada por uma alteração do estado normal da consciência. Tanto no plano terapêutico quanto no plano da teoria psicológica, Freud e Breuer encontram uma situação de desequilíbrio em que uma "segunda consciência" ou uma carga excessiva de excitação invade a inervação corporal e pode dominar momentaneamente a consciência normal. Sabemos que na época em que redigiu a história de Emmy ele demonstrava certa desconfiança com relação à hipnose. Suas incertezas quanto à eficiência do método terapêutico são nítidas, mas as oscilações do próprio texto nos leva a crer que o modelo da

abreação e a teoria dos estados hipnóides já não fossem alvos indiretos de sua crítica. Durante uma das primeiras sessões, a paciente conversa com Freud enquanto ele lhe aplica uma massagem (é preciso lembrar que a hipnose era um dos recursos para o tratamento, ao lado de dietas, hidroterapia, eletroterapia, entre outras opções). Freud irá descrever a conversa entre os dois.

A conversa que ela mantém comigo durante a massagem não é tão desinteressada quanto parece; na verdade ela contém a reprodução razoavelmente completa de lembranças e novas impressões que influenciaram-na depois de nossa conversa passada, e desemboca inesperadamente em reminiscências patógenas que ela libera sem ser pressionada. É como se ela houvesse se apropriado do meu procedimento e utilizasse a conversa aparentemente despreocupada e guiada pelo acaso como um complemento à hipnose<sup>86</sup>.

Emmy não tinha a intenção de lembrar seu passado, e no entanto as recordações apareceram sem que fosse possível contê-las. Tratava-se neste caso do episódio em que uma prima sua foi obrigada a extrair todos os dentes em uma única consulta, e Emmy reagiu com horror no momento em que surgiu a lembrança. A conversa despreocupada tomou subitamente esse rumo, antecipando em um diálogo comum os pensamentos que deveriam aparecer quando ela estivesse hipnotizada, como pensamentos isolados e inacessíveis à consciência normal. O que deveria ocorrer apenas durante a hipnose surgiu de modo espontâneo, sem que a paciente fosse hipnotizada. Vemos que Emmy conseguiu refutar, sem que soubesse, uma tese da "Comunicação Preliminar" ao trazer para uma conversa sem qualquer pretensão a lembrança dolorosa que supostamente deveria pertencer a uma "segunda condição" ou a um estado alterado de consciência que não forma associações com a consciência normal. Poucos dias depois, Freud a hipnotiza e faz uma série de perguntas que a deixam inquieta e confusa. Ao final do dia, Freud faz o seguinte registro sobre a sessão: "Ela disse, bastante contrariada, que não devo perguntar a todo momento de onde vem isso ou aquilo, e sim deixá-la contar aquilo que tem para me dizer<sup>87</sup>". Mesmo sob hipnose, ela parece estar à frente do seu terapeuta, indicando-lhe o caminho a ser seguido.

O primeiro comentário de Emmy, inócuo na aparência, abre caminho para uma peça importante de sua história, e Freud sabe acompanhar os seus passos: ele apresenta a fala da paciente como algo sem importância e segue utilizando largamente a hipnose e a sugestão

---

86 EstH, p. 74. "Auch das Gespräch, das sie während des Massierens mit mir führt, ist nicht so absichtslos, wie es den Anschein hat; es enthält vielmehr die ziemlich vollständige Reproduktion der Erinnerungen und neue Eindrücke, die sie seit unserem letzten Gespräche beeinflusst haben, und läuft oft ganz unerwartet auf pathogene Reminiszenzen aus, die sie sich unaufgefordert abspricht. Es ist, als hätte sie sich mein Verfahren zu eigen gemacht und benutzte die anscheinend ungezwungene und vom Zufalle geleitete Konversation zur Ergänzung der Hypnose".

87 EstH, 81. "Nun sagte sie recht mürrisch, ich solle nicht immer fragen, woher das und jenes komme, sondern sie erzählen lassen, was sie mir zu sagen habe".



hipnótica até o final do tratamento. Emmy teria oferecido apenas um complemento à sessão de hipnose quando recordou, inteiramente desperta, a história da prima. Se tomarmos em conta a evolução e o resultado final da terapia de Emmy, veremos que esse breve afastamento da hipnose não chega a ser relevante. Mas nessa passagem já é possível enxergar com nitidez o jogo de perspectivas que descrevemos há pouco. As grandes mudanças que movimentam o livro não são tão grandes no começo: são anunciadas de maneira discreta, como se habitassem o subterrâneo do texto antes de adquirir a força e o alargamento que as empurram para a superfície. A terapia da associação livre (“psicanalítica” no sentido estrito), está esboçada em um tratamento por hipnose, centrado somente na dissolução do sintoma; no momento em que vigora a convicção de que as idéias traumáticas permanecem isoladas em um estado de consciência alterada, elas penetram sem impedimento na consciência de Emmy. A associação que ela cria entre as amenidades que comenta com Freud durante a massagem e o fato terrível do passado não merece destaque no texto. Freud não parece dar importância alguma ao ocorrido e registra o incidente como uma exceção à regra. Neste momento a associação livre preenche o fundo e depois vai tornar-se figura; a hipnose ocupa a linha de frente, mas logo irá recuar para o segundo plano.

#### RESTOS, TRAÇOS, REMINISCÊNCIAS

O rumo da investigação impõe a certas palavras uma variação incomum de sentido e intensidade. Não falamos aqui da substituição de um primeiro vocabulário, calcado na terapia catártica, por um outro autenticamente “freudiano” ou psicanalítico, uma vez que essa transição não chega a se consumir nos *Estudos*. No limite poderíamos falar em uma substituição parcial de um vocabulário da dissolução, mais presente na primeira metade do livro, por um vocabulário do conflito, que receberá maior destaque nos capítulos finais. Mas não é esta a variação que pretendo comentar a partir de agora. Ao lado desse deslocamento das atenções de um conjunto de palavras para outro encontramos palavras que incorporam, durante a investigação, valores e significados que não possuíam de início. Podemos tomar como exemplo o valor atribuído à hipnose no momento inicial do livro: a “Comunicação Preliminar” não questiona seu valor terapêutico, mas notamos que ela começa a ser descartada com muita discrição ainda durante o tratamento de Emmy – e portanto antes que a “Comunicação Preliminar” fosse redigida. Freud não deixa de observar, ainda nas primeiras semanas do

tratamento, que “a importância das conversas que antecedem a hipnose cresce cada vez mais<sup>88</sup>”. Será uma superação lenta: ele começa a abandonar a hipnose enquanto ainda a utiliza no tratamento, mas, depois de abandoná-la, passa a servir-se dela como o modelo para a sua terapia da concentração. Existem bons motivos para se enxergar nesta transição uma ruptura nítida, como costumam fazer os manuais de história da psicanálise, mas não faria nenhum mal recordar o laço de continuidade entre uma e outra. Será a partir de um episódio que presenciou durante uma demonstração de Bernheim, seu mestre na técnica da hipnose, que Freud irá compor sua terapia da concentração, como ele mesmo recorda ao narrar a história de Lucy:

Socorreu-me, nesta dificuldade, lembrar que eu vira o próprio Bernheim provar que as lembranças do sonambulismo são esquecidas apenas aparentemente no estado de vigília. Após despertar a paciente, ele exigiu saber o que lhe havia pedido (...). Como resposta ela disse, surpreendida, que não sabia nada, no entanto ele não cedeu. (...) colocou a mão sob a sua testa (...) e ela lhe contou tudo o que supostamente não soubera durante a vigília<sup>89</sup>.

Aqui não podemos deixar de reconhecer a sobrevida conquistada pela *sugestão*. Não se trata mais, é claro, da sugestão hipnótica, e sim de uma forma branda de sugestão, comunicada a um paciente que, apesar de permanecer acordado, encontra-se em um estado similar à hipnose. Na técnica da concentração o terapeuta pressiona a testa do paciente e lhe passa uma instrução, um comando direto a respeito da lembrança que deve surgir: “Agora você verá alguma coisa que está ligada diretamente à origem de seu estado<sup>90</sup>”. A técnica hipnótica cede seu espaço para uma outra, não-hipnótica, mas preserva-se o mesmo objetivo: criar um estado alterado de consciência em que seja possível resgatar recordações intoleráveis que devem ser abreagidas. A técnica da concentração equivale, nas palavras do próprio Freud, a uma “hipnose fortalecida provisoriamente<sup>91</sup>” que mais contorna a do que supera a terapia catártica. Em resumo, o abandono da hipnose não representa nem o acesso a uma técnica absolutamente nova e nem um regresso ao *statu quo ante*. Para que a hipnose se tornasse o modelo de uma outra terapia era necessário que ela fosse conduzida ao seu limite real, e o mérito de Freud consistiu em enxergar, a partir da hipnose, a trilha que conduziria à sua dissolução.

Pouco antes de alcançarmos os resultados que acabamos de apresentar, havíamos observado que as transformações costumam ser lentas nos *Estudos*. Agora podemos acrescentar que elas estão sempre associadas umas às outras e não surgem isoladamente. A recusa da

---

88 EstH, p. 83. "Das Aussprechen vor der Hypnose gewinnt immer mehr an Bedeutung".

89 EstH, p. 128-9

90 EstH, p.209-10

91 EstH, 287. "eine momentan verstärkte Hypnose".

hipnose não é uma alteração pontual da terapia que se possa isolar das concepções gerais que, ao menos na aparência, a sustentam. O livro abriga na verdade várias investigações entrelaçadas que transformam umas às outras, e a substituição da hipnose irá ecoar para muito além da esfera da terapia – o que constatamos sem muita dificuldade ao notar, por exemplo, que o significado da memória irá se alargar depois que Freud deixa de ocultar sua desconfiança quanto a eficácia real da hipnose. E aqui começaremos a perceber que as modificações teóricas são acompanhadas pelo deslocamento do sentido das palavras.

A consideração dos rumos da terapia nos afastou da intenção de comentar o estilo e a composição do livro, mas acredito que o sentido verdadeiro do comentário depende de desvios como esse. Investigar a linguagem no terreno movediço dos *Estudos sobre a histeria* sem amparar-se em questões concretas é um trabalho inviável, que corre o risco de encobrir as reais preocupações de Freud e o fato irrecusável que emerge de seus escritos: neles a força da linguagem está colocada a serviço de um projeto, e atinge mais diretamente seu leitor o quanto mais se revela capaz de realizar uma idéia.

O exemplo da hipnose possui a desvantagem de não revelar, em sentido estrito, a variação do significado de uma palavra. No entanto ele nos indicou que a hipnose sobrevive no texto ao adquirir uma nova condição na segunda metade do livro. Tomemos agora outro exemplo, este sim ligado explicitamente à linguagem do texto: trata-se do substantivo “reminiscência” [*Reminiszenz*], que encontramos diversas vezes nos capítulos assinados por Freud e também nos textos de Breuer. Não farei um exercício terminológico para delimitar o sentido “técnico” da palavra, que a meu ver designa a atividade de recordação, ao lado das palavras “lembrança” [*Erinnerung*] e “resto” [*Rest*]. A presença da palavra não deve causar surpresa alguma, uma vez que o valor da memória é destacado logo cedo, na fórmula clássica segundo a qual as reminiscências são a causa predominante do sofrimento dos histéricos. Interessa-nos o fato de que a palavra não terá ao final do livro o valor central das primeiras incursões. Ao voltar os olhos para a fase inicial da investigação percebemos que a terapia catártica aplicada por Breuer e Freud obedecem a uma mecânica bastante simples: o sofrimento causado por certas recordações obriga a consciência a apartá-las em um espaço fechado, separado daquelas lembranças que podem chegar à consciência sem causar transtorno. A hipnose provoca uma alteração na consciência e permite o acesso à lembrança dolorosa a ser eliminada (abreagida) a seguir. A referência ao “corpo estranho” mostra que a terapia visa eliminar uma obstrução que impede o bom funcionamento do sistema nervoso. Corrigido o desvio, a consciência retoma suas funções normais sem maior prejuízo, pois o elemento

eliminado ou abreagido era apenas um *resto* de memória que não realizou o percurso comum de toda recordação. Não será por acaso que um dos sinônimos para a “reminiscência” será “resquício” ou “resto” [*Rest*]: a lembrança aparece neste contexto como um elemento “remanescente”, deixado para trás como uma moeda caída do bolso, e a tarefa da terapia consiste em devolver as lembranças ao lugar devido. Esta condição secundária da recordação pode ser verificada em algumas momentos da primeira metade do livro:

Depois de algumas semanas também estavam superadas as *reminiscências*, e por mais algum tempo a senhora Emmy permaneceu com saúde plena sob a minha supervisão.

Percebi que ela estava presa à *reminiscência* de uma seção de hipnose no sanatório, e ela se acalmou quando eu a trouxe de volta à situação presente<sup>92</sup>.

O mesmo papel fica reservado para a palavra “resto” [*Rest*]:

Este equilíbrio é muito instável em outros casos, o ataque emerge como manifestação de um *resto* da consciência hipnóide sempre que a pessoa normal estiver esgotada e incapacitada.

Ela fala novamente sobre o marido, e agora percebo que ela [Emmy] sofria pelos *restos* que foram retidos desta história... Depois das palavras tranquilizadoras que acrescento à sua história, ela diz que se sente aliviada.

Tive que lutar por mais tempo contra os estados denominados por ela como “tempestade na cabeça” do que contra os *restos* destas experiências<sup>93</sup>.

Os dois primeiros trechos, nos quais aparece a “reminiscência”, diferenciam o momento da recordação e um momento posterior em que a paciente recuperou a “saúde plena” ou então “se acalmou”. São transições que descrevem, no interior de uma frase, o percurso do arco reflexo – a lembrança traumática, vinculada a uma soma de excitação, será escoada pelo poder restaurador da fala. A terceira passagem coloca em cena os “restos que foram retidos”, aos quais se seguirão “palavras tranquilizadoras” e o regresso à estabilidade. Mas nos dois trechos finais aparece uma alteração: ali os restos do passado importunam a consciência, são responsáveis por um “equilíbrio muito instável” ou obrigam o terapeuta a “lutar por mais tempo” para garantir a sua eliminação. Essa amostragem nos faz perceber, em resumo, que a reminiscência persiste

92 EstH, p. 99: “Nach einigen Wochen waren auch die *Reminiszenzen* überwunden, und Frau Emmy verblieb in vollkommenen Wohlbefinden noch einige Zeit in meiner Beobachtung”. EstH, p. 97. “Ich erkannte, dass sie in der *Reminiszenz* einer Hypnose... befangen sei, und sie beruhigte sich, als ich sie in die gegenwärtige Situation zurückbrachte”

93 EstH, p. 40 “In anderen Fällen ist dieses Gleichgewicht ein sehr labiles, der Anfall erscheint als Äusserung des hypnoiden Bewusstseinsrestes, sooft die normale Person erschöpft und leistungsunfähig wird”. EstH, p. 82: “...ich erkenne, dass sie [Emmy] unter den *zurückgehaltenen Resten* dieser Geschichte gelitten hat... Nach den beschwichtigenden Worten, die ich an ihre Erzählung knüpfte, erklärt sie sich für erleichtert”. EstH, p. 99 “Länger als mit den Resten dieser Erlebnisse hatte ich mit den Zuständen zu kämpfen, die sie “Sturm im Kopfe” benannte”.

apenas como uma anomalia ou como um excesso do qual o paciente deve se libertar. Não cabe ao terapeuta compreender o conflito instaurado pela lembrança traumática e nem mesmo traduzir seu conteúdo para um outro registro: sua tarefa se encerra com a eliminação da reminiscência. Percebemos que a memória “patogênica”, além de figurar como um resíduo, é um impedimento para a atividade consciente normal, restaurada no tratamento por um trabalho de dissolução. A escolha dos verbos assinala este regresso à normalidade: “tranquilizar” [*beruhigen*], “acalmar” [*beschwichtigen*] ou “aliviar” [*erleichtern*]. Se a idéia de conflito comparece em certas passagens, é apenas para mostrar seu valor negativo: a paciente está “presa” [*befangen*] a uma recordação; foi necessário superar a reminiscência para que a “saúde plena” fosse recuperada; o terapeuta é obrigado a “lutar contra os restos de uma experiência”, mas para eliminar os danos causados e não para interpretar seu significado. Numa palavra, o conflito é apresentado como um obstáculo ao tratamento. Seria tentador imaginar que a idéia de um conflito psíquico não estava presente nas primeiras investigações de Breuer e Freud e foi introduzida posteriormente. Isso nos permitiria determinar o momento em que os *Estudos sobre a histeria* começam a ser “freudianos” e traçar a fronteira entre pré-história e história da psicanálise. Mas determinar este ponto de ruptura seria simplificar o texto para além do que ele pode aceitar. Mesmo ao postular a tese de que a recordação patogênica (dolorosa) precisaria sofrer o desgaste normal sofrido por todas as recordações comuns, a “Comunicação Preliminar” descrevia igualmente as lembranças que o histérico “reprimiu, inibiu e recalcou<sup>94</sup>”. Encontramos no próprio vocabulário do artigo um choque entre as idéias de dissolução e conflito que parece contraditório à primeira vista; e no entanto a contradição começa a desaparecer se aceitamos que elas ocupam posições diferentes no texto, e que o conflito é secundário e serve para descrever a luta contra um resíduo de memória que se manifesta através por uma via anormal – o sintoma histérico. Conflito e dissolução são na verdade idéias que alternam as posições de fundo e figura no livro, como havíamos destacado antes. A linguagem do conflito está presente ali, a exemplo da “reminiscência”, e no entanto destacar a presença de uma certa palavra não equivale a compreender o papel desempenhado por ela nas circunstâncias em que foi escrita. Se buscamos compreender cada palavra isoladamente, como tem sido o costume em psicanálise, não veremos que o seu significado também é determinado pela situação em que foi empregada. O conhecimento da palavra não basta: precisamos encaixá-la no texto para descobrir seu *valor*.

---

94 EstH, p. 34. "...verdrängte, hemmte und unterdrückte..."

Podemos retornar à “reminiscência” mais preparados para compreender, partindo do contexto inicial em que a palavra é utilizada, o deslocamento de seu sentido no curso do livro. Começamos com uma pergunta que permanece sem resposta: por que a lembrança vinculada ao trauma é descrita como um traço secundário, como “resto” ou “resquício”? A explicação pode ser encontrada se observarmos que a reminiscência partilha essa condição negativa com uma parte considerável do vocabulário da “Comunicação Preliminar”. Os afetos que não foram abreagidos permanecem “aprisionados” [*eingeklemmt*] e impedem a circulação normal; os estados hipnóides representam uma “condição segunda” na qual o paciente vive alienado, “como ficamos todas as noites em nossos sonhos<sup>95</sup>”; o trauma é uma representação “intolerável” [*unerträglich*] – para a consciência; as recordações que emergem durante a hipnose são aquelas que *não* alcançam a vigília. Para resumir, a consciência é o ponto de partida para toda a descrição dos processos psicológicos, e não surpreende que seja uma descrição instável e hesitante – como não deve surpreender a equiparação do trauma a um “corpo estranho”, estrangeiro [*Fremd*] e não-nomeado. A escolha das palavras involuntariamente revela neste caso os limites de um modelo que, por não ser capaz de nomear o elemento que escapa ao seu território, o define apenas pela distância que o separa da consciência. Veremos mais adiante que tanto a metáfora do “corpo estranho” quanto o vocabulário da “Comunicação Preliminar” irão reaparecer no livro. No entanto a variação de sentido e intensidade que Freud impõe as palavras que utiliza irá modificar inteiramente suas feições.

LUCY

A lenta substituição das idéias que está em curso nos *Estudos sobre a histeria* também pode ser lida a partir dos movimentos da linguagem no interior do texto: na variação do valor e da intensidade de certos conceitos, nas mudanças da narração clínica, ou ainda no cruzamento entre a construção destas narrativas e a teoria da histeria, encontraremos pequenos sinais de toda a série de transformações que têm como eixo o surgimento da “técnica da concentração” - uma modificação bastante simples que Freud introduz no método catártico: em vez de hipnotizar o paciente, ele passa a pressionar e lhe pede que dirija toda a sua atenção para um certo assunto que deve ser explorado. Essa mudança aparentemente pontual da técnica terá muitas conseqüências, entre as quais uma renovação da linguagem utilizada por Freud. A história de Lucy oferece uma posição privilegiada para se acompanhar o engendramento de suas

---

95 EstH, p. 37. : “... wie wir alle im Traume sind”.

idéias neste período de sua investigação: ela compõe um capítulo central dos *Estudos sobre a histeria* – não tanto por apresentar uma forma acabada das teorias que Freud articula de modo tateante, mas apenas por ocupar o centro do livro, entre a primeira e a segunda metade. Sob o fundo de uma transformação decisiva que deságua no abandono da hipnose, veremos surgir discretamente os substantivos “interpretação” (*Deutung*) e “inconsciente” (*Unbewusste*), seguidas de perto pela palavra “símbolo” (*Symbol*), que antes aparecia isolada numa única passagem da “Comunicação Preliminar” e agora será desdobrada em novos sentidos que a etapa inicial do livro não pode mais fixar por inteiro. Proponho-me a reler a história clínica de Lucy a partir destas e de algumas outras pequenas alterações, partindo sempre da suposição de que as mudanças na linguagem não apenas correspondem às mudanças teóricas que estão em curso naquele momento como participam ativamente deste processo.

A palavra “interpretação” (*Deutung*) entre em cena logo na abertura, no instante em que Freud termina de apresentar ao leitor a paciente, governanta responsável pela educação das duas filhas de um industrial viúvo, e o sintoma trazido por ela: a percepção de um odor de “pudim queimado”, que persiste apesar de uma analgesia quase completa do olfato. É preciso dar a palavra a Freud para reencontrar o contexto em que o termo ocorre:

No empenho inicial para compreender o caso era necessário que as sensações olfativas subjetivas, por serem alucinações recorrentes, se ajustassem à *interpretação* de sintomas histéricos permanentes. O desânimo era talvez o afeto vinculado ao trauma, e era necessário que se viesse a encontrar uma experiência em que fossem objetivos os odores que agora eram subjetivos; essa experiência era necessariamente o trauma, que retornava como sensação olfativa, seu *símbolo na recordação*<sup>96</sup>.

Sabemos que o trabalho de interpretação tem peso secundário nos *Estudos sobre a histeria*, e por isso não chega a surpreender que a palavra *Deutung* desapareça no livro após este capítulo. Os tradutores que preferiram vertê-la pela palavra “explicação” tiveram sua dose de razão, e provavelmente terão sido mais fiéis ao contexto imediato e à intenção do autor. Para além destas diferenças de leitura, não se pode deixar de reconhecer a intenção de explicar um primeiro elemento por um outro que corresponde a ele: a alucinação olfativa deve ser tratada como se fosse um sintoma histórico; as alterações subjetivas do olfato correspondem necessariamente a um trauma – a um fato objetivo que aparece na consciência como *símbolo*, palavra que será tratada nesta e em outras passagens do capítulo como um sinônimo para

---

96 EstH, p. 125. “Bei dem ersten Bemühen, den Krankheitsfall verständlich zu machen, mussten sich die subjektiven Geruchsempfindungen als wiederkehrende Halluzinationen der *Deutung* von hysterischen Dauersymptomen fügen. Die Verstimmung war vielleicht der zu dem Trauma gehörige Affekt, und es musste sich ein Erlebnis finden lassen, bei dem diese jetzt subjektiv gewordenen Gerüche objektiv gewesen waren, dieses Erlebnis musste das Trauma sein, als dessen *Symbole in der Erinnerung* die Geruchsempfindungen wiederkehren”. Os destaques são meus.

“sintoma”. Vale destacar o caráter necessário atribuído à busca por equivalências. A idéia de necessidade é mencionada por três vezes em poucas linhas, e pode ser vista como sinal do amadurecimento teórico de Freud, que interroga o material em busca de respostas para o modelo que tenta construir. A narração foi colocada definitivamente a serviço de preocupações e interesses que ultrapassam o plano singular: a história do tratamento de Lucy evolui ao mesmo tempo que se completa a construção do modelo explicativo, sem que uma intenção predomine sobre a outra. Este avanço contínuo em duas frentes que se cruzam marca a diferença entre esta história e o enredo tortuoso e quase desconexo do tratamento de Emmy, em que Freud concedia mais atenção ao registro minucioso de detalhes do que à sua ordenação.

É indispensável resumir os fatos da história de Lucy antes de avançarmos na compreensão do texto. Durante um tratamento breve e descontínuo, Lucy recupera sem o auxílio da hipnose quatro cenas do passado recente que explicam a origem daquele odor de "pudim queimado" que se converte, nos encontros seguintes com Freud, em um odor de fumaça. Na primeira destas cenas, ela se vê na casa com as crianças que brincam de cozinhar, quando recebe uma carta da mãe. As meninas tentam tirar as cartas das suas mãos e esquecem a comida que queima no fogo; a segunda cena, um pouco mais antiga, traz uma conversa com o pai das meninas, que lhe pede, muito emocionado, para permanecer sempre ao lado das filhas. A terceira cena, posterior à segunda, retrata a visita de um amigo da família que beija as crianças na hora das despedidas e escuta imediatamente uma bronca violenta do pai. Aqui há muitas pessoas fumando, e Lucy agora percebe o odor do cigarro no lugar do "pudim queimado". Na quarta cena, ocorrida pouco antes, uma outra visita beija as crianças, mas o pai furioso volta-se contra a própria Lucy, dizendo-lhe que era seu dever impedir coisas desse gênero, que ele buscaria outra pessoa para educar as filhas se aquilo acontecesse novamente. Esta última cena ocorre precisamente no período em que ela ainda cultivava a esperança de que o pai dissesse outra vez que gostaria de tê-la sempre ao lado da família. A brutalidade do patrão era a prova de que suas esperanças amorosas não tinham fundamento, e também a razão do seu desânimo e do seu sintoma.

Mas antes de narrar a história de sua paciente, Freud irá deter-se por algumas páginas na história de sua terapia; recordará sua estadia na clínica de Bernheim, suas dificuldades como hipnotizador e as incertezas trazidas pelo novo método que havia começado a utilizar. A história de Lucy é anunciada e depois ainda custa a começar: a narrativa se estende por uma época anterior ao tratamento e, mais grave ainda, nos fala sobre o terapeuta e não sobre a paciente. Apesar do contraste, a interrupção acompanha ao menos a *forma* do tratamento. Lucy visitava



Freud ocasionalmente nos horários de seu plantão hospitalar, e voltava apenas vários dias depois. "Deixávamos então a conversa pela metade, para retomar o fio a partir do mesmo ponto na ocasião seguinte"<sup>97</sup>. O percurso do texto mimetiza o percurso do tratamento, uma vez que Freud insere ali uma interrupção para reproduzir a história que foi sendo construída de maneira descontínua, entre encontros razoavelmente afastados no tempo. Na verdade, encontramos dentro da história de Lucy duas histórias paralelas que coincidem no final, pois o texto reconstitui ao mesmo tempo o passado da paciente que produziu um sintoma e o passado do terapeuta que criou uma nova técnica de tratamento. A presença do autor dentro de seu texto contribui tanto para a explicação da história da paciente como para as escolhas feitas por ele. "Eu precisava escolher", conta Freud, "entre renunciar ao método catártico na maioria dos casos em que ele parecia adequado ou arriscar empregá-lo fora do sonambulismo, em casos de influência hipnótica leve ou mesmo duvidosa"<sup>98</sup>. Além de resgatar do passado as teses que serão revisadas, Freud faz seu pensamento avançar a partir da auto-observação ao revisitar sua formação, e assim transforma o declínio do esquema conceitual da "Comunicação Preliminar" numa conquista que lhe permite enxergar problemas antigos por um novo ângulo. "Eu vivia esse tempo de indecisão"<sup>99</sup>, conta Lucy ao recordar uma cena da época em que hesitava entre abandonar o emprego ou permanecer na casa do patrão; um outro período de indecisão é vivido por Freud, que abandona a hipnose e se vê obrigado a suspender o sentido inicial da investigação.

A linguagem e os pressupostos da "Comunicação Preliminar" sobrevivem, mas recuam da condição de princípio para se transformarem em aparência sobre a qual irão recair algumas suspeitas: as recordações surgidas durante a hipnose foram "aparentemente" (*scheinbar*) esquecidas; o esquecimento posterior das lembranças que surgem durante a hipnose é "aparente" (*scheinbar*); a certa altura, a análise da sensação olfativa de Lucy "parecia" (*schien*) encerrada. Em resumo, a tarefa de elucidar o significado verdadeiro do sintoma corre ao lado desta outra tarefa, aparentemente tão afastada da primeira, de determinar o alcance real das descobertas da "Comunicação Preliminar". Neste percurso, a aparição do símbolo sinaliza o amadurecimento de uma nova concepção da memória, nascida a partir dos pressupostos da "Comunicação Preliminar": a lembrança traumática não pode ser eliminada antes que a terapia

---

97 EstH, p. 126 "Wir brachen also mitten in der Unterredung ab, um das nächstesmal den Faden an der nämlichen Stelle wiederaufzunehmen".

98 EstH, p. 127. "So stand ich vor der Wahl, entweder die kathartische Methode in den meisten Fällen, die sich dazu eignen mochten, zu unterlassen, oder den Versuch zu wagen, sie ausserhalb des Somnambulismus in leichten und selbst in zweifelhaften Fällen von hypnotischer Beeinflussung auszuüben".

99 EstH, p. 134. "In dieser Zeit der Schwebel war ich damals ...".

venha a elucidar de que maneira ela foi substituída pelo sintoma. Ao contrário da “excitação que não foi abreagida” ou do “resto” de uma experiência traumática, o “símbolo” cria margem para a permanência ambígua das teses iniciais do livro: ele comprova a ausência da lembrança traumática ao destacar a sua substituição, ao mesmo tempo que afirma sua presença por meio de alguma coisa que a representa. A ambigüidade passa a ser uma necessidade neste momento em que o ponto de vista da consciência começa a perder seu chão e recua para uma posição mais discreta. Ao ser chamado para participar da investigação, o vocabulário inicial não pode mais cumprir seu antigo papel. Ele irá aparecer, mas Freud o coloca sob suspeita – por exemplo, quando conta ao leitor que uma paciente lembrou-se de tudo o que “supostamente (*angeblich*) não havia percebido” durante a hipnose e “*supostamente* não sabia no estado de vigília<sup>100</sup>”. Veremos a técnica da concentração ser descrita, poucas linhas abaixo, como uma maneira para ampliar “a consciência *supostamente* restringida” (1991, p. 130) da paciente. A repetição do advérbio marca a desconfiança do autor perante os princípios que orientam seu trabalho. Curiosamente, a ausência de um solo firme não obscurece a pesquisa. Ao contrário, a teoria indeterminada se aproxima da investigação clínica, uma vez que a desconfiança de Freud recai tanto sobre a linguagem histórica da paciente quanto sobre a sua própria linguagem conceitual. As primeiras idéias a respeito da histeria, que ele ainda partilhava com Breuer, são lançadas agora em um território incerto, como se a indistinção dos princípios complementasse outras indistinções que a história de Lucy irá trazer para o primeiro plano: entre “estado normal” e “estados alterados”; entre o saber e o não-saber, que dividem espaço no interior da consciência.

Ao lado da desconfiança que pesa sobre certas palavras há o deslocamento de perspectiva que começa a transformar significados que pareciam ter se firmado. Em meio ao tratamento, Freud e sua paciente descobrem que o odor de pudim queimado “estava intimamente ligado a uma cena em que afetos conflitantes se chocavam, o arrependimento por abandonar estas crianças e as ofensas que forçavam-na a essa decisão<sup>101</sup>”. A mera possibilidade de uma colisão de afetos, descritos aqui como forças independentes, nos mostra uma alteração do rumo original da pesquisa. O afeto abandonou a condição de resto a ser expelido para integrar o jogo de forças psíquicas que determina a natureza do sintoma. “O conflito dos afetos”, ele prossegue, “havia elevado aquele momento à condição de trauma, e o odor

---

100 EstH, p. 129. “...alles, was sie im somnambulen Zustande angeblich nicht wahrgenommen und wovon sie im Wachzustande angeblich nicht wusste”.

101 EstH, p. 134. “... war ... innig assoziiert mit einem Erlebnis, einer kleinen Szene, in welcher die widerstreitenden Affekte einander entgegnetreten waren, das Bedauern, diese Kinder zu verlassen, und die Kränkungen, welche sie doch zu diesem Entschlusse drängten”.

vinculado a ele perdurou como símbolo do trauma<sup>102</sup>”. Aos poucos, os contornos dessa mudança ficam mais claros: se antes “afetivo” era quase um sinônimo para “excessivo” ou “patógeno”, agora o afeto será afirmado como elemento causador do sintoma histérico. Desmanchou-se o equilíbrio provisório que a noção de “consciência normal” garantia ao vocabulário da “Comunicação Preliminar”, e as mesmas palavras antigas deverão descrever a dinâmica conflituosa de afetos e idéias que penetram na consciência ao mesmo tempo que permanecem isoladas dela. A memória conquista autonomia e não é mais descrita *em função* da consciência normal, e por isso as palavras antigas começam a sair do seu lugar.

O recuo do vocabulário da consciência permite o avanço da noção de "símbolo", termo capaz de indicar a permanência que se dá pela ausência, a ação de idéias reprimidas sobre a consciência que as empurrou para fora de seu espaço. Somente nesta configuração poderia surgir o substantivo "inconsciente", como organização que pode ser descrita e reconhecida e não como entidade que se define por atributos puramente negativos.

“O momento verdadeiramente traumático é, portanto, aquele em que a contradição impõe-se sobre o Eu, que decide repudiar a idéia contraditória. O repúdio não destrói esta última, apenas a empurra para o inconsciente...<sup>103</sup>”.

Este começo tímido da nomeação do inconsciente depende de uma inadequação das palavras frente a uma nova realidade, que obriga Freud a negar e afirmar simultaneamente as teses da “Comunicação Preliminar”. Nisto ele acompanha a resposta de sua paciente à pergunta: “Se você sabia que estava apaixonada pelo patrão, por que não disse logo?” – Ela responde: “Eu não sabia, ou melhor, não queria saber, queria tirar aquilo da minha cabeça, não pensar mais no assunto” – uma frase que Freud irá traduzir bem mais adiante para a linguagem teórica da “Psicoterapia da Histeria”: “O não-saber das histéricas era na verdade um não-querer saber, e a tarefa do terapeuta consistia em superar esta resistência à associação por meio da elaboração psíquica<sup>104</sup>”. O que torna possível este movimento é a força adquirida pela exposição quando as palavras já não coincidem com o sentido que possuíam.

---

102 “Der Konflikt der Affekte hatte den Moment zum Trauma erhoben, und als Symbol des Traumas war ihr die damit verbundene Geruchsempfindung geblieben”.

103 EstH, p. 142. “Der eigentliche traumatische Moment ist demnach jener, in dem der Widerspruch sich dem Ich aufdrängt und dieses die Verweisung der Vorstellung beschliesst. Durch solche widersprechenden Verweisung wird letztere nicht zunichte gemacht, sondern bloss ins Unbewusste gedrängt ...”.

104 Est H, p. 282.

CATARINA

"Em toda a obra de Freud não há nada semelhante ao caso Catarina<sup>105</sup>", escreve Patrick Mahony em seu estudo sobre essa narrativa singela e desconcertante cuja beleza nos surpreende desde a primeira linha. O espanto se justifica em diversos sentidos, a começar pelo fato de tratar-se do "mais sintético de seus casos clínicos", como anota o crítico. Mas ali Freud surpreende igualmente pelo desembaraço com que trata a si mesmo e a esta moça que o encontra no cenário nada previsível dos alpes austríacos, onde ele pretendia "esquecer por algum tempo da medicina e especialmente das neuroses". Outro traço incomum desta história é o fato de o tratamento da moça resumir-se a um único encontro a céu aberto (e que não poderíamos definir rigorosamente como uma "sessão"). A análise é incompleta, mas Freud não está preocupado em avisar ao leitor que apresenta somente um fragmento da história de sua paciente, como fará insistentemente nas famosas histórias clínicas que irá escrever depois. Para além da circunstância feliz do encontro entre Catarina e Freud, a simplicidade do texto é igualmente favorecida por um esquema teórico bastante estreito se comparado aos complicados pressupostos psicológicos que entrarão em jogo nas narrativas clínicas mais longas: não há ainda sexualidade infantil ou cruzamentos entre fantasia e memória, e nem mesmo os sonhos possuem algum papel no tratamento. Não é aceitável imaginar que o texto de Freud pudesse preservar esse modo quase natural de narração, que ainda iremos examinar, e ainda assim ilustrar os nexos cada vez mais intrincados que ainda não domina por inteiro e tenta apreender enquanto compõe seus novos casos: nos textos clínicos de maturidade, a narração vem responder a questões que ainda não foram inteiramente mapeadas e por isso integram o processo de constituição teórica; no caso Catarina, observa-se o inverso, pois os pressupostos gerais já foram estabelecidos pela "Comunicação Preliminar". Freud se move aqui com uma segurança que não será mantida posteriormente. Com o passar do tempo, ele será cada vez mais enfático na afirmação de que seus textos clínicos são fragmentos e não podem nem esgotar o material de uma análise, nem fundamentar inteiramente suas premissas; queixa-se progressivamente das dificuldades para reproduzir uma história clínica à medida que se torna um mestre nessa arte que considera impossível, até alcançar, na história do Homem dos Lobos, o ponto mais agudo desse paradoxo.

Mas por enquanto devemos nos limitar à "Catarina" e abandonar a pergunta pelas

---

105 Mahony, P. *Sobre a definição do discurso de Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 36. [Tradução de Francisco Inácio P. Bastos]

transformações da narrativa clínica em Freud. A franqueza e a despreocupação deste texto não exclui ali a presença de uma série de estratégias retóricas. O exame deste capítulo tão breve dos *Estudos sobre a histeria* talvez nos faça enxergar com mais facilidade essas estratégias que serão aprimoradas no correr dos anos. Veremos que "as sutilezas textuais do caso estão dispersas na superfície, ou muito próximas a elas, esperando pacientemente quem as recolha<sup>106</sup>", para lembrarmos outra vez as palavras de Mahony; elas se aplicam ao conjunto das histórias clínicas escritas por Freud, e a brevidade de "Catarina" trabalha a favor dessa leitura. Mas queremos nos concentrar em pistas que nos ajudem a compor a forma das narrativas de Freud, ou o modo como ele estabelece um certo padrão para os acontecimentos - um padrão que não é apenas literário, por ser compatível com as suas intenções teóricas. Sob este aspecto, tomaremos um rumo bem diverso do de Mahony, que realiza uma psicanálise do texto (mas não da paciente!) de Freud, e que talvez seja complementar à sua incursão. Existe uma teoria da narração infiltrada na história de "Catarina", e se pudermos descrevê-la, daremos um primeiro passo para a compreensão da *forma clínica* nas narrativas de Freud. Se por um lado a fala dos pacientes é cifrada, e apresenta ao autor um enigma a ser explicado, o esquema teórico de Freud também está cifrado no modo como ele conduz a narração. A densidade (e o encanto) da narrativa está apoiada na utilização consciente desta forma que pretendemos começar a descrever aqui.

Passemos então a um resumo dos fatos clínicos desta narrativa: Catarina sai em viagem com a família aos quatorze anos e acorda no meio da noite quando sente o corpo do tio encostá-la. Assustada, ela lhe pergunta o que era aquilo, pede que a deixe dormir. Ela sai da cama e aguarda até que o tio, aparentemente embriagado, caia de vez no sono. Tempos depois, o tio novamente aparece alcoolizado e tenta aproximar-se da moça, que é obrigada a repelir sua investida. Após esse incidente a moça passa a sentir falta de ar, pressão na região do peito e nos olhos.

Dois anos depois, Catarina e seu primo trabalham na pousada, localizada em uma região montanhosa, quando chegam dois novos hóspedes. Como a tia saiu em viagem, os dois resolvem procurar o tio. Não o encontram e seguem até o seu quarto, mas a porta está trancada. Catarina vai ao corredor lateral e enxerga por uma pequena janela, no ambiente escuro, seu tio deitado na cama por cima de Francisca. Ela logo se afasta dali, sente falta de ar, sua cabeça fica pesada e ela perde os sentidos; volta a sentir tonturas dois dias depois, quando a tia, suspeitando

---

<sup>106</sup> Mahony, P. *Sobre a definição do discurso de Freud*, p. 36.

que a sobrinha escondia algum segredo, pergunta-lhe o que aconteceu. Catarina decide contar o que viu e o casal se separa depois de uma briga violenta. O tio começa a perseguir Catarina, encarando-a com um olhar furioso, dizendo que irá se vingar.

A tia resolve abrir uma pousada em outra montanha e leva os filhos e a sobrinha Catarina. A saúde da moça não é boa, ela consulta um médico que não alivia suas dores e após um ano e meio continua a apresentar alguns sintomas recorrentes: tontura, pressão nos olhos e na cabeça, falta de ar e uma sensação constante de que alguma pessoa a persegue. Em sua mente, ela enxerga o rosto furioso de um homem desconhecido.

Essas informações resumem de maneira aproximada o material apresentado em menos de dez páginas. Procurei reunir os fatos mais importantes em sequência cronológica, começando pelos acontecimentos mais antigos até alcançar os sintomas que afligiam a moça no momento em que ela busca a ajuda de Freud. Inverti o trajeto do autor ao colocar as informações nesta ordem, pois ele parte dos sintomas que a paciente manifestava quando a encontrou para depois buscar sua origem e sua explicação em eventos do passado. A apresentação de Freud acompanha o percurso da memória de Catarina. Talvez o resumo pareça ao leitor uma solução mais eficiente do que a exposição invertida dos acontecimentos. Mas no caso de Freud essa simplificação dos fatos traz a desvantagem de apagar sua interferência direta naquilo que é narrado, pois para descrever o processo de tratamento ele não precisa afastar-se da história. Ele não esconde sua implicação pessoal nos fatos que apresenta, seja na história de Catarina, seja em outras narrativas.

Na verdade o recuo do presente para o passado não chega a ser uma escolha sua porque ele não pode conhecer de antemão o conjunto de fatos que irão surgir durante a terapia. No princípio ele não sabe nada além daquilo que a paciente é capaz de dizer. As circunstâncias o obrigam a tomar os sintomas como ponto de partida, considerá-los como o fragmento de uma experiência que será conectado a um outro material que permanecia isolado na memória. Sua narração tenta reconstituir artificialmente o percurso do tratamento, e por isso ele se vê obrigado a prescindir da neutralidade reta de um registro objetivo. Se fosse possível conhecer previamente o material que a terapia analítica resgata, o tratamento perderia sua razão de existir. No entanto nada impediria o autor de narrar a história a partir desta outra posição, no momento em que já conhece todas as informações e estabeleceu conexões entre as lembranças que surgiram. Mesmo assim ele prefere contar a história do tratamento *tal como ele aconteceu*, dispondo os fatos na sequência em que foram descobertos. Estamos diante de um elemento importante da narrativa clínica que não pode ser visto apenas como uma preferência de estilo:

Freud nos coloca em contato com o *processo* do tratamento em vez de mostrar seu *resultado final*<sup>107</sup>, a exemplo do resumo que apresentei. Seja na história de Catarina ou nas conhecidas histórias clínicas que irá escrever depois dos *Estudos sobre a histeria*, sua estratégia consiste em partir do momento inicial do tratamento, em que a explicação ainda não pode ser apresentada, para construí-la passo a passo à medida que progride a narrativa. Mesmo conhecendo o desfecho da história ele permanece próximo ao leitor, registra o caminho das descobertas que faz ao lado da paciente e nos faz conhecer o percurso do tratamento. Meu resumo traz a ordem histórica dos fatos que surgiram durante o tratamento mas não é capaz de acompanhar a ordem em que eles foram lembrados por Catarina, que recorda com mais facilidade os eventos recentes (apresentados no final do resumo) e custa a reconhecer as recordações mais antigas (apresentadas no começo do resumo). Essa narração invertida acompanha as incertezas da memória, bem como as lacunas de um método de investigação que está por ser construído. Para o paciente, existem os momentos em que nem tudo pode ser lembrado e, para o médico, outros em que nem tudo pode ser compreendido. A exposição de Freud nos permite enxergar de que modo estes dois lados interagem.

Há ainda uma nova série de considerações que podem ser feitas a partir desta análise inicial. O resumo que fiz torna quase palpáveis as conexões que a terapia só estabelece em meio a um combate em que as recordações sofrem uma forte resistência ou simplesmente não aparecem; ele ainda torna evidente a natureza sexual dos incidentes que causaram os sintomas de Catarina. Podemos remeter com tranquilidade o rosto furioso, enigmático e impessoal na imaginação de Catarina, à figura do tio perverso. O conteúdo que aparece no texto de Freud em meio a desvios temporais constantes, sob a forma de um diálogo entre duas pessoas, é comprimido em uma seqüência linear e impessoal. Catarina recorda, por exemplo, a cena (anterior) do tio no corredor e em seguida recorda a cena (posterior) em que ela repele o tio alcoolizado. Mas logo depois ela descreve uma cena mais antiga, anterior à primeira cena. A partir da série cronológica dos fatos, não podemos conhecer a série estabelecida pelas lembranças da moça. Conhecemos a série de eventos que ela apresenta, mas não sabemos como esta série foi construída e nem sabemos das dificuldades para a sua descoberta. Há momentos em que nada lhe ocorre; em outros, ela se deixa levar pelas lembranças que vão surgindo e abandona o assunto do qual falava antes (“E então, para minha surpresa, ela abandona essa

---

<sup>107</sup> Ao leitor que interessar-se pela oposição entre *processo* e *resultado final* na obra de Freud não é possível oferecer melhor indicação do que o livro já citado de Mahony, *Sobre a definição do discurso de Freud*, com destaque para o primeiro capítulo, “Uma visão panorâmica do discurso de Freud”.

corrente e começa a contar duas séries de histórias mais antigas<sup>108</sup>). É necessário sublinhar que a escolha do percurso narrativo não se resume a uma questão de retórica. A perspectiva unificada e neutra que tenta registrar a “forma pura” do material clínico, como se ele fosse um conteúdo inerte, faz desaparecer a instabilidade do tratamento. Apesar de percorrer a mesma série de eventos, meu resumo não pode ser confundido com a história clínica de Catarina porque não é capaz de acompanhar sua forma. Pelo contrário: ele dispõe os eventos numa seqüência planificada precisamente por não conceder atenção à forma, e aqui encontramos sua limitação mais grave. O relato clínico não se resume a um conjunto de eventos na vida de um paciente: ele abarca a ordem da exposição, o encadeamento de suas partes e o ponto de vista a partir do qual se enxerga o conjunto. A observação não existe por si: ela depende da posição de um observador que registra, ordena e encadeia suas peças. Para apresentar o processo do tratamento, Freud precisa destacar a posição que ele ocupa dentro da história. Entre a história do tratamento e a história individual de um paciente há uma distância que será sempre reafirmada nas suas narrativas: nela o narrador está implicado na história de um tratamento, e não conhecemos os fatos a não ser a partir da ordenação, da ênfase e do sentido apresentados em sua descrição. Ao ser registrada como uma história clínica, a história individual do paciente sofre uma espécie de refração que irá reagrupar os eventos da história pessoal a partir da perspectiva do narrador, cujo olhar converte a história individual na história de um tratamento (e nos permite enxergar, na sua história, aquilo que ela não sabia a respeito de si mesma). Em vez de camuflar barreiras e imprecisões, Freud as expõe abertamente e puxa seu leitor para dentro de uma narrativa em que o autor tem uma participação direta. Sob este aspecto a história de Catarina é exemplar por dois motivos: ele reproduz o diálogo entre o médico da paciente predominantemente no discurso direto, trazendo até o leitor as vozes de cada um, e a narração começa antes que a moça entre em cena, de tal modo que na abertura do texto nós primeiro o encontramos sozinho para depois assistir à chegada de sua parceira.

Nas férias do ano de 189\* viajei aos Hohe Tauern para esquecer-me por algum tempo da medicina e especialmente das neuroses. Minha intenção quase havia se realizado quando um dia desviei-me da via principal para subir uma montanha afastada, famosa por sua vista e pela boa condição de seu alojamento. Chegando ao topo após uma caminhada desgastante, fortalecido e restaurado, sentei-me, mergulhado na contemplação de uma paisagem encantadora, tão ensimesmado que a princípio não quis me dar conta ao escutar a pergunta: “O senhor não é médico”? Mas a pergunta se dirigia a mim e partia da moça de aproximadamente dezoito anos, que me servira com uma feição muito aborrecida e havia sido chamada de “Catarina” pela proprietária. A julgar por suas roupas e suas maneiras ela não poderia ser uma empregada, mas provavelmente uma filha ou parente da proprietária<sup>109</sup>.

<sup>108</sup> Mahony, P. *Sobre a definição do discurso de Freud*, p. 36.

<sup>109</sup> "In den Ferien des Jahres 189\* machte ich einen Ausflug in die Hohen Tauern, um für eine Weile die Medizin und



O narrador trata de situar-se no tempo e no espaço logo na primeira frase; declara as intenções que o dominavam naquele dia e descreve seu movimento para realizá-las. Resolve sair para uma caminhada até um lugar isolado; ocupa-se somente com seus pensamentos e desfruta de uma liberdade refletida pela descrição que parece puxar para o texto a harmonia que ele descobre ao aproximar-se da natureza. A pergunta da moça interrompe esse livre curso das idéias, obriga o viajante a abandonar o isolamento e desviar sua atenção para aquilo que ela irá lhe dizer. Depois que surge a pergunta – “o senhor não é médico?” –, uma transição é instalada no texto: o narrador passa do pensamento silencioso e do devaneio para o diálogo em voz alta e para o contato real. O texto ficará marcado por este contraponto em que nenhuma das duas correntes impõe-se de maneira definitiva. Veremos que a narração fica marcada até o final pelo choque entre as duas posições, alternando a reprodução da conversa entre Freud e Catarina e os comentários de Freud. Em um momento crucial ele abandona a forma do diálogo e a substitui pelo discurso indireto, quando passa a referir-se livremente ao conteúdo da fala de Catarina sem reproduzir explicitamente o que ela lhe diz, mas depois retoma a forma do diálogo. Essa passagem do diálogo para o pensamento solitário forma dentro do texto pequenos blocos que serão repetidos. No primeiro passo, Freud faz alguma pergunta; no segundo, Catarina responde; no terceiro, Freud pensa em voz alta, sem dirigir-se à Catarina. É possível ilustrar esse movimento por algumas passagens do texto em que o bloco se repete.

[1] “Mas do que está sofrendo?”

[2] “Sinto tanta falta de ar, não é sempre, mas às vezes me aperta tanto que eu acho que vou sufocar”.

[3] A princípio não parecia um sintoma nervoso, mas logo considerei a possibilidade de tratar-se apenas de um sinal substitutivo para um ataque de angústia. Do complexo sensível da angústia ela destacou indevidamente o momento da respiração interrompida<sup>110</sup>.

[1] “E não sente medo?”

[2] “Toda vez eu penso, agora eu vou morrer, mas tomo coragem, saio andando sozinha por aí, até a adega e pela montanha, mas nos dias em que sinto isso não me arrisco a ir em lugar nenhum, toda vez eu penso que alguém fica atrás de mim e vai me agarrar de repente”.

---

besonders die Neurosen zu vergessen. Es war mir fast gelungen, als ich eines Tages von der Hauptstrasse abwich, um einen abseits gelegenen Berg zu besteigen, der als Aussichtspunkt und wegen seines gut gehaltenen Schutzhauses gerühmt wurde. Nach anstrengender Wanderung oben angelangt, gestärkt und ausgeruht, sass ich dann, in die Betrachtung einer entzückenden Fernsicht versunken, so selbstvergessen da, dass ich es erst nicht auf mich beziehen wollte, als ich die Frage hörte: 'Ist der Herr ein Doktor?' Die Frage galt aber mir und kam von dem etwa 18jährigen Mädchen, das mich mit ziemlich mürrischer Miene zur Mahlzeit bedient hatte und von der Wirtin 'Katharina' gerufen worden war. Nach ihrer Kleidung und ihrem Betragen konnte sie keine Magd, sondern musste wohl eine Tochter oder Verwandte der Wirtin sein".

<sup>110</sup> EstH, p.144. "-- An was leiden Sie denn? -- Ich hab' so Atemnot, nicht immer, aber manchmal packt's mich so zusammen, dass ich glaube, ich erstick'. /Das klang zunächst nicht nervös, aber es wurde mir gleich wahrscheinlich, dass es nur eine ersetzende Bezeichnung für einen Angstanfallsein sollte. Aus dem Empfindungskomplex der Angst hob sie das eine Moment der Atempnung ungebührlich hervor".

[3] Era de fato um ataque de angústia, porém iniciado por traços de aura histérica, ou melhor, um ataque histérico cujo conteúdo era a angústia. Ainda haveria ali um outro conteúdo<sup>111</sup>?

[1] “Senhorita Catarina, se conseguisse recordar agora o que lhe aconteceu quando teve o primeiro ataque, o que pensou na ocasião, ficaria melhor”.

[2] “Ah, se eu pudesse, mas eu fiquei tão assustada que me esqueci de tudo”.

[3] (Traduzido para a linguagem de nossa “Comunicação Preliminar”, isso significa: o afeto produz espontaneamente o estado hipnóide, cujos produtos não têm laço associativo com a consciência do Eu<sup>112</sup>).

[1] “Seria [*a cabeça*] do tio?”

[2] “Não enxerguei muito bem o rosto dele, estava muito escuro no quarto, e porque ele teria feito uma cara tão horrível naquela hora?”

[3] “Está certa”. (De repente, o caminho parecia ter se desviado. Quem sabe surgisse alguma coisa na seqüência da narração<sup>113</sup>).

[1] “Contou para sua tia as outras histórias em que ele a havia agarrado?”

[2] “Sim, não contei logo, só depois, quando falavam em separação. Foi quando a tia me disse: isso nós vamos guardar, se ele criar confusão no tribunal contamos isso também”.

[3] Posso compreender que do período mais recente, em que as cenas conturbadas se sucediam dentro de casa e seu estado não despertava mais o interesse da tia, inteiramente ocupada pelas desavenças, que desta época de acúmulo e retenção permaneceu o símbolo de recordação<sup>114</sup>.

Separei passagens que correspondem a momentos diferentes da história. Estão numeradas as três etapas do bloco: [1] A fala de Freud, [2] A fala de Catarina, [3] O comentário de Freud. No entanto a estrutura é maleável, pois são frequentes as passagens em que há uma alternância mais longa de perguntas e respostas ([1] e [2]) antes que apareça o comentário do autor, e por isso o terceiro momento, em que não há diálogo, é menos numeroso do que os dois primeiros. Mas a montagem do texto depende sobretudo da variação entre os três registros, ainda que seja um pouco desigual. Basta ressaltar que encontramos ali intervenções de três gêneros, sendo que as duas primeiras reproduzem um diálogo e a terceira reproduz um pensamento. A repetição dos blocos renova até o final a tensão entre o diálogo e o pensamento,

<sup>111</sup> EstH, p. 144. “-- Ja, und fürchten Sie sich gar nicht dabei? -- Ich glaub'immer, jetzt muss ich sterben, und ich bin sonst couragiert, ich geh' überall allein hin, in den Keller und hinunter über den ganzen Berg, aber wenn so ein Tag ist, an dem ich das hab', dann trau'ich mich nirgends hin, ich glaub' immer, es steht jemand hinter mir und packt mich plötzlich an"/ Es war wirklich ein Angstanfall, und zwar eingeleitet von den Zeichen der hysterischen Aura, oder besser gesagt, ein hysterischer Anfall, dessen Inhalt Angst war. Sollte kein anderer Inhalt dabei sein?”

<sup>112</sup> EstH, p. 146-7. “-- Fräulein Katharin', wenn Sie jetzt sich erinnern könnten, was damals in Ihnen vorgegangen ist, wie Sie den ersten Anfall bekommen haben, was Sie sich dabei gedacht haben, dann wäre Ihnen geholfen. -- Ja, wenn ich könnt', ich bin aber so erschrocken gewesen, dass ich alles vergessen hab'. (In der Sprache unserer 'vorläufigen Mitteilung'übersetzt, heisst das: Der Affekt schafft selbst den hypnoiden Zustand, dessen Produkte dann ausser assoziativem Verkehre mit dem Ichbewusstsein stehen.)”.

<sup>113</sup> EstH, 147. “--- Oder vielleicht den Onkel? -- Ich hab' sein Gesicht gar nicht so deutlich gesehen, es war zu finster im Zimmer, und warum sollt' er denn damals ein so schreckliches Gesicht gemacht haben? (Da schien nun den Weg plötzlich verlegt. Vielleich findet sich in der weiteren Erzählung etwas.)”.

<sup>114</sup> EstH, p. 151. “-- Haben Sie der Tante auch die anderen Geschichten erzählt, wie er Ihnen nachgestellt hat? -- Ja, nicht gleich, aber später, wie schon von der Scheidung die Rede war. Da hat die Tant' gesagt: Das heben wir uns auf, wenn er Schwierigkeiten vor Gericht macht, dann sagen wir auch das/ Ich kann verstehen, dass gerade aus der letzten Zeit, als die aufregenden Szenen im Hause sich häuften, als ihr Zustand aufhörte, das Interesse der Tante zu erwecken, die von dem Zwiste vollauf in Anspruch genommen war, dass aus dieser Zeit der Häufung und Retention das Erinnerungssymbol verblieben ist”.

desdobrando a situação descrita na abertura do texto, quando Freud foi interrompido por Catarina em seu passeio pela montanha.

Por pertencerem à mesma pessoa, talvez a primeira e a terceira intervenções pudessem ser agrupadas numa única categoria. Mas há entre elas uma diferença que não deve ser omitida: quando retoma a palavra e faz seu comentário, Freud abandona a conversa com Catarina e passa a refletir sobre o que ela lhe diz. A separação entre o diálogo e o pensamento implica em uma outra separação entre o tempo do acontecido (as férias de 189\*, quando ele encontra a paciente) e o tempo da recordação, o momento em que ele redige a história. A distinção é necessária porque nos permite notar que Freud se divide no texto: como personagem, ele vive diretamente o encontro na montanha e a conversa com a moça; como autor, ele recorda a história e tenta construir a explicação enquanto escreve, inserindo comentários que interrompem periodicamente o diálogo com Catarina. São dois trajetos complementares cujos fios se embaraçam a todo instante, formando um tecido que é liso apenas na superfície. A espontaneidade do diálogo, reforçada pela opção do autor por reproduzir a conversa “tal como ficou gravada na minha memória, entregando à paciente ao seu dialeto<sup>115</sup>”, encobre uma busca pela confirmação de suas teorias. Enquanto Catarina alcança a origem de sua história, Freud reencontra o ponto de partida do livro – a “Comunicação Preliminar” – e vê confirmada sua tese sobre a causação dos sintomas histéricos; ela adquire um novo conhecimento ao descobrir o motivo de seus problemas respiratórios, sua tontura e suas dores no pescoço, enquanto ele descobre que poderia trazer as idéias traumáticas à consciência dos doentes sem recorrer à hipnose: Freud trata de sua teoria ao mesmo tempo que trata a moça, e ao final irá encontrar, a exemplo de sua parceira, a resolução de um mistério.

Quero ressaltar que as unidades flexíveis, formadas pelas três intervenções que descrevi, criam um movimento que faz avançar a narração. Vimos que no interior de cada unidade há uma ruptura entre o diálogo e o pensamento. Mas logo após o comentário de Freud o ciclo recomeça com uma nova pergunta, integrando a ruptura a um movimento sutil que por pouco não deixa de ser visível. O pensamento em voz alta parece cobrir um espaço vazio dentro do diálogo: ele preenche o intervalo entre a última fala de Catarina e a fala seguinte de Freud, e assim oferece uma nova perspectiva dentro do texto. O leitor passa a acompanhar criticamente tudo o que Catarina diz em vez de apenas guardar na memória o conteúdo de suas afirmações. sendo convidado a suspeitar de suas lembranças, a imaginar que um novo conteúdo se esconde

---

<sup>115</sup> EstH, p. 144

por trás daquilo que ela apresenta, tal como Freud começa a fazer logo que suspeita das roupas e da conduta da moça, nas quais encontra o sinal de que ela não seria uma empregada, e sim provavelmente uma parente da dona da pousada.

O caso de "Catarina" costuma ser lido como um feito literário e exemplo mais acabado do talento de Freud para "contar histórias". Mas cada um dos comentários que surgem nos trechos em que Freud se afasta da moça representa uma passagem da experiência para a elaboração teórica, e por isso ele afirma explicitamente a certa altura que traduz uma fala de Catarina para a linguagem da "Comunicação Preliminar". Ali ele deixa seu comentário entre parênteses, ressaltando a diferença entre os dois registros. Mas na verdade todos os seus comentários estão, de alguma maneira, cercados por parênteses – ou, pelo menos, estão apartados do diálogo entre a moça e o médico, marcando a passagem da ação (diálogo) para a reflexão (monólogo). A cada uma dessas intervenções o leitor é transportado da cena que expõe o drama de Catarina para um espaço neutro em que o autor, agora posicionado fora da cena, orienta o público no papel de uma espécie de investigador que comenta cada novo trecho de diálogo como alguém que analisa separadamente as provas materiais de um crime. Em certo sentido, todas essas falas isoladas do autor procuram substituir o conteúdo que Catarina apresenta por alguma noção geral que possa explicá-la: a partir de um novo registro, os pensamentos intercalados de Freud repetem em outro plano aquilo que a paciente acabou de dizer. Com isso o percurso se duplica: vimos anteriormente que Freud descreve a história clínica como um processo e procura acompanhar a sua formação em vez de apresentar o seu desfecho. Podemos agora completar a afirmação e dizer que ele acompanha tanto a formação da história da paciente quanto a formação de sua teoria, que vai sendo elaborada aos poucos, em meio ao contato com Catarina. O choque entre cada uma das três intervenções modela o texto, sua repetição passa a comandar o ritmo da investigação, e por isso ele deixa aos poucos de indicar a ruptura para transformar-se no termo de conciliação, capaz de organizar a evolução a partir do confronto de vozes diferentes. Encontramos na montagem do texto esta variação principal que abre espaço para uma série de variações secundárias que completam o movimento da exposição de Freud.

**FREUD E CATARINA [1] E [2]**

Ação, Dialeto  
Observação da realidade  
Experiência direta  
Clínica da histeria

**FREUD [3]**

Pensamento, Língua culta  
Organização do material  
Reconstituição; memória  
Teoria da histeria

Ao menos no texto original, a oposição entre dialeto e língua culta é a mais visível. Apesar disso, nela também há espaço para se notar a passagem da ruptura à conciliação. Freud anuncia no começo do diálogo que irá preservar o dialeto de Catarina, cujas falas são ligeiramente desordenadas, sobretudo se comparadas à clareza incisiva das perguntas que ele lhe dirige. Mas o traço provinciano da voz não nos impede de compreender imediatamente o que Catarina diz. Seu dialeto está destacado principalmente pela eliminação de vogais finais em palavras como *ich mein'* em vez de *ich meine* ("eu acho"), *Tant'* no lugar de *Tante* ("tia"), ou *wenn ich könnt'* em substituição a *wenn ich könnte* ("se eu pudesse"). A fronteira entre o dialeto e a linguagem culta é suficientemente permeável para que Freud também a ultrapasse - por exemplo, quando chama a moça de *Fräulein Katharin'*, ou então quando dobra ligeiramente a norma culta ao fazer a pergunta: *Und die andere Geschichte, wollen Sie mir die nicht erzählen?* (Algo como: "E a outra história, não quer me contar?"), quando o mais correto seria *Wollen Sie es mir nicht erzählen?* ("Não quer contá-la para mim?"). Estão certos os tradutores que optam por não recriar o dialeto de Catarina em suas versões, pois ele nem chega a ser propriamente um dialeto e nem foi resguardado para destacar uma oposição entre campo e cidade: ao preservar a entonação e os modos de expressão de Catarina, Freud reproduz também a ansiedade da voz, a respiração alterada de uma pessoa tomada pela sensação de sufocamento. Este recurso lhe permite representar diretamente no texto o sintoma que está sendo investigado – e, quem sabe, insinuar um dos possíveis elementos da cena traumática: a respiração ofegante dos parceiros na relação sexual<sup>116</sup>.

Voltemos agora à oposição entre diálogo e pensamento que encontramos na narrativa. É necessário lembrar que a condução da experiência para um esquema teórico em que traz sua explicação não chega a ser uma novidade no livro, e que transições do tipo serão comuns em outras histórias clínicas de Freud. Mas ao tornar claro que traduz a frase da paciente para a linguagem da "Comunicação Preliminar" ele mostra que sua atenção se divide enquanto escuta a moça: está atento ao que ela lhe diz e também se empenha em situar o novo material no interior de uma teoria. Por isso ele se divide entre aquele que participa da conversa (primeira intervenção) e aquele que pensa em voz alta (terceira intervenção).

Em várias passagens fiz menção ao movimento da narrativa e procurei descrever suas linhas gerais. Caberia agora perguntarmos pelo sentido do movimento, ou então tentar definir a

---

<sup>116</sup> São motivos para se preservar o ritmo contínuo das frases de Catarina, com vírgulas por vezes desnecessárias e construções sintáticas nem sempre corretas – e mais uma prova de que o estilo, na obra de Freud, está longe de resumir-se à elegância da exposição.

direção na qual a narrativa avança. Será preciso deslocar o rumo de nossa análise da transição entre diálogo e pensamento para a transição que conduz a narrativa do passado para o presente. É possível notar que a cada nova retomada do diálogo entre Freud e Catarina eles alcançam uma camada mais profunda de recordações e recuam gradualmente até um ponto de origem que o leitor encontrará no final do texto -- o momento em que Catarina recorda a cena em que sente o corpo do tio encostá-la na cama do hotel. Embora ela ainda venha a recordar algumas cenas mais antigas (como a ocasião em que encontrou o tio na frente do quarto de Francisca), nenhuma delas chega a ser indispensável para a explicação oferecida no texto. Sabemos que muita coisa ainda irá mudar na obra de Freud com relação à sexualidade, mas nem por isso devemos reduzir a importância da história de Catarina. À medida que avançam rumo ao ponto de origem (o trauma sexual), médico e paciente trazem à tona uma nova camada de recordações que traduz e amplia o material que havia sido apresentado até aquele momento.

A atração exercida pelo passado sobre o presente obriga Freud a narrar o recuo temporal já constatado no princípio de suas investigações ao lado de Breuer. Sem a narração invertida, que parte do início do tratamento para depois recuar na história do paciente, ele não pode explicar seu método. Lembremos que sua intenção consiste em apresentar a conexão entre eventos recentes e o núcleo traumático de lembranças que atua como sua causa, e que esse fato desapareceria em uma exposição linear e neutra que substituísse a ordem da memória pela ordem dos acontecimentos, a exemplo do resumo que apresentei. Mas o recuo narrativo na história de Catarina não é um fato novo dentro do livro<sup>117</sup>. Aqui vemos como uma tese elementar foi incorporada ao modo de narração. A importância do tempo na exposição do material clínico já era notada no caso Emmy, garantindo certa estrutura a uma narrativa arrastada e desigual em que transparecem as incertezas de Freud quanto ao método catártico. Sua insegurança o fazia prender-se a uma descrição minuciosa de gestos, reações, sintomas e falas da paciente que ficam registrados em um diário clínico. Em um certo momento, enquanto tenta acompanhar o que Emmy lhe diz sob hipnose ele nota que as recordações recuam no tempo.

Presenciei aqui algo que depois viria a confirmar inúmeras vezes: que na resolução hipnótica de um delírio histérico recente as comunicações do paciente invertem a ordem cronológica. Primeiro ele comunica impressões de pouca importância e ocorridas pouco tempo antes, e somente ao final chega às impressões primárias, provavelmente mais importantes em termos causais<sup>118</sup>.

<sup>117</sup> Breuer divide o tratamento de Anna O. em quatro períodos, mas narra por último o período inicial.

<sup>118</sup> 118 Est.H, 94. Talvez fosse possível levar mais adiante este comentário sobre a importância da inversão cronológica, uma vez que a própria abreação está vinculada a ela. Afinal, o efeito catártico só se completa quando são lembrados os fatos primeiros, “traumáticos”, que impõem a mais forte resistência.

O esquema fundamental da narrativa de Catarina está presente nesta descrição do percurso de um delírio histérico. Lembremos que, em meio à conversa com Catarina, Freud isola entre parênteses uma afirmação retirada da “Comunicação Preliminar” e situa explicitamente suas conclusões a respeito do caso em um terreno pré-psicanalítico ao descrevê-lo como “uma histeria abreagida em sua maior parte”; ele também não encontra qualquer impedimento para derivar a falta de ar e a opressão no peito de Catarina da “cisão de grupos psíquicos”, considerada um fato normal da adolescência. A inversão cronológica das recordações complementa a série de convicções que sustentam sua compreensão da história. Mas enquanto as outras teses da “Comunicação Preliminar” são referidas de maneira explícita como a base comum que elucida a “angústia virginal” de Catarina, a inversão do tempo aparece em silêncio, sob a forma de um modelo narrativo. Catarina acompanha a mesma seqüência estabelecida pelo delírio histérico de Emmy: comunica fatos recentes, descreve seus sintomas e depois avança até o núcleo traumático, onde haviam sido isoladas as impressões primárias, os acontecimentos mais antigos e determinantes em sua história.

Chegamos ao ponto em que será possível resgatar a idéia de uma "forma clínica" nas narrativas de Freud. O recuo até a origem se reserva em todos os seus casos clínicos, com variações que não poderemos acompanhar aqui, enquanto as proporções entre discurso direto e indireto irão inverter-se: o diálogo aberto, reproduzido no tempo presente, irá surgir apenas em circunstâncias especiais (por exemplo, na apresentação e interpretação dos dois sonhos de Dora) e a voz dos pacientes será substituída pela condução cada vez mais segura do discurso indireto. Para voltarmos aos termos do esquema proposto, tudo irá passar como se a voz solitária de Freud [3] absorvesse a fala dos pacientes e assumisse o comando das evoluções do tratamento e da teoria sem interromper o fluxo da narração. É o que já se pode observar na história de Elisabeth, ainda nos *Estudos sobre a histeria*. Mas o princípio do recuo à origem é preservado integralmente, ainda que Freud tenha passado a controlar este percurso, observando à distância os avanços que o tratamento realiza em meio às camadas da memória.

#### MEDICINA COMO METÁFORA, LITERATURA COMO MODELO

Após ter seguido de perto dois casos clínicos e esboçado os termos da composição destas histórias no trabalho de Freud, somos quase obrigados a mencionar a comparação famosa (e tão citada) entre suas histórias clínicas e a novela [*Novelle*] que aparece ainda nos *Estudos sobre a*

*histeria*. No entanto, já ultrapassamos essa comparação em nossas análises ao determinar as razões teóricas que o fizeram criar essa forma improvável de apresentação. Mostramos assim que a comparação é justa; não há mais por que admirar-se por ela. Parece-me mais interessante, como complemento ao que já foi dito, situar esta passagem do relato clínico à literatura ao lado de outras transformações da linguagem no livro e neste período da produção freudiana. Dois anos antes de publicar o livro sobre a histeria, Freud havia dado um primeiro passo no sentido dessa comparação em um artigo sobre as paralisias orgânicas e histéricas ao "pedir permissão para passar ao terreno da psicologia" e suspender suas considerações sobre a anatomia; agora ele se diz surpreso por ter entrado nos domínios da ficção. É comum que esse trecho seja apresentado fora de seu contexto, como prova de uma equivalência pura e simples entre psicanálise e literatura, ou então como contestação do caráter científico da psicanálise de Freud. Antes de retornar à passagem, tentaremos realizar o seu *percurso negativo* através do comentário sobre as transformações de sua própria linguagem teórica, para depois nos aproximarmos, com o olhar renovado, das relações entre a investigação da histeria e a literatura.

Iremos ensaiar aqui a explicação para um aspecto da linguagem em um único capítulo dos *Estudos sobre a histeria* – mais precisamente, para o recurso constante à linguagem da medicina em “A psicoterapia da histeria”, ensaio de Freud que encerra o volume. Mas para chegar a este primeiro alvo será preciso antes observar de que maneira a linguagem médica serve ali como alvo de crítica, por um lado, e como instrumento de reflexão por outro. Se a relação problemática entre as linguagens médica e psicológica torna parcial o esforço teórico de Freud, obrigando-o a mover-se por vários terrenos sem poder fixar com confiança o terreno de sua própria exploração, o conflito de linguagens no interior de sua exposição sabe revelar algo da natureza da própria histeria.

Devemos retornar ao artigo sobre as paralisias, que traz uma amostra precisa da posição intermediária ocupada pela medicina no percurso de Freud. Diante do impasse apresentado pelas paralisias histéricas, ele oferece uma explicação tão surpreendente quanto as próprias manifestações da histeria, que recusavam uma explicação em termos puramente anatômicos, para a ciência médica vigente: "... a lesão das paralisias histéricas deve ser inteiramente independente da anatomia do sistema nervoso, uma vez que *a histeria comporta-se nestas paralisias e em outras manifestações como se não houvesse a anatomia, ou como se dela não tomasse conhecimento*<sup>119</sup>". A paralisia histérica se vale do corpo em um sentido quase figurado,

---

<sup>119</sup> GW I 51. "J'affirme par contre que la lésion des paralysies hystériques doit être tout à fait indépendante de l'anatomie du système nerveux, puisque *l'hystérie se comporte dans ses paralysies et autres manifestations comme si*



"toma os órgãos no sentido vulgar, popular do nome portado por eles: a perna é somente a perna até a junção com o quadril, o braço é a extremidade superior tal como se desenha debaixo das roupas<sup>120</sup>". Em um caso de histeria não há paralisação do braço, e sim da *idéia* de braço, que permanece isolada e não cria laços associativos com outras idéias e passa assim a atuar como um trauma psíquico, gerando efeitos sobre o corpo. Utilizando a terminologia psicanalítica formulada anos depois por Freud, diríamos que o sintoma corporal está *apoiado* no corpo, mas não coincide com ele.

Este horizonte que apresenta a condição intermediária da histeria perante as afecções orgânicas nos permite situar o passo seguinte da elaboração freudiana. Por vezes a medicina comparece nos *Estudos sobre a histeria* em um sentido figurado, numa linguagem que aparentemente reproduz a mesma dinâmica descrita em seu artigo sobre as paralisias. Podemos nos perguntar: afinal, o que faz resgatar a linguagem da medicina na "Psicoterapia da histeria", em um contexto onde a investigação psicológica parece ter se emancipado da explicação orgânica, já no momento em que a superação da terapia catártica estava consumada? Entenda-se: enquanto o artigo a respeito das paralisias orgânicas, diante do dilema apresentado pelo sintoma histérico, invadia o domínio da psicologia, o ensaio sobre a histeria recupera a medicina e a anatomia, mas para reforçar a separação entre conhecimento médico e psicológico, pois a medicina surge como metáfora e não como fonte primeira de explicação. Freud parece assim ter incorporado a linguagem da histeria à sua exposição: enquanto as históricas fabricam no corpo uma linguagem desviada da anatomia, ele esboça a partir da medicina uma linguagem desviada da própria medicina. É o que se pode notar, por exemplo, nas comparações entre as dificuldades do tratamento analítico e os riscos de uma cirurgia:

Pois a terapia lida com fins práticos, com a superação de um estado geral de sofrimento, e se a histeria comparece o mais das vezes como componente de uma neurose mista, o caso se assemelha ao de uma infecção mista, no qual apresenta-se a tarefa de preservar a vida, algo que deixa de coincidir com o combate aos efeitos do elemento provocador da doença<sup>121</sup>.

Numa outra passagem, ele dirá que o médico que se depara com um caso agudo de histeria vê-se na mesma posição de um médico diante de uma doença infecciosa grave. (Comparação curiosa, em que a palavra "médico" está ligada a atividades tão distintas). A

---

*l'anatomie n'existait pas, ou comme si elle n'en avait nulle connaissance*".

<sup>120</sup> GW I 51. "Elle prend les organes dans le sens vulgaire, populaire du nom qu'ils portent: la jambe est la jambe jusqu'à l'insertion de la hanche, le bras est l'extrémité supérieure comme elle se dessine sous les vêtements".

<sup>121</sup> EstH, p. 277: "Denn bei der Therapie handelt es sich um praktische Ziele, um die Beseitigung des gesamten leidenden Zustandes, und wenn die Hysterie zumeist als Komponente einer gemischten Neurose vorkommt, so liegt der Fall wohl ähnlich wie bei den Mischinfektionen, wo die Erhaltung des Lebens sich als Aufgabe stellt, die nicht mit der Bekämpfung der Wirkung des einen Krankheitserregers zusammenfällt".

biologia também contribui, como termo de comparação, para a descrição da histeria:

A histeria traumática monossintomática é quase como um organismo elementar, um ser unicelular se comparado à intrincada trama de uma neurose histérica mais séria, como as que comumente encontramos<sup>122</sup>.

Estes desvios de uma linguagem supostamente imprecisa (na medida em que se desvia da conceituação em termos psicológicos), ilustram de maneira precisa a condição incerta da histeria: Freud também se comporta aqui como se anatomia não existisse, utilizando uma linguagem física para falar do psíquico.

Comparei muitas vezes a psicoterapia catártica a intervenções cirúrgicas, descrevi meus tratamentos como *operações psicoterapêuticas* e busquei analogias com a abertura de uma cavidade purulenta ou a curetagem de uma região cariada, etc. Uma analogia dessa ordem justifica-se não tanto pelo afastamento do que adoeceu e mais pelo reestabelecimento de condições mais favoráveis para a cura no decorrer do processo<sup>123</sup>.

À luz do que foi dito, será possível ensaiar uma nova leitura do trecho em que ele compara suas histórias clínicas a novelas. Do mesmo modo que recorre à medicina sem com isso criar uma teoria médica (pois toda analogia pressupõe um grau mínimo de afastamento) ele também se vale da literatura sem deixar sua investigação coincidir com uma produção literária. Voltemos então à íntegra do trecho:

Não fui sempre psicoterapeuta, tendo sido treinado para o diagnóstico local e a eletroprognose como outros neuropatologistas, e impressiona-me ainda de modo singular que as histórias clínicas que escrevo possam ser lidas como novelas, esquivando-se por assim dizer da marca austera da ciência. Devo consolar-me com o fato de que a responsabilidade cabe mais à natureza do objeto do que à minha inclinação; diagnóstico local e reações elétricas não trazem resultados para o estudo da histeria, enquanto uma descrição dos processos anímicos tal como se costuma encontrar nos escritores me permite, ao lado da aplicação de algumas poucas fórmulas psicológicas, uma espécie de compreensão do progresso de uma histeria<sup>124</sup>.

---

122 EstH, p. 304. "Die monosymptomatische traumatische Hysterie ist gleichsam ein Elementarorganismus, ein einzelliges Wesen im Vergleiche zum komplizierten Gefüge einer schwereren hysterischen Neurose, wie wir ihn gemeinhin begegnen".

123 EstH, p. 322. Ich habe bei mir häufig die kathartische Psychotherapie mit chirurgischen Eingriffen verglichen, meine Kuren als *psychotherapeutische Operationen* bezeichnet, die Analogien mit Eröffnung einer eitergefüllten Höhle, der Auskrazung einer kariös erkrankten Stelle u. dgl. verfolgt. Eine solche Analogie findet ihre Berechtigung nicht so sehr in der Entfernung des Krankhaften als in der Herstellung besserer Heilungsbedingungen für den Ablauf des Prozesses

124 EstH, p. 180. "Ich bin nicht immer Psychotherapeut gewesen, sondern bin bei Lokaldiagnosen und Elektroprognostik erzogen worden wie andere Neuropathologen, und es berührt mich selbst noch eigentümlich, dass die Krankengeschichten, die ich schreibe, wie Novellen zu lesen sind und dass sie sozusagen des ernstesten Gepräges der Wissenschaftlichkeit entbehren. Ich muss mich damit trösten, dass für dieses Ergebnis die Natur des Gegenstandes offenbar eher verantwortlich ist als meine Vorliebe; Lokaldiagnostik und elektrische Reaktionen kommen bei dem Studium der Hysterie eben nicht zur Geltung, während eine eingehende Darstellung der seelischen Vorgänge, wie man sie vom Dichter zu erhalten gewöhnt ist, mir gestattet, bei Anwendung einiger weniger psychologischer Formeln doch eine Art von Einsicht in den Hergang einer Hysterie zu gewinnen. Solche Krankengeschichten wollen beurteilt werden wie psychiatrische, haben aber vor letzteren *eines* voraus, nämlich die innige Beziehung zwischen Leidengeschichte

Há dois elementos que gostaria de destacar antes de encerrar essa aproximação. O primeiro é a referência à natureza do objeto, que coloca a literatura como meio, e não como *fim* da exposição. O segundo é a menção de "fórmulas psicológicas" que devem acompanhar essa descrição literária. Da mesma maneira que ele acompanha a anatomia sem reduzir os termos de sua explicação a uma linguagem anatômica, ele também tira proveito da ficção sem aderir aos objetivos do escritor. Os dois casos são análogos na medida em que Freud mantém uma certa distância com relação a ambos os domínios. Nem medicina nem literatura coincidem com a psicanálise: ambas são colocadas a serviço da apresentação de um objeto que escapa da marca austera da ciência, mas nem por isso equivale ao avesso da ciência.

#### OS NOMES DA TRANSFERÊNCIA

O olhar que revisita o passado e ensaia uma síntese a partir de resultados parciais domina a abertura de "Sobre a psicoterapia da histeria" - capítulo que encerra o livro - e no entanto a superação é feita a partir de uma retomada insistente de idéias destinadas ao abandono. É curioso notar como Freud tenta reafirmar o valor destas primeiras noções o quanto mais trabalha no sentido de sua superação. Seu contato com a *Comunicação Preliminar* está marcado por uma clara ambivalência que descreve, mais do que algum sentimento pessoal, a forma hesitante e instável do próprio livro. Neste sentido, a apresentação da *transferência* em "Sobre a psicoterapia da histeria" serve como a ilustração adequada para este movimento contraditório de resgate e superação do passado. Por um lado, o conceito de transferência encerra o arco que se abre com a terapia pela hipnose e depois avança com o emprego da técnica da pressão para esboçar, ao final, a terapia da associação livre. A cada novo passo que dá, Freud convoca a *Comunicação Preliminar*, aparentemente para reafirmar suas teses, mas termina por contestar seus resultados, como se também ele devesse refazer o percurso das pacientes histéricas, retornando a um ponto de origem para repetir um evento do passado e libertar-se dele -- como se as hipóteses iniciais que ele partilhava com Breuer fossem um corpo estranho a ser eliminado de seu esquema explicativo: para vencer o passado da teoria, ele deve primeiro ser evocá-lo em sua forma originária e depois libertar-se de seu peso. A superação do obstáculo traz a explicação que denuncia aquelas idéias iniciais como o impedimento para a elaboração de uma nova teoria da histeria.

---

und Krankheitssymptomen, nach welcher wir in den Biographien anderer Psychosen noch vergebens suchen".

No entanto o arco desenhado pelo capítulo final não se fecha porque aponta igualmente para as incertezas do futuro. A "Psicoterapia" apresenta ainda uma outra série de problemas que deverão ser solucionados por uma "teoria das neuroses", de tal modo que a resposta aos dilemas iniciais do livro coincide com o primeiro anúncio de novas questões.

Visto que não posso oferecer aqui uma "*terapia das neuroses*", tal como é necessária aos médicos praticantes, as afirmações que vêm a seguir cumprem o papel de apontamentos prévios para uma comunicação posterior; mas julgo poder acrescentar, como desenvolvimento e explicação, as seguintes observações.

Não posso expor as indicações exatas para a aplicação do método terapêutico retratado aqui sem avançar uma apreciação do tópico da *terapia das neuroses*, que tem maior relevância e alcance<sup>125</sup>.

Essa renovação da perspectiva permite a Freud redescrever a técnica da concentração sem referência à terapia catártica e ao mesmo tempo esboçar os termos de um novo desafio. Neste contexto, a novidade da transferência pode ser medida pelo fato de estar presente na exposição muito antes de ser enunciada. Freud dispersa a questão numa série de registros isolados, anuncia sua resolução futura e circunscreve a discussão sem utilizar diretamente a palavra "transferência" [*Übertragung*]. É indispensável lembrar que *Übertragung* também significa "tradução", e que Freud se vale largamente dessa acepção da palavra ao elaborar o conceito psicanalítico de transferência, pois ao apresentá-lo indiretamente ele se serve de expressões diferentes para traduzir o conceito. Ao fim a transferência será caracterizada como impedimento para a cura. De início, ela é descrita como uma intercorrência do tratamento; não é apresentada como conceito e sim como uma atividade - e talvez por isso, ao menos neste momento preciso da reflexão, Freud ainda pudesse prescindir de nomeá-la. A menção explícita do conceito é substituída por comentários gerais sobre os sentimentos dos pacientes com relação ao médico ou sobre o engajamento pessoal no seu tratamento:

Não imaginava como eu pudesse aprofundar-me no mecanismo psíquico de uma histeria com uma pessoa que me parecesse ordinária ou repulsiva, ao passo que poderia conduzir o tratamento de um reumático sem considerar qualquer simpatia pessoal.

Ao instruir o paciente, informando-lhe a respeito do mundo fantástico dos processos psíquicos que passamos a ver somente por intermédio da análise, nós o conquistamos como parceiro de trabalho,

---

125 EstH, 277: "Da ich an dieser Stelle eine 'Therapie der Neurosen', wie sie dem ausübenden Arzte vonnöten wäre, nicht geben kann, stellen sich die vorstehenden Äusserung einer aufschiebenden Verweisung auf etwaige spätere Mittelungen gleich; doch meine ich, zur Ausführung und Erläuterung noch folgende Bemerkungen anschliessen zu können". EstH, 321-2: "Die bestimmten Indikationen für die Anwendung der hier geschilderten thearapeutischen Methode kann ich freilich nicht aufstellen, ohne in die Würdigung des bedeutsameren und umfassenderen Themas der Therapie der Neurosen überhaupt einzugehen". Os destaques são meus.

o convencemos a observar a si próprio com o interesse objetivo do investigador e com isso afastamos a resistência sustentada por bases afetivas<sup>126</sup>.

Logo a seguir a transferência irá aparecer como um obstáculo ao tratamento, e mais adiante - a duas páginas do final do livro - encontraremos por fim a palavra *Übertragung*:

Ao lado dos fatores intelectuais invocados para a superação da resistência, raramente se pode evitar um fator afetivo - a posição pessoal do médico - e numa série de casos somente ela reúne condições para levantar a resistência. Tudo se passa aqui de modo muito similar à medicina, e não se pode esperar de nenhum método terapêutico que abdique inteiramente da interferência deste fator pessoal<sup>127</sup>.

[*A relação entre médico e paciente é perturbada*] Quando a paciente se espanta pelo fato de transferir idéias dolorosas que emergiram do conteúdo da análise para a pessoa do médico. Isso é comum e, em algumas análises, ocorre com regularidade. A transferência para o médico se dá por falsa conexão<sup>128</sup>.

A apresentação parcial e hesitante do conceito de transferência remete-nos de imediato à distância entre ele e o método catártico - em suma, à inexistência de uma base clínica para tais desenvolvimentos: Freud não poderia sistematizar um fenômeno que apenas começou a observar. Será preciso um longo período de prática analítica até que ele venha a ocupar-se da noção clínica da transferência, numa série de artigos sobre técnica publicados no início da década de 1910. E no entanto, mesmo ali o conceito emerge simultaneamente como avesso do tratamento e perspectiva de cura. Dentro dos limites dos *Estudos sobre a histeria*, ele instaura um impasse que ficará sem resolução, representando um estorvo para o tratamento que, mesmo sendo incontornável, demanda uma resolução. "Devo tratar ainda de um tópico que desempenha um papel indesejadamente amplo numa terapia catártica<sup>129</sup>", Freud anuncia, pouco antes de descrever as dificuldades presentes na situação em que "a relação do paciente com o médico é

---

126 EstH, 281. Ich könnte mir nicht vorstellen, dass ich zustande brächte, mich in den psychischen Mechanismus einer Hysterie bei einer Person zu vertiefen, die mir gemein und widerwärtig vorkäme, während ich die Behandlung eines Tabikers oder Rheumatikers unabhängig von solchem persönlichen Wohlgefallen halten kann. EstH, 299. Indem man ihn aufklärt, ihm von der wundersamen Welt der psychischen Vorgänge Mitteilungen macht, in die man selbst erst durch solche Analysen Einblick gewonnen hat, gewinnt man ihn selbst zum Mitarbeiter, bringt man ihn dazu, sich selbst mit dem objektiven Interesse des Forschers zu betrachten, und drängt so den auf affektiver Basis beruhenden Widerstand zurück.

127 EstH, 300. Neben den intellektuellen Motiven, die man zur Überwindung des Widerstandes heranzieht, wird man ein affektives Moment, die persönliche Geltung des Arztes, selten entbehren können, und in einer Anzahl von Fällen wird letzteres allein imstande sein, den Widerstand zu beheben. Das ist hier nichts anders als in der Medizin, und man wird keiner therapeutischen Methode zumuten dürfen, auf die Mitwirkung dieses persönlichen Momentes gänzlich zu verzichten.

128 EstH, 319. Wenn die Kranke sich davor schreckt, dass sie aus dem Inhalte der Analyse auftauchende peinliche Vorstellungen auf die Person überträgt. Dies ist häufig, in manchen Analysen ein regelmässiges Vorkommnis. Die Übertragung auf den Arzt geschieht durch falsche Verknüpfung.

129 EstH, 318. "Ich habe endlich noch ein Thema zu behandeln, welches bei der Durchführung einer solchen kathartischen Analyse eine unerwünscht grosse Rolle spielt".

perturbada, e [que] denota o impedimento mais grave que se pode encontrar. Mas é necessário contar com ele em toda análise séria<sup>130</sup>". A relação com o médico pode produzir durante a terapia um novo sintoma, análogo aos sintomas de origem, mas que toma a figura do médico como objeto. Cria-se assim uma falsa conexão que desvia as atenções do sintoma verdadeiro que conduziu o paciente à terapia (e que serve à resistência do paciente, na medida em que lhe permite não falar do sintoma), mas ao mesmo tempo abre caminho para a resolução, uma vez que o sintoma na transferência é análogo ao sintoma de origem. Esta dialética do conceito já está esboçada na "Psicoterapia", embora Freud não tenha organizado a própria idéia de tratamento analítico a partir da transferência, como fará anos depois.

A construção da noção de transferência neste capítulo final nos remete ainda à escrita exploratória de Freud, que busca o sentido da investigação em meio ao próprio processo de investigação em vez de apresentar esse sentido como o resultado da pesquisa. Ele modifica, pondera e refaz os caminhos da teoria no interior do texto em vez de aplicar noções que estivessem construídas de antemão. A forma tateante e o excesso de zelo com que ele aborda as relações entre médico e paciente evidenciam que ele escolhe, como de hábito, uma exposição genética. Para além desta característica, a transferência impõe uma inversão radical de perspectiva sob dois aspectos para os quais desejamos agora chamar atenção: em primeiro lugar, ela implica o envolvimento do médico na terapia. Ele se torna *alvo* dos sentimentos de outra pessoa e deixa de ser apenas o *observador* dos processos nos quais deve interferir. "No princípio fiquei bastante contrariado com este acréscimo do meu *trabalho psíquico*<sup>131</sup>"- o reconhecimento de Freud não deixa espaço para dúvidas. E ainda, a transferência rompe a fronteira que até então apartava o *método do objeto* de investigação, uma vez que a resistência à análise, produzida pela transferência, é a manifestação de uma força psíquica. Perde-se com o novo conceito a possibilidade de se observar o objeto (a ação das forças psíquicas) a uma distância segura, pois ele se encontra em ação na transferência, e a investigação de Freud precisará abordar essas duas faces da questão de um só golpe:

Conquistei com essa experiência a impressão de que seria efetivamente possível trazer à tona por simples pressão as séries de idéias patógenas, que certamente existiam, e como esta pressão me demandava esforço e eu estava próximo à idéia de que precisaria superar uma resistência, a matéria converteu-se então diretamente na teoria segundo a qual *eu precisava superar, por intermédio de meu trabalho psíquico, uma força psíquica no paciente que se opõe ao ingresso na*

---

130 EstH, 318. "Dieser Fall tritt ein, wenn das Verhältnis des Kranken zum Arzte gestört ist, und bedeutet das ärgste Hindernis auf das man stossen kann. Man dann aber in jeder ernsteren Analyse darauf rechnen".

131 EstH, p. 321. Ich war anfangs über diese Vermehrung meiner psychischen Arbeit recht ungehalten ...".

*consciência (recordação) da idéia patógena*<sup>132</sup>.

Voltaremos depois a comentar este trecho. Basta destacar por enquanto a passagem de uma esfera a outra, pela qual "a matéria converteu-se diretamente" em uma teoria. Da observação clínica passamos à caracterização geral do conflito psíquico porque a transferência torna presente um processo anteriormente apreendido por um observador que não estava implicado em sua dinâmica, mas que agora foi arrastado para dentro dela. Esta implicação do médico no trabalho da terapia terá, como veremos agora, efeitos sobre a linguagem do texto.

#### O EU INVERTIDO

Seria o caso de nos perguntarmos agora como a linguagem da "Psicoterapia da histeria" pôde abrir caminho para a inversão de perspectiva desencadeada pela transferência - ou então, buscar compreender como esta inversão se manifesta na linguagem do texto. Em seu conjunto, ele apresenta articulações intermitentes e inconclusivas e transita entre vários registros. No entanto essa falta de equilíbrio, que Freud chega a reconhecer quando pede desculpas ao leitor pelo emprego excessivo de analogias, é reveladora por corresponder a uma instabilidade da própria investigação que é conduzida. Esta forma instável pode ser notada, em primeiro lugar, na posição em que o método passa a se situar: ele não determina de antemão a prática da terapia, mas sim passa a ser definido a partir dos seus resultados:

Quando penso na diferença freqüente do meu juízo a respeito de um caso de neurose *antes e depois* da análise, sou quase tentado a considerá-la indispensável para a compreensão de um adoecimento neurótico.

Não se pode descrever de modo mais claro ou adequado as experiências com tais análises do que quando nos colocamos no ponto em que se pode, após a dissolução, apreender todo o conjunto<sup>133</sup>.

A posição invertida do método, que deixa de determinar o material para ser determinado por ele, revela que ao menos neste ponto a teoria está atravessada pelo próprio

---

132 EstH, p. 284. "Durch solche Erfahrungen gewann ich den Eindruck, es würde in der Tat möglich sein, die doch sicherlich vorhandenen pathogenen Vorstellungsreihen durch bloßes Drängen zum Vorschein zu bringen, und da dieses Drängen mich Anstrengung kostete und mir die Deutung nahelegte, ich hätte ein Widerstand zu überwinden, so setzte sich mir der Sachverhalt ohneweiters in Theorie um, daß *ich durch meine psychische Arbeit eine psychische Kraft bei dem Patienten zu überwinden habe, die sich dem Bewußtwerden (Erinnern) der pathogenen Vorstellungen widersetzt*".

133 EstH, p. 283: Wenn ich an die gewöhnliche Verschiedenheit zwischen meinem Urteile über einen Fall von Neurose vor und nach einer solchen Analyse denke, gerate ich fast in Versuchung, diese Analyse für unentbehrlich zur Kenntnis einer neurotischen Erkrankung zu halten. EstH, 304: Man kann die bei solchen Analysen gemachten Erfahrungen jedenfalls nicht bequemer und anschaulicher beschreiben, als wenn man sich auf den Standpunkt stellt, den man *nach* der Erledigung zur Überschau des Ganzen einnehmen darf.

material que busca definir. Só descobrimos o diagnóstico correto para uma histeria ao final do tratamento, e não mais no seu início. Por isso o método não pode mais ser anterior à sua aplicação. Se, no plano da terapia, a transferência enreda o médico no tratamento ao retirá-lo da posição de espectador passivo, no plano conceitual ela obriga o autor a tomar parte na teoria que está criando. A resposta que Freud encontra para este desafio é notável em termos conceituais, ao mesmo tempo que nos faz admirar ainda mais sua capacidade como escritor. Ele passa a enunciar seu discurso teórico de uma perspectiva que não é impessoal, descrevendo a teoria *na primeira pessoa*, como processo associativo ou um conjunto de idéias e imagens que lhe ocorrem. Aqui o “eu” gramatical irá aparecer como objeto, e não como o sujeito da elaboração<sup>134</sup>. As suspeitas teóricas colocam-se diante do autor que se deixa conduzir por elas.

De minha parte, devo ainda dizer que ateno-me ao conteúdo da "Comunicação Preliminar"; entretanto preciso admitir que, nos anos que se passaram desde então, *impuseram-se sobre mim novas perspectivas* que resultaram em uma ordenação e concepção do material já conhecido que são ao menos parcialmente diferentes...

*Impôs-se depois sobre mim* a descoberta segundo a qual, na medida em que se pudesse falar de uma causação... a etiologia deveria ser buscada no fator sexual.

*Uma novo entendimento parecia abrir-se para mim* quando me ocorreu que esta força poderia ser a mesma que havia atuado no aparecimento do sintoma histérico e impedido na época o acesso da idéia patógena à consciência.

*Fui libertado* de todas as dúvidas suscitadas *pelo plano* de tratar todas as neuroses em questão como se fossem histerias...

Recuperemos os termos da correspondência que tentamos estabelecer. Dizíamos que o médico, ao tornar-se alvo da transferência, participa do tratamento. Vemos agora que o autor Freud aparece como o *alvo* da investigação que conduz: a teoria o atinge, chega até ele ou

---

134 Meu argumento transpõe para o contexto da histeria uma análise da linguagem teórica de Freud apresentada pela tradutora britânica Joyce Crick em seu prefácio à nova edição inglesa de *A piada e sua relação com o inconsciente*. Agradeço a ela pela oportunidade de discutir algumas das posições apresentadas aqui, ressaltando que no entanto que as idéias desenvolvidas neste texto são de minha inteira responsabilidade. Citarei o comentário da tradutora e darei ao leitor a liberdade para aproximar as duas leituras: "Syntactically, the agent of the action in his [Freud's] sentences is frequently the movement of the psyche, the feeling, the joke, the laughter, the inhibition etc., not the person who feel, laugh, are inhibited. These occur *to* them, happen *to* them. They are the objects, not the agents of what is going on in the psyche. At its simplest, the psychical agent is the subject of an active verb: a pleasurable mood will 'lift the inhibiting effect of critical judgement'; pleasurable effects will 'encourage children in the habit of playing' (p.125). But it is also to be understood in this way in more complex sentence-structures, for example, when Freud writes of 'the unreliability of a joke's success when *ideas with a strong and arousing effect are called up in the listener by the thoughts expressed in it*, for then whether *his attention remains with the joking process or withdraws from it depends on the train of thought controlling the listener*. Even if one cannot match Freud's syntactical forms exactly, it is important, I think, to try to render the grammatical agency of his psychical forces, for that is what expresses his dynamic conception of th psyche. It does, however, entail occasional obscurities in Freud's own language, and certainly some contortion in my attempts to render it". (Crick, Joyce. "Translator's Preface", em Freud, S. *The joke and its relation to the unconscious*, London, Penguin Classics, 2002, pp. xxxv-xxxvi). Os destaques no texto em inglês são da tradutora.



impõe-se diante dele. Em vez de comandar o rumo da reflexão, ele se deixa comandar pelo próprio material que investiga. No tocante ao estilo, a "Psicoterapia" não deixa de ser um texto de abertura: alguns anos adiante, a auto-análise permitirá uma separação mais nítida entre os discursos de primeira e terceira pessoa e tornar latentes os traços que aproximam um terreno do outro. Mas nos *Estudos sobre a histeria* nós podemos ter acesso a uma forma bruta de sua prosa que nos ajuda a compreender sua evolução. Freud ainda está enredado numa teoria cujos contornos ainda não pode divisar. Antes de ensaiar esta compreensão no próximo capítulo, talvez seja melhor reforçar nosso argumento a partir de outros exemplos similares, todos eles retirados da "Psicoterapia":

A partir disso, a noção de defesa *produziu-se como que por si mesma*.

Quanto tentei aplicar o método breueriano de cura a um número maior de pacientes, *vieram ao meu encontro duas dificuldades* que me conduziram a uma modificação tanto de método como de concepção.

Considero essa distinção essencial a um tal ponto que *deixo-me levar por ela* para sustentar a existência da histeria hipnóide. Curiosamente, não encontrei na minha experiência nenhuma histeria hipnóide autêntica: tudo o que tomei nas mãos transformou-se em histeria de defesa<sup>135</sup>.

Que a série de citações apresentadas aqui não sejam tomadas como provas cabais do nosso argumento. A suspeita de uma conexão entre estas construções gramaticais e o aparecimento tímido da noção de transferência parece produtiva se tomarmos em consideração o destino posterior da psicanálise e do estilo de Freud. Teríamos aqui ao menos uma justificativa para a sua apresentação, e netes sentido elas talvez venham a servir como indícios para uma leitura mais abrangente. Apesar das incertezas quanto ao seu valor, quero defender ao menos o método como nossos resultados foram obtidos. Ao conceder atenção aos traços secundários de uma construção teórica apenas seguimos o exemplo clínico dado pelo próprio Freud nos *Estudos sobre a histeria*: "As explicações decisivas são anunciadas com freqüência como um acessário supérfluo, a exemplo dos príncipes disfarçados de mendigo na ópera. 'Ocorreu-me alguma coisa agora, mas não tem nada a ver com o assunto. Digo apenas porque o senhor exige saber tudo'... Sempre escuto atentamente quando ouço o paciente falar de uma

---

135 EstH, 285. "Aus alledem ergab sich wie von selbst der Gedanke der Abwehr": EstH, 292. "Als ich versuchte, die Breuersche Methode der Heilung... an einer grösseren Reihe von Kranken zu verwenden, stiessen mir zwei Schwierigkeiten auf, in deren Verfolgung ich zu einer Abänderung der Technik wie der Auffassung gelangte". EstH, 302. "Ich halte diesen Unterschied für so wesentlich, dass ich mich durch ihn gerne bestimmen lasse, an der Aufstellung der Hypnoidhysterie festzuhalten. Meiner eigenen Erfahrung ist merkwürdigerweise keinte echte Hypnoidhysterie begegnet; was ich in Angriff nahm, verwandelte sich in Abwehrhysterie".

idéia com tanto despreço<sup>136</sup>". Não é raro que as soluções encontradas por Freud sejam, tal como as nossas, provisórias e plenas de incertezas. Mas a aproximação entre o conceito de transferência e a linguagem de sua descoberta pode ser considerada legítima se acreditarmos que, mais do que escrever *sobre* a histeria, Freud quis também torná-la presente em sua linguagem -- razão pela qual ele se autoriza a "converter o conteúdo em teoria" quando a matéria que investiga lhe impõe uma solução determinada. Iremos reencontrar essa atenção à matéria nas origens do livro - mais exatamente na carta que ele escreveu a Breuer enquanto preparava um esboço para a "Comunicação Preliminar": "Luto com o problema de como se pode representar em termos planos uma coisa tão corpórea como a nossa teoria da histeria<sup>137</sup>".

---

136 EstH, 296. "Die wichtigsten Aufklärungen kommen häufig mit der Ankündigung als überflüssiges Beiwerk, wie die als Bettler verkleideten Prinzen der Oper: "Jetzt ist mir etwas eingefallen, das hat aber nichts damit zu schaffen. Ich sage es Ihnen nur, weil Sie alles zu wissen verlangen".

137 GW XVII, 7. "Ich quäle mich mit dem Problem, wie man etwas so Körperhaftes wie unsere Hysterielehre flächenhaft darstellen kann".

### III. O TEMPO PRESENTE

#### DUAS VOZES

Seria difícil ignorar que *A interpretação dos sonhos* fornece, no assunto e na composição, o desenho involuntário de uma biografia. Em nenhum momento Freud esconde que fala de si mesmo, seja como o terapeuta que chega ao sonho pelo tratamento da histeria ou como o intérprete que decide aplicar aos seus próprios sonhos o método que está criando. Mas a intenção biográfica encontra barreiras no autor, que expõe sua vida particular mas pede ao leitor que não dê a ela muita atenção, e na condição secundária que essa intenção irá ocupar no próprio texto, pois as indiscrições de Freud valem mais pelo método de investigação que as revelou do que pelo conteúdo pouco surpreendente de sua vida particular. O traço biográfico, mesmo sendo inescapável, irá corresponder a um meio e não ao fim do estudo sobre os sonhos, integrando um processo que desmancha sua autonomia ao desaguar em formulações gerais de uma teoria psicológica. A voz individual permanece remetida a um domínio exterior ao seu, cujo caminho ela prepara.

Mas para além deste jogo entre ciência e confissão existe um outro, subterrâneo, entre uma voz que fala do eu, e predomina em narrações e interpretações de sonhos, e uma outra voz dirigida para um quadro objetivo de determinações e para a natureza da psicologia. A delicadeza deste equilíbrio pode ser medida pelo fato de Freud não ter limitado sua auto-análise a uma determinada seção ou capítulo do livro. Ela aparece dispersa em vários momentos e está, a exemplo de sua teoria dos sonhos, em formação permanente no livro. Se a perspectiva da primeira pessoa do singular impõe-se ao leitor, ele não deve também perder de vista o tecido de relações em que ela se apresenta, e que a lança para algo que não coincide com ela mesma.

A palavra "biografia" vale aqui em um sentido largo, que supera a simples referência a uma vida pessoal e, ao que tudo indica, ajusta-se melhor a uma descrição das linguagens presentes no livro. Bastaria suspender por um breve instante a nítida separação que somos ensinados a enxergar entre a auto-análise de Freud, por um lado, e a construção de um método e de uma doutrina, por outro, para descobrir que o pronome pessoal "eu" surge no texto sob formas que não coincidem inteiramente com a noção de um "relato em primeira pessoa", a começar pelo Freud intérprete de seus próprios sonhos, que observa à distância o relato de suas

produções oníricas. Veríamos então, ao seu lado, o teórico da interpretação, que forma esquemas para as interpretações que produziu, ou o leitor crítico da literatura científica sobre os sonhos, sem falar no analista que por vezes encontra a si mesmo nos sonhos de algum paciente. Esta multiplicidade aponta para problemas que não podem ser tratados aqui, e no entanto deve ser mencionada para que a mobilidade do texto não escape do nosso horizonte. Partiremos de seu elemento de base - o relato do sonho - para depois caracterizar o percurso. Esboçando uma descrição um pouco crua da forma do livro, que iremos ponderar mais adiante ao final do capítulo, diremos inicialmente que ele se organiza a partir de ciclos sucessivos de relatos e interpretações de sonhos. O discurso de primeira pessoa é evidente nas situações em que Freud é sonhador e intérprete de seu sonho, mas nem por isso desaparece nas interpretações dos sonhos dos pacientes, onde o autor aparece somente como este outro "eu" que acompanha a partir de fora uma série de pensamentos que não lhe pertencem. A voz desse "eu" não se esgota nas confidências íntimas de Freud, nas suas revelações sobre a infância ou as ambições da vida adulta: a primeira pessoa é antes de tudo a pessoa que sonha, ou melhor, que está contando um sonho.

Para a questão que desejamos lançar agora basta notar que o trabalho de interpretação é sempre precedido pela fabricação deste *relato* do sonho. A tarefa de interpretar aderiu a um tal ponto à figura de Freud que o relato do sonho passou a ser compreendido como um registro neutro e objetivo das imagens oníricas. Enxerga-se nele a reprodução pura e simples do conteúdo manifesto, o ponto de partida para o resgate do conteúdo latente e a descoberta do sentido do sonho. Esta neutralização do relato também se deve, como veremos adiante, à sua linguagem. O registro verbal é de fato o elemento inicial que conduz à interpretação, e pode-se dizer também que ele corresponde ao conteúdo manifesto do sonho. Mas com esta primeira definição vemos o problema, que parece ter se esgotado, desdobrar-se em outros dois: se o relato apresenta o conteúdo manifesto (que, como Freud irá destacar a partir do primeiro capítulo, não nos traz o sonho completo) ele não pode reproduzir a experiência direta do sonho. O conteúdo manifesto é a reprodução verbal do sonho tal como ele foi lembrado na vigília, e não o sonho vivido. Além disso, quem registra um sonho está transpondo em palavras uma experiência predominantemente visual, e a interpretação parte inevitavelmente de uma descrição do sonho que se teve. Freud convive com esta limitação sem desacreditar a linguagem do relato como uma expressão degradada da experiência do sonho. Os estudiosos do sonho, ele diz, "enganam-se quando tomam a modificação do sonho pela lembrança e pela tradução em palavras por arbitrária e indecifrável, e por consequência destinadas a nos conduzirem ao erro

no conhecimento do sonho. Eles subestimam a determinação no psiquismo. Nada ali é arbitrário<sup>138</sup>. Portanto o relato, mesmo sem equivaler ao sonho real, traz as determinações suficientes para a recomposição de seu sentido secreto e não deve ser descartado. Enquanto outros autores se valem da impossibilidade de uma descrição exata do sonho para rebaixá-lo como fenômeno psíquico, Freud incorpora estas restrições ao esforço para descobrir seu significado: "...a deformação não é outra coisa senão uma parte da elaboração à qual os pensamentos do sonho são obrigatoriamente submetidos por conta da censura<sup>139</sup>". Isso equivale a reconhecer que as modificações feitas pelo relato são elementos do sonho e podem ser interpretadas.

Se há um texto do sonho, que tangencia e traduz a experiência noturna a partir de um outro registro, talvez seja interessante compreender como ele ajuda a compor o texto de *A interpretação dos sonhos*. Mas antes será necessário isolar este momento da composição do livro, o que exige que retornemos aos textos do sonho para observar, a partir de alguns exemplos, como é construída a sua forma.

1) Ele sonhou que *veste novamente seu casaco de inverno, o que é terrível.*

2) *Seu pai o ofende porque ele chega muito tarde em casa.*

3) *Ela lembra que tem dois besouros-de-maio em uma caixa, os quais ela precisa libertar, pois caso contrário eles se asfixiam. Ela abre a caixa, os besouros estão muito fracos; um deles voa pela janela, mas o outro é esmagado pela corredeira no momento em que ela fecha a janela, conforme alguém exige dela. (Sentimento de aversão).*

4) *Escrevi uma monografia sobre uma certa planta. O livro está diante de mim, folheio uma prancha colorida dobrada. A cada exemplar está amarrado um espécime dessecado da planta, como em um herbário.*

5) **I.** *O amigo R. é meu tio. Sinto forte carinho por ele. II.* *Vejo seu rosto um pouco mudado diante de mim. Ele parece esticado, uma barba amarela que o contorna fica especialmente acentuada com clareza.*

6) *Multidão de pessoas, reunião de estudantes. – Um conde (Thun ou Taaffe) discursa. Exortado a dizer alguma coisa sobre os alemães, ele declara com ar de desprezo que a flor predileta deles é a unha-de-cavalo e depois coloca na lapela algo como um papel retalhado, na verdade a estria de uma folha esmagada. Eu me enfureço, então me enfureço\*, mas me surpreendo com esse meu sentimento. Depois mais indistinto: como se fosse o átrio, os acessos ocupados, e fosse preciso fugir. Abro caminho em meio a uma série de quartos com móveis bonitos, claramente quartos oficiais, com móveis de uma cor entre marrom e roxo, e chego finalmente a um corredor em que uma zeladora, uma senhora de idade e obesa, está sentada. Evito falar com ela; fica claro que ela me considera autorizado a passar por aqui, pois ela pergunta se deve acompanhar com a lamparina. Indico ou digo a ela que deve ficar na escada, e me acho muito esperto por ter escapado da fiscalização no final. Então estou em baixo e encontro uma subida íngreme que atravesso.*

*Novamente indistinto... Como se viesse agora a segunda tarefa de sair da cidade, como antes da*

138 GW II/III 519. "Die Autoren irren nur darin, dass sie die Modification des Traumes bei seinem Erinnern und In-Worte-Fassen für willkürlich, also für nicht weiter auflösbar und demnach für geeignet halten, uns an der Erkenntnis des Traumes irre zu leiten. Sie unterschätzen die Determinierung im Psychischen. Es gibt da nichts Willkürliches".

139 GW II/III 519. "Aber diese Entstellung ist selbst nichts anderes als ein Stück der Bearbeitung, welcher die Traumgedankengesetzmassig in Folge der Traumcensur unterliegt".

*casa. Vou em um cabriolé e mando-o seguir para uma estação. “Na plataforma não posso seguir com o senhor”, eu digo após ele fazer uma objeção, como se eu o tivesse sobrecarregado. E então é como se eu já tivesse passado com ele por um trecho que normalmente é percorrido pelo trem. As estações estão ocupadas; avalio se devo ir para Krems ou Znaim, mas penso que a corte estará lá, e me decido por Graz ou algo parecido. Agora sento-me no vagão, que parece o de um trem de subúrbio, e tenho na lapela uma coisa comprida com um trançado particular, e nela uma violeta de cor marrom ou roxa de material duro, o que impressiona muito as pessoas. Aqui a cena se interrompe.*

*Estou na estação outra vez, mas a dois com um senhor mais velho, invento um plano para permanecer incógnito, mas também já vejo o plano realizado. Pensar e agir são como que uma coisa só. Ele se passa por cego, ao menos de um olho, e eu seguro diante dele um urinol de vidro (que tivemos que comprar ou compramos na cidade). Sou portanto enfermeiro e tenho que dar o vidro para ele porque ele é cego. Se o condutor nos vê assim, deve deixar que passemos desapercibidos. Neste momento vê-se nitidamente a posição da pessoa e seu membro que está urinando. Então acordo com vontade de urinar.*

**\*(Nota de Freud):** Esta repetição se infiltrou no sonho, aparentemente por uma distração, e foi autorizada por mim, pois a análise mostra que ela possui seu significado<sup>140</sup>].

## O SONHO POR ESCRITO

O trabalho sobre a palavra começa no território insuspeito do relato do sonho. Se supomos que nada é arbitrário no psiquismo, não podemos imaginar que o modo como se conta um sonho escape a essa regra. Nos relatos de *A interpretação dos sonhos* notamos a preocupação com o detalhe e a busca por palavras que saibam dizer exatamente o que se viveu durante o sono. Algumas pistas sutis são lançadas a respeito do trabalho de anotação. Com uma observação desinteressada, apertada por dois travessões no meio de uma frase, Freud continua a contar certo sonho, “o único do qual não disponho de anotações detalhadas<sup>141</sup>”. O leitor que quiser saber qual a interpretação que Freud lhe oferece pode dispensar o comentário sem nenhum prejuízo. Mas ele deixa uma indicação valiosa sobre a redação de todos os sonhos do livro por assinalar que o autor se empenhou em anotar todos os sonhos colocados entre as primeiras páginas e o encerramento do livro, e que somente um teria escapado a esta regra de trabalho. A dedicação a esta tarefa foi permanente, pois ele anotou e interpretou centenas de sonhos seus e de outras pessoas<sup>142</sup>. As anotações de sonhos são principalmente o resultado de uma luta contra o esquecimento. Resgatamos o sonho da vida noturna e damos o primeiro passo para compreendê-lo quando tentamos recordar suas imagens. Ao marcá-lo no papel, ultrapassamos a

<sup>140</sup> GW II/III 192; 295; 333; 143; 175; 215-216. O texto original destes seis sonhos foi reproduzido na página da margem esquerda.

<sup>141</sup> GW II/III 498. "Der Traum lautet - es ist der einzige, über den ich keine sorgfältigen Aufzeichnungen besitze - ungefähr so: ..."

<sup>142</sup> GW II/III 108: “No curso de minhas psicanálises de neuróticos interpretei certamente mais de mil sonhos, mas não quero utilizar aqui este material para uma introdução à técnica e à teoria da interpretação dos sonhos”. [Im Verlaufe meiner Psychoanalysen habe ich wohl bereits über tausend Träume zur Deutung gebracht, aber dieses Material möchte ich hier nicht zur Einführung in die Technik und Lehre der Traumdeutung zuwenden].

barreira da censura e damos uma forma precisa a um acontecimento que termina, no mais das vezes, apagado pela consciência. Seu esquecimento parece natural e não nos surpreende. O interesse imediato pela vida desperta trabalha a seu favor, ao lado da interferência dos estímulos externos que rompem facilmente o tecido do sono, destacando a pouca nitidez das imagens noturnas, o desarranjo dos elementos e a incerteza quanto ao conteúdo verdadeiro do sonho.

Estes obstáculos também não escaparam à atenção de Freud. Em outro comentário igualmente discreto, ele conta que registrou o sonho da injeção em Irma “imediatamente depois de acordar<sup>143</sup>”. Os relatos de sonhos presentes no livro trazem esta marca: são textos diretos, apresentados no presente do indicativo - ou por vezes no conjuntivo, para indicar a incerteza da pessoa que sonha frente ao que está narrando. Raramente são empregados os verbos modais e auxiliares; conjunções explicativas e causais têm papel secundário quando surgem, e não organizam necessariamente o rumo da narração. Sobretudo nos sonhos de Freud, os laços causais são tênues e encobrem conexões latentes a serem reveladas pelo trabalho de interpretação.

A tarefa de ler os sonhos não é simples e exige concentração. Sem uma segunda leitura, não guardamos os elementos de relatos como o do “sonho revolucionário”, o mais extenso e fragmentado de todo o livro. As orações são justapostas sem um critério nítido de organização; por vezes elas se acumulam na frase sem que o leitor perceba qual a relação entre elas - *“Agora sento-me no vagão, que parece o de um trem de subúrbio, e tenho na lapela uma coisa comprida com um trançado particular, e nela uma violeta de cor marrom ou roxa de material duro, o que impressiona muito as pessoas”*. A partir da leitura deste sonho específico (o último da série apresentada acima), vemos que Freud não escreve o sonho pensando em seu conjunto. A ordem da primeira cena logo se quebra; não há transição para as situações seguintes e algumas sequências estão cortadas (“Aqui a cena se interrompe”). É como se uma cena não soubesse que as outras existem. Elas parecem ter sido lançadas no papel sem nenhuma regra, e o rumo da interpretação não é visível a partir delas. Fica claro que o autor não busca um relato elegante ou coerente. Ele não está preocupado em explicar para os outros ou para si mesmo o que acontece no sonho: quer registrar o acontecido em sua forma bruta e botá-lo no papel antes que a lembrança se apague. A mesma convicção que o faz pedir aos pacientes que digam sempre o que lhes vem à cabeça, sem recusar nenhuma idéia que pareça absurda ou irrelevante, também o faz escrever seus sonhos (e os de seus pacientes) em linha reta, sem perguntar-se

---

<sup>143</sup> GW II/III 111. "...hatte ich den nachtehenden Traum, der unmittelbar nach dem Erwachen fixiert wurde".

ainda pelo fio que reúne suas partes. As lacunas e asperezas destas anotações são o preço a pagar pela existência de algum registro. Inscrito numa forma de linguagem, o sonho deixa de ser um sonho; em contrapartida, depois de fixar seus elementos pode-se examinar o que ficou escrito. Numa palavra, agora já podemos falar sobre ele: o sonho, mesmo deformado, continua a existir nesta inscrição literal.

Em uma nota de rodapé que redigiu para explicar o contra-senso da cena de um outro sonho - *“de repente estou numa outra carruagem, em que o revestimento e o assento são tão estreitos que bate-se diretamente no encosto”* – notamos que há um método por trás da redação dos sonhos - ou então, que a ausência do método faz parte de sua estratégia:

“Nem mesmo eu compreendo esta descrição; porém obedeco ao princípio de reproduzir o sonho nas palavras que me ocorrem durante a anotação. A versão literal é ela própria uma peça da figuração do sonho<sup>144</sup>”.

Esta nota da segunda metade do livro destaca algumas idéias gerais que podíamos entrever, com maior ou menor clareza, em capítulos ou seções anteriores. Antes de mais nada, é preciso observar que Freud conta o sonho sem necessariamente entender o que escreve; toda sua atenção se volta para a aparição do material, e ele não acomoda ou ordena o conjunto. Sabemos que a lembrança do sonho é imperfeita. Falas, passagens ou cenas inteiras são esquecidas, e muitas vezes desistimos de reproduzir um sonho porque boa parte do material se perdeu. Mas não existe apenas a imperfeição da lembrança: recordamos algumas imagens do sonho durante a anotação, o que equivale a dizer que continuamos a descobrir o conteúdo do sonho enquanto tentamos expressá-lo na fala ou na escrita. Antes desta reprodução, temos uma recordação das imagens oníricas, mas não conhecemos o texto do sonho, que deve ser fixado com as palavras que surgem no instante da anotação. Ao que parece, Freud julga que a distância entre a vida onírica e a narração do sonho pode ser superada. Os novos conteúdos que aparentemente acrescentamos ao sonho noturno estão ligados a ele, e tanto podem ser produtos de nossa resistência às idéias que aparecem no sonho como tentativas de restituir aquilo que esta resistência quer afastar. A interpretação continua sendo possível em ambos os casos: ou analisamos um elemento genuíno do sonho ou então a resistência ao seu conteúdo. Mesmo incompleto, o registro falado ou escrito do sonho deixa pistas que revelam e encobrem seu sentido. Hesitações, idéias ou associações que incidem no momento da anotação são para Freud

---

<sup>144</sup> GW II/III 458. "Diese Beschreibung ist für mich selbst nicht verständlich, aber ich folge dem Grundsätze, den Traum in jenen Worten wiederzugeben, die mir beim Niederschreiben einfallen. Die Wortfassung ist selbst ein Stück der Traumdarstellung".



uma parte do sonho. Por isso o vemos inserir em seu texto erros e repetições, como na abertura desta frase do “sonho revolucionário”: “*eu me enfureço, e então me enfureço*”, logo esclarecida em uma nota de rodapé:

“Esta repetição infiltrou-se no sonho, aparentemente por distração, e foi autorizada por mim porque a análise mostra que ela possui seu significado<sup>145</sup>”.

Duas vozes se misturam entre os textos do sonho e do rodapé. A intenção central do relato - descrever a cena em que o sonhador se enfurece ao ver um conde dizer que a flor predileta dos alemães é a unha-de-cavalo – é perturbada por palavras repetidas que se enredam na anotação. O registro literal é assim anexado ao sonho vivido, junta-se a ele, e Freud não recusa essa sobreposição que supostamente seria infiel ao verdadeiro conteúdo do sonho. As palavras repetidas alteram os contornos do relato, não nos deixam ver o sonho “como ele realmente aconteceu”, mas nem por isso nos impedem de conhecê-lo. A impressão que guardamos de um sonho nos diz alguma coisa a respeito do próprio sonho: “Uma grande parte dos juízos emitidos sobre o sonho recordado *após o despertar*, as sensações provocadas em nós pela reprodução deste sonho, pertence ao conteúdo latente do sonho e deve ser incorporada à sua interpretação<sup>146</sup>”. Não precisamos da repetição para entender a ação narrada pelo "sonho revolucionário" de Freud. Mas o fundamental se esconde por trás desta organização aparente, e portanto as modificações feitas durante o relato não deformam os elementos originais: para Freud, até mesmo a narração mais fiel de um sonho já carrega uma parcela de deformação. Ao tornar inteligível o conteúdo de um sonho desconexo, em vez de explicá-lo nós apenas o submetemos a uma segunda deformação.

Talvez seja possível avançar de de um deslize tão pequeno como esta repetição de palavras até certos traços de teorias formuladas em *A interpretação dos sonhos*. Voltemos ao texto da nota: estão presentes ali duas instâncias que interagem e se opõem. A primeira luta pelo acesso à consciência e invade o relato sob a forma de uma repetição que carece de um sentido imediato – “*eu me enfureço, então me enfureço*” – enquanto a segunda trabalha para bloquear idéias ou imagens que tentam conquistar este espaço da consciência. Nas palavras de Freud, a repetição, “foi autorizada por mim” -- claro sinal de que ele não quer tomar o partido da

<sup>145</sup> GW II/III 215. "Diese Wiederholung hat sich, scheinbar aus Zerstreutheit, in den Text des Traumes eingeschlichen und wird von mir belassen, da die Analyse zeigt, dass sie ihre Bedeutung hat".

<sup>146</sup> GW II/III 447-8. "Auch von den Urteilen, die man *nach dem* Erwachen über den erinnerten Traum fällt, den Empfindungen, die die Reproduktion dieses Traumes in uns hervorruft, gehört ein guter Teil dem latenten Trauminhalt an und ist in die Deutung des Traumes einzufügen".

censura. Se tentarmos transportar a afirmação da primeira para a terceira pessoa, diremos: as duas palavras reincidentes foram aceitas pela segunda instância, alcançando a percepção. Numa palavra, a censura sai derrotada. Mesmo sem produzir um sentido aparente, a mistura de vozes se acomoda no tecido do sonho escrito, infiltrando-se na malha de um relato que é capaz de abrigar conteúdos contraditórios.

A tensão entre a lembrança noturna e o instante da recordação é patente nos chamados "sonhos absurdos". Ao tratar deles, Freud não recua diante dos elementos que poderiam desarticular o discurso e avança para encontrar sua articulação original. Em nome de uma explicação clara para aquilo que parece absurdo, ele recusa uma clareza convencional e expõe cruamente para o leitor a ausência de sentido antes de começar a interpretação. Por um lado, ele obedece ao impulso de anotar aquilo que lhe vem à cabeça no instante em que escreve, mas por outro compõe seu relato a partir de certos princípios – como, por exemplo, a regra da associação livre, a suposição do conteúdo latente e da deformação sofrida pelo sonho. As incongruências e desproporções do sonho manifesto são aceitas no texto sob a condição de não transgredir o limite que as separa dos trabalhos de interpretação e exploração teórica: todos os relatos são destacados em itálico e apartados por parágrafos, demarcando claramente a fronteira entre a *produção* do sonho da *investigação* a seu respeito.

A constatação do laço entre a vida onírica e sua reprodução na linguagem deixa a impressão de que existiria uma integração quase plena entre os signos do relato e o sonho real. Seria permitido supor assim uma equivalência entre as palavras da anotação e o sonho, cujo segredo seria resolvido por uma boa descrição que selecionasse os signos mais precisos. Mas quando descreve um sonho Freud não pretende fixar o significado, que será construído a partir da exploração dos elementos que o sonhador enumera. O texto do sonho é invariavelmente preciso, mas apenas enquanto relato. Sua exatidão é peculiar: ele deve ser a reprodução exata do conteúdo que emergiu *no momento em que alguém escrevia ou relatava o sonho*. A escrita (ou a fala) abre caminho para um significado oculto que estava presente de alguma maneira no instante do sonho. Por isso, em vez de nos afastar do sonho vivido todos os acréscimos, omissões e enganos que lançamos no relato podem nos colocar mais perto da experiência original. O movimento do texto acompanha, tanto quanto possível, o movimento do sonho.

Vimos até aqui por quais caminhos o relato está remetido a experiência do sonho. Mas ele também se liga ao trabalho de interpretação e a teoria do sonho articulada por Freud.

## IMAGEM E PALAVRA

Não podemos subestimar a imagem da palavra escrita e a ação exercida por ela enquanto escrevemos. Ela aparece a todo instante em *A interpretação dos sonhos*, página após página, seja nos relatos que Freud escreveu para interpretar sonhos dele próprio, de pacientes ou conhecidos, ou então nas pistas que ele recolhe a partir da transcrição fonética de certas passagens do relato; ou ainda, nas suspeitas que levanta quando encontra explicações causais no sonho manifesto e tenta partir deste raciocínio aparente para chegar ao raciocínio latente que foi substituído após a deformação do sonho. Em uma anotação, as imagens de palavras exercem o papel reservado ao som de nossa voz quando narramos as cenas de um sonho: elas orientam e reorientam nossa atenção, separam informações ou avançam por algum caminho que escapava à nossa intenção inicial. Nos sonhos de Freud não faltam as marcas de hesitação ou de incerteza que penetram na fala sob a forma de variações do tom de voz, frases incompletas, silêncios entre palavras, repetições de fragmentos ou vogais que se alongam indefinidamente. Em menos de uma página a narração do “sonho da injeção em Irma”, por exemplo, repete por sete vezes o sinal de três pontos... No primeiro parágrafo do "sonho revolucionário" há um trecho "mais confuso"; no segundo, um outro que o autor logo classifica, sem o menor embaraço, como "novamente confuso". A interrupção de uma das ações pela frase: "aqui a cena é interrompida", não denuncia apenas a atuação da censura sobre um conteúdo proibido: ela abre espaço para outras recordações que precisam ser registradas o quanto antes, como se o sonhador lutasse contra o tempo para não perder não perder nenhuma lembrança.

Freud ainda sonha com a palavra escrita. No sonho central do livro ela aparece na fórmula da *trimetilamina*, “que vejo diante de mim em letras borradas<sup>147</sup>”. É bem possível que a imagem da fórmula escrita com uma tinta carregada estivesse associada ao momento da noite anterior em que o sonhador “redigiu o caso clínico de Irma<sup>148</sup>”, antes de encaminhá-la a um médico mais prestigiado. Dois anos depois deste primeiro sonho, ele narra este outro em uma carta ao amigo Wilhelm Fliess: “Sonhei recentemente que sentia um forte carinho por Mathilde, mas seu nome era Hella, e eu via novamente ‘Hella’ impresso em letras borradas diante de mim. Resolução: Hella é o nome de uma sobrinha americana cujo retrato recebemos<sup>149</sup>”. A escrita

<sup>147</sup> GW II/III 112. "...dessen Formel ich fettgedruckt vor mir sehe".

<sup>148</sup> GW II/III 111. "Am selben Abend schrieb ich noch die Krankengeschichte Irmas nieder..."

<sup>149</sup> FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904* – Herausgegeben von Jeffrey Moussaief Masson [*Cartas a Wilhelm Fliess 1887-1904* – Editado por Jeffrey Moussaief Masson], Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999, p. 266. "Unlängst träumte ich von überzärtlichen Gefühlen für Mathilde, sie hiess aber Hella, und "Hella"sah ich dann nochmals fettgedruckt vor mir. Auflösung: Hella heisst eine amerikanische Nichte, deren Bild wir bekommen haben".

reaparece no sonho em que ele chega a um hotel e logo recebe um bilhete. “*No bilhete está sublinhado duas vezes: não comer nada, e depois uma segunda instrução (confuso), algo como: não trabalhar nada (...)*”<sup>150</sup>. No conteúdo latente de alguns sonhos também reencontramos o gesto de escrever. Ao interpretar este mesmo sonho, por exemplo, Freud associa a imagem do bilhete aos bilhetes que “os neurastênicos trazem e mostram para os médicos”<sup>151</sup>. Mais adiante, na seção que investiga os sonhos absurdos, lemos o sonho de Freud em que um colega seu, o senhor M., recebe uma crítica devastadora de Goethe (!), mas garante aos amigos que “*sua admiração por Goethe não foi abalada por esta experiência pessoal*”<sup>152</sup>. A frase do sonho altera ligeiramente as palavras do trecho de uma carta que escreveu ao periódico que havia publicado uma crítica impiedosa do trabalho de seu amigo Fliess. “Em minha carta de cancelamento ressalto a esperança de que *nossas relações pessoais não sejam abaladas pelo incidente*”<sup>153</sup>. Numa outra passagem ele conta que sonhou “com uma frase” que resumia sua opinião sobre o artigo de um colega: “*Esse é mesmo um estilo norekdal*”<sup>154</sup>. Mesmo na conhecida passagem do livro em que compara o sonho manifesto a um hieróglifo [*Bilderschrift*] “cujos signos devem ser traduzidos apenas para a linguagem dos pensamentos oníricos”, ele descreve uma imagem que agrupa “uma casa em cujo telhado se pode ver um barco, uma pessoa correndo com a cabeça decepada e uma letra isolada” – um objeto que, como ele esclarece logo a seguir, “não aparece no mundo natural”<sup>155</sup>.

O estilo seco e quase telegráfico da descrição, marcado pela vontade de proteger uma matéria enfraquecida, cria uma continuidade que não existe no momento em que tentamos - quase sempre com dificuldade - lembrar as imagens que aparecem durante o sono. A recordação de um sonho nem sempre é instantânea, podendo levar horas, dias ou até semanas. Há sonhos que nos levam a outros sonhos esquecidos e deslocam nossa atenção; e também há trechos esquecidos que recuperamos enquanto tentamos contar o sonho a uma outra pessoa. Em situações como esta, tão comuns na vida de quem se interessa por seus sonhos, a fala e a lembrança invertem seus papéis. A lembrança que chega sem aviso modifica a fala, tal como a

<sup>150</sup> GW II/III 235. “*Auf dem Zettel steht, zweimal unterstrichen: Nichts essen, und dann ein zweiter Vorsatz (undeutlich) wie: nichts arbeiten, dazu eine dumpfe Idee, dass ich in einer fremden Stadt bin, in der ich nichts arbeite*”.

<sup>151</sup> GW II/III 237. “(Der Zettel wie ihn die Neurastheniker haben und dem Arzte vorzeigen)”.

<sup>152</sup> GW II/III 441. “Seine Verehrung für Goethe hat aber unter dieser persönlichen Erfahrung nicht gelitten”.

<sup>153</sup> GW II/III 441. Os dois destaques são do próprio Freud. “Darauf brach ich meine Beziehungen zur Zeitschrift ab und hob in meinem Absagebriefe die Erwartung hervor, dass unsere persönlichen Beziehungen unter diesem Vorfall nicht leiden würden”. [Destaques de Freud]

<sup>154</sup> GW II/III 302. Em sua interpretação, Freud decompõe a palavra inventada pelo sonho em três outras: “colossal”, “Nora” e “Ekdal”, sendo que as duas últimas se referem a “duas peças de Ibsen”.

<sup>155</sup> GW II/III 284. “Ein Haus, auf dessen Dach ein Boot zu sehen ist, dann ein einzelner Buchstabe, dann eine laufende Figur, deren Kopf wegpostrophiert ist... die ja in freier Natur nicht vorkommen”.

repetição que modificou a anotação de Freud - "*eu me enfureço, então me enfureço*". Nos casos em que acontece essa surpresa, não podemos mais reduzir a narração do sonho a uma tradução linear e imperfeita do sonho vivido. Aqui não é a fala que deforma a lembrança, e sim o contrário: a lembrança deforma a fala ao acrescentar imagens, palavras ou cenas. Dito de outra maneira, nesta situação a fala não *reproduz* um outro conteúdo: ela *produz* a recordação diante de nós, no tempo presente. Apesar disso, é difícil negar que o texto do sonho apaga as flutuações da memória. Ele submete suas imagens a uma espécie de compressão, concentrando as imagens que surgiram para a consciência somente depois de muito tempo em algumas poucas linhas. O relato nos apresenta o resultado final, mas esconde o processo lento de recuperação do conteúdo manifesto. Mas em certos casos, Freud conduz o leitor aos bastidores deste processo e nos mostra como o relato do sonho foi montado. Uma paciente lhe conta um sonho curto e inocente. "*Sonhei que chego muito tarde ao mercado e não pego nada com o açougueiro e nem com a verdureira*". Com a intenção de extrair um relato mais completo – e suspeitando, talvez, que a paciente não tivesse sido inteiramente sincera – ele a convence a contar mais uma vez este sonho, ao qual ela acrescenta novos ingredientes: além da verdureira e do açougueiro, aparecem a cozinheira que trabalha em sua casa, "uma verdura preta amarrada em tiras" e uma frase saída da boca do açougueiro: "Faça-a contar o sonho com detalhes. *Ela vai ao mercado com sua cozinheira, que carrega a sacola. O açougueiro lhe diz, após ela ter pedido alguma coisa: não temos mais isso, e quer dar outra coisa, dizendo: isso também é bom. Ela recusa e vai até a verdureira, que quer vender-lhe uma verdura especial, amarrada em tiras, mas de cor preta. Ela diz: não conheço isso, não pego isso*<sup>156</sup>". A mudança não é pequena. No primeiro relato ela ensaia o que quer contar, e no passo seguinte sua memória avança e prende um trecho do sonho que quer se esconder. Em outra passagem, distante deste "sonho do açougueiro", Freud termina de contar um sonho e faz alguns comentários, mas antes que a interpretação comece, escreve em um novo parágrafo: "Durante a anotação chega a mim um pedaço do sonho que queria escapar à recordação. *Digo ao casal de irmãos, a sobre uma certa obra: it is from... mas me corrijo: it is by... O homem diz à irmã: mas ele falou certo*<sup>157</sup>". O novo trecho, que chega com um pouco de atraso ao papel, se junta ao sonho que já estava escrito, abrindo um novo caminho

<sup>156</sup> GW II/III 190. "Ich lasse ihn mir detailliert erzählen. Dann lautet der Bericht folgendermassen: *Sie geht auf den Markt mit ihrer Köchin, die den Korb trägt. Der Fleischhauer sagt ihr, nachdem sie etwas verlangt hat: Das ist nicht mehr zu haben, und will ihr etwas anderes geben mit der Bemerkung: das ist auch gut. Sie lehnt ab und geht zur Gemüsefrau, die will ihr ein eigentümliches Gemüse verkaufen, das in Bündeln zusammengebunden ist, aber schwarz von Farbe. Sie sagt: das kenne ich nicht, das nehme ich nicht*".

<sup>157</sup> GW II/III 459. "Während der Niederschrift fällt mir ein Traumstück ein, das die Erinnerung übergehen wollte. *Ich sage dem Geschwisterpaare auf ein gewisses Werk: It is from... , korrigiere mich aber: It is by... Der Mann bemerkt zur Schwester: Er hat es ja richtig gesagt*".

de leitura: conhecemos agora as peças do sonho e sabemos ainda como ele foi recordado.

Dentro dos limites que impedem uma visão direta do sonho é possível entrever aquilo que fica além do nosso ponto de vista. Na *Interpretação dos sonhos* acompanhamos um autor que compõe teorias, relatos e interpretações diante de nossos olhos, empenhado principalmente em separar e isolar elementos, decompor seu contexto original para explorar novas direções e trazer de volta o texto do sonho com uma nova figura. Para compreender um sonho é preciso percorrer uma série de camadas -- a apresentação do conteúdo manifesto e a forma dessa exposição; as primeiras associações, saídas de recordações muito recentes e quase sempre de pouca importância; as recordações mais antigas, e depois talvez as recordações da infância. Também é necessário descobrir entre as camadas quais os fios que sustentam todas as transições e ter em mente que estas camadas se interpenetram. Todo este empenho serve para reconstruir um acontecimento único, por vezes condensado em um só instante, como no caso do sonho de um rapaz em que “*seu pai o ofende porque ele chegou muito tarde*” ou do “sonho da monografia botânica”. A linguagem escrita, que é sempre linear, rompe esta unidade – o que fica claro nos sonhos mais extensos. O relato do sonho é um alinhamento do fato psicológico: ele cria pontos distintos para peças que formavam um bloco único.

#### O TEMPO PRESENTE

Numa carta, Freud diz: "Quando sento para trabalhar e coloco a caneta na mão, sempre fico curioso quanto ao que vai surgir, e isso me leva de uma maneira irresistível ao trabalho<sup>158</sup>". Sua vontade de criar uma forma para idéias que o tomam de surpresa se realiza no gesto de escrever, que é orientado por um impulso interior. Seu laço com a escrita é natural: ele pode aguardar pelo momento do trabalho para descobrir aquilo que realmente irá escrever – como se antecipasse, de uma maneira um pouco confusa, aquilo que seu texto passa a revelar no instante em que o trabalho começa. Alterando ligeiramente uma frase de um sonho seu, diremos que para Freud pensar e escrever são como que uma coisa só. Na frase da carta ficam nítidos dois aspectos da escrita freudiana analisados por Patrick Mahony: sua tolerância à incerteza e sua auto-confiança diante do mistério dos fatos psicológicos<sup>159</sup>. Um traço fortemente intuitivo se destaca do retrato que fiz há pouco de Freud como um escritor de sonhos: ele quer prender aquilo que está prestes a surgir, concentra-se no instante em que o sonho é falado ou escrito para

<sup>158</sup> Apud Mahony, P. *Freud as a writer*, Yale University Press, New Haven and London, 1987, p. 57

<sup>159</sup> Mahony, P. *Freud as a writer*, p.75.

não deixar escapar nenhuma informação. Os erros e hesitações que incidem neste momento logo entram no relato, passam a fazer parte do sonho e abrem caminho para a revelação de seu sentido. O caráter impulsivo e repentino da anotação fica reforçado pelo tempo verbal do texto dos sonhos, o presente do indicativo. Mas essa escolha gramatical, que se aplica a praticamente todos os sonhos do livro, causa uma certa estranheza: é mais natural falar ou escrever um sonho no passado - e também mais correto, pois sempre há uma distância que separa o fato da recordação. O sonho terminou, e somente mais tarde tentamos recordar o fato que já pertence ao passado. Mas para um autor que cria espaço para idéias que surgem no momento da anotação e recompõe o conteúdo do sonho durante a anotação, o tempo presente não se resume a uma opção de estilo. Ele é, na verdade, o limite de seu horizonte. Freud narra o sonho, que já passou, como se ele ainda não tivesse terminado, e faz desaparecer a distância entre o fato e a recordação que seria evidente caso ele empregasse o pretérito perfeito ou imperfeito. Mas o tempo presente não aparece somente nos textos dos sonhos, como é possível notar a partir dos exemplos que apresentamos: ele invade a composição de todo o livro, criando uma continuidade entre os relatos, interpretações, aproximações e esboços teóricos acerca do sonho. No segundo capítulo da *Interpretação dos sonhos* notamos que, em vez de escrever depois de elaborar a interpretação, ele avança rumo ao significado do sonho enquanto escreve:

“Mas desconfio *ainda* de um outro significado”; “*Agora me ocorre* que nos últimos meses encontrei motivos para suspeitar que essa senhora também fosse histérica”; “*Agora me lembro*, imaginei muitas vezes a possibilidade de que esta senhora pudesse aceitar minha ajuda...”; “*Até este momento eu nunca havia pensado nisso; agora me vem* quase como uma vingança do destino”; “*Observo agora* um dos deslizamentos sobre os quais a ligação de idéias avança no sonho”; “*Volto da flebite para minha esposa, e agora aparecem na minha lembrança* três situações parecidas, com minha mulher, com Irma e com a falecida Mathilde...”; “Como se fosse uma confirmação, *agora me passa pela cabeça*: será que o Dr. M. sabe que as manifestações de sua paciente se devem a uma histeria<sup>160</sup>?”

Seria de esperar que o papel da associação livre fosse destacado na análise do sonho central do livro, da qual foram retiradas todas estas citações. A ênfase concedida ao momento da associação, ao instante em que o conteúdo latente do sonho começa a alcançar as palavras (e a

<sup>160</sup> GW II/III 114: "Ich vermute aber noch eine andere Bedeutung"; GW II/III 115: Jetzt fällt mir ein, dass ich in den letzten Monaten allen Grund bekommen habe, von dieser anderen Dame anzunehmen, sie sei gleichfalls hysterisch"; GW II/III 116: Ich hatte bis jetzt niemals daran gedacht; jetzt kommt es mir beinahe wie eine Schicksalsvergeltung vor"; GW II/III 117: "Ich merke jetzt auch eines der Gleise, auf denen sich die Gedankenverbindung im Traume fortschiebt"; GW II/III 123: "Von der Venenentzündung komme ich wieder auf meine Frau, die in einer Schwangerschaft an Venenstauungen gelitten, und nun tauchen in meiner Erinnerung drei ähnliche Situationen, mit meiner Frau, mit Irma und der verstorbenen Mathilde auf, deren Identität mir offenbar das Recht gegeben hat, die drei Personen im Traum füreinander einzusetzen"; GW II/III 120: "Wie zur Bestätigung fährt mir jetzt durch den Sinn: Weiss denn Dr. M.. dass die Erscheinungen bei seiner Patientin, der Freundin Irmas, welche eine Tuberkulose befürchten lassen, auch auf Hysterie beruhen?". [Todos os destaques são meus]

consciência), poderia perfeitamente ser um instrumento de persuasão: não podemos esquecer aqui do empenho do autor para convencer seu público da eficiência do novo método. No entanto outras interpretações estão marcadas por intervenções do tempo presente que nos fazem lembrar a interferência daquela repetição sobre o relato do sonho – *eu me enfureço, então me enfureço*:

“*E então me ocorre* uma outra conversa que tive há poucos dias com meu outro colega N.”; “*Agora sei* também por que preciso desta figuração”; “*Mas agora* um novo conteúdo começa a aparecer para mim”; “A este respeito *me ocorre* que na tarde do dia seguinte ao sonho (cuja interpretação alcancei somente à noite) pensei na cocaína, numa espécie de sonho diurno”; “*Noto de repente* que meu sonho está ligado a um episódio da noite anterior”; “Mas vejam só: *durante a análise* sou lembrado de que o homem que interrompeu nossa conversa se chama *Gärtner* [jardineiro]”; “passado algum tempo *eu lembro agora* que uma de minhas pacientes...”; “*E então* sou conduzido à fonte principal do *Geseres*..<sup>161</sup>.”

Na anotação e na interpretação dos sonhos vemos a repetição de uma mesma postura. O caminho do texto do sonho está sempre por ser definido, e o caminho da interpretação é redefinido a cada novo passo, durante a análise e não antes dela. As associações que o momento da análise captura logo são integradas à interpretação. A marca deste percurso em zigue-zague são as intervenções que surgem no texto de Freud, como “agora me lembro”, “agora me ocorre”, ou “e então, percebo que...” São trechos que alteram a todo instante o rumo da interpretação, mas trazidas com tanta naturalidade que avançamos na leitura sem notar que o autor refaz seu texto enquanto está escrevendo. Encontramos o contraponto a este contato direto com os fatos psicológicos nas passagens em que Freud assume o controle de seu texto e passa a trabalhar na síntese de informações, elaborando hipóteses e esboçando teorias que ele mesmo admite serem provisórias. Quando adere à reflexão, sua presença como autor fica atenuada, mas não chega a se apagar. Para ele, tão importante quanto o ato de escrever é o momento em que se escreve. A descrição preserva a referência ao instante mesmo quando o autor se afasta deste contato com as imagens ou idéias que estão surgindo naquele momento, e por vezes seu texto apresenta as novas imagens ou idéias ao lado das circunstâncias e do momento em que elas surgiram, como se não fosse possível separá-las. Mesmo afastado do tempo presente da escrita,

<sup>161</sup> GW II/III 144: "Da fällt mir aber ein anderes Gespräch ein, das ich vor einigen Tagen mit meinem anderen Kollegen N... hatte"; GW II/III 145: Ich weiss jetzt auch, wozu ich diese Darstellung brauche; GW II/III 146: Nun dämmert mir ein neuer Sachverhalt; GW II/III 176: "Dazu fällt mir ein, dass ich am Vormittag des Tages nach dem Traume (zu dessen Deutung ich erst abends Zeit fand) des Kokains in einer Art von Tagesphantasie gedacht habe; GW II/III 176: Ich bemerke nun plötzlich, dass mein Traum mit einem Erlebnis des Abends vorher zusammenhängt"; GW II/III 181: "Aber siehe da, in der Analyse werde ich daran erinnert, dass der Mann, der unser Gespräch störte, *Gärtner* hiess; GW II/III 181: "Ja, ich besinne mich eben jetzt nachträglich, dass eine meiner Patientinnen..." GW II/III 445: "Hier kann ich auch den plötzlichen Einfall unterbringen, der mir während dieses Stückes der Analyse gekommen ist". GW II/III 459: "Während der Niederschrift fällt mir ein Traumstück ein, das die Erinnerung übergehen wollte". [Todos os destaques são meus].



ele tenta recriá-lo:

“Segundo as informações que tomei *recentemente* de minha mãe”; “O senhor recorda, *há poucos dias* nós conversávamos sobre o casamento”; “Posso inserir aqui a associação repentina *que me veio durante este trecho* da análise”; “Por muito tempo custei a retrair o ‘non vixit’, *até que me lembrei...*”; “*Durante a anotação* chega a mim um pedaço do sonho *que queria* escapar à recordação<sup>162</sup>.”

Certamente não são muitos os autores em quem encontramos uma intimidade tão evidente com o papel em branco. No caso de Freud, ela serviu como um poderoso instrumento de auto-observação e construção de um método interpretativo.

#### UM CONTRA-EXEMPLO

A tolerância à incerteza e à contradição dos fenômenos psíquicos é certamente um dos traços que separam Freud dos pesquisadores do sonho que são investigados no primeiro capítulo da *Interpretação dos sonhos*. O conjunto destes trabalhos, que reúne sobretudo textos de língua alemã ou francesa publicados na segunda metade do século dezenove, estaria marcado por uma depreciação da atividade psíquica no sonho, que fica reduzido a uma espécie de automatismo sem qualquer importância. Apesar de suas diferenças, estes autores parecem concordar que “as imagens se acumulam de maneira selvagem e desregrada<sup>163</sup>”, escapando a qualquer regra da reflexão ou do entendimento. Partindo de teses contrárias às suas, Freud constrói impasses, joga um autor contra outro e acentua o que resta de obscuro e incompleto em seus trabalhos. Livre da interferência de outros pesquisadores, no segundo capítulo ele desloca a luz para a sua solução. Mas ainda no primeiro capítulo, enredado na discussão do trabalho de autores do passado (nomes como Binz, Delboeuf, Egger, Maury ou Radestock), ele antecipa teses que irá desenvolver mais adiante e toma o partido de certos autores, sobretudo de Scherner. Demonstra simpatia, por exemplo, por F.W. Hildebrandt, autor da “contribuição mais rica e bem-acabada à pesquisa do sonho<sup>164</sup>”. Ele retira do livro *O sonho e sua utilidade para a vida* a narração de três sonhos que são encerrados pela interferência de um despertador. A partir do texto de um sonho de Hildebrandt poderemos avaliar melhor de que maneira Freud compõe seus relatos.

<sup>162</sup> GW II/III 253: "Nach den Auskünften, die ich unlängst von meiner Mutter eingeholt habe"; GW II/III 161: "Erinnern Sie sich, vor einigen Tagen sprachen wir über die Ehenot"; GW II/III 445: "Und nun bin ich zur Hauptquelle für das *Geseres* geführt worden"; GW II/III 425: "Es wollte mir aber lange nicht gelingen, das "*Non vixit*" abzuleiten, mit dem ich im Traum jene Justiz übe, bis ich mich besann...". [Todos os destaques são meus].

<sup>163</sup> GW II/III 80. Freud reproduz aqui uma citação de Binz: "Darum fügen die geschaffenen Bilder, welche mist den materiellen Eindrücken naheliegender Vergangenheit entsprechen, sich wild und regellos aneinander".

<sup>164</sup> GW II/III 70. "...der formvollendete und gedankenreichste Beitrag zur Erforschung der Traumprobleme, den ich in der Literatur gefunden..."

“Saio de casa numa manhã de primavera para passear e vagueio pelos campos verdejantes até o vilarejo vizinho, e lá vejo moradores em trajes festivos, com partituras de canto sob os braços, muitos deles a caminho da Igreja. Sim! É domingo, e a missa matinal começará em breve. Decido tomar parte nela, mas como estou acalorado, vou antes refrescar-me no cemitério que cerca a Igreja. Enquanto leio algumas lápides, ouço os sineiros subirem a torre e vejo em seu topo os pequenos sinos que darão o sinal do início da prece. Por um instante eles pendem imóveis, então começam a balançar – e de repente suas badaladas ressoam fortes e penetrantes – tão fortes e penetrantes que põem um fim ao meu sono. Porém o som dos sinos vem do despertador<sup>165</sup>”.

A narração de Hildebrandt tem a leveza e a graça de uma fantasia ou de uma *revêrie*. Ele utiliza o tempo presente, mas escreve com a intenção de contar uma história, e por isso transporta o conteúdo do sonho para uma atmosfera de lirismo em que aparecem “campos verdejantes”, “moradores em trajes festivos” e sinos que “pendem imóveis”. A substituição dos sinos pelo barulho do despertador orienta toda a sua descrição e esgota o significado do sonho. O som dos sinos é o único elemento do sonho que encobre alguma outra coisa: a explicação do sonho se encerra nesta cena final. As imagens oníricas não estão escondendo outras idéias ou lembranças que precisam ser recuperadas. Hildebrandt narra uma história que não precisa ser explicada, enquanto Freud amplia a distância entre sonho manifesto e sonho latente, inserindo em seu texto hesitações e lacunas que um outro sonhador poderia considerar irrelevante. A atenção que Freud concede ao detalhe é tão intensa que o sentido aparente de um sonho passa a ocupar um papel secundário na descrição. O esquecimento do sonho traz prejuízo suficiente para a interpretação, e por isso Freud não seleciona imagens ou palavras, registrando tudo o que sua lembrança ainda é capaz de alcançar, sem preocupar-se com a harmonia do conjunto. No “sonho revolucionário” ele precisa escolher entre as cidades de “Krems ou Znaim”, mas depois escolhe “Graz ou algo parecido”. No sonho de Hildebrandt, por outro lado, não encontramos trechos indistintos ou confusos, mas é bem possível que ali aparecessem *um ou dois sinos, partituras de canto ou panfletos de comércio*; talvez enquanto redigia o seu sonho, ele repetisse ou trocasse palavras mas, ao contrário de Freud, eliminasse estas passagens por não ter encontrado nelas nenhum interesse. A fluência elegante de seu texto indica que, ao contrário de Freud, ele não o anotou às pressas, logo depois de acordar. Mas não faria qualquer sentido dizer

---

<sup>165</sup> GW II/III 29. "Also ich gehe an einem Frühlingmorgen spazieren und schendere durch die grünenden Felder weiter bis zu einem benachbarten Dorfe, dort sehe ich die Bewohner in Feierkleidern, das Gesangbuch unter dem Arm, zahlreich der Kirche zuwandern. Richtig! Es ist ja Sonntag, und der Frühgottesdienst wird bald beginnen. Ich beschliesse, an diesem teilzunehmen, zuvor aber, weil ich etwas echauffiert bin, auf dem die Kirche umgebenden Friedhofe mich abzukühlen. Während ich hier verschiedene Grabschriften lese, höre ich den Glöckner den Turm hinansteigen, und sehe nun in der Höhe des letzteren die kleine Dorfglocke, die das Zeichen zum Beginn der Andacht geben wird. Noch eine ganze Weile hängt sie bewegungslos da, dann fängt sie an zu schwingen - und plötzlich ertönen ihre Schläge so hell und und durchdringend - so hell und durchdringend, dass sie meinem Schlaf ein Einde machen. Die Glockentöne aber kommen von dem Wecker".

que o encadeamento harmônico e a suavidade do texto de Hildebrandt mascaram o sonho real: sua anotação é despreocupada e amena porque para ele o sonho não esconde um significado oculto. A separação entre latente e manifesto está fora de seu horizonte.

O despojamento e a dureza dos sonhos escritos por Freud apontam evidentemente uma outra direção. Ao expor todas as suas lacunas, ele apresenta ao leitor um texto precário e incompleto que demanda uma interpretação. A distância entre sonho manifesto e latente começa a aparecer no relato do sonho, um texto “enxuto e audacioso, notado como um estenograma, almejando a mais elevada precisão<sup>166</sup>”, na observação igualmente precisa de Walter Muschg. A revelação das lacunas inicia o movimento da interpretação, que avança na medida em que for possível extrair novos materiais e novos sentidos a partir deste material manifesto. Como sabemos, o sentido do sonho se revela a partir da análise isolada de seus elementos. O primeiro passo da interpretação consiste na decomposição. O sonho escrito por Freud é “um conglomerado em que cada pedaço de pedra requer uma determinação especial<sup>167</sup>”. E assim o *besouro-de-maio* do sonho de uma paciente nos remete ao *mês de maio*, em que ela nasceu e também se casou; no sonho “O amigo R. é meu tio”, a barba amarela de R. é a superposição de um tio de barba amarela, que cometeu um delito, e do amigo R., uma pessoa de bem. O homem do sonho é uma massa de fragmentos: a barba amarela do tio, um rosto de feições alteradas e o nome R. se acumulam, criando uma unidade que é apenas uma aparência a ser desmanchada pelo trabalho de interpretação. Para Freud, a leitura de um sonho deve ser a leitura de seus elementos, e não de seu sentido aparente. A presença de um “porque” ou de um “portanto” no texto do sonho manifesto não é a prova de que o sonho já traz uma explicação, pois todas as palavras são elementos do sonho: o rapaz que sonha que “*seu pai o ofende porque ele [o filho] chegou muito tarde em casa*” estaria enganado por acreditar que a cena tão clara de seu sonho não exige uma explicação. Na verdade, ela encobre uma outra cena do passado, em que o rapaz “fica bravo com o pai porque ele [o pai] saiu muito cedo de casa”. Toda a cena foi invertida no sonho manifesto, e o “porque” que aparentemente explicava a cena do sonho na verdade encobria a sua deformação. Esse exemplo breve dá a medida do compromisso de Freud com a palavra escrita: o raciocínio do sonho é um *material* para a interpretação do sonho e representa ou substitui algum outro elemento. A nitidez das explicações que aparecem em nossos sonhos é falsa, e para ultrapassar a aparência o escritor de sonhos deve saber reproduzir sua fachada e

<sup>166</sup>Muschg, Walter. "Freud als Schriftsteller", em *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, Berna, Francke, 1958, p. 334.

<sup>167</sup> GW II/III 103. "... als ob der Traum ein Konglomerat wäre, in dem jeder Brocken Gestein eine besondere Bestimmung verlangt".

apontar o que existe para além dela.

Mas o que justifica afinal a estranheza do relato? Até este momento nós o descrevemos e indicamos de que maneira um de seus traços elementares - o uso do presente do indicativo - infiltra-se no trabalho de interpretação. Se nos atermos ao plano da forma, podemos justificá-la satisfatoriamente pela estrita adesão à perspectiva do sonhador: o relato não lida com o significado do sonho (ao contrário do se observa, por exemplo, no sonho de Hildebrandt), e sua estranheza é atenuada no livro pelo movimento alternado de relato e interpretação<sup>168</sup>. O relato está submetido a um limite na medida em que não se confunde com a explicação do sonho, e uma investigação isolada de seus aspectos formais, como esta que realizamos, não escapa a limites muito parecidos. Para compreender o sentido e a utilidade desta forma do relato, vamos recuperar a descrição do sonho mencionada há pouco, que o define como um "conglomerado" constituído por elementos que devem ser investigados separadamente. Ora, as narrações secas e por vezes francamente desconexas do sonho valorizam os elementos isolados em prejuízo do conjunto, preparando assim o caminho para o tipo de interpretação que Freud pretende realizar: o conjunto lhe interessa menos do que a série de seus elementos, e esse trabalho de decomposição já começa no modo de narração escolhido para o sonho. Ao apresentá-lo como o registro quase fonográfico da experiência do sonho, Freud tem em vista os fins da interpretação: ele necessita da ausência de sentido, em um primeiro instante, para que possa preenchê-la no momento seguinte. A forma dessa narração já nos permite inferir que o sonho corresponde a um conglomerado de imagens e sensações talvez coerentes, mas apenas na aparência. A interpretação, por outro lado, nos lança em um novo terreno onde será necessário introduzir ou refazer as articulações dos sentidos. A partir deste jogo entre a fachada do relato manifesto e a escavação paciente da interpretação, o texto de *A interpretação dos sonhos* recompõe diante do leitor a transição e a interação entre processo primário e processo secundário: a teoria do sonho se define como o oposto do fluxo livre do relato individual de um sonho -- que por sua vez é "livre" somente na medida em que suas determinações começam a ser reveladas no momento em que ele se encerra.

---

<sup>168</sup> Entenda-se aqui o termo "interpretação" de um modo muito abrangente, que incorpora também a reflexão metapsicológica que Freud constrói em seu livro sobre o sonho. Embora possa ser considerado "metapsicológico", o capítulo final do livro está muito distante de ser um tratado geral de psicologia; por outro lado, a chamada reflexão metapsicológica começa a ser desenhada bem antes deste capítulo final e por vezes se apresenta ao término de uma extensa interpretação de sonho. Ver, por exemplo, GW II/III 224.

## OS ESPAÇOS VAZIOS

Vimos que a descrição freudiana do sonho sabe acolher falhas e contradições que nos colocam mais perto do sonho real, e no entanto seu modelo de descrição não é capaz de ultrapassar um limite: nem todo sonho é absurdo, confuso ou contraditório. Com uma enorme frequência eles são simples e retratam uma única cena que recordamos com nitidez; há certos casos em que a cena onírica reproduz com precisão fotográfica uma cena real do dia anterior, que o sonhador reencontra no sonho sem lacunas ou distorções. Uma paciente de Freud conta a ele um sonho que reproduz exatamente uma conversa que ela teve com o marido antes de dormir -- à primeira vista, nada que exigisse alguma explicação. E Freud faz então a pergunta: “Mas o que significa que ela tenha sonhado isso<sup>169</sup>?” Até no mais concatenado dos sonhos deverá existir algum espaço vazio que aponta para um novo conteúdo; o trabalho de interpretação irá desfazer a compressão de imagens e palavras que modela o sonho manifesto, mesmo aquele aparentemente inócuo ou insuspeito.

“O sonho é enxuto, pobre, lacônico se comparado ao alcance e à riqueza dos pensamentos oníricos. Anotado, o sonho preenche meia página; a análise, em que se encontram os pensamentos oníricos, requer um espaço escrito seis, oito ou doze vezes maior. A relação pode variar em diferentes sonhos; até onde pude acompanhar, ela jamais altera sua proporção<sup>170</sup>”.

A interpretação de um sonho simples não é necessariamente mais fácil. Sua nitidez começa a desmanchar-se no momento em que a análise passa a separar seus elementos, criando o espaço vazio em que o conteúdo latente irá se acomodar. No sonho da monografia botânica – o quarto da série apresentada – a compressão das imagens não deixa nenhum espaço vazio e produz uma cena breve e perfeitamente inteligível. Ao menos um aspecto ele tem em comum com o sonho de Hildebrandt que lemos há pouco: nos dois textos, nenhum elemento se descola do conjunto. Mas a análise desmembra sua unidade e torna visíveis as lacunas. A *monografia sobre uma certa planta* conduz Freud à flor *predileta de sua esposa*, à *monografia* que ele escreveu sobre uma *planta* – a planta da coca – e à sua *predileção* por monografias na juventude; essa imagem o remete ainda a uma cena da infância em que ele e a irmã *desfolham* um *livro* dado de presente pelo pai. Todas essas recordações se comprimem na primeira das três

<sup>169</sup> GW II/III 192. "Aber was bedeutet, dass sie es träumt?"

<sup>170</sup> GW II/III 284-5. "Der Traum ist knapp, armselig, lakonisch im Vergleich zu dem Umfang und zur Reichhaltigkeit der Traumgedanken. Der Traum füllt niedergeschrieben eine halbe Seite; die Analyse, in der die Traumgedanken enthalten sind, bedarf das sechs-, acht-, zwölfache an Schriftraum. Die Relation ist für verschiedene Träume wechselnd; sie ändert, soweit ich es kontrollieren konnte, niemals ihren Sinn".

frases do sonho: “*Escrevi uma monografia sobre uma certa planta*”. A sobreposição dos conteúdos é tão exata que não levanta suspeita. A compressão de lembranças recentes e antigas não deixa buracos, transformando o sonho em uma fachada lisa e ordenada que não nos faz imaginar o que haveria do lado de dentro. No caso do “sonho revolucionário”, que ocupa um espaço muitíssimo maior, as proporções são bem diferentes. As cenas parecem descoladas umas das outras; as ações transcorrem espaços diferentes. Ao contrário do sonho da monografia botânica, suas lacunas são quase palpáveis. No texto encontramos várias alternativas, como se duas palavras ocupassem uma única vaga: “Thun *ou* Taafe”, “indico *ou* digo [à zeladora]”, “Krems *ou* Znaim”, “Graz *ou* algo parecido”, “[um vidro para urinar] que tivemos que comprar *ou* compramos na cidade”. Apesar de involuntária, a repetição que comentei em outras passagens – “eu me enfureço, então me enfureço” – está próxima de uma série de outras repetições: o conde “coloca na *lapela* um papel retalhado”, e o sonhador depois traz “na *lapela* uma coisa cumprida com um trançado particular”; há “móveis de uma cor entre *marrom e roxo*” e “uma violeta *marrom ou roxa*”; na segunda cena, os acessos do átrio estão “ocupados”, e na terceira as estações também estão “ocupadas” [*besetzt*]. O sonho traz ainda algumas duplicações: “Multidão de pessoas, reunião de estudantes” [*Menschenmenge, Studentenversammlung*: duas palavras compostas que são tratadas como sinônimos no texto do sonho<sup>171</sup>]. O sonho parece articular-se como se não fosse possível encontrar um termo comum para a cena da estação de trem, vivida no dia anterior ao sonho, e uma cena de sua vida de estudante. No entanto, o sonho manifesto não cristaliza uma imagem única, e o passado e o presente se chocam nas imagens do sonho, criando uma duplicidade. Se no sonho da monografia botânica os espaços abertos eram criados pela interpretação, aqui eles podem ser vistos diretamente. Tudo se passa como se a consciência fosse uma lente fotográfica exposta a um excesso de luz e perdesse seu foco. No entanto, em vez de registrar imagens sem nitidez, ela registra várias imagens que ocupam o mesmo lugar – um móvel marrom ou roxo, um conde que se chama Thun ou Taffe. Ao contrário do sonho da monografia botânica, todos os pontos luminosos estão dispersos. Essa abertura gramatical para o registro de nomes ou ações alternativas coincide com uma abertura do autor para o conteúdo de seu sonho. Pelo

<sup>171</sup> O leitor familiarizado com *A interpretação dos sonhos* não irá esquecer da recorrência da duplicidade em certos sonhos de Freud -- como a cena em que “pede-se para fechar o(s) olho (s)” ou o sonho “*Geseres-Ungeseres*”. Há outras duplicações de palavras neste sonho revolucionário, sendo que a mais importante não foi reproduzida em minha tradução. O sonhador diz: “eu me enfureço” (“*Ich fahre auf*”) e, mais adiante: “vou em um cabriolé” (“*Ich fahre auf einen Einspänner*”). No texto do sonho há um encontro literal entre “ir” ou “viajar” para algum lugar (“*fahren auf*”) e “enfurecer-se” (“*auffahren*”). E ainda: no final do texto, o sonhador acredita que o condutor os deixará passar “desapercebidos” (“*unauffällig*”), depois de notar que tem na lapela uma violeta que “impressiona” (“*auffällt*”) as pessoas.

relaxamento da escrita automática, disposta a registrar *tudo*, ele tenta recriar o fluxo contínuo e a ausência de controle presentes no sonho real. Apesar de todas as suas incongruências, o "sonho revolucionário" mostra claramente que o texto dos sonhos concentra-se no instante da redação não se rendendo ao processo secundário. Mesmo sem referir-se em nota aos contra-sensos e ambigüidades do texto manifesto, Freud o segue contando sem preocupar-se com a ligação de suas partes, registrando no tempo presente o sonho tal como ele lhe aparece. A contradição e a incongruência servem, como vimos, como contraponto ao gesto de explicação e interpretação.

Mas não esqueçamos da convicção com que Freud nos apresenta o sonho como a realização de um desejo. Por que nos surpreenderia então que o texto destes sonhos seja desinibido ou mesmo ilógico, ou então que seja possível, com aparente naturalidade, reunir elementos e contextos tão disparatados numa mesma cena? Não seria legítimo supor que a incongruência do relato torna evidente a incongruência do próprio desejo? A primeira pista para uma resposta encontra-se, talvez, na ligação que Freud reconhece entre a realização de desejo e o tempo presente quando afirma, já no sétimo capítulo: "O presente do indicativo é o tempo verbal em que o desejo se apresenta como realizado"<sup>172</sup>.

Se no plano geral *A interpretação dos sonhos* explora os diferentes perfis do fenômeno onírico e parte de uma avaliação de textos científicos que tratam dos sonhos rumo a um crescente grau de abstração, no plano particular o livro em momento algum se desvencilha de seu objeto primeiro – o sonho. Desde a abertura até o capítulo final um trabalho constante de narração, decomposição e decifração de sonhos se repete. O relato do sonho representa o primeiro movimento deste trabalho, precedido em certas ocasiões por um breve relato preliminar e sempre sucedido por uma interpretação de extensão e profundidade inconstantes que lança alguma luz sobre um aspecto definido do universo do sonho. O cenário da investigação é constantemente submetido a alterações: conforme o tópico selecionado, estas interpretações podem ilustrar a realização do desejo; a presença de restos diurnos ou recordações de infância; as interferências somáticas ou a presença de estímulos externos; o simbolismo; os mecanismos de condensação, deslocamento ou elaboração secundária. Embora desponham associados a uma rubrica determinada, os sonhos arrastam na sua sombra traços de tópicos anteriores, e não surpreende que em seu longo percurso o livro não retome somente abordagens e formulações teóricas como também diversas interpretações de sonhos: ao mesmo tempo que alça vôo rumo à especulação, Freud permanece ancorado à sua matéria-prima. Como

---

<sup>172</sup> GW II/III 540. "Das Präsens ist die Zeitform, in welcher der Wunsch als erfüllt dargestellt wird".

se advertisse o leitor para o inacabamento de sua pesquisa, ele reinterpreta alguns entre seus principais sonhos à medida que a investigação avança. É o que se passa com o sonho da injeção em Irma, o "sonho da monografia botânica" e o "sonho revolucionário" (inspirado pelo encontro com o Conde Thun), com os sonhos "R. é meu tio" e "*non vixit*", além do "sonho da guilhotina", de Maury. Este movimento nos revela um autor que não dissocia a preocupação (científica) de comunicar um estado de coisas da preocupação (narrativa) de expressar um estado de alma – um traço que pode ser iluminado pelo exame de sua prosa científica e denuncia a presença do escritor Freud na raiz de sua obra.



## IV. A FRONTEIRA DA INTERPRETAÇÃO

### O TEXTO

Lemos na abertura do capítulo final de *A interpretação dos sonhos*, que traz o título “A psicologia dos processos do sonho<sup>173</sup>”:

Entre os sonhos que me foram relatados por outras pessoas há um que reivindica neste momento uma atenção especial de nossa parte. Foi contado por uma paciente que o conheceu em uma conferência sobre os sonhos; ainda desconheço sua fonte verdadeira. Mas seu conteúdo impressionou esta senhora, pois ela não deixou de “ressonhá-lo”, isto é, de repetir elementos do sonho em um sonho próprio, para manifestar através dessa transposição uma coincidência em um ponto determinado.

Os antecedentes desse sonho exemplar são os seguintes: um pai permaneceu dias e noites ao lado da cama do filho doente. Depois da morte da criança, vai a um quarto vizinho para descansar, mas deixa aberta a porta para observar dali o quarto onde está estendido o corpo, cercado por grandes velas. Um homem idoso foi chamado para a vigília e senta-se ao lado do cadáver, murmurando preces. Depois de algumas horas de sono o pai sonha que *a criança está ao lado da cama, toma-o pelo braço e sussurra indignada: “Pai, você não vê que eu estou queimando?”* Ele acorda, nota um clarão de luz vindo do quarto onde está o cadáver, corre até lá, encontra o vigia em sono profundo, a roupa e um braço do corpo querido queimados por uma vela que caíra em chamas sobre ele.

A explicação deste sonho tocante é bastante simples e, pelo que conta minha paciente, também foi dada corretamente pelo conferencista. O clarão de luz chegou pela porta aberta aos olhos do pai adormecido e incitou nele o mesmo raciocínio que teria acordado: a queda de uma vela iniciou um incêndio ao lado do cadáver. Talvez o próprio pai tivesse carregado para o sono a preocupação de que o vigia idoso não viesse a executar seu serviço.

Também não temos nada a alterar nesta interpretação; acrescentaríamos somente a exigência de que o conteúdo do sonho deva ser sobredeterminado e a fala da criança composta a partir de falas de sua vida real, ligadas a acontecimentos importantes para o pai. Quem sabe a queixa: *estou queimando*, ligada à febre com a qual a criança morreu, e as palavras *você não vê?*, a uma outra circunstância desconhecida por nós, porém fortemente afetiva.

Depois de reconhecer o sonho como um acontecimento pleno de sentido, que pode ser colocado no contexto do suceder psíquico, poderemos nos surpreender de que um sonho surgisse em circunstâncias que exigiam o despertar imediato. Notaremos então que também neste sonho não falta uma realização de desejo. No sonho a criança morta age como se fosse viva, adverte o pai, vai até sua cama e puxa-o pelo braço, como fez provavelmente na recordação da qual o sonho retirou a primeira parte da fala da criança. Em nome da realização deste desejo, o pai prolongou seu sono por um instante. O sonho prevaleceu sobre a reflexão da vigília porque podia mostrar a criança novamente viva. Se o pai acordasse e logo tirasse a conclusão que o levou ao quarto do cadáver, ele teria como que encurtado a vida da criança por um instante.

Não deve restar dúvida alguma quanto à particularidade que prende nosso interesse por este breve sonho. Até o momento interessava-nos sobretudo em que consiste o significado oculto do sonho, por qual caminho ele é encontrado e de quais meios o trabalho do sonho se serviu para escondê-lo. As tarefas da interpretação do sonho ocupavam até agora o centro de nosso campo de visão. E deparamo-nos então com este sonho que não impõe tarefa alguma à interpretação, cujo sentido é concedido sem disfarce, e reparamos que mesmo ele preserva as características essenciais que evidentemente separam um sonho de nosso pensamento de vigília e mobilizam nosso anseio por explicações. Depois de superar tudo que concerne ao trabalho de interpretação, podemos notar por fim como nossa psicologia do sonho permanecia incompleta.

Mas antes de entrarmos por este novo caminho com nossas idéias, será melhor parar e observar se não nos escapou nada importante até este ponto de nossa incursão. Pois devemos saber com clareza

<sup>173</sup> GW II/III, pp. 513-516. [Tradução de André Medina Carone]. O texto original está impresso na página à direita.

que o trecho fácil e amistoso de nosso caminho ficou para trás. Até aqui todos os caminhos que percorremos conduziram, se não estou muito enganado, à luz, ao esclarecimento e ao entendimento completo; a partir do momento em que queremos penetrar mais a fundo nos processos anímicos do sonho, todas as trilhas irão terminar no escuro. Não podemos *esclarecer* o sonho enquanto processo psíquico, pois explicar significa remeter ao conhecido, e neste momento não existe um conhecimento psicológico ao qual pudéssemos subordinar aquilo que se pode inferir do exame psicológico do sonho como base de esclarecimento. Seremos obrigados, em oposição, a postular uma nova série de suposições que tangenciam, por meio de conjecturas, a estrutura do aparato anímico e o jogo das forças que atuam nele, tomando cuidado para não divagar muito além das primeiras concatenações lógicas, pois de outro modo seu valor se dissipa no indeterminável. E ainda que não cometamos nenhum equívoco em nossas inferências e consideremos todas as possibilidades lógicas resultantes, a apreciação provavelmente incompleta dos elementos ameaça-nos com o erro completo de cálculo. A mais cuidadosa investigação do sonho ou de alguma produção *isolada* não garante uma explicação da construção e do modo de trabalho do instrumento anímico, ou ao menos não permite fundamentá-la; ao contrário, para este objetivo será preciso reunir tudo aquilo que se provar constante a partir do estudo comparativo de toda uma série de produções psíquicas. Assim, as suposições psicológicas que extraímos da análise dos processos oníricos deverão, por assim dizer, aguardar em seu posto, até formar uma aliança com os resultados de outras investigações que partam de um outro ponto de ataque em direção ao núcleo do mesmo problema.

#### PRIMEIRA LEITURA

Este trecho de abertura, situado em um momento decisivo, limita-se a apresentar a nova tarefa teórica do livro. Sabemos que ela implica em riscos e depende do resultado de outras investigações e da comparação de uma série de estudos psicológicos. O valor da passagem se deve mais à sua posição do que ao conteúdo. Por limitar-se à antecipação das dificuldades, Freud pode nomeá-las e tomar uma certa distância, lançando a incerteza e a obscuridade para o território que sua descrição está prestes a ocupar. Ele nos oferece assim uma perspectiva privilegiada para o entendimento do capítulo final e do lugar que ocupa no estudo do sonho.

A nitidez do "sonho da criança em chamas" parece encobrir alguma coisa que resiste à compreensão. A história de sua transmissão, nebulosa e cheia de incertezas, amortece o impacto do episódio ominoso que é contado: por colocar-nos longe do acontecido, a distância nos faz suportar a intensidade de suas imagens. Ali tudo se explica, e ao mesmo tempo nada se esclarece: em vez de libertar-nos da ignorância, o mistério decifrado nos devolve ao desconhecimento do início. Os leitores que acompanhavam o livro desde o começo certamente ficarão surpreendidos pela explicação direta, que modificará o caminho percorrido até aquele ponto. Mesmo assim podemos traçar sem muita dificuldade o percurso desta abertura do capítulo final de *A interpretação dos sonhos*. Ela nos conta o sonho de um pai que, após acompanhar a doença do filho que acaba de falecer, dorme no quarto ao lado do aposento em que está o corpo cercado por velas. Um homem idoso vigia o cadáver. Durante a noite, ele sonha que *a criança está ao lado da cama, agarra seu braço e diz: "Pai, você não vê que eu*

*estou queimando?*". Ele desperta e vai ao aposento, onde encontra as roupas e o braço da criança queimados pelo fogo de uma vela que havia caído. A explicação do sonho é simples. A luz intensa da vela alcançou o quarto do pai, que manifesta em seu sonho o mesmo raciocínio que teria feito acordado: o corpo da criança pegou fogo por conta de uma vela que caiu sobre ele. O sonho traz a criança de volta ao mundo por um instante e realiza o desejo do pai de forma direta, sem deformações. Mas a transparência do sentido traz um problema novo: até este momento o livro se ocupava em trazer à tona o sentido oculto dos sonhos, desenterrar seu conteúdo latente, determinar os mecanismos de sua deformação – em resumo, interpretá-los. Que valor tem o método de interpretação diante de um sonho tão evidente? A tarefa psicológica do livro encontrou seu limite. A partir dos resultados atingidos será preciso formular hipóteses sobre a constituição do aparelho psíquico que produz o sonho, tarefa reservada para este último capítulo.

Este resumo preserva somente a intenção imediata do texto, que não deixa dúvidas quanto à idéia a ser transmitida, e minha tradução procurou resguardar o estilo e as construções sintáticas do original<sup>174</sup>. O sonho da criança em chamas ainda irá ressurgir em outras passagens do capítulo, como um elemento auxiliar da exposição, envolvido por novas reflexões que ocupam o centro da investigação teórica. Mas cada uma das reaparições do sonho nos remete, gostemos ou não, aos enigmas desse trecho inicial. Por enquanto iremos nos contentar com o começo, o momento em que o sonho nos aparece por inteiro, e tentaremos deixar de lado as extensões criadas pela pequena história. As frases finais do último parágrafo anunciam o que está por vir, e com elas passamos adiante, interessados em descobrir o que efetivamente há para se dizer a respeito da psicologia dos sonhos. Ainda não entramos realmente no assunto, a verdadeira exposição está por começar. Desejo apontar o valor deste trecho para a compreensão deste capítulo obscuro do livro, mas não encontro qualquer problema na suposição de que todo este trecho teria sido escrito apenas para atrair a atenção do leitor; pelo contrário, aceito tranquilamente essa posição, mas acrescento que a maneira como Freud nos atrai é exemplar e merece ser estudada, ao menos para esclarecer o fascínio que exerce sobre nós.

Não há como negar que este sonho irá cumprir o papel de um modelo ao qual as novas investigações teóricas poderão remeter-se no futuro. Nesta altura precisa do livro ele interessa a Freud justamente por ser capaz de dizer tão pouco: ali não há nada (ou quase nada) para se interpretar, o que nos permite encontrar, mais claramente do que em qualquer outro sonho,

---

<sup>174</sup> Exceção feita às duas primeiras frases, se não estou enganado.

traços elementares da vida onírica que permaneciam encobertos nos outros seis capítulos. Somente um exemplo tão nítido e livre de contradições nos faria enxergar, para além de todas as deformações e transformações de sentido operadas pelo trabalho do sonho, que todos os sonhos apresentam um pensamento como se fosse uma cena do presente; e ainda, que durante o sono este pensamento foi transposto em quadros visuais e falas; e ainda, que este pensamento corresponde em todos os casos a um *desejo*. Temos aqui duas teses que Freud apresenta ao iniciar a segunda sessão do capítulo algumas páginas adiante, quando volta a mencionar este sonho-modelo. As dificuldades que realmente interessam devem ser buscadas nesta descrição do aparelho psíquico, e para chegar até ela será preciso avançar pelo sétimo capítulo. Começaremos pelos impasses apresentados pelo sonho para ver até onde ele nos permite chegar. Mas não poderemos negar que esta abertura possui um valor didático e interessa mais pelo acesso que nos oferece a novos conhecimentos do que pelo conhecimento que encerra dentro de seus limites.

Adotarei aqui uma perspectiva inversa, que não ficará restrita à intenção didática, mas nem por isso pretendo desmentir o valor transitório e secundário do trecho para a argumentação de Freud. Não vejo nessa inversão um conflito entre duas posições, pois as perspectivas são complementares. Seria interessante recordar aqui uma das lições trazidas pelas interpretações de sonhos: por trás do elemento indiferente, aparentemente inócuo e sem maior valor, pode encontrar-se a chave para a compreensão do conjunto. Para que isso aconteça, basta suspender provisoriamente a distinção prévia entre os elementos que tem ou não tem importância.

#### PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Voltemos então ao texto. Podemos notar que a análise do sonho ilustra um novo problema e prepara o terreno para uma nova investigação cujos resultados serão incertos. Acredito que ele está dividido em dois momentos: o comentário do sonho e o esboço da teoria que será elaborada. Em cinco parágrafos estão as circunstâncias em que ocorreu o sonho, o relato e a interpretação de seu conteúdo. Habitado a dirigir o olhar do leitor, Freud antecipa a dificuldade para não perder sua simpatia: no trecho final, ele chama a atenção para um impasse e, com uma virada repentina, anuncia uma nova investigação no último parágrafo. Os impasses de um sonho específico e muito peculiar antecipam os impasses para a explicação dos processos psíquicos que produzem o sonho – enfim, das condições que tornam possível o sonhar.

Podemos começar a análise do trecho por uma pergunta bastante simples: de onde vem o sonho da criança em chamas? A resposta surge logo na segunda frase:

Foi contado por uma paciente *que o conheceu em uma conferência sobre os sonhos*; ainda desconheço sua fonte verdadeira. Mas seu conteúdo impressionou esta senhora, pois ela não deixou de '*ressonhá-lo*', isto é, de *repetir elementos do sonho em um sonho próprio*<sup>175</sup>.

A idéia que se apresenta para nós é a de uma cadeia de transmissão, ou então de uma série de inscrições sucessivas que modificam e reorganizam um certo conteúdo. Só podemos estabelecer o que aconteceu de fato quando recusamos as dificuldades a serem vencidas para se descobrir como o sonho realmente teria sido. O relato não é confiável, não podemos sequer medir a distância que nos separa da versão original. Por ordem de proximidade, temos o novo sonho da paciente que retoma o primeiro sonho, a recordação desta mesma paciente, e por fim o relato do conferencista – e nada garante que ele de fato conheça sua origem. O ponto de partida será uma história incerta, de fonte desconhecida. Antes que chegasse até Freud, o sonho inspirou um outro sonho e foi ainda relatado ao menos por duas pessoas. Contamos com a versão de um autor que ignora a origem do sonho e dispõe apenas de registros diferentes de seus elementos. Somente uma confiança cega em seu testemunho poderia livrar-nos da suspeita de que também ele teria, sem que chegasse a notar, reorganizado a série dos elementos dentro de seu próprio relato. É bem verdade que nos aproximamos deste sonho logo nas primeiras frases, no momento em que somos informados sobre a distância que nos separa dele. Mas ao conhecê-lo já não podemos mais encará-lo apenas como um sonho, pois sua história se mistura à cadeia de ouvintes que continua a transmiti-la, e da qual agora também participamos: assim como a paciente de Freud passou adiante este sonho, contado em meio às aflições de sua experiência e ao sonho em que ela reaproveita seus elementos, os leitores recebem de Freud essa mesma história, narrada dentro de seu livro e ligada às preocupações e interesses que dominavam o autor no momento em que escreveu. Não é possível fixar o *texto* do conteúdo manifesto deste sonho: sabemos apenas quais são suas imagens e as circunstâncias em que ele teria acontecido, nada mais; para além destas informações contamos apenas com as suposições que Freud levanta a seu respeito.

É necessário seguir adiante no trabalho com o texto e caminhar de certa maneira contra o significado aparente que ele estabelece. Freud irá reafirmar que a explicação do sonho não traz dificuldades, e seu comentário articula uma simetria direta entre sonho e realidade que pode ser notada nas transições que conduzem da *febre* da criança à sua fala no sonho - *estou*

<sup>175</sup> Nas citações deste capítulo todos os destaques são meus, exceto nos casos indicados.

*queimando*; do senhor idoso que *murmura preces* à criança que *sussurra indignada*; do corpo cercado por *grandes velas* à criança *em chamas* ao lado da cama. Como vimos há pouco, transformações tão pequenas abrem o caminho para se enxergar o que está para além delas, e nisso consiste o valor didático do trecho: mas a apresentação da história está marcada por várias suposições, e a explicação que parece tão evidente surge em uma descrição pontuada por advérbios, locuções ou conjunções que destacam a incerteza.

"Se o pai *acordasse* teria *como que* abreviado a vida da criança"; "*talvez* o pai *temesse* que o vigia não *pudesse* cumprir sua tarefa"; "a criança age como *se fosse* viva, puxa-o pelo braço, como fez *provavelmente* na recordação"; "*quem sabe* a queixa: estou queimando..."

Ao menos por enquanto, será melhor não exagerar a importância destas restrições. Sabemos perfeitamente que não existem garantias quanto à lembrança que temos de nossos sonhos. Somos obrigados, em todas as circunstâncias, a reconhecer dúvidas ou incertezas e também a recriar, depois de acordados, uma certa *imagem* do sonho que tivemos. A diferença que se coloca aqui é de grau, pois Freud lida *exclusivamente* com suposições – e também, como veremos adiante, uma diferença de *posição*, pois não está em questão o esquecimento de Freud ou de algum paciente seu. Importa-nos o resultado final deste procedimento para o texto: a presença destes complementos e expressões criam uma combinação insólita entre certeza e incerteza que irá percorrer o texto do início ao fim. Somos conduzidos de uma primeira hipótese a uma outra, e nenhuma pode esclarecer o sonho que só conhecemos à distância. Ao final do comentário, chegamos ao limite de nosso conhecimento a respeito do sonho, e não ao limite da interpretação, como acontece nas diversas passagens em que Freud suspende uma interpretação porque o material associativo não lhe permite ir mais longe. Somos obrigados a admitir que este sonho breve se afasta daqueles que haviam sido interpretados até este momento, e que aparece como a forma invertida de todos estes outros sonhos. Até o final do sexto capítulo, os relatos podiam parecer incompletos ou desconexos, mas escondiam pensamentos latentes ou conexões que nos permitiam compor seu sentido. No caso do sonho da criança em chamas será preciso compor, a partir de uma série de relatos diferentes, o conteúdo de um sonho cujo sentido é evidente, e *sonho passa a existir após ter sido construído pela descrição*. O trabalho de interpretação foi substituído aqui pelo trabalho de descrição do sonho, numa estranha inversão de procedimento.

Como poderíamos explicar isso? O empenho de Freud para registrar os sonhos e fazê-los valer como acontecimentos dotados de sentido é inegável, seja pela insistência com que garante aos pacientes que mesmo as lembranças mais apagadas ou confusas podem ser

recuperadas, ou por sua disposição para aceitar o relato do sonho na forma em que ele aparece, em vez de querer determinar como *deve ser* o sonho para que aconteça a interpretação: curto ou extenso, consistente ou contraditório, o relato vale por aquilo que diz e não precisa cumprir requisitos para ser reconhecido como um ato psíquico válido. Quando decide comentar este “sonho da criança em chamas”, Freud continua a aceitar o sonho tal como ele pôde ser contado, sem condená-lo por sua aparência ou por supostas limitações. Mas neste caso específico há uma dificuldade que não podemos omitir: a deformação do conteúdo e os impedimentos para a recordação completa não podem ser atribuídos a uma só pessoa. Toda a série de deformações é o resultado de sua passagem por ouvidos diferentes. Trata-se de uma história contada e recontada por vários portadores, que modificam-na antes de transmiti-la para um outro. Voltemos outra vez ao primeiro parágrafo: veremos que o relato do sonho chega ao texto – pelo menos no que diz respeito à sua apresentação - mais como uma piada [*Witz*], uma história sem dono que precisa tornar visível o seu significado para causar efeito, do que propriamente como um sonho, uma história íntima que só alcança a consciência quando consegue encobrir o seu significado verdadeiro. A explicação “evidente” do sonho prescindiu inteiramente de informações sobre o pai que o sonhou, cujas intenções podem apenas ser presumidas, mas não comprovadas. Para constatar este choque, basta retomar os termos exatos de sua descrição: “*Talvez* [ele] tivesse carregado para o sono a preocupação de que o vigia idoso não viesse a executar seu serviço”, ou “*quem sabe*” as falas da criança no sonho estivessem “ligadas a acontecimentos importantes para o pai”. No restante, toda a explicação deste sonho particular é inteiramente impessoal e não se aproxima da experiência concreta do sonhador. Não deixa de ser curioso que o vocabulário teórico do livro que Freud escreveu poucos anos depois sobre o humor - *A piada e suas relações com o inconsciente* (1905) – tenha recuperado boa parte de sua teoria sobre o sonho, ampliando o seu alcance a partir da investigação de um outro material e parodiando abertamente o seu vocabulário, por meio da invenção de termos como o “trabalho da piada” [*Witzarbeit*] ou a “piada por deslocamento” [*Verschiebungswitz*]. De resto, seu livro sobre o humor deixa explícita a diferença entre o caráter privado do sonho, que não busca ser compreendido, e o caráter público da piada, que efetua pequenos desvios dentro da linguagem para se fazer compreender. Talvez nos seja permitido identificar nesta inversão de procedimento, que consiste em investigar o sonho como uma história de acesso público, uma primeira antecipação do programa anunciado nas frases finais do trecho que estamos analisando: a explicação do funcionamento do aparelho psíquico depende de um estudo comparativo de vários fenômenos psicológicos, razão que torna insuficiente o estudo isolado do

sonho. Esta mesma idéia também irá reaparecer, a exemplo do sonho da criança em chamas, em várias passagens deste capítulo final. O livro sobre a piada integra este trabalho de ampliação, ao lado da *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), e do próprio livro sobre os sonhos. A suposição não parece arbitrária, uma vez que as aproximações entre o sonho e a piada surgem na própria *Interpretação dos sonhos* e até nas cartas enviadas a Fliess durante a redação do livro. Mas este não é um traço decisivo para as tarefas que havíamos proposto. Por enquanto, será o bastante constatar que Freud discretamente se afasta da tarefa de interpretar, mesmo que tenha iniciado este capítulo geral pela interpretação de um sonho cuja forma é muito peculiar.

#### SONHO E TEORIA DO SONHO

Dividimos o trecho em duas partes, o comentário do sonho e o esboço da teoria, mas ainda não tratamos desta última. Antes de estabelecer algumas relações entre estes dois momentos, é necessário advertir que os pontos de contato não são inteiramente visíveis. A continuidade entre a primeira e a segunda parte está sustentada por um trabalho de figuração, que permite a circulação de certos elementos por contextos diferentes. Começaremos a ilustrar este processo a partir da reaparição da *incerteza*: no final do texto, reencontramos o mesmo contraste entre evidência e incerteza da abertura. O último parágrafo não faz referências ao sonho, mas efetua uma nova transição: a incerteza que havia sido figurada por complementos no comentário do sonho é deslocada para os substantivos.

“uma nova *série de suposições* que tangenciam, por meio de *conjecturas...*”; “seu valor se dissipa no *indeterminável*”; “e mesmo que não cometamos nenhum erro em nossas *inferências*”; “a apreciação incompleta ameaça-nos com o *erro completo de cálculo*”.

O leitor não acompanha mais o trabalho obscuro da narração de um sonho sem origem, mas continua a caminhar entre hipóteses, impedido de nomear algo que só aparece diante de seus olhos sob a forma oblíqua das *suposições*, *conjecturas* ou *incertezas*. Seria plenamente razoável acolher aqui o argumento de que o trabalho da ciência não costuma superar os limites do provável. No entanto Freud não fala simplesmente de um conhecimento provável ou incerto, e sim de possibilidades que nos remetem indefinidamente a outras possibilidades, de “*séries de suposições que tangenciam, por meio de conjecturas, a estrutura do aparato anímico e o jogo de forças que atuam nele*”. O esforço de fundamentação prestes a iniciar irá permanecer incompleto, “pois de outro modo seu valor se dissipa no indeterminável”. Todo este raciocínio



que avança numa espiral infinita, sem nunca tocar o ponto de origem, já estava presente no sonho das linhas iniciais, sob a forma de uma história de origem indeterminada. O trabalho continua a ser realizado a partir de suposições, mas o contexto se altera: antes elas recaíam sobre o material do sonho e as circunstâncias em que ocorreu, e agora terão como alvo a própria teoria do sonho que ainda está por ser construída.

Se a abordagem indireta e a figuração da incerteza nos mostram a continuidade na passagem da primeira para a segunda parte, os tempos verbais empregados neste trecho final revelam a mudança de perspectiva. O ponto de partida do comentário do sonho é, como vimos, um fato passado de origem indeterminada. Para tentar explicá-lo, a descrição recua do tempo presente para o passado (pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito perfeito do indicativo), como logo notamos nas duas primeiras frases do capítulo. Em contraponto, o parágrafo final antecipa uma nova tarefa, avançando do presente para o futuro em busca do fundamento. Todo ele se orienta para um desconhecido prestes a surgir, que o texto antecipa na medida em que avança em sua direção:

“todas as trilhas *irão* terminar no escuro”; “para este objetivo *será* preciso reunir tudo aquilo que se provar constante”; “as susposições psicológicas que extraímos da análise *deverão* aguardar em seu posto”.

O conjunto das informações reunidas até aqui nos ajuda a compreender o processo de composição do texto, mas ainda será preciso determinar seu valor real, pois a riqueza da composição não é subordinada a uma intenção literária: ela está a serviço de um trabalho de explicação que é exposto diante dos olhos do leitor. Mesmo assim, espero ter indicado que nos aproximamos do sentido do texto ao investigar de que maneira suas peças se articulam. Numa palavra, o estilo não pode ser indiferente à idéia que o autor deseja transmitir. E nestas páginas é precisamente o estilo que separa o comentário do sonho do esboço da teoria. A história da criança em chamas atinge em cheio o leitor: o sonho é relatado no presente do indicativo, a exemplo de todos os outros sonhos do livro. As ligações causais são omitidas, as informações sobrepostas sem preparação alguma (“ele *acorda, nota* um clarão de luz, *corre* até lá; “a criança morta *age* como se fosse viva, *adverte* o pai, *vai* até sua cama”). Os complementos (“quem sabe”, “provavelmente”) ressaltam a dúvida e conduzem a novas indagações. Mas o esboço de teoria troca a ausência de subordinação - designada como *parataxe* ou *coordenação assindética* pelos livros de gramática - por períodos compostos e orações subordinadas construídas com verbos auxiliares que não aparecem no comentário do sonho: “queremos penetrar” [*eindringen*

wollen], “permite fundamentar” [*begründen können*] ou “devemos saber com clareza” [*müssen uns klar darüber werden*]. Em oposição ao predomínio da parataxe no início do texto, encontramos a seguir a *hipotaxe* ou a subordinação – oposição que aparentemente complementa uma outra, entre a descrição de um evento na primeira parte e a sistematização de uma idéia ao final do trecho.

Destacamos diferenças gramaticais e estilísticas que, embora estejam presentes nas formulações de Freud, não são evidentes e costumam a aparecer. Mas agora podemos abordar um elemento mais visível, que pode ser notado logo em uma primeira leitura. A transição entre o claro e o escuro percorre todo o texto, surgindo em registros diferentes. No comentário do sonho há o *clarão de luz*, o *fogo da vela*, o sentido revelado *sem disfarce* [*unverhüllt*], em contraponto ao *sono profundo* do vigia, ao *corpo estendido* do filho, ao cansaço do pai que passou *dias e noites* ao lado da criança doente. Mais adiante, o esboço de teoria remaneja esses elementos em uma metáfora do parágrafo final:

“Até aqui todos os caminhos que cruzamos conduziram, se não estou muito enganado, à *luz*, ao *esclarecimento* e ao entendimento completo; a partir do momento em que queremos penetrar mais a fundo nos processos anímicos do sonho, todas as trilhas irão terminar *no escuro*<sup>176</sup>”.

<sup>176</sup> Esta não é a única passagem em que a luz e a escuridão do caminho a percorrer ilustram o destino da investigação sobre os sonhos. Estamos diante da última aparição da metáfora do passeio, escolhida por Freud como elemento que organiza o percurso traçado pelo livro. "O conjunto foi planejado como um passeio imaginário", ele escreve a Fließ meses antes de concluir a redação do livro. "Primeiro a mata escura dos autores (que não enxergam as árvores), sem perspectiva, repleta de falsos caminhos. Depois uma passagem oculta pela qual conduzo o leitor - meu sonho-modelo com suas idiossincrasias, detalhes, indiscrições e seu humor insólito - e de repente a altura, a perspectiva e o convite: e agora, para onde deseja ir?" (FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fließ*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1985, p. 400. Carta de 06/08/1899). Nas descrições do trajeto que nos conduziu até o sétimo capítulo a luz era o elemento privilegiado. As aberturas do terceiro e do quinto capítulo trazem a escuridão como um elemento superado, pertencente ao conhecimento passado e ao tateio confuso dos estudos científicos sobre o sonho. O terceiro capítulo inicia com a descrição de uma paisagem imaginária, cuja nitidez provinha da interpretação bem sucedida do sonho da injeção em Irma e que por pouco não chega a ser um negativo desta entrada por uma trilha escura:

"Depois de cruzar uma passagem estreita e alcançar subitamente um ponto elevado em que os caminhos se repartem e a paisagem mais rica se abre em diferentes direções, será permitido parar por um instante e pensar por onde se deve seguir. Algo parecido nos acontece após superar esta primeira interpretação de um sonho. Encontramos na clara luz de uma descoberta repentina. (...). Mas uma torrente de perguntas nos abate no momento em que poderíamos nos contentar pela descoberta. (...). Proponho deixar de lado todas estas perguntas por enquanto e avançar por um único caminho. (GW II/III, 127) [Wenn man einen engen Hohlweg passiert hat und plötzlich auf einer Anhöhe angelangt ist, von welcher aus die Wege sich teilen und die reichste Aussicht nach verschiedenen Richtungen sich öffnet, darf man einen Moment lang verweilen und überlegen, wohin man zunächst sich wenden soll. Ähnlich ergeht es uns, nachdem wir diese erste Traumdeutung überwunden haben. Wir stehen in der Klarheit einer plötzlichen Erkenntnis. (...). Aber eine Fülle von Fragen bestürmt uns im gleichen Moment, da wir uns dieser Erkenntnis freuen wollen. (...). Ich schlage vor, alle diese Fragen einstweilen beiseite zu lassen und einen einzigen Weg weiter zu verfolgen].

Os trajetos começam a ramificar-se na abertura do quinto capítulo, que surge como ponto intermediário entre a iluminação do início e a incerteza do final:

"Quando inferimos a partir da análise do sonho da injeção em Irma que o sonho é a realização de um desejo (...) silenciemos todas as outras curiosidades científicas que pudessem nos inquietar durante a interpretação. Agora, tendo alcançado a meta pelo caminho percorrido, podemos regressar e escolher um novo ponto de partida para nossas divagações pelos problemas do sonho, mesmo se por um instante perdermos de vista o tema, ainda inesgotado, da realização de desejo". (GW II/III, 167) [Als wir aus der Analyse des Traums von Irmas Injektion

De maneira sutil, Freud faz figuras descontínuas percorrerem uma só linha. Peças aparentemente secundárias e pouco relevantes para o argumento central criam a continuidade onde há uma ruptura entre o modelo psicológico da interpretação e o modelo metapsicológico do aparelho psíquico. Como se acompanhasse a paciente que combina elementos do sonho em um sonho próprio, ele reaproveita os termos de sua narrativa em sua exposição teórica, onde irá recriar a partir de uma nova situação as oposições entre claro e escuro, certeza e incerteza, conhecimento e desconhecimento. Se nos afastarmos um pouco da letra do texto, poderemos perceber a combinação de continuidade e ruptura logo na primeira frase: Freud arremessa as teses psicológicas do livro contra seu limite ao interpretar um sonho que expõe a fronteira da interpretação – precisamente um sonho que não demanda interpretação alguma. Ele retoma o relato e a busca pelo sentido, mas aborda uma matéria fria - a história de um pai que acorda para descobrir o que havia por trás do sonho que teve - como alguém que se prepara para entrar por um novo caminho. A transição do comentário do sonho para o esboço de teoria é feita pelas mãos de um mestre que expõe elementos semelhantes em dois cenários distintos, introduzindo os leitores em um território obscuro na certeza de que ainda se pode avançar.

A exemplo da oposição entre claro e escuro, o problema do conhecimento também ganha uma nova roupagem no parágrafo final. Sabemos que a fonte verdadeira deste sonho é *desconhecida* [*unbekannt*] por Freud; sua paciente o conheceu [*kennengelernt*] em uma conferência; as palavras pronunciadas pela criança no sonho do pai estão ligadas a uma outra circunstância *desconhecida* [*unbekannt*]. E o caminho para o conhecimento terá sido bloqueado na parte final:

“Não podemos esclarecer o sonho enquanto processo psíquico, pois explicar significa remeter ao conhecido [*Bekanntes*], e neste momento não existe um conhecimento [*Erkenntnis*] psicológico ao qual pudéssemos subordinar aquilo que se pode inferir do exame psicológico do sonho como base de esclarecimento”.

#### ENCERRAMENTO

Toda esta série de observações provou ser possível remeter as idéias e formas da primeira para a segunda parte, e também o inverso. Elementos como a incerteza ou a oposição claro/escuro permanecem constantes mas recebem tratamentos diferentes: na interpretação do sonho o

---

ersehen hatten, dass der Traum eine Wunscherfüllung ist, nahm uns zunächst das Interesse gefanngen, ob wir hiemit einen allgemeinen Charakter des Traums aufgedeckt haben, und wir brachten vorläufig jede andere wissenschaftliche Neugierde zum Schweigen, die sich in uns während jener Deutungsarbeit geregt haben mochte. Nachdem wir jetzt auf dem einen Wege zum Ziel gelangt sind, dürfen wir zurückkehren und einen neuen Ausgangspunkt für unsere Streifungen durch die Probleme des Traumes wählen, sollten wir darüber auch das noch keineswegs voll erledigte Thema der Wunscherfüllung für eine Weile aus den Augen verlieren].

conjunto se organiza a partir do *relato*, da *parataxe* e do *tempo pretérito*, enquanto no esboço teórico os mesmos elementos serão moldados a partir dos *conceitos*, da *hipotaxe* e do *tempo futuro*. As correspondências que trouxemos à tona ainda não servem como prova da importância do trecho: pelo contrário, sua construção simétrica parece indicar que ele está fechado sobre si mesmo e se aparta do restante do capítulo. Retornamos assim à suposição levantada quando iniciávamos o nosso comentário: é provável que Freud pretendesse despertar a curiosidade dos leitores para uma investigação árida, que talvez não lhes interessasse. Ele mesmo parece confirmar o valor secundário desta abertura (e da primeira seção) quando abre a segunda seção do capítulo: “Mas agora que já nos guardamos contra as objeções, ou pelo menos apontamos onde repousam nossas armas de defesa, não podemos mais adiar a entrada nas investigações psicológicas para as quais nos preparamos há muito tempo<sup>177</sup>”. Se esta frase marca o início do combate, os desenvolvimentos anteriores eram apenas exercícios de preparação. Apesar disso, a forma insular do trecho pode ser tomada como um esforço para compreender em um único golpe o movimento desta nova investigação que *parte* do sonho, mas já não fala apenas *sobre* o sonho. Não iremos negar que, quanto ao conteúdo, tudo ainda resta por fazer: sabemos concretamente que a nova teoria psicológica será obscura, e talvez pouco ou nada além disso. Ao mesmo tempo, nada resta por fazer no tocante à forma da exposição: a condução sinuosa da linguagem em meio a pontos escuros, a paciência e a coragem do autor que, privado dos meios para *esclarecer*, sabe aceitar a escuridão que habita a palavra – a consciência plena do perigo, sem a qual estas páginas não teriam sido escritas, permanece no livro até o último momento. Seguindo adiante pelo capítulo, continuaremos a assistir à apresentação indireta de um objeto que não se dá a conhecer, mas pode ser figurado por suposições, metáforas, construções teóricas inacabadas e até por análises de sonhos, em meio a mudanças de perspectiva que apenas renovam as transformações sutis que o “sonho da criança em chamas” pôs em ação. A imagem inquietante do sonho antecipa o quadro misterioso e quase desconhecido da nova teoria, que já está inscrita nesta primeira imagem. Podemos alterar provisoriamente os termos do nosso comentário e considerar todo este trecho de abertura como uma única narrativa que nos conta a história de Freud diante desta teoria psicológica dos sonhos: nos dois parágrafos finais nós o encontramos antes da teoria, no momento em que irá lançar-se ao trabalho, e ele nos mostra as dificuldades a serem vencidas. Retomando os termos

---

<sup>177</sup> GW II/III 538. "Nun aber, da wir uns gegen die Einwendungen verwehrt oder wenigstens gezeigt haben, wo unsere Waffen zur Abwehr ruhen, dürfen wir es nicht länger verschieben, in die psychologischen Untersuchungen einzutreten, für die wir uns längst gerüstet haben".

da metáfora bélica, podemos dizer que a preparação simula o combate real, e com isso teremos unido esta abertura ao restante do livro: a partir de um ponto afastado, a história do “sonho da criança em chamas” figura dentro de uma forma narrativa todas as especulações deste sétimo capítulo: inscrições sucessivas de um elemento em diferentes registros, a realização do desejo, a função do sonho, o despertar, a realidade psíquica.

Antes de encerrar este meu comentário quero retornar ao problema da origem, ou mais exatamente ao desconhecimento da origem, pois todo o trecho se equilibra entre um ponto de origem no passado e outro no futuro. Logo nas primeiras linhas Freud afirma que desconhece "a fonte verdadeira" do sonho. E na outra ponta do texto a frase final deixa claro que o problema da origem sobrevive em outro registro: não mais como origem do fato, mas como origem da explicação, na referência a "outras investigações que partam em direção ao *núcleo* do mesmo problema". As correspondências dentro do texto alcançam até mesmo o que não se pode dizer – o desconhecido do passado na abertura e no encerramento o desconhecido do futuro; no caminho entre claro e escuro, um abismo ilumina o outro.

## V. FREUD, O PÚBLICO E O LEITOR (CONCLUSÃO)

Quando à tarde, após a chegada, eu estava na Acrópole e meu olhar abarcava a paisagem, de repente surgiu-me a idéia estranha: "*Então tudo isso existe tal como aprendemos na escola?*" Numa descrição mais precisa: a pessoa que fez a afirmação separava-se, com uma contundência incomum, da outra que a recebia, e as duas estavam admiradas, ainda que não pela mesma coisa<sup>178</sup>. (Freud)

Dois anos antes que fosse publicada *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta um impasse aparentemente sem solução numa carta a Fliess: “Minha auto-análise permanece interrompida. Percebi o motivo. Posso analisar a mim mesmo apenas com o conhecimento conquistado objetivamente (como um estrangeiro), a auto-análise autêntica é impossível; do contrário, não haveria doença<sup>179</sup>”. Parece queixar-se: não posso ser observador e alvo da observação ao mesmo tempo. A auto-análise é uma auto-observação, e nenhuma pessoa poderia ser simultaneamente o sujeito e o objeto de uma análise. Mas a queixa antecipa também uma saída: se a auto-análise autêntica não pode existir, resta a alternativa de investigar a si mesmo a partir de fora, “como um estrangeiro”. Quem analisa a si mesmo pode desdobrar-se na pessoa que analisa e na analisada, enxergando o interior a partir deste desvio para o exterior. O “conhecimento conquistado objetivamente” seria adquirido por esta pessoa desdobrada que observa artificialmente a si mesma como objeto. Esta passagem da carta parece reencontrar o sentido mais elementar do verbo *vorstellen* (“representar”), que significa literalmente “colocar algo diante de si”. Uma imagem do conhecimento substitui, na análise, o conhecimento autêntico; e quem analisa a si próprio encontra, antes da doença, a consciência da doença, o que talvez levasse Freud a afirmar ali que sem esta duplicação “não haveria doença”.

Cada leitor poderá conduzir a idéia lançada pela citação por um caminho próprio e chegar a resultados diferentes: seja pela trilha da auto-análise de Freud e do papel

---

178 GW XVI 251 [Uma perturbação da memória na Acrópole]. "Als ich dann am Nachmittag nach der Ankunft auf der Akropolis stand und mein Blick die Landschaft umfasste, kam mir plötzlich der merkwürdige Gedanke: "Also existiert das alles wirklich so, wie wir es auf der Schule gelernt haben?!" Genauer beschrieben, die Person, die eine Äusserung tat, sonderte sich, weit schärfer als sonst merklich, von einer anderen, die diese Äusserung wahrnahm, und beide waren verwundert, wenn auch nicht über das gleiche".

<sup>179</sup> Freud, S. *Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904* (Herausgegeben von Jeffrey Moussaief Masson) [Cartas a Wilhelm Fliess 1887-1904 (Editado por Jeffrey Moussaief Masson)], Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999, p. 305. [Carta de 14.11.1897]. "Meine Selbstanalyse bleibt unterbrochen. Ich habe eingesehen, warum. Ich kann mich nur selbst analysieren mit den objektiv gewonnenen Kenntnissen (wie ein Fremder), eigentliche Selbstanalyse ist unmöglich, sonst gäbe es keine Krankheit".

desempenhado nela por Fliess (“Sem nenhum público eu não consigo escrever, mas posso me contentar perfeitamente em escrever apenas para você<sup>180</sup>”); pela exploração de algumas questões filosóficas que parecem embutidas ali, como a relação sujeito/objeto e pergunta pelos limites e a natureza do Eu; ou então pela investigação de outras questões da obra de Freud, como os desdobramentos e divisões do Eu que ele procura descrever a partir de perspectivas tão diferentes quando se refere à censura no sonho, ao ideal do Eu na *Introdução ao narcisismo*, à consciência moral em *Totem e tabu* ou ao superego na segunda tópica. Já muito cedo, nos *Estudos sobre a histeria*, Freud não pode mais conceber o Eu sem alguma espécie de corte ou divisão em que uma parte do Eu julga e observa uma outra parte e contrapõe-se a ela.

Em vez de escolher um entre os caminhos de leitura, quero chamar atenção para o papel que este dilema da auto-análise irá adquirir na linguagem, no estilo e na composição dos textos de Freud. Ele procura superar o impasse da análise pessoal, do diálogo consigo mesmo que não pode ser propriamente um diálogo, através de uma referência constante à platéia e ao leitor, como se tentasse compensar o isolamento do ato de escrever pelo contato com uma figura que atua dentro do texto “como um estrangeiro”, lendo o que ele escreve ou ouvindo o que ele diz. No ensaio “Lembranças encobridoras”, publicado à mesma época que *A interpretação dos sonhos*, ele reproduz o diálogo com um conhecido, a quem apresenta como “um homem de 38 anos com formação acadêmica, que manteve o interesse por questões psicológicas, embora elas estejam afastadas de sua atividade profissional, desde que o livre de uma leve fobia por meio da psicanálise”. No ano anterior, este amigo lhe teria chamado a atenção “para suas lembranças infantis, que haviam provado ter uma certa importância na análise<sup>181</sup>”. O homem de 38 anos com quem Freud conversa é na verdade ele mesmo – um homem de 43 anos - que criou a ficção do diálogo para fazer crer que investigava o passado de um amigo. Ele revela sua intimidade ao tratá-la como se falasse de uma outra pessoa e assim consegue esconder-se do público. Mas com esta manobra ele converte o pensamento solitário e sem diálogo da auto-análise numa conversa entre dois conhecidos e cumpre o programa da carta: “analisar a mim mesmo com o conhecimento conquistado objetivamente, como um estrangeiro”.

A referência direta ou indireta ao leitor é um dos traços que definem Freud como escritor, sobretudo se comparado a outros psicanalistas. Desde os primeiros trabalhos é possível

<sup>180</sup> *Briefe an Wilhelm Fliess*, p. 342 [Carta de 18.5.1898] "Ganz ohne Publikum kann ich nicht schreiben, kann mir aber ganz gut gefallen lassen, dass ich nur für dich schreibe".

<sup>181</sup> GW I 538-9 [Sobre lembranças encobridoras] "Ein achtunddreissigjähriger akademisch gebildeter Mann, der sich trotz seines fernab liegenden Berufs ein Interesse für psychologische Fragen bewahrt hat, seitdem ich ihn durch Psychoanalyse von einer kleinen Phobie befreien konnte, lenkte im Vorjahre meine Aufmerksamkeit auf seine Kindheitserinnerungen, die schon in der Analyse eine gewisse Rolle gespielt hatten".

notar que ele por vezes orienta sua exposição a partir da perspectiva de um leitor imaginário, organizando suas teses como se antecipasse o efeito que pretende causar sobre ele. Mas nem sempre a presença do leitor é explícita no texto: muito mais comum na escrita de Freud é o recurso a elementos indiretos de diálogo, a um conflito de opiniões que se desdobra durante a exposição de uma idéia, sobretudo pelo emprego alternado do discurso indireto e do discurso indireto livre.

Não irei destacar citações que ilustram o “conteúdo” do texto e os argumentos do autor, pois tenho a intenção de trabalhar um pouco à sua margem. Quero tentar mostrar de que maneira Freud compõe sua argumentação, e por isso concentro-me em passagens que geralmente passam despercebidas na leitura.

As *Conferências introdutórias à psicanálise*, escritas e proferidas em 1915 e 1916, revelam com nitidez a necessidade constante que sente Freud em fazer o leitor participar das idéias que está apresentando, como se para ele o ato de escrever exigisse a criação de um leitor ou de uma platéia que o acompanha. Uma das primeiras pessoas a notar a importância do público nos livros de Freud foi sua tradutora inglesa, Joan Riviere. Ela define sua escrita nos seguintes termos:

“Sua característica geral não é apenas ser direto e claro – afirmações simples sem ornamento – mas ainda transmite em especial uma consciência viva de seus leitores ou ouvintes, como se falasse diretamente para eles e se preocupasse em formular suas opiniões numa forma inteligível *para eles*... Ele desenvolveu a capacidade especial de apresentar suas conclusões como se estivesse empenhado em permitir que o leitor as acolhesse – a um tal ponto que ela tinge todo o seu estilo e concede à exposição uma simplicidade e uma lucidez (freqüentemente quando o conteúdo é obscuro) e muito rara em trabalhos do gênero<sup>182</sup>”.

O primeiro resultado do interesse pelo leitor será o cruzamento constante entre o ato de falar e o ato de escrever. Nas *Conferências*, que foram tanto apresentadas para uma platéia como redigidas no papel, essa junção irá adquirir uma intensidade especial. Ali, a presença real de uma platéia formada por médicos, leigos e pessoas interessadas pela psicanálise conduz a figura do leitor-espectador para o primeiro plano.

---

<sup>182</sup> Riviere, J. “A character trait of Freud’s”, em *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, London, Hogarth Press, 1958. *Apud* Mahony, P. *Freud as a writer*, Yale University Press, New Haven and London, 1987, p. 55. “Its general character is not only direct and plain-spoken - simple statements without padding - but in particular it conveys vividly an awareness of his readers or hearers, as if he were speaking directly to them, and were concerned to put forward his views in a form intelligible to them... He had developed this special capacity for presenting his conclusions as if he were bent on enabling the reader to take them in - so much that it colours his whole style and gives the presentation a simplicity and lucidity (often when the content is obscure) that is peculiar to him and most rare in such work”.



Quero comentar inicialmente o empenho de Freud em tornar suas opiniões compreensíveis para o público. O arranjo do livro obedece claramente a uma finalidade didática: ele dedica quatro conferências aos lapsos, trata dos sonhos em onze conferências e depois apresenta uma teoria geral das neuroses distribuída em outras quatorze. Há uma clara intenção em partir do simples ao complexo, e Freud diz em diversas ocasiões que o estudo dos lapsos é uma preparação para o estudo dos sonhos, e que o estudo dos sonhos abre caminho para o estudo das neuroses. Em cada uma das etapas ele reafirma, a partir de materiais distintos, certas teses elementares: todo ato psíquico possui um sentido; o ato psíquico é o resultado de um compromisso entre intenções ou forças que se opõem; o sentido manifesto ou aparente do ato psíquico (seja ele um ato falho ou um esquecimento; um sonho ou o fragmento de um sonho; um sintoma neurótico ou uma escolha sexual, ou um sentimento como a angústia) encobre um sentido latente, que é o seu sentido verdadeiro. Esse conjunto de premissas é apresentado explicitamente na primeira parte, mas será recuperado em diferentes níveis nos momentos subsequentes.

Neste percurso, Freud tenta convencer o leitor a dar pequenos passos, só apresenta teses gerais depois de uma longa preparação, e assim promove lentamente a sua *formação*, como nota Patrick Mahony. A construção dos argumentos das *Conferências* passa então a coincidir com a própria psicanálise: "o desenrolar das *Conferências*", escreve Mahony, "é em certa medida uma história do público que elabora suas próprias resistências, abrangendo uma série de respostas e intromissões do público"<sup>183</sup>. As conferências avançam como se lapsos, sonhos e neuroses recebessem uma mesma explicação, construída a partir de materiais diferentes. Ele afirma em uma conferência sobre o sonho que, se não existisse a neurose, o estudo do sonho revelaria tudo o que se poderia saber a respeito dela, remetendo continuamente a explicação de um material aos resultados alcançados a partir de uma investigação anterior. O equilíbrio que se constrói a partir de comparações que não o lançam necessariamente para fora da psicanálise é uma marca do estilo de maturidade. Ao contrário do que se via nos anos de formação da psicanálise (sobretudo nos *Estudos sobre a histeria* e em *A interpretação dos sonhos*) Freud não tenta criar sucessões de metáforas ou analogias para ilustrar o que tem a dizer, nem parece mais preocupado em nos advertir para o caráter incompleto de suas comparações. A linguagem (não só a psicanalítica) apenas oferece um conhecimento aproximado de seus objetos, mas agora esta limitação não parece importar tanto. A psicanálise parece bastar-se a si mesma e pode descrever

---

183 Mahony, P. *Freud as a writer*, p. 69. "... the development of the lectures is to a degree a history of the audience working through its on resistances, comprising a series of staged replies and intrusions from the audience..."

as coisas em seus próprios termos. Talvez possamos resumir essa mudança, não sem correr um certo risco, na seguinte fórmula: a psicanálise dependeu, em um primeiro momento, de outras fontes para firmar-se e dar consistência à sua própria linguagem, para mais tarde explicar estas fontes a partir de uma linguagem psicanalítica que possui suas regras próprias.

Está em curso nas *Conferências* um processo contínuo de tradução, que pode ser notado, entre outros aspectos, pela modificação lenta e constante do vocabulário. Deixo aqui alguns exemplos. Com enorme frequência, Freud explica conceitos sem referir-se à palavra que escolheu para nomeá-los. Assim, nós o vemos falar sobre o inconsciente: “Proponho-lhes agora introduzir em nossa nomenclatura uma modificação que deverá facilitar a nossa mobilidade. Em lugar de oculto, inacessível, genuíno, digamos, para fazer uma descrição correta, inacessível à consciência da pessoa que sonha, ou *inconsciente*<sup>184</sup>”. São duas frases que aparecem na sétima conferência. Até ali a palavra *inconsciente* não aparecia, mas agora Freud confessa que falava antes sobre o inconsciente quando utilizava as palavras “oculto, inacessível, genuíno” e assim lança luz sobre aquilo que havia escrito até aquele ponto. Daqui em diante o leitor irá saber que quando dizia: “Interpretar significa encontrar um sentido oculto”, o autor pensava em “inconsciente”, embora tivesse escolhido a palavra “oculto”. Algumas páginas adiante ele descreve o processo da repressão: “... e depois podemos observar de que maneira com tais objeções [feitas pela censura] nós sufocamos e finalmente expulsamos as idéias, ainda antes que elas tenham se tornado inteiramente claras<sup>185</sup>”. Não resta dúvida de que ele trata da repressão, mas ela é substituída pelos verbos *sufocar* e *expulsar*; como se ele falasse sobre a repressão, mas preferisse, de caso pensado, não deixar sua idéia inteiramente clara naquele momento. Pouco antes, na quarta conferência, ele encontra no ato falho e no esquecimento a oposição entre uma tendência perturbada (consciente) e uma tendência perturbadora (que não é consciente) e recorre a uma série de expressões que antecipam o conceito psicanalítico de repressão, mas não coincidem com ele: diz, por exemplo, que tendência perturbada “rechaça [zurückdrängt]” a tendência perturbadora, e recorre ainda a outros verbos como “rejeitar” [zurückweisen], “recalcar” [unterdrücken], “repelir” [abweisen], “recusar” [verweisen], “negar” [leugnen]. Não há nenhuma referência direta a “repressão” [Verdrängung] ou “reprimir” [verdrängen], mas todo o vocabulário aponta para o termo: aos poucos a idéia se impõe dentro

184 GW XI 111. "Ich schlage Ihnen jetzt vor, eine Abänderung unserer Nomenklatur eintreten zu lassen, die unsere Beweglichkeit erleichtern soll. Anstatt verborgen, unzugänglich, eigentlich, sagen wir, indem wir die richtige Beschreibung geben, dem Bewusstsein des Träumers unzugänglich oder *unbewusst*". [Tradução de Marilene Carone]

185 GW XI 113. "... und man kann ferner beobachten, wie an mit solchen Einwendungen die Einfälle, noch ehe sie ganz klar geworden sind, erstickt und endlich auch vertreibt". [Tradução de Marilene Carone]

do texto por sua própria força, como se Freud cercasse a palavra dentro de um círculo e girasse ao seu redor sem precisar tocá-la. O conceito está ausente, mas se faz presente o tempo todo; ele começa a ser traduzido a partir de aproximações sucessivas até que o leitor possa compreendê-lo plenamente. Tudo se passa como se fundo e figura se alternassem no texto, e o acento recaísse ora sobre uma palavra, ora sobre outra. O vocabulário vai sofrendo uma série de modulações que o aproximam deste núcleo, sendo o caso da “repressão” apenas um entre vários exemplos possíveis<sup>186</sup>. Ele refaz a todo momento uma estabilidade provisória, apoiando-se em uma linguagem em movimento para expressar uma teoria em movimento.

Agora podemos retornar à questão do contato entre o autor das *Conferências* e a platéia. A cada passo que dá, Freud se volta sobre aquilo que disse antes, pondera, faz correções, acrescenta dificuldades, antecipa argumentos contrários e até mesmo se volta contra o público, censurando os ouvintes por suas limitações, preconceitos e falta de ousadia. Há momentos em que chega a arrastar suas formulações para trás: antes de trazer seu argumento ele coloca em cena todos os obstáculos, reúne-os e oferece respostas que anulam o efeito da crítica, como por exemplo na primeira conferência.

“Vou lhes mostrar de que modo toda a orientação da sua formação prévia e todos os seus hábitos de pensamento deveriam inevitavelmente transformá-los em adversários da psicanálise e o quanto os senhores precisariam superar dentro de si para dominar esta aversão instintiva<sup>187</sup>”.

Ele puxa para dentro do texto a desconfiança e a resistência de um público que não está disposto a aceitar o que tem para dizer. Numa palavra, o conferencista se dirige para o leitor a quem deseja persuadir, mas que se recusa a aceitar sua fala. O andamento de cada uma das conferências combina movimentos de avanço e parada: depois de um novo passo, Freud volta os olhos para trás, ou até mesmo se volta contra aquilo que ele mesmo disse, marcando a todo instante a posição em que ele e a platéia se encontram, dividindo com ela o conhecimento que foi conquistado e antecipando as dificuldades que irão surgir. Enquanto fala, ele dita o ritmo e o rumo da investigação. Vejamos as passagens em que ele faz a discussão avançar:

<sup>186</sup> Deixo de lado o debate sobre a tradução do texto de Freud. Faço isso apenas para não perder o foco do tema que escolhi. Assinalo, no entanto, que ele foi tratado em uma versão ampliada do texto que encaminho e em outros trabalhos que já foram publicados.

<sup>187</sup> GW XI 8. "Ich werde Ihnen zeigen, wie die ganze Richtung Ihrer Vorbildung und alle Ihre Denkgewohnheiten Sie unvermeidlich zu Gegnern der Psychoanalyse machen müssten, und wieviel Sie in sich zu überwinden hätten, um dieser instinktiven Gegnerschaft Herr zu werden". [Tradução de Marilene Carone]

“Não desejamos portanto nos aprofundar mais nos lapsos, mas poderemos ainda fazer uma incursão por esta vasta área, onde vamos reencontrar coisas conhecidas e seguir a pista de alguma coisa nova”.

“Agora podemos afirmar que fizemos novos progressos na compreensão dos lapsos. Não apenas sabemos que são atos psíquicos,... mas também que uma dessas intenções deve ter sido de certo modo impedida de se realizar...”.

“Renunciemos provisoriamente ao ‘sentido’ do sonho e em vez disso, a partir dos seus traços mais comuns, tentemos abrir caminho para a sua melhor compreensão<sup>188</sup>”.

Os movimentos de parada e recuo funcionam como contraponto a estes avanços:

“Detenhamo-nos por um momento ainda na afirmação de que os lapsos seriam ‘atos psíquicos’. Esta afirmação acaso contém algo mais do que o nosso enunciado anterior, o de que eles teriam um sentido? Não acredito...”.

“Eu entendo tudo isto muito bem, mas não sei se consegui torná-lo inteligível para os senhores. Também me é difícil demonstrá-lo<sup>189</sup>”.

A partir destes trechos, podemos notar que Freud utiliza a platéia para orientar seu pensamento. Ele utiliza o público das *Conferências* (e, de modo mais geral, a figura do leitor) como ponto de fuga que centraliza e coordena sua atenção flutuante. Mas ao falar em avanço e parada, descrevemos sua relação com o público de maneira linear, indicando apenas que o autor sinaliza antes de seguir em frente ou recuar na exposição. Mas a ligação de Freud com o leitor é muito mais forte, e por vezes ele não hesita em entrar em confronto com o público:

“Pois bem, se quiserem, desistam da tentativa. Mas se desejarem um outro caminho, podem segui-lo junto comigo. Com efeito, afirmo-lhes que sim, é bem possível, até bastante provável que o autor do sonho saiba o que seu sonho significa, ele só não sabe que o sabe e por isso acredita que não o sabe”.

“... não os fiz vir até aqui para lhes dissimular ou ocultar alguma coisa. Realmente anunciei *Conferências elementares de introdução à psicanálise*, mas não pretendi com isto fazer uma exposição que lhes mostrasse um contexto sem contraste, escamoteando cuidadosamente todas as dificuldades, preenchendo as lacunas e retocando as dúvidas para que, com o espírito tranquilo, acreditassem ter aprendido algo novo<sup>190</sup>”.

---

188 GW XI 62; "Wir wollen also bei den Fehlleistungen nicht weiter in die Tiefe gehen, aber wir können noch einen Streifzug durch die Breite dieses Gebietes unternehmen, auf dem wir Bekanntes wiederfinden und einiges Neue aufspüren werden". GW XI 61: "Wir dürfen nun behaupten, dass wir im Verständnis der Fehlleistungen weitere Fortschritte gemacht haben. Wir wissen nicht nur, dass sie seelische Akte sind...sondern ausserdem noch, dass die eine dieser Intentionen eine gewisse Zurückdrängung von der Ausführung erfahren haben muss..." GW XI 88: "Wir können vorläufig auf den 'Sinn' des Traumes verzichten und dafür versuchen, uns von dem Gemeinsamen der Träume aus einen Weg zum besseren Verständnis derselben zu bahnen." [Tradução de Marilene Carone]

189 GW XI 55: "Verweilen wir noch einen Moment bei der Behauptung, die Fehlleistungen seien 'psychische Akte'. Enthälte sie mehr als unsere sonstige Aussage, sie hätten einen Sinn?" GW XI 227: "Ich verstehe das alles sehr gut, aber ich weiss nicht, ob es mir gelungen ist, es auch für Sie verständlich zu machen. Auch habe ich Schwierigkeiten, es Ihnen zu beweisen". [Tradução de Marilene Carone]

190 GW XI 98: "Ja, wenn Sie wollen, geben Sie den Versuch auf. Wenn Sie aber anders wollen, so können Sie den Weg

O leitor é visto como um adversário com quem se trava uma luta, e Freud avança como se quisesse arrancar fora suas convicções e encontrar nele algum espaço para as idéias que está lançando. Ele é o emissor que transmite a outros um conhecimento que não possuem, mas é também o receptor que tenta construir este novo conhecimento a partir do conhecimento prévio deste público. Por um lado, Freud faz do leitor um observador indiscreto que o acompanha pelos meandros de sua terapia e pelas dificuldades do tratamento analítico, e por outro comete suas próprias indiscrições quando busca sua adesão ou destacar sua intransigência e seu apego a noções do senso comum: no correr do texto ele transita, em resumo, entre as posições de sujeito e objeto.

Até aqui falamos apenas do choque, mas não podemos omitir as passagens em que o autor se coloca ao lado do público, assume seu ponto de vista e tenta expor seu pensamento a partir desta outra posição:

“Creio que os senhores, como eu, devem estar cansados para prosseguir com tentativas como as que ensaiamos até agora. Vemos que todo o interesse por um problema é insuficiente quando não se conhece um caminho transitável que conduza até a solução”.

“Espero que estejam surpreendidos com a constatação deste fato e que me perguntem: por que o senhor não apelou para esta prova antes...?”

“Agora os senhores acreditam que me têm na mão. ‘Esta é a sua técnica’, ouço-os falar. Quando a pessoa que cometeu um lapso de fala diz a seu próprio respeito algo que lhe convém, o senhor o promove a mais alta autoridade sobre o assunto. ‘Ele mesmo o diz!’ Mas quando aquilo que ele diz não se encaixa no esquema, o senhor afirma de repente que isto não vale nada, que não é o caso de dar crédito a ele<sup>191</sup>”.

Selecionei exemplos das quinze primeiras conferências, que tratavam dos lapsos e dos sonhos e foram proferidas no primeiro ano do curso; no segundo ano Freud apresenta uma

---

mit mir fortsetzen. Ich sagen Ihnen nämlich, es ist doch sehr wohl möglich, ja sehr wahrscheinlich, dass der Träumer es doch weiss, was sein Traum *bedeutet, nur weiss er nicht, dass er es weiss, und glaubt darum, dass er es nicht weiss*“. GW XI 99: "Ja, meine Damen und Herren, ich habe Sie nicht hieher kommen lassen, um Ihnen etwas vorzuspiegeln oder zu verhehlen. Ich habe zwar 'Elementare Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse' angekündigt, aber damit habe ich keine Darstellung *in usum delphini* beabsichtigt, die Ihnen einen glatten Zusammenhang zeigen soll mit sorgfältigem Verstecken aller Schwierigkeiten, Ausfüllung der Lücken, Übermalen der Zweifel, damit Sie ruhigen Gemüts glauben sollen, Sie haben etwas Neues gelernt". [Tradução de Marilene Carone].

191 GW XI 94: "Ich glaube, Sie werden wie ich müde sein, Versuche wie unsere bisherigen fortzusetzen. Wir sehen eben, alles Interesse für ein Problem ist unzureichend, wenn man nicht auch einen Weg kennt, den man einschlagen kann, dass er zur Lösung hinführe". GW XI 101: "Ich hoffe, Sie werden von der Feststellung dieser Tatsache überrascht sein und mich fragen: Warum haben Sie sich auf diesen Beweis nicht schon früher, bei den Fehlleistungen berufen...?". GW XI 43: "Jetzt glauben Sie mir in der Hand zu haben. Das ist also ihre Technik, höre ich Sie sagen. Wenn der Betreffende, der ein Versprechen von sich gegeben hat, etwas dazu sagt, was Ihnen passt, dann erklären Sie ihn für die letzte entscheidende Autorität darüber. Er sagt es ja selbst! Wenn Ihnen aber das, was er sagt, nicht in Ihren Kram passt, dann behaupten Sie auf einmal, der gilt nichts, dem braucht man nicht zu glauben". [Tradução de Marilene Carone]

teoria geral das neuroses, e sua platéia parece menos ingênua. Quando se dirige ao público nesta nova fase ele parece pensar em voz alta ou dividir impressões com parceiros que o compreendem bem. O choque de opiniões do primeiro ano se dissolve em uma conversa mais amistosa, mas continua presente no texto a tonalidade do diálogo. Mesmo sem a intensidade do início, a relação com o público irá permanecer até o final. Porém as conferências do primeiro ano revelam com nitidez algo que será menos distinto no ano seguinte: o contraste entre as duas posturas que o autor assume revela a ambivalência de sentimentos que o público desperta nele. Mas a ambigüidade não é um impedimento porque a resistência do leitor foi integrada à sua exposição. O confronto com o outro vai sendo articulado dentro da fala, e parece reproduzir, ao lado da resistência dos ouvintes, a resistência de um objeto de estudo que escapa à descrição e precisa sempre ser explicado a partir de um novo material como notamos nas passagens em que Freud apresenta um pensamento incompleto e chama o leitor para que ele também tente preencher as lacunas que o seu texto apresenta.

“Justamente por serem principiantes, quis lhes mostrar a nossa ciência como ela é, com suas asperezas e dificuldades, suas exigências e inconvenientes”.

“Mais uma vez os senhores só escutaram coisas incompletas; mas não é auspicioso pensar que este saber tem uma continuação que será realizada por nós ou por outros depois de nós? E nós mesmos já não aprendemos um bom número de coisas novas e surpreendentes?”

“Propus-me a informá-los sobre um assunto ainda incompleto, e o meu próprio resumo ficou incompleto. Em muitos momentos preparei o material para uma conclusão e depois não a tirei. Mas não podia pretender transformá-los em especialistas; queria apenas trazer-lhes esclarecimento e estímulo<sup>192</sup>”.

Em outros trabalhos, Freud fabrica a oposição autor/platéia ao voltar-se contra aquilo que ele próprio pensa, multiplicando sua posição dentro do texto, e chega ao extremo de inventar um interlocutor, como vemos ainda em *A questão da análise leiga e O futuro de uma ilusão*. Nas *Conferências*, ele não precisa criar uma voz artificial para expressar a resistência e a incerteza que o vemos enfrentar sozinho em certos momentos:

---

192 GW XI 8; GW XI 233: "Sie haben wiederum nur Unvollständiges gehört; aber ist es nicht hoffnungsvoll zu denken, dass dieses Wissen eine Fortsetzung hat, die entweder wir selbst oder andere nach uns zutage fördern werden? Und haben wir selbst nicht Neues und Überraschendes genug erfahren?" GW XI 482: "Ich habe es unternommen, Ihnen von einer noch unfertigen, in Entwicklung begriffenen Sache Bericht zu geben, und meine kurzende Zusammenfassung ist dann selbst eine unvollkommene geworden. (...) Aber ich konnte es nicht beanspruchen, Sie zu Sachkundigen zu machen; ich wollte Ihnen nur Aufklärung und Anregung bringen". [Tradução de Marilene Carone]

“Por um momento me encontro na interessante posição de não saber se o que pretendo comunicar deve ser visto como algo há muito conhecido, e mesmo óbvio, ou como algo inteiramente novo e surpreendente. Mas me inclino a crer na segunda possibilidade<sup>193</sup>”.

“Nenhum outro trabalho me deu a sensação, como este, de expor algo conhecido, de gastar papel e tinta e fazer trabalhar o tipógrafo, para falar de coisas evidentes. De modo que, se parecer que o reconhecimento de um instinto de agressão significa uma mudança na teoria psicanalítica, de bom grado me ponho a discutir isso<sup>194</sup>”.

São passagens de *A cisão do Eu no processo de defesa* e *O mal-estar na civilização* em que, mesmo sem inventar a presença de um público, o autor cria uma segunda voz para relacionar-se com ela. Desta vez ele pára diante do texto que irá *escrever*, e não diante das palavras que irá *dizer* para outras pessoas. Os trechos citados partilham com as *Conferências* a mesma necessidade de um confronto entre duas posições dentro do texto. Mas aqui Freud não incorpora a resistência de uma platéia às suas idéias: ele acolhe no texto suas impressões a respeito do que está redigindo e cria uma espécie de diálogo implícito.

Após percorrer o trajeto que nos conduziu até aqui será possível determinar o valor real desta relação ambivalente de Freud com seu público. O contato entre público e autor oscila entre um acordo provisório e uma oposição declarada, mas não chega a se desmanchar. A cada nova conferência o autor reata com a platéia uma aliança que é também um combate, encenando nesta relação um conflito que reaparece nas formulações teóricas que o texto apresenta. As palavras que Freud escolhe para descrever a vida psíquica também retratam com exatidão a relação conturbada que ele trava com o público: a vida psíquica, diz ele, é “uma arena e um campo de batalha de tendências opostas, ou para expressá-lo em termos não-dinâmicos, consiste de contradições e pares de opostos. A comprovação de uma determinada tendência não implica a exclusão de outra, oposta a ela; há espaço para ambas. Depende de como os opostos se colocam em relação ao outro, e que efeitos provêm de um e de outro<sup>195</sup>”. O conflito com a platéia antecipa a noção psicanalítica de conflito psíquico e a idéia de que forças

<sup>193</sup> GW, XVII, 151. "Ich befinde mich einen Moment lang in der interessanten Lage nicht zu wissen, ob das, was ich mitteilen will, als längst bekannt und selbstverständlich oder als völlig neu und befremdend gewertet werden soll. Ich glaube aber eher das letztere". [Tradução de Paulo César de Souza]

<sup>194</sup> GW, XIV, 476. "Ich habe bei keiner Arbeit so stark die Empfindung gehabt wie diesmal, dass ich allgemein Bekanntes darstelle, Papier und Tinte, in weiterer Folge Setzterarbeit und Druckerschärze aufbiete, um eigentlich selbstverständlich Dinge zu erzählen. Darum greife ich es gerne auf, wenn sich der Anschein ergibt, dass die Anerkennung eines besonderen, selbständigen Agressionstriebes eine Abänderung der psychoanalytischen Trieblehre bedeutet". [Tradução de Paulo César de Souza]

<sup>195</sup> GW XI 72 "... ein Tummelplatz entgegengesetzter Tendenzen, oder nicht dynamisch ausgedrückt, es bestehe aus Widersprüchen und Gegensatzpaaren. Der Nachweis einer bestimmten Tendenz leistet nichts für den Ausschluss einer ihr gegensätzlichen; es ist Raum für beide vorhanden. Es kommt nur darauf an, wie sich die Gegensätze zueinander stellen, welche Wirkungen von dem einen und welche von dem anderen ausgehen". [Tradução de Marilene Carone]

opostas ou associadas determinam o sentido dos atos psíquicos. Aqui a linguagem de Freud "tece em conjunto o público e seu próprio assunto"<sup>196</sup>, como destaca Mahony ao comentar relações muito similares a esta. E assim, enquanto acompanhamos a forma do discurso, somos lançados no centro de seu conteúdo.

Analisando a forma de exposição das *Conferências*, vimos que ela está articulada com as idéias que Freud defende diante do leitor; porém este tipo de análise pode ir ainda mais longe e ajudar a compreender de que maneira ele organiza seu pensamento. Ao dirigir-se ao público, ele indica também quais serão os rumos da investigação, recorrendo periodicamente a fórmulas como "agora seguiremos por este caminho"; "abandonaremos esta via por um momento para retomá-la mais adiante"; "voltemos à hipótese que havia sido levantada antes", etc. Entre estas mudanças de direção, vimos que ele adota duas posturas: há momentos em que ele avança contra o leitor para apresentar um novo conhecimento e outros em que se coloca ao lado do leitor e tenta fazê-lo chegar a este conhecimento a partir da sua posição. Assim como a exposição de Freud caminha nestas duas direções opostas, o estudo do sonho também pode ser feito por dois caminhos diferentes, que conduzem a conhecimentos que se complementam: "o trabalho que transforma o sonho latente no sonho manifesto se chama *trabalho onírico*. O trabalho que avança na direção oposta e pretende alcançar o sonho latente a partir do manifesto é o nosso *trabalho de interpretação*"<sup>197</sup>. Do mesmo modo que pode aderir à perspectiva do leitor ou entrar em choque com ele, Freud pode igualmente privilegiar um entre os dois termos (sonho latente ou manifesto) para mostrar como o outro se posiciona com relação ao primeiro. O rumo da investigação determina aqui o objeto a ser revelado. Pela primeira via, conhecemos a formação do sonho: pela segunda encontramos seu sentido. Ou então, dito de outra maneira: o objeto da investigação irá depender do rumo da exposição, que pode partir ou do sonho manifesto como elemento a ser decifrado para encontrar na outra ponta a sua explicação, ou do sonho latente como o material para a produção deste sonho manifesto.

Com estas indicações, espero ter apontado que a forma escolhida por Freud para expor seu pensamento invade o conteúdo de cada afirmação como uma força que mobiliza novos sentidos e amplia os efeitos do texto sobre o leitor. Depois de uma série de preparações, chegamos ao desconhecido, a um conhecimento incompleto que está próximo ao centro de tudo, mas continua a exigir revisões que o leitor é convidado a fazer. Ao final das *Conferências*

---

196 Mahony, P. *Freud as a writer*, p. 63. "...weaves together the audience and his subject matter".

197 GW XI 174 "...jene Arbeit, welche den latenten Traum in den manifesten umsetzt, die *Traumarbeit* heisst. Die in entgegengesetzter Richtung fortschreitende Arbeit, welche vom manifesten Traum zum latenten gelangen wil, ist unsere *Deutungsarbeit*". [Tradução de Marilene Carone]



o choque de opiniões cede lugar à cumplicidade com um público instruído, cujas visões foram transformadas pelo conhecimento transmitido, e por isso coincidem largamente com as do autor. Freud e seu novo leitor têm diante de si as dificuldades que marcam os limites da teoria e do tratamento psicanalítico: para além deste ponto, ele só pode recomendar-lhe que siga por sua própria conta:

Os senhores querem saber apenas de maneira mais geral por quais caminhos atua a terapia analítica e quais são aproximadamente os seus efeitos. E têm o direito indiscutível de fazê-lo. Mas não quero dizer aos senhores: insisto em que o descubram por si mesmos<sup>198</sup>.

O conflito entre autor e leitor engendrou no texto a fusão de ambos, anunciada agora nos termos simples que caracterizam a prosa madura de Freud. Seu reconhecimento como parceiro, e não como oponente, acontece com a mesma naturalidade de outras operações sofisticadas que encontramos nos textos tardios. As lacunas entre realidade e linguagem (ou ainda, entre a linguagem e a teoria psicológica) são admitidas com desembrço: alguns exemplos banais lhe bastam para reavaliar todo o horizonte especulativo da psicanálise em *A negação*; a *Nota sobre o bloco mágico* não requer nada além da descrição sumária de uma brincadeira de cêra para ilustrar o funcionamento do aparelho psíquico, e o fio para a apresentação da pulsão de morte vai sendo desenrolado com pouco mais que o novelo de uma criança que repete duas palavras (*fort-da*). A forma singela continua a encobrir, agora quase com perfeição, um pensamento secreto que se articula por trás do texto, refazendo a si mesmo a cada nova leitura. Nunca se deixa de admirar, a cada retorno, que ela pareça talhada sob medida para a definição que lhe deu o escritor: "Note-se o estilo simples e claro; não é, a bem dizer, um estilo. Sem artificios nem frases de efeito, ele diz o que quer dizer: assim fala alguém que conhece o assunto<sup>199</sup>".

---

198 GW XI 447. "Sie wollen nur im allgemeinsten wissen, auf welchem Wege die psychoanalytische Therapie wirkt und was sie ungefähr leistet. Und das zu erfahren, haben Sie ein unbestreitbares Recht. Ich will es Ihnen aber nicht mitteilen, sondern bestehe darauf, dass Sie es selbst erraten". [Tradução de Marilene Carone]

199 Döblin, Alfred. *Zum siebzigsten Geburtstag Sigmund Freuds. Almanach für das Jahr*; Wien, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927. *Apud* Schönau, Walter. *Sigmund Freuds Prosa*, p. 258. "Man beachte den einfachen klaren Stil; es ist gar kein Stil; er sagt ungekünstelt und phrasenlos, was er meint; so spricht einer, der etwas weiss".

## BIBLIOGRAFIA

### OBRAS DE SIGMUND FREUD

- Sigmund Freuds Gesammelte Werke in achtzehn Bänden*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999.
- Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904* – Herausgegeben von Jeffrey Moussaief Masson [*Cartas a Wilhelm Fliess 1887-1904* – Editado por Jeffrey Moussaief Masson], Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999
- Der Wahn und die Träume in W. Jensens 'Gradiva'. Mit der Erzählung von Wilhelm Jensen. Herausgegeben und eingeleitet von Bernd Urban*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2003.
- Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2001.
- (com Josef BREUER). *Studien über Hysterie*. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.

### OUTROS AUTORES:

- ADORNO, T. W. "Skoteinos oder wie zu lesen sei" [Skoteinos ou como se deve ler], em *Drei Studien zu Hegel*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch, 1971, pp.84-133
- \_\_\_\_\_. "O ensaio como forma", em *Notas de literatura I*, São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2004
- BOURGUIGNON, A. *et alli. Traduzir Freud*. São Paulo, Martins Fontes, 1994. Tradução de Cláudia Berliner.
- CAMPOS, Haroldo de. "Hegel Poeta", em *O arco-íris branco. Ensaaios de literatura e cultura*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1997, pp. 61-74.
- CARONE, Marilene. "Freud em português: uma tradução selvagem"; "Freud em português: tradução e tradição"; "Freud em português: ideologia de uma tradução", em *Sigmund Freud & o Gabinete do Dr. Lacan*, São Paulo, Brasiliense, 1989, pp. 160-188.
- \_\_\_\_\_. "'A negação': um claro enigma de Freud", em *Revista Discurso* n° 15, pp.125-133.
- \_\_\_\_\_. "Luto e melancolia – apresentação, tradução do original alemão, notas e discussão", em *Revista Novos Estudos Cebrap* n° 32, São Paulo, pp. 130-142.
- CRICK, Joyce. "Note on the translation", em FREUD, S. *The interpretation of dreams*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1999
- \_\_\_\_\_. "Translator's Preface", em FREUD, S. *The joke and its relation to the unconscious*, London, Penguin Classics, 2002, pp. xxix-xlii.
- DAVIES, Keith e FICHTNER, Gerhard. *Freud's library. A comprehensive catalogue*. London/Tübingen, The Freud Museum/Edition Diskord, 2006.
- DÖBLIN, Alfred. *Zum siebzigsten Geburtstag Sigmund Freuds. Almanach für das Jahr 1927*.
- ECO, Umberto. "Sobre o estilo do 'Manifesto'", em *Sobre a literatura*, Rio de Janeiro, Record, 2003, pp.29-33
- ETCHEVERRY, J. E. *Sobre la versión castellana*, em FREUD, S. *Obras Completas*, vol.XXV, Buenos Aires, Amorrortu, 1982.
- GAY, Peter. "Sigmund Freud: um alemão e seus sabores", em SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988, pp. 1-71.
- GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. *Zurück zu Freuds Texten*, Frankfurt, S. Fischer Verlag, 1993.
- FRANKLAND, Graham. *Freud's literary culture*. Cambridge University Press, 2000.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. [Tradução de Fernando Py].
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- HOLT, Robert. "Freud's Cognitive Style", em *Freud Reappraised. A fresh Look at Psychoanalytic Theory*, Nova York e Londres, Guilford, 1986 pp. 34-68.
- HYPOLITE, J. "Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud", em Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 893 [Tradução de Vera Ribeiro e André Teles].
- LOBO, Ana Lúcia. *Freud. A presença da antiguidade clássica*, São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2004.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro I*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p.152 [Tradução de Betty Milan].
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1994. Tradução de Pedro Tamen.
- LOUREIRO, Inês. *O carvalho e o pinheiro. Freud e o estilo romântico*, São Paulo, Editora Escuta, 2002.
- MAHONY, Patrick. *Freud as a writer*, Yale University Press, New Haven and London, 1987.

- \_\_\_\_\_. "Towards an understanding of translation in psychoanalysis"; "Further thoughts on Freud and his writing", em *Psychoanalysis and Discourse*, Londres e Nova York, Tavistock Publications, 1987, pp. 3-15 e 145-158.
- \_\_\_\_\_. *Cries of the Wolf Man*. New York, International Universities Press 1984.
- \_\_\_\_\_. *Freud's Dora. A psychoanalytic, historical and textual study*. New Haven and London, Yale University Press, 1996
- \_\_\_\_\_. *Freud e o Homem dos Ratos*. Editora Escuta, São Paulo, 1991. Tradução de Maria da Penha Cataldi e Elisabeth Saporiti.
- MEZAN, Renato. *A trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. "Uma nova tradução de Freud para o português: algumas considerações", em Fischer, E., Glenk, E., Meireles, S. [orgs.]. *Blickwechsel. Band 3*, [Troca de olhares, vol. 3], São Paulo, Edusp, 2005, pp. 435-440.
- \_\_\_\_\_. "Metapsicologia/Fantasia", em *Figuras da teoria psicanalítica*, São Paulo, Escuta, 1995, pp. 33-60
- \_\_\_\_\_. "Metapsicologia: por que e para que", em *Tempo de Muda*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 328-356.
- MUSCHG, Walter. "Freud als Schriftsteller", em *Die Zerstörung der deutschen Literatur*, Berna, Francke, 1958, 303-347
- NIETZSCHE, Friedrich., "Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne" ["Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral"], in Giorgio Colli and Mazzino Montinari (editores), *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*, Berlin e Nova York: de Gruyter 1967-77, vol. 1, pp. 870-885.
- ORNSTON, Darius Gray. (org.) *Traduzindo Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1999.
- PHILLIPS, Adam. "After Strachey", em *London Review of Books*, 4. October 2007 pp. 36-38.
- POLLOCK, Andrew. "Freud in America", em *Radical Society*, vol. 30. n o. 3-4 (2003), Routledge Journals, Taylor & Francis Ltd., pp. 111-118.
- PORGE, Erik. *Jacques Lacan, um psicanalista*, Brasília, Edunb, 2006
- SCHNEIDER, Monique. Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud. São Paulo, Editora Escuta, 1994. [Tradução de Monica Seincman].
- SCHÖNAU, Walter. *Sigmund Freuds Prosa. Literarische Elemente seines Stils*, Stuttgart, J. Metzler, 1968.
- SCHREBER, Daniel Paul. Memórias de um doente dos nervos. São Paulo, Paz e Terra, 1995. [Tradução de Marilene Carone].
- SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*, Ed. Ática, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Freud como escritor", em *Freud, Nietzsche e outros alemães*, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1994, pp. 9-23
- SOULEZ, Antonia. "O nó no quadro ou o estilo de/em Lacan", em SAFATLE, V. [org.] *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*, São Paulo, Edunesp, 2003, pp. 255-276
- \_\_\_\_\_. *Comment écrivent les philosophes?* Paris, Kimé, 2002
- SAFATLE, Vladimir. "O trabalho da forma no pensamento de Jacques Lacan: notas sobre a relação entre estilo, sintoma e subjetividade", em *Sofia: Revista de Filosofia*, Vitória, v. VIII, n. 9 e 10, 2004
- WILSON, Edmund. "Karl Marx: poeta da mercadoria e ditador do proletariado", em *Rumo à Estação Finlândia*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, pp. 275-311
- WOOD, Michael. "There is no cure", em *London Review of Books*, 6. July 2006.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS**

**TRADUZINDO UM CAPÍTULO DOS  
*ESTUDOS SOBRE HISTERIA***

**(APÊNDICE A "A LUCIDEZ IMPERFEITA. ENSAIO SOBRE  
FREUD COMO ESCRITOR")**

**ANDRÉ MEDINA CARONE**

**SÃO CARLOS  
- FEVEREIRO DE 2008 -**

## TRADUZINDO UM CAPÍTULO DOS *ESTUDOS SOBRE HISTERIA*

### APRESENTAÇÃO

Apesar da iniciativa pessoal de poucos tradutores e de autores que demonstraram um interesse eventual pelo assunto, permanecem raras entre nós as traduções de textos de Freud a partir do texto original alemão. O descompasso entre o grande interesse que Freud desperta para muito além dos domínios da psicanálise brasileira e a produção reduzida de versões minimamente confiáveis de seus textos tem uma justificativa editorial: toda a sua obra passará ao domínio público no Brasil em janeiro de 2010, quando uma série de traduções preparadas desde o início da década de oitenta finalmente serão publicadas. A presente tradução de um capítulo dos *Estudos sobre a histeria* foi beneficiada pelo contato com uma boa parte deste material inédito ou de circulação restrita, em traduções assinadas ou por Marilene Carone ou por Paulo César de Souza e procura, a exemplo do que ambos fizeram, ensaiar soluções para um novo Freud em português e chamar atenção para a importância do contato com o original alemão.

Além de textos inéditos como a versão de Carone para as *Conferências introdutórias à psicanálise* ou a de Souza para *O mal-estar na civilização*, das quais nos servimos durante a redação da Tese, os dois publicaram algumas traduções comentadas de artigos como "Luto e melancolia" e "A negação" (por Marilene Carone) ou "A dinâmica da transferência" e "Recordar, repetir, elaborar"<sup>1</sup> (por Paulo César de Souza), trazendo discussões e justificativas para as equivalências que estabeleceram e cotejando-as com outras traduções estrangeiras -- notadamente a inglesa de James Strachey. Procuramos seguir o modelo estabelecido por estes trabalhos em nossa tradução, mas fomos obrigados a restringir a elaboração de notas e discussões de caráter mais teórico por uma série de razões.

A primeira diz respeito à natureza do texto traduzido: a história clínica de Lucy R. é capítulo de um livro, e não um texto independente, o que nos obrigaria a

---

<sup>1</sup> Ver a "Bibliografia" ao final deste Apêndice.

remeter constantemente o leitor aos outros textos do livro e buscar, fora do texto traduzido, as razões para esta ou aquela escolha. De saída, essa tarefa nos desviaria da tradução para o comentário de texto, inundando-o com notas explicativas que estariam muito afastadas do contexto abordado. Essas explicações foram restringidas porque quisemos dar mais destaque ao texto de Freud do que ao nosso próprio comentário. Uma segunda diferença pode ser encontrada no próprio texto dos *Estudos sobre a histeria*: Freud ainda está a caminho da psicanálise, e por isso testa as palavras em busca de significados que estão por se formar, e se ele fala com segurança em "inconsciente" [*Unbewusste*], "interpretação" [*Deutung*] ou "investimento" [*Besetzung*] não se deve esquecer que estes termos aparecem em meio ao vocabulário que ele trouxera da terapia catártica, e que depois não seria aproveitado em elaborações futuras: "abreção" [*Abreagieren*], "contra-vontade" [*Gegenwille*], "concentração" [*Konzentrierung*], "afetos aprisionados" [*eingeklemmte Affekte*] ou *condition seconde* passarão à pré-história da psicanálise, enquanto alguns termos-chave aparecem de maneira tímida ou deslocada, como é o caso da "transferência" [*Übertragung*]. Um exame detalhado de termos isolados poderia, em nosso caso, fazer com que perdêssemos o alvo ao substituir a discussão da linguagem de Freud por uma espécie de *uniformização retroativa*, que tomaria a presença de uma palavra como o sinal da plena formação de um conceito. Em linhas gerais, esses riscos costumam ser reconhecidos por qualquer leitura do desenvolvimento teórico de Freud: sabemos perfeitamente que o "Eu" possui significados diferentes em 1895, 1914 e 1923, para ficarmos num único exemplo. Assim, a ausência de explicações terminológicas em nossa tradução está mais vinculada às circunstâncias em que nós a apresentamos do que a uma suposta indiferença com relação aos problemas de ordem conceitual. Essa discussão seria indispensável em uma tradução completa dos *Estudos sobre a histeria* (da qual este apêndice representa um primeiro passo) e foi parcialmente solucionada pela apresentação concomitante do texto original, a partir do qual o leitor poderá acompanhar a versão escolhida para cada palavra. Além do mais, fomos favorecidos também pelo recurso a trabalhos recentes que investigam pontualmente os problemas de tradução, como o *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz

Hanns, e *As palavras de Freud*, de Paulo César de Souza, onde o leitor poderá encontrar desenvolvimentos distintos a respeito dos impasses de terminologia.

Traduzir o caso clínico da paciente que recebeu de Freud o pseudônimo "Lucy R." representou para mim uma oportunidade única de examinar o estilo e os recursos gramaticais de Freud em seu contato com a histeria. É um texto que reúne e organiza elementos que se encontram dispersos (ou em franca oposição) no correr do livro, e o primeiro desafio da tradução consistiu em preservar os vários registros pelos quais Freud transita em pouco menos de vinte páginas: há a linguagem médica com a qual ele recapitula o histórico da enfermidade nasal da moça, além da breve menção ao problema da predisposição à histeria; uma linguagem psicológica apoiada nos princípios da "Comunicação Preliminar", da qual ele se serve com uma certa reserva, além da aparição isolada dos substantivos *Deutung* ["interpretação"] e *Unbewusste* ["inconsciente"]. No plano narrativo, ele se ocupa com a história da paciente e de seu próprio método, retraça o seu desenvolvimento a partir dos contatos com os hipnotizadores Bernheim e Liébault e descarta o recurso a hipnose sem no entanto deixar de utilizá-la como modelo. Ao contar a história de Lucy, ele se vale da forma do diálogo mas recua ocasionalmente para o discurso indireto (a exemplo do que fará também na história de "Catarina"). Todas essas variações são conduzidas com segurança, mas Freud não esconde suas incertezas diante do leitor. Se isso torna o texto mais interessante para o leitor, que passa a dividir o percurso com o autor, torna mais delicado o trabalho do tradutor, que deve resistir à tentação de trocar em miúdos um método em formação ou fazê-lo parecer mais exato do que ele realmente é.

A partir de dois exemplos, tentarei indicar como pode ser instrutivo não tentar forçar a exatidão no trabalho com a história de Lucy. Uma linguagem dinâmica percorre a elaboração da "técnica da concentração", que substituiu a hipnose pelo toque na cabeça do paciente, que era instado a dizer o que lhe ocorria a respeito de um assunto determinado. Mas essa dinâmica ainda não assumiu a forma de uma explicação geral dos fenômenos psicológicos e nem sequer está libertada dos termos da terapia catártica: ela irá aparecer ocasionalmente nos termos de um contato quase corporal com as idéias, que parece copiar esse método que quer resgatar, pelo toque da mão, as idéias que se ocultaram da consciência. Por isso me

parece mais proveitoso traduzir literalmente certas referências, por exemplo, a uma idéia "palpável" (*greifbar*), que "passa pela cabeça" (*durch den Kopf geht*) ou à solução (*Erledigung*) de uma recordação. O texto lida com conflitos psíquicos, é certo, mas nem por isso abre mão de uma linguagem quase corporal que nos remete à questão dos limites entre o corpo e a psique na histeria.

Um outro exemplo da estranha precisão no texto é a reprodução dos diálogos no tempo presente. A sensação de que acompanhamos o processo do tratamento e dividimos com o autor as incertezas quanto ao resultado final é sustentada em larga medida por essa escolha verbal que não se resume a um artifício retórico, como já foi apontado por alguns críticos e tradutores que também notaram a sua importância para a narração dos sonhos<sup>2</sup>. A apresentação do passado na linguagem do presente está vinculada, no contexto dos *Estudos sobre a histeria*, aos objetivos de uma terapia que luta para resgatar lembranças traumáticas em sua forma original e eliminar os danos causados por elas. Mas o tempo presente dessas falas nos ajuda a compreender a oscilação entre imagem e palavra no sonho e também na histeria: Freud quase chega a praticar uma terapia por imagens, na qual as palavras das pacientes devem descrever as imagens que lhes ocorrem:

Insisti que ela tentasse lembrar-se sob o toque da minha mão. Já mencionei que suas recordações possuíam uma intensidade plástica, que ela era um tipo "visual". Sob a minha pressão uma imagem emergiu para ela, no princípio com hesitação e em fragmentos. Era a sala de refeições de sua casa, onde ela aguarda com as crianças pela chegada dos senhores da fábrica para o almoço. –“Agora sentamo-nos todos à mesa: os senhores, a arrumadeira, a governanta, as crianças e eu. Mas é como um dia qualquer”. –“Continue a olhar para a imagem, ela ganhará forma e precisão”. –“Sim, há um convidado, o contador, um senhor de idade que adora as crianças como se fossem seus netos, mas ele aparece tanto no horário de almoço, não há nada de especial nisso”. –“Tenha paciência, apenas siga olhando para a imagem, alguma coisa certamente irá se passar”.

<sup>2</sup> Ver a este respeito a crítica de Mahony à tradução de James Strachey em *Freud as a writer*, pp. 126-7. "...the English version [doesn't do] justice to the report on 'Katharina', which in the German starts out in the past tense and, at a certain point, begins to alternate smoothly between the present and past, continuing in this manner until the section entitled "Discussion".

Entre os tradutores, vale lembrar o comentário de Joyce Crick em sua tradução de *A interpretação dos sonhos*: "The present indicative is also the appropriate verb-form for the dream's sense of time and actuality: the past is present and the wish is realized. So I have followed him in this". ("Note on the translation", em Freud, S. *The interpretation of dreams*, p. xlvi). E ainda, as observações de Nicola Luckhurst em sua recente tradução dos *Estudos sobre a histeria*: "I knew I wanted to stay close to the text... In stylistic terms, this closeness might mean translating the historic present tense in German as the historic present in English - not smoothing it into the contours of a past rative as has been done before". ("Translator's Preface", em Breuer, J. e Freud, S. *Studies in Hysteria*, London, Penguin Classics, 2002, p. xxxvi).



O presente do indicativo registra as imagens tal como chegam à consciência da paciente, servindo como contraponto para as interpretações que Freud irá oferecer no pretérito perfeito. Mais adiante, quase ao final do livro, reencontraremos a imagem à serviço da palavra, numa série de associações que lembra muito os textos oníricos de *A interpretação dos sonhos*:

Quando perguntei a essa senhora se ela havia visto alguma coisa ou se tivera alguma lembrança sob o toque de minha mão, ela respondeu: "Nenhum dos dois, mas uma palavra me ocorreu de repente". - "Uma única palavra?" - "Sim, mas parece uma bobagem". - "Diga-a mesmo assim". - "*Hausmeister*". - "Alguma outra?" - "Não". Pressiono mais uma vez, e aparece novamente uma única palavra que lhe passa pela cabeça: "camisa". Percebi então que havia aqui um novo modo de oferecer resposta e recuperei com toques repetidos uma série de palavras aparentemente sem sentido: "Zelador - camisa - cama - cidade - carroça"<sup>3</sup>.

Mesmo que esse laço entre os aspectos verbais e sensoriais do texto pareça secundário, acredito que deva ao menos ser destacado a fim de evitarmos o risco de intelectualizar o estilo de Freud ou acomodá-lo à imagem de uma exposição mais segura do que ele efetivamente produz. Antes de responsabilizar o tradutor por essas e outras dissonâncias aparentes, peço a cada leitor que acompanhe o original para avaliar a partir do texto alemão quais os desvios de nossa versão. De resto, cabe lembrar que este trabalho não pretende ser definitivo e permanece aberto a críticas e sugestões. Para compensar a ausência de explicações conceituais mais detalhadas, justificarei isoladamente algumas das escolhas para esta tradução:

EU (*ICH*) - A opção por "Eu" no lugar de "ego" é facilitada neste contexto porque Freud ainda está muito distante da diferenciação entre *Ich*, *Über-Ich* e *Es* adotada quase trinta anos depois da publicação de seu trabalho sobre a histeria. Além disso, como não encontraremos no livro as distinções apuradas entre os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico, é possível (e até recomendável) compreender a palavra sem identificá-la inteiramente como uma instância do aparelho psíquico. Como advertem Laplanche e Pontalis, o termo comparece nessa época de forma pouco especificada nas obras de Freud, designando muitas vezes "a personalidade em seu conjunto"<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> EstH, p. 292.

<sup>4</sup> LAPLANCHE J. e PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 125

OCORRER (*EINFALLEN*) - Na única passagem em que aparece o substantivo "Einfall" (p. 136) ele foi traduzido como verbo. O termo pode ser vertido sem grande prejuízo por "associação", mas deve-se lembrar que Freud se vale igualmente da palavra *Assoziation* e que *Einfall* designa por vezes uma palavra ou imagem que ocorre a alguém sem que se saiba a quais outras ela está associada. Parece-me, em todo caso, que uma alternativa satisfatória para o termo continua a ser "idéia que ocorre", como propõe Marilene Carone, ou simplesmente "idéia". Paulo César de Souza acredita que nada depõe contra "pensamento espontâneo"<sup>5</sup>, uma versão que talvez pudesse ser testada em outros contextos, pois os *Estudos sobre a histeria* não abrem uma grande perspectiva neste caso.

IDÉIA (*VORSTELLUNG*) - No contexto geral da obra de Freud, dois argumentos principais podem ser apresentados em favor da "idéia" como equivalente para a *Vorstellung*: primeiro, suas traduções de textos de Bernheim e Charcot, onde encontramos constantemente a palavra *Vorstellung* para *idée*<sup>6</sup>, e o uso repetido de *idée* nos artigos que redigiu em francês, nos mesmos contextos onde aparece a *Vorstellung* dos textos alemães; segundo, a presença de dos verbos *vertreten* e *repräsentieren* (associada aos substantivos *Vertretung* e *Repräsentanz*) nos escritos teóricos onde ele procura definir o significado psicanalítico da *Vorstellung*.

No horizonte dos *Estudos sobre a histeria* é necessário considerar que Freud reproduz sem cessar o trabalho de pacientes que têm "idéias" e não "representações", de modo que não parece justo transformá-las em investigadoras metapsicológicas *avant la lettre*. Como nosso trabalho tentou indicar repetidas vezes, são precisamente as teorias de Freud que se deixam conduzir pelo material e pela linguagem de seu trabalho clínico, e não o inverso. A opção por "idéia" permite que se acompanhe no texto essa opacidade.

REPRESSÃO (*VERDRÄNGUNG*) - Apesar do espaço concedido a "recalque" entre os autores brasileiros que se ocupam com a psicanálise, "repressão" parece ser uma solução igualmente satisfatória, com a vantagem de denotar com maior nitidez o traço dinâmico de *Verdrängung*. Como nos textos sobre histeria a "pressão" é utilizada em termos físicos na terapia (na técnica da concentração) e no modelo teórico esboçado por Freud, acredito que ela se torne indispensável em nosso caso.

<sup>5</sup> Souza, P.C. *As palavras de Freud*, Ática, São Paulo, 1999, p. 139.

<sup>6</sup> Um estudo minucioso sobre as traduções assinadas por Freud foi realizado pela psicanalista francesa Michèle Pollak-Cornilliot: "Freud traducteur. Introduction à la traduction des oeuvres de Freud", Paris, Université René Descartes, 1990. Agradeço a Paulo César de Souza pelo envio deste trabalho que permanece inédito em livro.

SÍMBOLO DA RECORDAÇÃO (*ERINNERUNGSSYMBOL*) - Exceção feita à tradução inglesa mais recente, nenhuma entre as versões consultadas abriu mão dos adjetivos "mnésico" ou "mnêmico". Recorrendo a dois substantivos é possível preservar a função gramatical de ambos os termos e a "transparência"<sup>7</sup> que é caracteriza a língua alemã. Embora estejamos diante de um conceito, convém lembrar ainda que o termo faz referência ao trabalho analítico de recordar e elaborar. Novamente buscamos aqui uma solução que não separasse o vocabulário teórico do trabalho analítico conduzido por Freud.



Foram destacadas em notas algumas passagens que mereciam ser esclarecidas e às quais foram acrescentadas as versões de duas traduções espanholas, duas inglesas e uma francesa. Ao final encontra-se uma carta enviada a Nicola Luckhurst, tradutora que assina a recente versão britânica dos *Estudos sobre histeria*. Encontram-se neste texto de encerramento as idéias que devem orientar futuramente nosso trabalho de tradução, além de impressões sobre o novo projeto editorial da editora Penguin, que tem lançado edições avulsas de trabalhos de Freud na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A tradução foi feita a partir da edição de bolso da Fischer Verlag (*Studien über Hysterie*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1996. Mit einer Einleitung von Stavros Mentzos), cujo texto está reproduzido na margem esquerda deste caderno. Trata-se da única entre as edições alemãs a incorporar os textos de Breuer e registrar as variantes do texto original de 1895, uma vez que a Edição de Estudos (*Studienausgabe*) selecionou somente o capítulo final do livro ("Sobre a psicoterapia da histeria") e as Obras Reunidas (*Gesammelte Werke*) reproduzem somente a segunda edição de 1909 sem os capítulos escritos pelo parceiro de Freud.

---

<sup>7</sup> Ver a este respeito o comentário de Paulo César de Souza sobre o trabalho do linguista Stephen Ullmann: *As palavras de Freud*, p. 154-157.

---

**III. MISS LUCY R., TRINTA ANOS**

SIGMUND FREUD

No fim de 1892 um amigo médico encaminhou-me uma jovem que estava em tratamento com ele por conta de uma rinite supurante crônica e recorrente. Como se verificou posteriormente, a razão para a persistência de seu sofrimento era uma cárie do osso etmóide. A paciente o procurou depois por conta de novos sintomas que o médico esclarecido não podia mais remeter a uma afecção local. Ela havia perdido inteiramente a sensibilidade olfativa e era perseguida quase sem interrupção por uma ou duas sensações olfativas subjetivas. Sentia-as com grande tristeza, encontrava-se também abatida, cansada, queixava-se de um peso na cabeça, perda de apetite e desânimo.

Essa jovem, que morava na casa do diretor de uma fábrica nas cercanias de Viena como preceptora<sup>1</sup>, visitava-me de tempos em tempos durante meu horário de consultas. Era inglesa, de constituição delicada, pigmentação fraca, saudável exceto por sua afecção nasal. Suas informações iniciais confirmavam os dados do médico. Ela sofria de desânimo e fadiga, era atormentada por sensações olfativas subjetivas; entre os sintomas histéricos, apresentava uma analgesia geral razoavelmente distinta sem prejuízo das sensações táteis, o campo de visão não indicava qualquer restrição após um exame aproximado (com as mãos). O interior do nariz era análgico e irreflexo. Havia reação ao toque, a percepção deste órgão sensorial havia sido igualmente suprimida para estímulos específicos ou para outros (amoníaco ou ácido acético). O catarro nasal supurante atravessava um período de recuperação.

No empenho inicial para compreender o caso era necessário que as sensações olfativas subjetivas, por serem alucinações recorrentes, se ajustassem à interpretação de sintomas histéricos permanentes. O desânimo era talvez o afeto vinculado ao trauma, e era necessário que se viesse a encontrar uma experiência em que fossem objetivos os odores que agora eram subjetivos; esta experiência era necessariamente o trauma, que retornava como a sensação olfativa, seu símbolo na recordação. Talvez fosse mais correto considerar as alucinações olfativas recorrentes, somadas ao desânimo que as acompanhava, como equivalentes | do ataque histérico: por sua

natureza, alucinações recorrentes não são apropriadas à função de sintomas permanentes. Na verdade isso pouco importava neste caso construído de maneira rudimentar, mas era inteiramente imprescindível que as sensações olfativas subjetivas estivessem especializadas a tal ponto que pudessem corresponder na origem<sup>2</sup> a um objeto real completamente determinado.

A expectativa logo se cumpriu. Ao perguntar qual o odor que mais a perseguia, recebi a resposta: como o de um pudim queimado. Dessa maneira, bastava-me supor que o odor de pudim queimado aparecia realmente na experiência traumática eficaz. É bem incomum que sensações olfativas sejam selecionadas como símbolos da recordação de traumas, mas era fácil apontar um motivo para a escolha. A paciente sofria de uma rinite supurante, e por isso o nariz e as percepções olfativas ocupavam o primeiro plano de sua atenção. Quanto às circunstâncias de vida<sup>3</sup> da paciente eu sabia apenas que na família cujas duas crianças ela criava não havia a mãe, morta anos antes em conseqüência de uma doença séria e aguda.

Decidi então tomar o cheiro de “pudim queimado” como ponto de partida da análise. Contarei a história dessa análise como ela teria acontecido em circunstâncias mais favoráveis: o que deveria ser uma única sessão estendeu-se na realidade por várias, pois a paciente podia visitar-me apenas durante o horário de consultas, quando eu tinha pouco tempo para dedicar-me a ela, e uma única conversa estendia-se por mais de uma semana, visto que suas obrigações também não lhe permitiam percorrer constantemente o longo trajeto que me separava da fábrica. Deixávamos então a conversa pela metade, para retomar o fio a partir do mesmo ponto na ocasião seguinte.

*Miss Lucy* não ficava sonâmbula quando eu tentava hipnotizá-la. Desisti então do sonambulismo e conduzi toda a análise com a paciente em um estado que talvez fosse pouco diferente do estado normal.

Devo manifestar-me com mais precisão sobre este ponto da técnica em meu procedimento. Quando freqüentava as clínicas de Nancy, | no ano de 1889, ouvi

do velho mestre da hipnose, o Dr. Liébault: “Ah, se tivéssemos os meios para fazer qualquer pessoa chegar ao sonambulismo, o método de cura pela hipnose seria o mais poderoso de todos”. Na clínica de Bernheim por pouco não parecia que uma arte desse gênero existia realmente e que era possível aprendê-la com o próprio Bernheim. Mas quando tentei praticar essa arte com meus próprios pacientes notei que um limite estreito cercava ao menos os *meus* poderes neste aspecto, e que caso um paciente não atingisse o sonambulismo entre a primeira e a terceira tentativa eu também não possuía meios para fazê-lo atingir. Na minha prática, a porcentagem de sonâmbulos era inferior à estipulada por Bernheim.

Eu precisava escolher entre renunciar ao método catártico na maioria dos casos em que ele parecia adequado ou arriscar empregá-lo fora do sonambulismo, em casos de influência hipnótica leve ou mesmo duvidosa. Parecia-me sem valor a correspondência entre o estado sem sonambulismo e algum grau de hipnose – de acordo com uma das escalas estabelecidas –, uma vez que cada nível de sugestibilidade é independente com relação a outros, e que a produção de catalepsia, movimentos automáticos, etc. não impedia de modo algum que lembranças esquecidas fossem despertadas com mais facilidade, conforme eu precisava. Logo perdi também o costume de recorrer aos experimentos destinados a determinar o grau de hipnose, pois em muitos casos eles suscitavam a resistência dos pacientes e afetavam a confiança que eu precisava receber para o trabalho psíquico, bem mais importante. Além disso, cansei-me rapidamente de escutar, para a garantia e comando que oferecia – “Você irá dormir, durma!” – sempre a mesma resposta, nos graus mais leves de hipnose: “Mas doutor, não consigo dormir”, e ser depois obrigado a apresentar esta distinção apurada: “Não falo do sono comum, falo da hipnose. Veja, você está hipnotizada, não consegue abrir os olhos. Não preciso que durma”, etc. Estou pessoalmente convencido de que vários entre meus colegas de psicoterapia sabem contornar estes problemas com maior habilidade; podem por |

isso proceder de modo diferente. Mas acredito que se podemos contar tantas vezes com o embaraço que uma palavra causa é mais prudente escapar da palavra e do embaraço. Assim, nos casos em que a primeira tentativa não produzia sonambulismo ou um grau de hipnose com modificações corporais acentuadas, eu descartava aparentemente a hipnose, solicitava apenas “concentração” e recomendava-lhes que deitassem e fechassem voluntariamente os olhos, como meios para alcançar esta “concentração”. Com pouco esforço eu teria<sup>4</sup> chegado aos graus mais profundos de hipnose que se pode alcançar.

Ao abandonar o sonambulismo talvez eu me privasse de um pressuposto sem o qual parecia impossível aplicar o método catártico. Ele se sustentava no fato de que, nos estados alterados de consciência, os pacientes dispunham de recordações e reconheciam conexões que supostamente não estavam presentes no estado normal. Se a ampliação da memória por meio do sonambulismo estava descartada, excluía-se também a possibilidade de se produzir uma relação causal que o paciente apresenta para o médico como algo desconhecido, e são precisamente as lembranças patógenas “que estão ausentes ou aparecem de forma extremamente sumária na memória do paciente em seu estado psíquico comum” (“Comunicação Preliminar”).

Em meio a esse novo embaraço, ajudou-me lembrar que eu havia visto o próprio Bernheim provar que as lembranças do sonambulismo ficavam aparentemente esquecidas durante a vigília e podiam ser reconvocadas com uma leve advertência, associada a um toque de mão que sinalizaria um outro estado de consciência. Por exemplo, ele havia comunicado a uma sonâmbula a alucinação negativa de que ele não estava presente e depois tentou fazer-se notar de várias maneiras, investindo flagrantemente contra ela. Não obteve resultado. Depois que a paciente havia sido acordada, exigiu saber o que havia feito enquanto ela acreditava que ele não se encontrava ali. Tomada pela surpresa, ela respondeu que não sabia de nada, mas ele não cedeu, assegurou-lhe que recordaria tudo, colocou a mão sobre |

sua testa para que refletisse, e eis que ela conta finalmente todas as coisas que supostamente não percebera e supostamente não soubera no estado de vigília.

Essa experiência instrutiva e admirável serviu-me de modelo. Decidi partir da premissa de que meus pacientes também sabiam tudo o que possuía alguma importância patógena, e que bastava forçá-los à comunicação. Assim, eu procedia do seguinte modo quando alcançava um ponto em que a minha pergunta – “Desde quando tem este sintoma?”, ou então “de onde ele veio?” – encontrava a resposta: “Eu realmente não sei”: colocava a mão sobre a testa da paciente ou posicionava sua cabeça entre minhas mãos e dizia: “Isso lhe ocorrerá agora sob o toque da minha mão. No instante em que eu encerrar o toque, verá algo diante de si ou alguma idéia passará pela sua cabeça, você deve guardá-la. É o que procuramos”. – “E agora, o que viu, ou o que lhe ocorreu?”.

Nas primeiras vezes que apliquei este procedimento (não foi com *Miss Lucy R.*), surpreendeu-me que ele entregasse exatamente o que eu precisava, e posso afirmar que desde então ele não me desapontou, indicou sempre o rumo a ser seguido pela minha exploração e me permitiu concluir todas as sessões<sup>5</sup> sem o sonambulismo. Conquistei aos poucos a coragem para explicar aos pacientes que me respondiam “não vejo nada” ou “nada me ocorre” que aquilo não era possível. Seguramente encontravam o que era certo e o rejeitavam; sempre veriam a mesma coisa, ainda que eu repetisse o procedimento quantas vezes quisessem. Provou-se em todos os casos que eu estava com a razão. Os pacientes ainda não haviam aprendido a abrandar sua crítica, rejeitavam a lembrança ou associação que emergia por considerá-la sem proveito, uma perturbação passageira, e constatávamos após a comunicação que era o elemento correto. Certas vezes eu recebia a resposta, quando extraía a comunicação depois do terceiro ou quarto toque: “Sim, isso eu sabia desde a primeira vez, mas era exatamente | o que eu não queria falar”, ou “eu esperava que não fosse isso”.



Esse modo de ampliar a consciência supostamente estreitada era trabalhoso, certamente bem mais do que as explorações com o sonambulismo, e no entanto ele me deu independência com relação ao sonambulismo e me fez enxergar as razões principais do “esquecimento”. Posso declarar que esse esquecimento em muitos casos é intencional, desejado. Seu sucesso sempre é *aparente*.

Talvez me parecesse ainda mais espantoso ser possível recuperar datas e números esquecidos há tanto tempo através de um procedimento similar e comprovar assim uma fidelidade inesperada da memória.

As restrições para a escolha de números e datas permitem-nos chamar ao nosso auxílio a conhecida tese dos estudos sobre a afasia, a saber, que o reconhecimento é uma atividade mais simples do que a recordação espontânea.

São recitados para o paciente que não recorda o ano, mês ou dia de um certo fato todos os números dos anos em que ele pode ter acontecido, o nome dos doze meses e os trinta e um números dos dias do mês, com a garantia de que seus olhos abririam espontaneamente ou que ele sentiria qual era o número correto. Era mais comum que optassem efetivamente por uma data, e anotações feitas no passado atestavam com frequência razoável (era o caso de Cecília M.) que ela havia sido reconhecida corretamente. Noutras situações e com outros pacientes, revelou-se a partir da conexão dos fatos recordados que a data encontrada era incontestável. Por exemplo, a paciente comentou, depois que lhe apresentaram a data obtida através da “contagem seletiva”: “sim, é o dia do aniversário do meu pai”, e continuou: “É claro, eu esperava por isso (pelo episódio do qual falávamos) porque era o aniversário do pai”.

Posso apenas tangenciar o assunto aqui. Concluí a partir de todos esses casos que os acontecimentos de importância patógena | eram preservados fielmente pela

memória com todas as circunstâncias adicionais, mesmo quando pareciam esquecidos, quando faltava ao paciente a capacidade para pensar nele (1).

---

(1) Como exemplo da técnica acima descrita de investigação em estados sem sonambulismo, isto é, sem a consciência ampliada, gostaria de apresentar um caso que analisei nos últimos dias. Trato uma senhora de 38 anos que sofre de neurose de angústia (agorafobia, ataques em que ela teme pela sua morte, etc.). Como muitos entre estes doentes, ela está disposta a reconhecer que adquiriu seu sofrimento depois de casada e procura remetê-los à juventude. E assim ela me conta que viveu o primeiro ataque de tontura seguido por angústia e desmaio numa rua de sua cidade natal, e que estes ataques se repetiram periodicamente até que cedessem espaço ao sofrimento atual dos últimos anos. Lanço a suspeita de que seriam histéricos esses primeiros ataques de tontura, nos quais a angústia cada vez mais se dissipava, e decido submetê-los à análise. No princípio ela diz apenas que foi acometida pelo primeiro ataque quando saía para fazer compras na rua central. –“Mas o que queria comprar?” –“Coisas variadas, acho que eram para um baile para o qual me convidaram”. –“Quando seria este baile?” –“Dois dias depois, estou lembrando agora”. –“Então alguns dias antes deve ter acontecido alguma coisa que a deixou muito agitada, que a impressionou”. –“Não sei de nada, isso foi há vinte e um anos”. –“Não importa, a senhora irá lembrar mesmo assim. Pressionarei sua cabeça e, ao soltá-la, pensará ou verá alguma coisa; e então dirá o que foi.”. Realizo o procedimento; mas ela silencia. –“Então, nada lhe ocorreu?” –“Pensei numa coisa, mas não pode estar ligada ao assunto”. –“Diga mesmo assim”. –“Pensei em uma amiga, uma moça que morreu; mas ela morreu quando eu tinha dezoito anos, portanto um ano depois”. –“Veremos isso adiante, fiquemos aqui por enquanto. O que havia com essa amiga?” –“A morte dela me deixou muito abalada porque eu convivia muito com ela. Poucas semanas antes uma outra moça havia morrido, e isso causou agitação na cidade; foi na época em que eu tinha dezessete anos. –“Veja, eu lhe disse que podemos confiar nas coisas que ocorrem sob toque da mão. Lembra-se agora qual a idéia que surgiu quando teve o ataque de tontura na rua?” –“Não havia idéia nenhuma, só a tontura”. –“Não é possível, não existem estados desse tipo em uma idéia que os acompanhe. Repetirei a pressão, e a idéia daquele momento irá lhe surgir novamente. Então, o que lhe ocorreu?”. –“Pensei: agora eu sou a terceira”. –“O que isso quer dizer?” –“Devo ter pensado durante a tontura: ‘agora vou morrer | como as outras duas’.

Retorno à história de *Miss Lucy R.* após esse desvio longo mas inevitável. Como foi visto, ela não alcançava o sonambulismo na primeira tentativa de hipnose, apenas permanecia deitada | em algum dos graus mais leves de suscetibilidade, olhos

–“Então essa era a idéia; a senhora pensou na amiga durante o ataque. A morte dela provavelmente a impressionou muito”. –“Sim, com certeza, agora lembro, quando recebi a notícia do falecimento foi terrível porque eu iria a um baile enquanto ela estava morta. Mas eu estava tão contente com o baile e ocupada pelo convite que nem quis pensar num incidente tão triste. (Nota-se aqui a repressão intencional para fora da consciência, que torna patógena a recordação da amiga).

De certa maneira o ataque agora está esclarecido, mas ainda necessito de um fator ocasional que provocou a lembrança justo naquele momento, e monto a este respeito uma suposição que provou ser exata. –“Lembra-se exatamente por qual rua passava naquela hora?” –“Claro, a rua central com suas casas antigas, eu as vejo diante de mim”. –“Bem, e onde morava a amiga?” –“Nessa rua, eu havia passado por ali, duas casas depois tive o ataque”. –“Então a casa lhe fez lembrar da amiga falecida enquanto andava, e o contraste que a senhora preferia ignorar naquele momento tomou-a novamente?”.

Ainda não me dou por satisfeito. Talvez atuasse ali ainda alguma outra coisa que depertou ou fortaleceu a predisposição histérica nesta moça que até então era normal. Minha suposições orientam-se para o mal-estar da menstruação como um fator apropriado a este fim, e pergunto: –“Lembra quando veio o período menstrual naquele mês?”. Ela fica contrariada: –“Também tenho que lembrar disso? Só sei que era muito rara naquela época e irregular”. –“Então vamos contar para saber quando ela veio neste mês”. Na contagem seletiva ela escolhe um mês com segurança e hesita entre dois dias imediatamente anteriores a uma data que corresponde a um feriado. –“Corresponde à data do baile?”. Ela responde com voz apagada: –“O baile aconteceu – no dia do feriado. E agora lembro-me que fiquei muito impressionado porque o único período menstrual que tive naquele ano veio justamente antes do baile. Era o primeiro para o qual eu havia sido convidada”.

Agora é possível reconstruir sem dificuldade o conjunto dos acontecimentos e enxergar os mecanismos deste ataque histérico. Este resultado foi na verdade obtido sem esforço e demandou, de minha parte, a plena confiança na técnica além de algumas associações fundamentais para despertar novamente as circunstâncias de uma experiência esquecida após vinte e um anos por uma paciente desconfiada que, na verdade, estava desperta. Então tudo se explicou.

constantemente fechados, feições retesadas, sem mover um só membro. Perguntei-lhe se recordava a primeira ocasião em que havia surgido a sensação olfativa de pudim queimado. –“Ah, isso eu sei perfeitamente. Foi há cerca de dois meses, dois dias antes do meu aniversário. Eu estava na sala de estudos, brincando de cozinhar com as crianças (duas meninas) quando trouxeram uma correspondência que o carteiro havia entregado pouco antes. Percebi pelo selo e pela caligrafia que era uma carta de minha mãe, de Glasgow, e quis abri-la para ler. Então as crianças se atiraram sobre mim, dizendo: ‘não, agora você não pode ler essa carta, deve ser para o seu aniversário, vamos guardá-la para você’. Enquanto as crianças brincavam ao meu redor, de repente um odor intenso se espalhou. Elas haviam deixado no fogo o pudim, que ficou queimado. Esse odor me persegue desde então, na verdade ele aparece a cada momento e fica mais forte quando estou agitada”.

“Você vê nitidamente essa cena diante de si?” – “Ela é palpável, tal como eu a vivi”. – “O que tanto a perturbou ali?” – “Fiquei tocada pela afeição das crianças por mim”. – “Elas não eram sempre daquele modo?” – “Eram, mas aconteceu justamente quando recebi a carta da mãe”. – “Não entendo em que medida a afeição das meninas e a carta da mãe deveriam resultar no contraste que você parece indicar”. – “Eu pretendia realmente viajar para ficar com minha mãe, e naquela hora partiu-me o coração ter que abandonar aquelas crianças que eu amava”. – “O que se passa com sua mãe? Ela vive sozinha e conta apenas com você? Ou estava doente naquele período e aguardava notícias suas?” – “Não, ela tem suas dores mas não chega a estar doente, e tem uma dama de companhia”. – “Então porque você precisava deixar as crianças?” – “Não havia mais como sustentar a situação na casa. A governanta, a cozinheira e a arrumadeira pareciam convencidas de que eu não conhecia o meu devido lugar, uniram-se em torno de uma intriga contra mim, disseram coisas terríveis ao avô (das crianças) pelas minhas costas, e ao levar minha queixa para os dois senhores não encontrei o apoio esperado. Foi então que apresentei meu pedido de demissão ao senhor diretor | (pai das crianças); ele

respondeu amavelmente que eu deveria pensar por mais duas semanas antes de comunicar-lhe minha decisão final. Eu vivia esse período de incerteza; achava que deixaria a residência. De lá para cá, permaneci”. –“Além da afeição das crianças, havia outra coisa em particular que a prendesse a elas?” –“Sim. No leito de morte da mãe delas, parenta afastada de minha mãe, eu havia prometido que faria o possível para acolher as crianças, que nunca iria deixá-las e que substituiria sua mãe. Rompi a promessa ao me demitir”.

A análise da sensação olfativa subjetiva parecia então completa; em outro tempo ela havia de fato sido objetiva, e estava intimamente associada a uma experiência, a uma cena breve em que colidiram os afetos contraditórios: a tristeza por abandonar as crianças e as ofensas que forçaram-na a essa decisão. A carta da mãe naturalmente a fez recordar os motivos da decisão, uma vez que pretendia partir para visitá-la. O conflito dos afetos elevava o momento à condição de trauma, e a sensação olfativa ligada a ele permaneceu como símbolo do trauma. Ainda faltava explicar que ela tivesse selecionado precisamente aquele odor entre todas as percepções sensíveis da cena em questão. Eu já me dispunha a utilizar seu adoecimento nasal crônico como explicação. Ao ser questionada diretamente ela informou que sofria, justamente nesse período, de uma coriza tão intensa que mal podia sentir cheiro algum. Mas em meio à excitação ela percebeu o odor de pudim queimado, que rompeu a anosmia de base orgânica.

Não dei-me por satisfeito com a explicação obtida dessa maneira. Tudo soava bastante plausível, mas faltava-me alguma coisa, um motivo tangível para que essa série de excitações e essa colisão de afetos devessem conduzir precisamente a uma histeria. Por que o conjunto não permaneceu no terreno da vida psíquica normal? Noutras palavras, qual a justificativa para a conversão ocorrida? Por que ela não recordava constantemente | a cena em vez da sensação vinculada à cena, escolhida

por ela como símbolo para a recordação? Questões desse tipo podem parecer risíveis e supérfluas quando se trata de uma antiga paciente histérica, habituada a este mecanismo de conversão. Mas essa moça só havia adquirido histeria através deste trauma, ou pelo menos através dessa breve história de sofrimento.

Entretanto eu sabia, a partir da análise de casos semelhantes, que há uma condição psíquica indispensável para a primeira aquisição da histeria – a saber, que uma idéia seja intencionalmente reprimida para fora da consciência, excluída da elaboração associativa.

Nessa repressão intencional vislumbro também o motivo para a conversão da soma de excitação, seja ela total ou parcial. A soma de excitação que não pode entrar em associação psíquica encontra logo o caminho incorreto para a inervação corporal. O único motivo possível para a repressão seria uma sensação de desprazer, a incompatibilidade entre a idéia a ser reprimida e a massa dominante de idéias do Eu. Mas a idéia reprimida se vingava ao tornar-se patógena.

A partir do fato de *Miss Lucy R.* ter sucumbido à conversão histérica naquele momento, concluí que entre as premissas do trauma havia necessariamente *uma* que ela queria deixar às escuras, que ela lutava para esquecer. Tomando em consideração seu carinho pelas crianças e a suscetibilidade frente aos outros empregados da residência, o conjunto admitia somente *uma* interpretação. Tive a ousadia de comunicar essa interpretação à paciente. Eu lhe disse: “Não creio que estes sejam todos os motivos de seu afeto pelas crianças: pelo contrário, suspeito que tenha se apaixonado por seu patrão, o diretor, talvez sem que soubesse, e que alimenta em segredo a esperança de tomar realmente o lugar da mãe; acrescente-se a isso que você ficou suscetível diante dos empregados com quem conviveu em paz por vários anos. Teme que eles venham a notar suas esperanças e desdenhá-la por isso”.

Ela respondeu, no seu estilo lacônico: –“Acredito | que sim.” –“Mas se sabia

que estava apaixonada pelo patrão, por que não disse logo?” –“Eu não sabia, ou melhor, não queria saber, queria tirar aquilo da minha cabeça e não pensar mais no assunto, acho que consegui nos últimos tempos (2)”.

–“Por que não queria admitir esse sentimento? Sente vergonha por amar um homem?” –“Oh não, não sou recatada a esse ponto, ninguém é responsável pelo que sente. Mas aquilo me afligia porque ele é o patrão a quem sirvo, dono da casa em que moro, diante de quem não sinto a independência plena que sinto diante de uma outra pessoa. E porque sou uma moça pobre, e ele, um homem rico de família distinta; quem desconfiasse de algo iria rir-se de mim”.

Não encontro agora qualquer resistência para elucidar a origem desse sentimento. Ela conta que viveu seus primeiros anos na casa sem preocupações, e que cumpriu seus deveres sem cruzar por desejos que não se pudessem cumprir<sup>6</sup>. Mas certa vez o patrão sério e atarefado, sempre tão reservado diante dela, iniciou uma conversa sobre os requisitos da educação infantil. Ficou mais ameno e dócil do que era o seu costume, contou-lhe o quanto confiava nela para educar suas filhas órfãs, olhando para ela de um modo especial... Nesse momento ela começou a amá-lo e entreteve-se | prazerosamente com a esperança agradável que criou a partir

---

(2) Jamais poderia chegar a uma descrição diferente e melhor do estado peculiar em que se sabe e ao mesmo tempo não se sabe alguma coisa. Evidentemente, só compreende isso quem já viveu neste estado. Possuo uma lembrança muito nítida deste gênero, que tenho diante dos meus olhos. Quando me empenho em recordar o que pensava naquele instante, meus resultados são fracos. Eu via então uma coisa que não correspondia de modo algum à minha expectativa, e não me deixei enganar absolutamente pelo que havia visto, ao mesmo tempo que esta percepção deveria ter anulado o meu propósito. Não tomei ciência da contradição, menos ainda notei algum sinal do afeto de repúdio que era sem dúvida o responsável por essa percepção não ter alcançado alguma validade psíquica. Eu havia sido atingido pela cegueira dos olhos abertos que nos surpreende nas mães diante das filhas, nos maridos diante das esposas, nos mestres diante dos pupilos.

daquela conversa. Quando por fim nada mais se sucedeu, quando não havia aparecido uma segunda oportunidade para a troca de pensamentos íntimos, ela decidiu livrar-se daquela idéia. Ela concorda inteiramente comigo que aquele olhar durante a conversa destinava-se à memória da esposa morta, e sabe perfeitamente que não existe nenhuma esperança para seus sentimentos.

Eu esperava uma modificação radical de seu estado a partir dessa conversa, mas ela não surgiu naquele momento. Ela permanecia abatida e sem ânimo; a hidroterapia que receitei concomitantemente trazia-lhe um pouco de alívio pela manhã, e o odor de pudim queimado não havia desaparecido completamente, mas tornara-se mais raro e mais fraco; aparecia somente quando ela estava muito agitada, como dizia.

A persistência deste símbolo de recordação levou-me a suspeitar que ele assumira, além da cena principal, o lugar de diversos traumas secundários, e saímos então à procura de tudo que pudesse vincular-se à cena do pudim queimado, passando pelo tema dos atritos domésticos, pela conduta do avô, etc. Com isso a sensação de odor queimado dissipava-se cada vez mais. Houve também nesse período uma interrupção mais longa por conta da nova enfermidade nasal, que conduzia dessa vez à descoberta da cárie do osso etmóide.

Em seu retorno ela relatou ainda que recebera inúmeros presentes dos dois senhores e até mesmo dos empregados da residência, como se todos estivessem empenhados em apaziguá-la e dissipar sua lembrança dos conflitos dos últimos meses. Mas a recepção acolhedora não a impressionou.

Ao perguntar-lhe outra vez sobre o odor de pudim queimado, recebo a informação de que ele desapareceu inteiramente, mas que em seu lugar um outro odor muito parecido a atormenta, semelhante ao da fumaça de cigarro. Ele estava presente antes, mas era como que encoberto pelo odor do pudim. Agora ele aparecia sozinho. |



Não estava muito satisfeito com o resultado de minha terapia. Confirmava-se o que sempre se condena em uma terapia exclusivamente sintomática: um sintoma havia sido retirado apenas para que um novo pudesse ocupar o lugar vazio. Apesar disso, apliquei-me com disposição à retirada desse novo símbolo da recordação por meio da análise.

Mas dessa vez ela não sabia de onde provinha a sensação olfativa subjetiva, qual a ocasião importante em que ela teria sido objetiva. “Todos os dias se fuma em nossa casa”, ela afirmou, “não sei se o odor que percebo indica realmente uma ocasião particular”. Insisti que ela tentasse lembrar-se sob o toque da minha mão. Já mencionei que suas recordações possuíam uma intensidade plástica, que ela era um tipo “visual”. Sob a minha pressão uma imagem emergiu para ela, no princípio com hesitação e em fragmentos. Era a sala de refeições de sua casa, onde ela aguarda com as crianças pela chegada dos senhores da fábrica para o almoço. –“Agora sentamo-nos todos à mesa: os senhores, a arrumadeira, a governanta, as crianças e eu. Mas é como um dia qualquer”. –“Continue a olhar para a imagem, ela ganhará forma e precisão<sup>7</sup>”. –“Sim, há um convidado, o contador, um senhor de idade que adora as crianças como se fossem seus netos, mas ele aparece tanto no horário de almoço, não há nada de especial nisso”. –“Tenha paciência, apenas siga olhando para a imagem, alguma coisa certamente irá se passar”. –“Nada se passa. Levantamos da mesa, é a hora em que as crianças se despedem e seguem conosco para o segundo piso, como em todos os dias”. –“E então?” –“É realmente uma situação particular, agora reconheço a cena. Quando as crianças vão despedir-se o contador quer beijá-las. O patrão se enfurece e quase grita com ele: “Não beije as crianças”. Sinto um golpe no coração, e como os senhores estavam fumando, a fumaça fica na minha memória”.

Esta era portanto a segunda cena, assentada mais profundamente, que havia atuado como trauma e deixado atrás de si um símbolo de recordação. Mas de onde provinha a eficácia<sup>8</sup> da cena? – Perguntei: “o que fica antes no tempo, esta cena ou a do pudim queimado?” – “A última cena veio primeiro, quase dois meses antes”. |

–“Por que sentiu essa investida do pai como um golpe no coração? Afinal, a advertência não dirigia-se a você”. –“Não era certo afrontar daquele modo um senhor idoso e amigo estimado, que além de tudo era um convidado. As coisas também podem ser ditas com tranqüilidade”. –“Então doeu-lhe apenas a maneira veemente de seu patrão? Não teria ficado constrangida por ele, ou então pensado: ‘se ele pode ser tão enérgico com um convidado e amigo, como seria comigo se eu fosse sua esposa?’” –“Não, não é isso”. –“Mas era por causa da veemência?” –“Sim, por causa do beijo nas crianças, ele nunca gostou daquilo”. E então emerge sob o toque da minha mão uma cena ainda mais antiga, que era o verdadeiro trauma eficiente e havia, além disso, emprestado a eficácia traumática à cena do contador.

Houve também, meses antes, a visita de uma amiga próxima que beijou as duas crianças na boca ao se despedir. O pai, que estava ali, conteve-se para não dizer nada, mas após a partida sua fúria recaiu sobre a pobre educadora. Declarou que atribuía-lhe a responsabilidade se alguma pessoa beijava as crianças na boca: era dever seu não tolerar aquilo e ela faltava com os deveres se permitisse. Da próxima vez ele passaria a educação das filhas para outras mãos. Era o tempo em que ela ainda acreditava-se amada e aguardava por uma repetição da primeira conversa afetuosa. Esta cena partiu suas esperanças. Ela disse para si: ‘Se ele é capaz de voltar-se dessa maneira contra mim, de ameaçar-me por uma coisa tão tola mesmo quando sou inocente, então eu estava enganada: ele nunca sentiu ternura por mim, isso lhe traria consideração’. Era evidente que a recordação desta cena dolorosa apareceu para ela no momento em que o contador quis beijar as crianças e foi repreendido pelo pai.

Quando *Miss Lucy* visitou-me dois dias após essa última sessão<sup>9</sup>, tive que perguntar-lhe qual era a boa novidade que trazia.

Ela parecia transformada, sorrindo, com a cabeça erguida. Por um instante |

acreditei que tivesse julgado mal a situação, e que a preceptora das crianças tornava-se agora a noiva do diretor. Mas ela rebateu minhas conjecturas: “Nada aconteceu. O senhor não sabe como sou, só me viu doente e abatida. Costumo ser alegre. Ontem pela manhã, quando acordei, a pressão havia sumido e sinto-me bem desde então”. – “E como vê suas perspectivas na casa?” – “Sei que não existe nenhuma, tenho certeza quanto a isso, mas não vou me lamentar”. – “Entende-se agora com os empregados da casa?” – “Acho que a minha suscetibilidade foi a maior responsável”. – “Ainda ama o diretor?” – “Eu o amo, com certeza, mas isso não me incomoda mais. Cada um é livre para pensar e sentir o que quiser”.

Examinei seu nariz e observei a recuperação quase plena do reflexo e da sensibilidade para a dor; ela distinguia odores, porém com indecisão e apenas quando eram intensos. Mas preciso deixar em suspenso até qual ponto a enfermidade nasal participava desta anosmia.

O tratamento se estendera por nove semanas no total. Quatro meses depois encontrei-a por acidente em um de nossos balneários. Ela estava contente e confirmou que seu bem-estar se conservava.

#### EPÍCRISE

Não quero subestimar o caso clínico narrado aqui, embora ele corresponda a uma histeria leve e pequena e reúna poucos sintomas. Pelo contrário, parece-me instrutivo que um adoecimento como este, pobre se considerado como uma neurose, também demande tantas premissas psíquicas, e uma apreciação mais completa desta história clínica me incentiva a apontá-la como modelo para um tipo de histeria – mais precisamente, para a forma de histeria que uma pessoa sem carga hereditária também pode contrair por meio de experiências *apropriadas* a este fim. Observe-se que não falo de uma histeria independente de qualquer disposição: ela provavelmente não existe, entretanto falamos desse gênero de predisposição somente quando a pessoa se tornou histérica, antes não havia nada que a atestasse. |

A predisposição neuropática, conforme o entendimento comum, é algo diferente: já está determinada antes do adoecimento pela extensão da carga hereditária ou pela soma de anormalidades psíquicas individuais. Até onde estou informado, não havia comprovação para esses dois fatores no caso de *Miss Lucy R.* Sua histeria pode assim ser designada como adquirida e não pressupõe nada além dessa aptidão provavelmente muito disseminada para adquirir-se a histeria que apenas começamos a caracterizar. Em tais casos a ênfase recai sobre a natureza do trauma, naturalmente em contato com a reação da pessoa frente ao trauma. Apresenta-se como condição indispensável para a aquisição da histeria o surgimento de uma relação de incompatibilidade entre o Eu e a idéia que ingressa nele. Ainda espero mostrar, em outro momento, como diferentes perturbações neuróticas derivam dos diferentes procedimentos que o “Eu” empreende para libertar-se desta incompatibilidade. O modo histérico de defesa – para o qual requer-se uma aptidão específica – é formado pela *conversão* da excitação em uma inervação corporal, e o ganho decorrente é o afastamento da idéia incompatível para fora da consciência do Eu. No seu lugar a consciência do Eu abriga a reminiscência corporal nascida a partir da conversão – em nosso caso, a sensação olfativa subjetiva – e se sujeita ao afeto vinculado com nitidez maior ou menor a esta reminiscência. A situação criada não se modifica mais porque está suprimida, por repressão e conversão, a contradição que exigiria a dissolução do afeto. Desse modo o mecanismo que engendra a histeria corresponde, por um lado, a um ato de retraimento moral e, por outro, a uma medida de proteção a serviço do Eu. Em vários casos é necessário admitir que a defesa contra o crescimento da excitação através da produção de uma histeria seria a medida mais adequada naquele momento; evidentemente é mais comum concluir-se que faria melhor ao indivíduo uma dose maior de ousadia moral.

O momento verdadeiramente traumático é por consequência aquele em que a contradição impõe-se sobre o Eu e este decide repudiar | a idéia contraditória. Mas

o repúdio não a destrói, apenas a empurra para o inconsciente; caso o processo ocorra pela primeira vez, apresenta-se então um núcleo e um ponto intermediário de cristalização para a formação um grupo psíquico apartado do Eu, ao redor do qual reúne-se mais tarde tudo o que pressuporia a admissão da idéia conflitante. Portanto a cisão da consciência em tais casos de histeria adquirida é desejada, intencional e, ao menos com freqüência, introduzida por uma ação deliberada. Na realidade, acontece algo diferente daquilo que o indivíduo planejava: ele queria suprimir uma idéia como se ela não tivesse surgido, mas só é capaz de isolá-la psiquicamente.

Na história de nossa paciente, o momento traumático corresponde à cena que o diretor fez diante dela por causa do beijo nas crianças. Mas esta cena permanece por algum tempo sem efeitos visíveis, é possível que o desânimo e a suscetibilidade tenham começado ali, não tenho como saber —; os sintomas histéricos viriam a surgir mais tarde, em momentos que podem ser denominados “auxiliares” e talvez se caracterizem pela confluência temporária dos dois grupos psíquicos apartados, a exemplo da consciência ampliada do sonambulismo. Para Miss Lucy R. a cena à mesa, em que o contador quis beijar as crianças, havia sido o primeiro destes momentos, aquele em que se deu a conversão. Aqui a recordação traumática cooperava, e ela comportou-se como se não tivesse libertado tudo o que se relacionava ao afeto pelo patrão. Em outras histórias clínicas estes momentos diferentes coincidem e a conversão acontece imediatamente, sob o efeito do trauma.

O segundo momento auxiliar repete quase exatamente o mecanismo do primeiro. Por um instante, uma impressão intensa produz a unidade da consciência e a conversão segue o mesmo caminho aberto para ela na primeira ocasião. É curioso que o sintoma desdobrado em dois encubra o primeiro, que não é percebido com clareza antes que o segundo seja afastado. Parece-me importante notar ainda a seqüência invertida que a análise também deve acompanhar. O mesmo se |

sucedeu comigo numa série de casos: os sintomas surgidos posteriormente encobriam os primeiros, e somente o último sintoma alcançado pela análise trazia a chave para o conjunto.

A terapia consistiu aqui na pressão que impôs a união dos grupos psíquicos cindidos com a consciência do Eu. Curiosamente, o resultado não foi proporcional ao trabalho efetuado; somente depois que a última peça foi solucionada, a cura surgiu subitamente.

Dear Prof. Dr. Nicola Luckhurst:

I'm about to finish my doctoral thesis on Freud's scientific prose, a research I have started four years ago here in Brazil. During my research I began to translate Breuer and Freud's *Studien über Hysterie* into Portuguese, and I later decided to attach a translated chapter of the book to my own text<sup>8</sup>. The reason why I have been looking for you is your recent translation of the book. I thought of my translation as a means to overcome the difficulties posed by one of my chapters, which deals with Freud's writings on hysteria. After realizing that his main stylistic traits could be traced back to his book on hysteria, I decided to take it as a point of departure for a characterization of his writing. The roughness of his theoretical language, the stance of the performer who presents his patients (and his own thoughts) before an audience, his constant shifts through a wide range of registers – all these characteristics have been discussed (by Mahony, D.G. Ornston or Walter Muschg) before the launch of the “New Penguin Freud”, but not from a translator's point of view – that is to say, not by readers committed to put forward their evaluations inside the text.

The project coordinated by Adam Phillips anticipated a future scenario for many other idioms. The freedom to translate (and to edit) the entire Freudian corpus opens a search for “non-Standard” alternatives but also makes us responsible for serious choices. The unavoidable fragmentation of his works is not a solution to the setbacks of standardized translations (Portuguese and Spanish also have their own “official” translations, for instance): on the contrary, it poses a new kind of challenge and demands from translators a greater awareness of their own reception of the Freudian texts. For these reasons I believe there are many lessons to be extracted from the New Penguin collection, where your translation occupies a special place: for if the collection as a whole remains open to the risks of fragmentation, your preface points out the fragmentation of languages inside the book and deals with their possible meanings.

Following your idea of a connection between the rough means of expression in hysteria and the roughness of his theoretical language, I would say that Freud sustains an open form of argumentation which helps him to keep afloat while he is still searching for a conclusion. So he insists throughout the book (as well as in other writings of that

---

<sup>8</sup> (The case history of “Lucy R”). The translation of Freud's works to portuguese is a complicated issue that I prefer to leave aside for now. But we know for sure that after January of 2010 all of his works will enter in public domain.

period) on formulations such as *teils... teils.../ entweder...oder/ mehr oder minder/ teilweise, weil es... hauptsächlich aber....*The opening pages of the “Preliminary Statement” give good examples of his hesitating thought: his ideas first make their way through open statements which will later be reshaped into a new understanding of the issue. But if on one hand Freud swerves through different assumptions without making a definite statement, on the other the hysterical symptoms are also moving through his patients’ bodies without a fixed form: the flexibility of his language seems to reproduce the changing forms of hysteria itself – the two covered smells of Lucy, the ever-changing symptoms of Cécile M: the illness keeps constantly moving and a new description is always in order.

I must also address the metaphorical language of birth and pregnancy you call attention for. At first the connection between a vocabulary rooted on the idea of birth and an “unconscious feminine identification” sounded strange: even though the idea made sense, the distance between both terms seemed very hard to overcome. But later as I began my own translation of Lucy R’s case history I noticed that Freud’s lengthy introduction about the improvements of the cathartic therapy was somehow mirrored in Lucy’s personal history: while she was not ready to leave her hopes of being loved by her boss, her therapist did not know for sure if he should leave aside hypnosis to treat his patients. As he presents his improved therapeutic method (the “concentration technique”), he constantly reassures his readers that it works “as if” it was a hypnotic therapy, calls the hypnotizer Bernheim as a model for those improvements, etc. “At that time I was in this state of indecision”, says Lucy at a certain point of the narrative. I believe the same applies to Freud himself<sup>9</sup>. More recently I came across a paragraph from the “Rat Man” case which reads:

‘The definition I gave in 1896 of compulsive ideas, namely that they are “reproaches that have been repressed but now return transformed, always related to a sexual act from childhood that brought pleasure when carried out”, seems to me today to be arguable in formal terms although the elements of which it is composed are of the best. My definition was too concerned to impose unity, *modeling itself on the procedure of compulsive patients themselves*, who, with the tendency to imprecision that is characteristic of them bundle together the most diverse psychic formations under the name “compulsive ideas”’ (*The ‘Wolfman’ and other cases*, translation by Louise Adey Huish, p.196; my italics).

---

<sup>9</sup> I feel tempted to go a little further and say that he keeps calling back the “Preliminary Statement” until the final pages because he needs to get rid of (or “abreact”) its content, as if his initial ideas (and Breuer’s) were foreign bodies to be expelled.



He connects the features of compulsion to his own theory of compulsive acts, as if the very facts he was studying got inside his explanation and shaped its form: compulsive (or obsessive) people have a tendency to imprecision which made its way through his definitions of compulsion<sup>10</sup>. As far as I could understand, this is precisely your argument concerning the language of childbirth and pregnancy. This passage from the “Rat Man” reminds me of his closing remarks on the Schreber case: there is a certain point where he states that the future will decide if there is more delusion in his theory than he presumed, and by doing so he puts Schreber and himself on the same level, for both are presented as men susceptible to delusions as well as authors calling posterity to make a judgment of their work<sup>11</sup>. Hysteria was perhaps the first ground for this kind of mirroring between style and content which still remains to be traced throughout his work. It is not surprising to find him dealing once again with the same issue while writing the Dora-case. He states that the complications of his text stem from the issues he is trying to deal with and not from his personal preferences. For this reason the reader

will be disturbed where he expected to be enlightened, and will surely be inclined to project the cause of his disturbance on the author, declaring him to be a fantasist. *In fact this capacity to disturb is inherent in the phenomena of the neurosis itself; but it is masked from us by our medical habits, and only reappears when we attempt to explain it.* (*The psychology of love*, translation by Shaun Whiteside, p. 6; my italics).

The challenge of all translators working on the New Penguin Freud Collection seems to be the search for the theoretical value embedded in Freud’s writing, something that could only be achieved through the freedom they were granted with. As far as I can see, the roughness of Freud’s theoretical language in the *Studies* tends to be more a latent than a manifest one, posing another challenge for the translation: it is necessary to find ways to suggest this physical or bodily language without breaking the (unstable) flow of his presentation. There are degrees of variations which cannot be assessed without some sort of theoretical evaluation, and that is precisely what many of the new

---

<sup>10</sup> He is self-correcting, there is no doubt about that. But the fact remains that he finds a connection between his presentation and the object of his research. It is at least another sign of his awareness of the form in his writings.

<sup>11</sup> GW VIII 315. In his recent translation of the Schreber case, Andrew Webber points out to a similar connection as he notices the presence of the word *Seelenleben* both in Schreber’s cosmology and Freud’s psychological framework: “The term *Seele* is, I believe, something of an operative anachronism for Freud. Its metaphysical connotations are undoubtedly in tension with the materialistic tendency of his project, but that tension seems to me to be operative in the original and worth retaining. In particular, the term resonates the transcendental discourse of souls that characterizes Schreber’s description of his delusion”.

translators have provided so far in their comments. Joyce Crick was able to condense in her both prefaces an amount of insights greater than a few books written on the subject. Checking the solutions you chose for the papers on hysteria have not only helped me out of some tricky passages but also encouraged me to search for bolder solutions in Portuguese, letting it become clear that Freud had not shaped his vocabulary at that time and resorts constantly to rough means of expressions. For instance, it still surprises me to notice the extensive vocabulary he employs to convey the idea of discharge or release: *entladen, verwischen, ablassen, abnehmen, erledigen, beheben, “wegerzählen”, “aberzählen”* (Breuer’s coinage), *wegschaffen, wegwischen, beschwichtigen, auslöschen, schwinden verschwinden, auflösen, abreagieren*, and others. Even if one cannot find a single match for each of his German verbs it is still important not to narrow them down to a few verbs in the translation, for the spread of his vocabulary indicates that he is working simultaneously in different registers, searching for meanings through the words. Put before these many records, the reader will place more value on certain aspects of the text instead of receiving a standardized conception where the theoretical issues remain apart from the rest of the investigation. It goes without saying that the problems of translation are not always the same for English and Portuguese: foreign translations serve only as means of comparison, although they may also help to build strategies for dealing with the original text.

At least for the time being I will refrain from making further comments on Freud’s text and also on this new English version of the hysteria book. I hope we can keep exchanging ideas on the subject in case you are interested.

Sincerely yours,

André Medina Carone

## NOTAS DE FIM

Durante a tradução foram consultadas as seguintes versões:

- 1) *Studies in Hysteria*. London, Penguin Classics, 2002. Translated by Nicola Luckhurst
- 2) "Studies on Hysteria", em *Freud* (Coleção Great Books of the Western World), Chicago, Enciclopaedia Britannica, Inc, 1952. (Translated by A.A. Brill).
- 3) "Estudios sobre la histeria", em *Obras completas, vol. 10*, Buenos Aires, Santiago Rueda, pp. 1-192. (Traducción de Luiz Lopez Ballesteros y Torres).
- 4) "Estudios sobre la histeria", em *Obras completas, vol. 2*, Buenos Aires, Amorrortu editores, pp. 1-317. (Traducción de José L. Etcheverry).
- 5) *Études sur l'hysterie*, Paris, PUF, 1956 (trad. Anne Berman).

As traduções serão identificadas pelas seguintes abreviaturas: **NL**, para Nicola Luckhurst, **Br.**, para Brill, **BT**, para Ballesteros y Torres, **Etch.**, para José L. Etcheverry, e **AB**, para Anne Berman.

---

<sup>1</sup> *Gouvernante* -- trata-se de "preceptora" e não do falso cognato "governanta", como atestam os dicionários alemães *Wahrig e Duden*, do qual transcrevemos a definição do verbete: **Gou|ver|nan|t**, die; -, -n [frz. *gouvernante*, subst. 1. Part. von: *gouverner* = lenken, leiten < lat. *gubernare*, *Gouverneur*]: **a**) (früher) *Erzieherin, Hauslehrerin*; **b**) *weibliche, ein wenig altjüngferlich wirkende Person, die dazu neigt, andere zu belehren u. zu bevormunden: sie ist eine richtige G.*

<sup>2</sup> ...*durchaus erforderlich war aber, dass die subjektiven Geruchsempfindungen eine solche Spezialisierung zeigten, wie sie ihrer Herkunft von einem ganz bestimmten realen Objekt entsprechen konnte. Nas traduções consultadas: It was, however, absolutely necessary that the subjective sensations of smell were specialized to a degree that would correspond to their originating in a real and quite specific object (NL); But it was absolutely necessary that the subjective sensations of smell should correspond to a very definite and real objective origin (Br.); pero se requería imprescindiblemente que las sensaciones olfatorias subjetivas mostraran una especialización tal que pudiera corresponder a su origen em um objeto real perfectamente determinado (Etch.); Lo esencial era que las sensaciones olfativas de carácter subjetivo mostrasen una especialización que pudiera corresponder a su origen de um objeto real perfectamente determinado (BT); mais il fallait de toute nécessité que les sensations olfactives subjectives dénotassent une spécialisation pareille a celle qu'exigeait leur dérivation d'un objet réel bien déterminé. (AB).*

<sup>3</sup> *Lebensverhältnisse. Living conditions (NL); the life of the patient (Br.); circunstancias de vida (BT); vida particular (Etch.); conditions d'existence (AB).*

<sup>4</sup> "teria" para "mögen"; *I may (NL); -- (Br.); Con esto procedimeiento creo haber conseguido alcanzar el más profundo grado de hipnosis posible en tales casos; acaso com ello se alcanzaban grados de hipnosis todo lo profundos que podían lograrse, y com poco trabajo (Etch.); sans doute suis-je parvenu ainsi à obtenir le degré le plus élevé possible d'hypnose (AB).*

<sup>5</sup> *Analyse. O termo parece remeter-se à "sessão analítica" e não a um tratamento completo, e por isso preferimos aqui e numa passagem seguinte (ver nota 9) traduzi-lo por "sessão": analysis (NL), analyses (Br.), analisis (BT), analisis (Etch.). analyses (AB).*

<sup>6</sup> "Sie erzählt, sie habe die ersten Jahre arglos in dem Hause gelebt und ihre Pflichten erfüllt, ohne auf unerfüllbare Wünsche zu kommen". Nenhuma entre as traduções consultadas tenta reproduzir a oposição entre erfüllt e unerfüllbar presente na frase original: "She tells of how she lived in the house quite innocently for the first few years and carried out her dutes without coming across any wishes that could not be fulfilled"(NL); "She fulfilled her duties without thinking about unrealizable wishes"(Br.); "Cuenta que durante los primeros años vivió despreocupada en la casa y desempeñaba sus deberes sin caer en unos deseos incumplibles" (Etch.); "Elle avait d'abord, racontait-elle, passé dans cette maison des années tranquilles, remplissant ses devoirs sans forger des souhaits irréalisables" (AB).

<sup>7</sup> *es wird sich entwickeln und spezialisieren; it will develop and become more specific (NL); "It will soon become developed and specialized" (Br.); "Siga usted mirando la imagen y la verá usted desarrollarse y*

---

detallarse" (BT); "No hace falta sino que usted siga mirando la imagen, ella se desarrollará y especificará" (Etch.); "Considererez encore cette image, elle se développera et se précisera" (AB)

<sup>8</sup> ...die als Trauma gewirkt und ein Erinnerungssymbol hinterlassen hatte. Woher rührte aber die Wirksamkeit dieser Szene? – Outras traduções preservaram a relação entre o verbo e o substantivo: This, then, was the second, deeper-lying scene, which had the traumatic effect and left behind a memory-symbol. But what was the effectiveness of this scene due to? (NL); "This, therefore, was the second, deeper seated scene, which acted as a trauma. But why was this scene so effective?" (Br.) "Esta había sido, pues, la segunda escena más profundamente situada, que había actuado en calidade de trauma y dejado tras de sí un simbolo mnémico. Mas de dónde procedía la eficacia traumática de esta escena?" (Br.); "Esa era, pues, la segunda escena, situada a mayor profundidad, que había tenido el efecto de un trauma y dejado como secuela un símbolo mnémico. Pero a qué se debía la eficacia de esa escena?" (Etch.); "Telle était donc la scène plus profondément enfouie qui, ayant eu une action tramatisante, avait laissé un symbole mnémonique. Mais à quoi attribuer les effet de cette scène?" (AB).

<sup>9</sup>Analyse (ver nota 5)